INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Ingrid Arandt

O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções Jesuíticas dos *Guarani*: O caso de São Miguel Arcanjo

RIO DE JANEIRO

2016

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Ingrid Arandt

O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções Jesuíticas dos *Guarani*: O caso de São Miguel Arcanjo

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como pré-requisito para a obtenção de título de Mestre em preservação do Patrimônio Cultural.
Orientadora: Profª. Me. Jurema Kopke Eis Arnaut
Supervisora e Co-orientadora: Me. Ana Luisa J. de Seixas.

RIO DE JANEIRO

2016

O objeto de estudo dessa pesquisa foi definido a partir de questões identificadas no cotidiano da prática profissional do Escritório Técnico São Miguel das Missões (ET São Miguel das Missões) - IPHAN/RS, em São Miguel das Missões.

A 662 Arandt, Ingrid.

O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções Jesuíticas dos Guarani: o caso de São Miguel Arcanjo/Ingrid Arandt.- 2016.

211f.; 30cm.

Orientadora: Jurema Kopke Eis Arnaut

Dissertação (Mestrado) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2016.
Bibliografia: f. 170 -179.

1. Patrimônio Cultural - Brasil. 2. Tombamento. 3. Sistema de captação e abastecimento de água 5. Reduções jesuíticas dos Guarani. 6. São Miguel Arcanjo (RS). 7. IPHAN.

CDD 333.33

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

Ingrid Arandt

O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções Jesuíticas dos *Guarani*: O caso de São Miguel Arcanjo

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional como pré-requisito como pré-requisito para a obtenção de título de Mestre em preservação do Patrimônio Cultural.
Orientadora: Profª. Me. Jurema Kopke Eis Arnaut
Supervisora e Co-orientadora: Me. Ana Luisa Jeanty de Seixas.

Rio de Janeiro, março de 2016.

Banca examinadora

Professora Me. Jurema Kopke Eis Arnaut (orientadora)

Ana Luisa Jeanty de Seixas (supervisora) – ET-IPHAN/São Miguel das Missões/RS

Professor Me. Evandro Domingues – PEP/MP/IPHAN

Professor Dr. Luiz Antônio Bolcato Custódio – UniRitter/RS

Agradecimentos

Agradeço à minha mãe, educadora e sempre incentivadora do estudo.
in memoriam

Agradeço à minha querida avó, que sempre incentivou a busca por desafios.
in memoriam

Ao meu pai pelo apoio incondicional, aos meus irmãos Hariet e Thomas pelo incentivo e apoio e à minha tia Eliana e prima Marina pelo carinho.

Ao meu esposo Rodrigo, companheiro em todas as horas.

À minha orientadora, professora Jurema, que com tanta dedicação desde o princípio incentivou e orientou de forma tranquila e segura.

À supervisora e co-orientadora Ana Seixas pela orientação precisa e pelo companheirismo em São Miguel e à Chefe do Escritório Técnico São Miguel das Missões, Adriana Almeida, pelas sugestões e troca de ideias.

À equipe do Escritório Técnico São Miguel das Missões: Jorge, Cati, Gessi, Dona Neusa, Sandra Grellman, Roberson, Munik, Gleidson, Taci, Guilherme e Rafael que sempre estiveram dispostos a ajudar.

A todos os servidores da responsáveis pela manutenção do Parque, em especial ao Sr. Paulo Amauri Oliveira Souza pela gentileza de prestar informações importantíssimas para a realização desse estudo.

Aos servidores da Superintendência do IPHAN no Rio Grande do Sul, em especial ao pessoal do arquivo, sempre dispostos a ajudar e à arquiteta Sandra Petry, que me indicou sobre a temática da pesquisa.

Aos funcionários do Museu das Missões, em especial ao historiador Diego, que me incentivou a busca pela fonte oral.

Aos funcionários da Coordenação Geral de Documentação e Pesquisa – COPEDOC pelo apoio.

À Nadir Damiani do CCM pela ajuda.

Aos técnicos e pesquisadores entrevistados, em especial ao arquiteto Vladimir e à arquiteta Matilde por prontamente disporem-se em prestar informações.

Aos técnicos da Prefeitura Municipal de São Miguel, em especial ao topógrafo Daniel Mascarin e ao Técnico Florestal Herculano que gentilmente forneceram importantes informações para nosso estudo.

Aos cidadãos de São Miguel das Missões que gentilmente concederam as entrevistas.

... Este elemento manda sobre todos os demais: as águas engolem a terra, afogam as chamas, sobem às alturas e reivindicam o céu... Elas mesmas, ao cair, se convertem na causa de que é nascida da terra, circunstância realmente maravilhosa se considerar que, para que brotem os cereais e para que vivam as árvores e as plantas, as águas emigram ao céu e dali trazem incluso às ervas seu alimento vital ...

Plínio, O Velho. História Natural, livro XXXI, I.

Como transmitiríamos a nossos filhos
o que foi outrora a cidade,
soterrada embaixo da atual,
se não existissem mais as velhas casas
as árvores, os muros e os rios de outrora?

Ecléia Bosi, 1987.

RESUMO

A experiência das Reduções Jesuíticas dos *Guarani* consolidada nos remanescentes missioneiros sempre suscitou muitas indagações. Os múltiplos olhares e significados atribuídos a esse patrimônio ao longo do tempo por diferentes atores, desde os próprios jesuítas, viajantes do século XIX, pesquisadores, escritores e, mais recentemente, os gestores do patrimônio cultural brasileiro e mundial têm buscado respostas sobre os reais interesses da empreitada da Companhia de Jesus na América e suas consequências, possibilitando a produção de conhecimento e uma maior valorização das Reduções, quer em sua dimensão material ou imaterial. Este estudo pretende contribuir com esse processo de valoração, a partir de uma perspectiva que considera, além da materialidade do *Sistema de captação e abastecimento de água* nas Reduções Jesuíticas dos *Guarani*, a sua representação no presente como parte de um conjunto que caracteriza a experiência histórica missioneira. Investigando sobre como se configurava e em que medida foi compreendido esse sistema nas ações de valorização e patrimonialização dos sítios missioneiros, a presente pesquisa propõe uma breve cronologia sobre como se deu e foi sendo ampliado o conhecimento inicial sobre o *Sistema de captação e abastecimento de água*, particularmente na Redução de São Miguel Arcanjo. Tendo por base estudos realizados no *Parque da Fonte Missioneira* e a pesquisa sobre os modos antigos de utilização das nascentes de água pela população da Vila de São Miguel entre as décadas de 1940 e 1980, buscou-se entender os significados atribuídos a essas fontes de água no período. Traçando uma breve cronologia das ações de preservação ocorridas no Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo, a partir das políticas públicas de gestão do patrimônio cultural, estudou-se em que medida essas estruturas foram consideradas no processo de valorização dos sítios missioneiros. Por fim, e como exercício de análise comparativa, foram estudadas três outras reduções (São Nicolau, São João Batista e Santa Ana), escolhidas por preservarem vestígios arqueológicos dos *Sistemas de captação e abastecimento de água* e por já terem sido objetos de estudos arqueológicos específicos, a fim de se verificar a existência de uma *tipologia* comum a essas estruturas.

Palavras Chaves: Patrimônio Cultural, Sistema de captação e abastecimento de água, Reduções Jesuíticas dos *Guarani*, São Miguel Arcanjo (RS), IPHAN.

ABSTRACT

The experience of The Jesuit Missions of the Guaranis consolidated in the remains of the settlements and the meanings assigned to them always provoke many questions. The several views and meanings attributed to the missionary heritage over time by different actors, from the Jesuits themselves, travelers of the 19th-century, researchers, writers and more recently the managers of the Brazilian and World cultural heritage have sought answers about the real interests of Society of Jesus's undertaking in America and its effects, enabling the production of knowledge and to impruve the valuation of the reductions, whether in its material or immaterial dimension. This study intends to contribute on this process of valuation, under a perspective that looks at beyond the materiality of the *System of collection and water supply* in the Jesuit Reductions of Guaranis and its representation in the present as a part of a set that mark the historical experience of the Missions. Investigating how was configured and in what extent was understood that system in the actions of valuation of the missionary site, this research proposes a brief chronology about how was being enlarged the initial knowledge abaout the System of collection and water supply, specially in the São Miguel Arcanjo Reduction. Based on studies conducted in *Parque da Fonte Missioneira* and the research on the old manners of use watershed for the population of São Miguel Village between the 1940s and 1980s, we attempt to understand the meanings assigned to these watershed in the period. Charting a brief chronology of the preservation actions that took place in the Historical Site of São Miguel Arcanjo, from the public policy management of cultural heritage, it was studied to what extent these structures were considered in the valuation process of missionaries sites. Finally and as a comparative analysis exercise were studied three other reductions (São Nicolau, São João Batista e Santa Ana), selected by preserving archaeological remains of the *System of collection and water supply* and have already been specific archaeological studies objects in order to verify the existence of a *common standard*.

Key Words: Cultural Heritage, System of collection and water supply, The Jesuit Missions of the Guaranis, São Miguel Arcanjo (RS), IPHAN.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Planta da missão de São Miguel. 26
Figura 2. Ampliação de parte da iconografia Planta da missão de São Miguel. 28
Figura 3. Ampliação de parte da iconografia Planta da missão de São Miguel. 29
Figura 4. Ampliação de parte da iconografia Planta da missão de São Miguel. 29
Figura 5. Reconstrução hipotética do povo de São Miguel.. 32
Figura 6. Plano de Topo.. 33
Figura 7. Perfil: hipótese de um dreno missioneiro. 33
Figura 8. Vista da varanda e sacristia, a partir do pátio interno do colégio. 34
Figura 9. Vista do muro da quinta e da parede sul da sacristia. 34
Figura 10. Calha junto à parede oeste da torre.. 35
Figura 11. Calha junto à parede oeste 35
Figura 12. Estrutura existente no topo das paredes da torre.. 35
Figura 13. Gárgula da torre.. 35
Figura 14. Implantação do primeiro cercamento de proteção das ruínas (1927-1938). 38
Figura 15. Mapa do Plano de 1926 da Vila de São Miguel.. 39
Figura 16. Vila de São Miguel e Ruínas em 1940.. 40
Figura 17. Delimitação entre 1967 e 1972. 41
Figura 18. Mapa da Vila de São Miguel - 1975.. 42
Figura 19. Mapa de zoneamento do Plano de 1979. 44
Figura 20. Delimitação do Sítio Histórico proposto no Plano de 1979 45
Figura 21. Imagem da Vila de São Miguel. 46
Figura 22. Mapa de Levantamento - Plano Diretor de São Miguel das Missões.. 47
Figura 23. Sinalização do *Parque da Fonte Missioneira*. 49
Figura 24. Delimitação do Sítio Histórico nos anos de 2004 e 2008.. 50
Figura 25. Delimitação do Sítio Histórico no ano de 2015. 51
Figura 26. Imagem da fonte logo após a descoberta pela prefeitura.. 54
Figura 27. Material encontrado junto à terra removida pela Prefeitura de Santo Ângelo. 54
Figura 28. Imagem da Bacia da Fonte em 1982, após descoberta. 54
Figura 29. Croqui de planta baixa da fonte. 56
Figura 30. Croqui de corte e elevação da fonte. 57
Figura 31. Obras de consolidação da fonte em 1993. 60

Figura 32. Obras de consolidação da fonte em 1993.....60
Figura 33. Croquis de levantamento.....60
Figura 34. Croqui registrando a canalização de água após as sondagens.....61
Figura 35. Duto de canalização de água.....62
Figura 36. Desenho baseado no mapa anexo ao Laudo Ambiental.....65
Figura 37. Mapa de demarcação da área da fonte......67
Figura 38. Tanque antes da intervenção de 2009......68
Figura 39. Contextos arqueológicos do *Parque da Fonte Missioneira*.....71
Figura 40. Croqui esquemático da Fonte.....73
Figura 41. Imagem frontal da Fonte.....73
Figura 42. Imagem lateral/superior da Fonte.....73
Figura 43. Fonte Missioneira.....74
Figura 44. Fonte Missioneira.....74
Figura 45. Prospecções Intensivas, Unidades de escavação no entorno da fonte.....75
Figura 46. Obras de consolidação do Tanque.....78
Figura 47. Ponto de chegada de canalização.....78
Figura 48. Mapeamento extensivo de contextos arqueológicos.....79
Figura 49. Muro norte da Fonte 1 (mapa figura 42).....80
Figura 50. Estrutura Circular da Fonte 2 (mapa figura 42)......81
Figura 51. Mapa da Visita Técnica às sete fontes missioneiras não registradas......81
Figura 52. Área da fonte 2 (figura 56).....82
Figura 53. Área da fonte 2 (figura 56).....82
Figura 54. Área da fonte 4 (figura 56).....83
Figura 55. Área da fonte 4 (figura 56).....83
Figura 56. Mapa indicando a localização das sete fontes.....84
Figura 57. Fachada principal da igreja de São Miguel antes das intervenções de 1925.....95
Figura 58. Rede Hidrográfica da Bacia Platina.....111
Figura 59. Mapa das populações indígenas até meados do século XVIII na região.....115
Figura 60. Mapa das missões da Companhia de Jesus nos rios Paraná e Uruguai.....116
Figura 61. Fundação das missões jesuíticas.....119
Figura 62. Bandeiras paulistas.....120
Figura 63. Mapa de expansão das Missões entre 1641 e 1685.....122
Figura 64. Mapa de expansão das Missões entre 1685 e 1718.....123
Figura 65. Plano de Juan Queirel de 1899.....126

Figura 66. Sistema de drenagem-pátio dos padres. 127
Figura 67. Sistema de drenagem direcionado ao espaço da quinta. 127
Figura 68. Peça depositada junto ao Museu das Missões.. 129
Figura 69. Pedra esculpida indicando ser uma bica d'água de uma fonte. 129
Figura 70. Fonte de água da Redução de Santos Apóstolos. 129
Figura 71. Florian Paucke: crianças indígenas mocovíes, século XVIII. 130
Figura 72. Florian Paucke: índios e missionários 131
Figura 73. Florian Paucke, Misión San Javier, século XVIII. 131
Figura 74. Croqui de Leopoldo Lugones de 1906. 132
Figura 75. Croqui do Tanque (Leopoldo Lugones de 1906).. 133
Figura 76. Croqui da Redução de Santos Apóstolos com indicação do tanque e fonte 133
Figura 77. Localização do tanque de água (em vermelho). 134
Figura 78. Croqui de Lugones de 1906. 134
Figura 79. Sistema de esgoto (latrinas). Sítio de São Lourenço Mártir. 135
Figura 80. Sistema de esgoto (latrinas).Sítio de São Lourenço Mártir. 135
Figura 81. Possível sistema de calefação. Ruínas de La Santíssima Trinidad del Paraná. 136
Figura 82. Esquema das distintas estruturas que compunham o espaço missional.. 140
Figura 83. Esquema proposto baseado em BARCELOS, 2000. 140
Figura 84. Interpretações sobre o povo de São Nicolau (Fernando La Salvia). 142
Figura 85. Estrutura do sistema de esgoto expostas em São Nicolau. 143
Figura 86. Imagem com localização da fonte próxima aos remanescentes 144
Figura 87. Plano da Redução de São João Batista 146
Figura 88. Ampliação de área da figura 78.. 147
Figura 89. Croqui representando o represamento de água da fonte nº 2. 148
Figura 90. Ampliação de parte da figura 78, indicando a fonte nº 3. 149
Figura 91. Estrutura de represamento de água da fonte nº 3. 149
Figura 92. Blocos de basalto encontrados no local da fonte nº 3. 150
Figura 93. Bloco de arenito encontrado 150
Figura 94. Peça encontrada nos arredores das fontes 150
Figura 95. Possível local do açude, atrás do cemitério da redução de São João Batista. 151
Figura 96. Açude localizado atrás do cemitério de São João Batista. 151
Figura 97. Tanque (1992). 152
Figura 98. Fonte (1992) – vista frontal. 152
Figura 99. Conjunto da Redução de Santa Ana. 153

Figura 100. Detalhe das estruturas da fonte e tanque. Fonte: POUJADE, 2007:226. 154
Figura 101. Ruínas de Santa Ana, planta de localização da quinta.. 155
Figura 102. Drenagem pluvial – canal principal. 156
Figura 103. Drenagem pluvial – canais secundários. 156
Figura 104. Tanque da quinta. 156
Figura 105. Drenagem pluvial – canais secundários. 156
Figura 106. Perfil da canaleta pluvial. 157
Figura 107. Escavação da galeria do colégio 157
Figura 108. Croquis das Reduções de São Nicolau, São João Batista, Santa Ana e São Miguel Arcanjo. 159

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 15

CAPÍTULO 1 – São Miguel Arcanjo: da Redução ao Sítio Histórico – a importância da água 20

1.1 – A Redução de São Miguel Arcanjo: o sistema de captação e abastecimento de água 20

1.2 – O sistema de captação e abastecimento de água da Redução e o espaço urbano atual 37

1.2.1 – A importância das nascentes d'água na constituição do espaço urbano de São Miguel 37

1.2.2 – O *Parque da Fonte Missioneira* 52

1.2.3 – As nascentes de água com estruturas de pedra 78

1.2.4 – A percepção local das fontes: os significados atribuídos às fontes de água 84

1.3 – Breve cronologia da preservação dos remanescentes da Redução de São Miguel: as primeiras ações do governo estadual e do IPHAN, a importância da preservação arqueológica, as Declarações da UNESCO e do MERCOSUL e o Registro da *Tava* 94

CAPÍTULO 2 – Os recursos hídricos na formação das Reduções Jesuíticas dos *Guarani* 109

2.1 Antecedentes: a ocupação do território pelas populações ameríndias 109

2.2 Apontamentos acerca da Companhia de Jesus na instalação das Reduções 114

2.3 A importância da água na formação das Reduções Jesuíticas dos *Guarani* 114

2.3.1 A água e a escolha do sítio de implantação: 1ª fase de ocupação 114

2.3.2 A estrutura de captação e abastecimento de água na consolidação dos núcleos urbanos: segunda fase de ocupação 124

CAPÍTULO 3 – O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções de São Nicolau e São João Baptista no Brasil e de Santa Ana na Argentina: bases para uma análise comparativa 139

3.1 A Redução De São Nicolau (Brasil) 141

3.2 A Redução de São João Batista (Brasil) 144

3.3 A Redução de Santa Ana (Argentina) 151

3.4 Uma análise comparativa: identificando semelhanças e diferenças 158

CONSIDERAÇÕES FINAIS 164

REFERÊNCIAS BILBIOGRÁFICAS 170

Glossário 180

ANEXO I – Metodologia das Entrevistas 182

ANEXO II - Fichas Técnicas das entrevistas do *Grupo 1* 185

ANEXO III - Fichas Técnicas das entrevistas do *Grupo 2* 196

ANEXO IV – Infográfico das Entrevistas 208

ANEXO V - Foto aérea de São Miguel das Missões - localização das fontes de água 210

INTRODUÇÃO

> *Como ruína, São Miguel é o traço de historicidade que assinala a luta do homem para inscrever a sua cultura no tempo e no espaço. Sua incompletude ou "estado de ruína" levam aquele que contempla a visualizar e refletir sobre estas temporalidades que nestes restos se acumulam. Como patrimônio, São Miguel diz respeito a todos nós: é herança deixada pela história, que permite a criação de um vínculo de pertencimento, e que produz coesão social, uma vez que são estes que se identificam como uma propriedade partilhada a preservar.*
>
> ***Sandra Jatahy Pesavento***

A experiência das Reduções[1] Jesuíticas dos *Guarani*[2] consolidada nos remanescentes missioneiros e os diversos significados a eles atribuídos sempre suscitou muitas indagações: o estabelecimento e declínio das reduções, o papel dos índios, de jesuítas e colonos envolvidos nesse processo, a ação das coroas espanhola e portuguesa em território americano e o respectivo envolvimento da Companhia de Jesus. Os múltiplos olhares e significados atribuídos ao patrimônio missioneiro ao longo do tempo por diferentes atores e

[1] As Reduções Jesuíticas dos *Guarani* se formaram a partir do interesse da Coroa Espanhola, na ocupação do território americano e na pacificação dos ameríndios, e da Igreja Católica em trazer novos fiéis a sua doutrina. Com a criação da Companhia de Jesus os jesuítas desembarcaram em solo americano e iniciaram as missões de evangelização itinerante, tentativa de conversão que não obteve êxito. Com isso, os jesuítas iniciaram a fundação de reduções, possibilitando reunir um grande número de indígenas para a catequização. Cada redução formava um povoado e contava com uma estrutura física composta de uma grande praça ao centro, circundada pela moradia dos índios, a igreja, o cemitério, a casa de órfãos e viúvas (cotiguaçu), a horta dos padres (quinta), hospedaria (tambo), capelas, fontes de água, estâncias, ervais, entre muitas outras estruturas. Cada povoado podia chegar a 7mil índios de diferentes etnias, sendo os *Guarani* em maior número, e administrados por dois padres e por caciques. A fundação das primeiras reduções no atual Rio Grande do Sul se deu por volta de 1626, mas com a invasão de bandeirantes paulistas, se viram obrigadas a deslocar-se para a margem oriental do rio Uruguai. Somente por volta de 1682, com o retorno dos jesuítas ao atual Rio Grande do Sul, a pedido da Coroa Espanhola, as reduções se estabeleceram definitivamente na área atualmente pertencente ao Brasil, formando os Sete Povos das Missões: São Borja (1682), São Nicolau (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São Luiz Gonzaga (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697) e Santo Ângelo Custódio (1706). Essas reduções faziam parte de uma área maior, chamada *Província Jesuítica do Paraguay*, que compreendia 30 reduções distribuídas no atual território de Argentina, Paraguai e Brasil. Durante o século XVIII as reduções atingiram seu apogeu, com um alto grau de desenvolvimento e de especialização de funções. O Tratado de Madrid, firmado em 1750, que estabelecia a troca dos Sete Povos (possessão espanhola) pela Colônia de Sacramento (possessão portuguesa), não foi aceito pela população indígena, provocando a Guerra Guaranítica (1754-1756). Com a derrota dos indígenas, as reduções passaram ao domínio português, quando teve inicio o processo de decadência dos povoados, com a dispersão de sua população. Muitos desses povoados transformaram-se em ruínas ou desapareceram (BAUER, 2006; FRANZEN, 2003; PESAVENTO; 1994).

[2] Os termos indígenas serão grafados em itálico e no singular, obedecendo às normas da *Convenção sobre a Grafia de Nomes Tribais*, aprovada na primeira Reunião Brasileira de Antropologia, em 1953. Nas citações será respeitada a grafia adotada pelo autor.

intérpretes - desde os próprios jesuítas, viajantes do século XIX, pesquisadores, escritores e, mais recentemente, os órgãos gestores de patrimônio cultural brasileiro e mundial, assim como as ações consequentes - têm buscado responder às indagações sobre os interesses da empreitada da Companhia de Jesus na América e seus efeitos. A produção e ampliação do conhecimento sobre as Reduções, por sua vez, têm levado a uma valorização cada vez maior das mesmas, tanto em sua dimensão material como imaterial.

A presente pesquisa pretende contribuir com esse processo de valoração, a partir de uma perspectiva que considera, além da materialidade do sistema de captação e abastecimento de água das reduções, a sua representação no presente como parte de um conjunto maior[3] que caracterizava a experiência histórica missioneira.

A escolha da temática da pesquisa surgiu a partir de duas questões identificadas no cotidiano da prática profissional do ET Missões: a primeira, mais evidente, foi motivada pela necessidade de compreender por que o *Parque da Fonte Missioneira*[4] é identificado por um grande número de pessoas como um bem tombado[5] pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) [6], o que, de fato, não ocorre; a segunda, por que os relatos orais sobre as fontes de água de São Miguel, embora contribuam para a compreensão do sistema de captação e abastecimento na cidade não mereceram registro ou verificação.

---

[3] Quando usamos a expressão "conjunto maior" estamos nos referindo à rede de reduções, formada a partir da complexa estrutura que integrava os 30 Povos, na Província Jesuítica do Paraguai, ocupando um vasto território que hoje pertence a vários países. No atual território do Brasil se formaram sete reduções que integravam essa rede e que mais tarde foram chamados de Sete Povos das Missões.

[4] As estruturas físicas do sistema de captação e abastecimento de água do *Parque da Fonte Missioneira* não são protegidas pelo instrumento de tombamento.O *Parque da Fonte Missioneira* é duplamente protegido: pela Lei de Arqueologia (Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961) que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos e pelo Código Florestal Federal (Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012), pela existência de nascentes, arroios e mata nativa.

[5] Segundo Sonia Rabello (2009:47) o tombamento "tal como está previsto no Decreto-lei 25/37 [...] é ato administrativo cuja competência para praticá-lo foi atribuída a órgãos específicos do Poder Executivo. [...] no âmbito delimitado pela Constituição e pelo Decreto-lei 25/37, a administração pública praticará, mediante ato administrativo, a proteção dos bens que julgar inseridos nos critérios de valor genericamente previstos na norma, e especificados em seus estudos técnicos. Será através de seus estudos técnicos que ficarão determinadas as hipóteses nas quais bens podem ser considerados de valor cultural." Portanto, o tombamento, como ato administrativo, "tem por finalidade proteger bens de valor histórico, cultural, arquitetônico, ambiental e também de valor afetivo para a população, impedindo que venham a ser destruídos ou descaracterizados. Entre as diversas formas de proteção, o tombamento é o instrumento mais conhecido e utilizado. O tombamento de um bem cultural significa proteção integral, sendo uma das ações mais importantes relacionadas à preservação de um patrimônio de natureza material." (Disponível em: http://portal.iphan.gov.br. Acesso em 20/08/2015).

[6] IPHAN é a sigla referente ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura e que tem a função de preservar o patrimônio cultural brasileiro. Ao longo desta dissertação iremos nos referir a esse Instituto somente através de sua sigla atual, embora diversas outras tenham sido adotadas ao longo do tempo. A sigla IPHAN/RS designa a representação desse Instituto no Estado do Rio Grande do Sul.

As duas questões acabaram por nos levar a definir como objetivo desta dissertação: a verificação sobre como se configurava e em que medida foi compreendido o sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções Jesuíticas dos *Guarani*, particularmente na Redução de São Miguel Arcanjo[7], nas ações de valorização e patrimonialização dos sítios missioneiros.

O recorte temporal da pesquisa tem por base dois momentos específicos; o primeiro abordará o apogeu da Redução de São Miguel, no século XVIII; e o segundo, com início na década de 1980 até os dias atuais. A delimitação espacial do sítio estudado é a área urbana da cidade de São Miguel das Missões, onde se encontra grande parte dos remanescentes materiais dessa Redução.

No capítulo I optou-se por construir uma breve cronologia sobre como ocorreu e foi sendo ampliado o conhecimento inicial do sistema de captação e abastecimento d'água[8] na Redução de São Miguel, tendo por base estudos realizados por pesquisadores de diversas áreas de conhecimento[9]. A documentação pesquisada sobre o *Parque da Fonte Missioneira* nos ajudou a entender o conjunto de intervenções realizadas na área e, além da própria fonte, possibilitou a identificação de canalizações de água, reservatórios para o seu armazenamento (açude e tanque), e de outros elementos físicos que informam sobre as formas de uso daquele espaço, nos períodos reducional e pós-reducional.

Com base nos resultados dessas pesquisas e nas referências ao tema em diferentes documentos iconográficos, bibliográficos e na literatura procuramos entender se as descobertas realizadas foram fortuitas ou orientadas por conhecimento prévio sobre como o tema era tratado pelos jesuítas. Além disso, o estudo dos planos urbanos da Vila de São

---

[7] A partir desse momento, iremos nos referir a essa Redução somente como Redução de São Miguel. Alguns autores citados no decorrer da pesquisa a denominam apenas Redução de S. Miguel.

[8] No âmbito da presente pesquisa entende-se que o sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções Jesuíticas dos *Guarani* estava composto de diversas estruturas, entre elas: drenos nos pisos abertos ou cobertos e calhas construídos para drenagem das águas pluviais e localizados em diferentes pontos da redução; tanques de armazenamento de água conectados aos mesmos drenos; fontes de água com estruturas de pedras que canalizavam a água de vertentes existentes no entorno das reduções; canalizações interligando as fontes aos tanques de armazenamento de água; poços de água; açudes; barragens e suas canalizações, formando um complexo sistema hídrico. Além disso, elementos de drenagens das águas servidas provindas das pias da cozinha e da sacristia e os esgotamentos cloacais dos banheiros dos padres também faziam parte desse complexo sistema, pois possivelmente se utilizavam da drenagem pluvial para esgotamento, atendendo a necessidade de higiene dos espaços da redução.

[9] Os pesquisadores envolvidos nesses trabalhos são das áreas de arquitetura e urbanismo, arqueologia, antropologia, sociologia, história, geografia, engenharia florestal e engenharia ambiental. A busca de informações referentes ao tema nos levou, direta ou indiretamente, ao contato com essas áreas de conhecimento, permitindo uma maior compreensão do objeto de estudo e, principalmente, entender o caráter interdisciplinar que a pesquisa poderia assumir, desde a abordagem sobre a estrutura física do sistema até as diferentes formas de sua percepção.

Miguel e da cidade de São Miguel das Missões, no período pós-reducional, somado à memória do uso das fontes de água ao longo do tempo vêm permitindo a identificação do sistema de captação e abastecimento de água da antiga Redução, ainda que de modo indicativo, na medida em que a confirmação dependerá de investigação arqueológica objetiva.

Ainda no capítulo I procurou-se refletir sobre como o sistema de captação e abastecimento de água na Redução de São Miguel foi apropriado nas ações de preservação e patrimonialização dos sítios missioneiros no território brasileiro, buscando entender a importância de serem ou não discriminadas como bem tombado todas as partes desse sistema para ampliar a sua valorização.

No capítulo II optou-se por estudar a forma de ocupação do território platino pelas populações ameríndias e, posteriormente, pelas reduções. Além disso, procurou-se entender como as estruturas do sistema de captação e abastecimento de água se apresentavam nessas reduções.

No capítulo III buscou-se construir uma análise comparativa entre as Reduções de São Nicolau e São João Baptista, no Brasil, e de Santa Ana, na Argentina, a partir do estudo dos respectivos sistemas de captação e abastecimento de água. As pesquisas desenvolvidas por diferentes profissionais que abordaram o tema, tratadas nos capítulos I e II dessa dissertação, juntamente com a análise comparativa desenvolvida no capítulo III, possibilitaram a realização de um mapeamento preliminar dos elementos físicos do sistema de captação e abastecimento de água da Redução de São Miguel[10] e, consequentemente, a indicação de uma possível rede de articulação entre os mesmos.

A pesquisa realizada considerou as seguintes etapas: estudo de documentação sobre o sistema de captação e abastecimento de água das reduções, com foco na Redução de São Miguel; aplicação de entrevistas com pessoas que em algum período utilizaram as fontes de água de São Miguel; estudo do sistema de captação e abastecimento de água nas reduções de São Nicolau e São João Batista no Brasil e de Santa Ana na Argentina; estudo da trajetória de valorização das Ruínas nas esferas estadual, federal e mundial.

[10] A partir de pesquisas arqueológicas foram identificados, além das estruturas do *Parque da Fonte Missioneira*, outras três nascentes com estruturas de pedra afloradas. Além disso, os relatos orais de algumas pessoas da comunidade, abordados no item 1.3 do Capítulo I, indicam estruturas de pedra existentes em outras nascentes, somando um total de sete. Entretanto, não foi realizada nenhuma intervenção arqueológica que pudesse comprovar as informações trazidas nesses relatos. Posto isso, a presente pesquisa considera as estruturas ainda não evidenciadas como *possíveis elementos físicos do sistema de captação e abastecimento de água* da Redução de São Miguel.

Os objetivos específicos da pesquisa, além de um entendimento inicial sobre o tema, foram os de investigar como se configurava o sistema de captação e abastecimento de água na Redução de São Miguel com base no estudo do *Parque da Fonte Missioneira*; entender a influência do sistema de captação e abastecimento de água da antiga redução no espaço urbano atual da cidade de São Miguel das Missões a partir das nascentes de água, algumas já identificadas e com estruturas de pedra; possibilitar uma maior aproximação com o objeto de pesquisa por meio de entrevistas com pessoas que utilizavam e ainda utilizam as fontes de água na Vila de São Miguel visando entender que significados atribuem a essas fontes; analisar comparativamente as estruturas físicas do sistema de captação e abastecimento de água nas reduções de São Nicolau, São João Batista e Santa Ana, consideradas as semelhanças e diferenças entre seus sistemas para verificar a existência de um padrão das estruturas de captação e abastecimento de água; e investigar, a partir das políticas públicas adotadas no período, em que medida esse sistema foi considerado no processo de valorização dos sítios missioneiros.

1. São Miguel Arcanjo: da Redução ao Sítio Histórico - a importância da água

1.1 A Redução de São Miguel Arcanjo: o sistema de captação e abastecimento de água

A Redução de São Miguel Arcanjo, no contexto das reduções dos Sete Povos, ganhou maior importância pelo seu desenvolvimento econômico e por sua representatividade nos aspectos de ordenação urbana e arquitetura das edificações, em especial a arquitetura da igreja (CUSTÓDIO, 2007; STELLO, 2005). Luiz Antônio Bolcato Custódio (2007) afirma que, juntamente com as demais reduções da Província Jesuítica do Paraguai, a Redução de São Miguel seguiu um plano urbano distinto, em muitos aspectos, do plano comum das cidades coloniais espanholas, não se constituindo num modelo e sim em uma *tipologia* com ordenamentos urbanos que obedeciam ao mesmo princípio gerador, mas que apresentavam algumas variações seja no arranjo dos elementos sobre o sítio, na particularidade de cada edificação e nos sistemas construtivos das mesmas. Para Ramón Gutiérrez (1983:7) o caráter pragmático e alternativo adotado na *tipologia urbana* dessas reduções tinha como base a experiência populacional espanhola, os núcleos missionários franciscanos da região guaranítica, a cultura e a cosmologia *Guarani*. Luiz Antônio Bolcato Custódio apresenta os aspectos tipológicos dos ordenamentos urbanos das reduções dividindo o povoado em dois conjuntos:

> **O primeiro geralmente ocupava o ponto proeminente do sítio, com a igreja, ao centro**, o cemitério, de um lado, a residências dos padres, as oficinas e os depósitos, de outro, no entorno do claustro e do pátio dos artífices. Atrás desse conjunto, localizava-se a quinta dos padres – com horta, pomar e jardim – cercada por muros. Independentes, mas geralmente relacionados também integravam este conjunto o tambo, hospedaria onde ficavam os visitantes e o cotiguaçu, destinado às viúvas e órfãs. Este conjunto constituía-se em uma estrutura cercada e fechada, organizada geralmente sobre um mesmo alinhamento, com poucos e definidos acessos frontais. A Igreja geralmente possuía um espaço frontal coberto, um pórtico que se sobressaía em relação ao conjunto. Internamente, existiam aberturas que faziam comunicação direta entre essas edificações.
>
> (CUSTÓDIO, 2007:71, grifo nosso)

> **O segundo conjunto era estruturado por duas vias principais que se cruzavam no centro da praça**: uma, a que se dirigia à igreja e a outra, em sentido transversal. Ao redor da praça, ordenados entre as ruas, se dispunham regularmente os pavilhões avarandados das residências dos índios, dispostos em fileiras. Em algumas reduções, as casas dos índios se dispunham norte-sul, em outras, no leste-oeste. Mas também nas duas direções. Os pavilhões das casas dos índios, além dos avarandados, possuíam divisões transversais definindo um cômodo para cada família. Um destes pavilhões, localizados junto à praça, não possuía subdivisões. Era destinado ao Cabildo, onde se reunia o Conselho dos caciques que integrava a administração civil da redução.
>
> (CUSTÓDIO, 2007:71, grifo nosso)

Autores como Graciela M. Viñuales (1990) e Gutiérrez (2005) não apresentam tal divisão. Tratam da tipologia urbana das missões jesuíticas dos *Guarani* e de seus elementos, priorizando a constituição de cada elemento e suas inter-relações urbanas e sociais. Viñuales, referindo-se ao urbanismo das reduções, nos apresenta a ideia de núcleo urbano:

> En todas ellas se nota una planificación que se va cumpliendo en etapas más o menos activas según las circunstancias. Y también se aprecia que todos los pueblos se insertan en una visión general que engloba a los **núcleos urbanos** y al territorio que le pertenece.
>
> (VIÑUALES, 1990:340, grifo nosso)

Gutiérrez, na mesma linha de pensamento, ao se referir aos demais equipamentos urbanos, assim distingue núcleo central e periferia:

> Casi todos los pueblos contaron con otros equipamientos destinados a abastecer el consumo cotidiano. Tal el caso de las atahonas y trapiches, las olerías, tejerías y galpones de depósito, aunque en general todas **estas edificaciones no incidían en el núcleo central del poblado sino que se localizaban en la periferia del mismo.** Olerías y tejerías requerían tierras aptas para los ladrillos y tejas y generaban además un espacio.
>
> (GUTIÉRREZ, 2005:32, grifo nosso)

Posto isso, no sentido de enquadrar a localização dos elementos físicos de captação e abastecimento de água dentro do plano urbano das reduções, optamos por dividir o espaço da redução em núcleo urbano do povoado e periferia do núcleo urbano. Para a presente

pesquisa partimos da hipótese de que o objeto de estudo se configura de forma mais completa na *3ª fase da arquitetura missioneira*[11], sendo, portanto, o período que nos interessa analisar.

A fim de contextualizar a implantação da Redução de São Miguel faremos breve menção a sua fundação e instalação em seu sítio definitivo. A primeira localização dessa Redução ocorreu em território do atual Rio Grande do Sul, à margem direita do rio Ibicuí, no ano de 1632, tendo sido fundada pelos padres jesuítas Cristóvão de Mendonça e Paulo Benavides. Configurada como a região do Tape[12] e constituindo a primeira fase de ocupação do território[13] pelos padres jesuítas, as reduções[14] permaneceram no local até o ano de 1637. Naquele ano, com a persistência das investidas bandeirantes, as Reduções da região do Tape acabaram emigrando para a outra margem do rio Uruguai e a de São Miguel Arcanjo acabou sendo instalada em sítio próximo à Redução de Nossa Senhora da Concepción, no atual território argentino (FURLONG, 1962; PORTO, 1954).

Somente em 1687, com o objetivo de criar linhas de defesa e ampliar a exploração das vacarias, a Redução de São Miguel retornou à banda oriental do rio Uruguai. Nesse momento a Redução foi instalada no seu local definitivo, ao norte do rio Piratini, onde hoje se encontram os seus vestígios arquitetônicos e arqueológicos[15] (CUSTÓDIO, 2002; STELLO, 2005).

---

[11] Sob o ponto de vista tecnológico-construtivo, autores como BUSANICHE (1955) e GUTIÉRREZ (1983) dividem a arquitetura missioneira em três fases. A *primeira fase* seria a dos primeiros assentamentos provisórios, quando as construções tinham paredes de barro e adobe (tijolos sem cozimento). A *segunda fase* corresponderia às últimas décadas do século XVII, com o uso de paredes de pedra, mas sem elementos ligantes (cal). A *terceira fase* se caracteriza pelo uso da cal e pela introdução de uma arquitetura mais sofisticada, com técnicas construtivas europeias introduzidas pelos arquitetos jesuítas. Consta do Relatório Final do Programa de Prospecções Arqueológicas do *Parque da Fonte Missioneira* (ZANETTINI, 2009), que todas as estruturas do sistema de captação e abastecimento de água da Redução de São Miguel foram planejadas em conjunto, mas executadas em etapas. Por isso, entendemos que essas estruturas se configuraram fisicamente de forma completa na *3ª fase da arquitetura missioneira*.

[12] Segundo PESAVENTO (1994:8), a região do Tape "estendia-se pela bacia do Jacuí, limitando-se, por um lado com os contrafortes das serras do Mar e Geral e com o Rio Uruguai, por outro.".

[13] Segundo DAMIANE (2007:14), a região do Tape era desconhecida dos espanhóis, os quais demonstravam grande interesse na exploração de seu território, porque ali viviam povos que ainda não haviam tido contato com europeus. Foi nesse período que o governador do Rio da Prata Don Francisco de Céspedes autorizou a catequização dos índios pelo Padre Roque Gonzáles.

[14] Em 1629 o Padre jesuíta Roque Gonzáles fundou o primeiro povoado da região do Tape, a Redução de São Nicolau. Entre os anos de 1627 a 1634 foram fundadas as Reduções de Candelária do Piratini, Assunção de Caaró ou Mártires, Assunção do Ijuí, Pirapó, São Carlos, Apóstolos, São Miguel, São Tomé, Santa Tereza, Santos Cosme e Damião, São José, Jesus Maria, Natividade, São Joaquim, Santa Ana, São Cristóvão, São Ignácio, Encarnação, Corpus Cristi, São Francisco Xavier, São Javier, Concepção e Yapeyu (FURLONG, 1962). Para localização das reduções da primeira fase ver figura 51, p. 93.

[15] Sobre os momentos e os locais de estabelecimento da Redução de São Miguel ver a dissertação de mestrado de Luiz A. B. Custódio, 2002, p. 53, item 3.4 – O povo de São Miguel Arcanjo: trajetória histórica.

O sítio definitivo escolhido para implantação do povoado de São Miguel foi a chapada de uma colina, o que permitia grande facilidade de escoamento das águas pluviais (MAYERHOFER, 1947). Na historiografia, a estrutura da Redução de São Miguel foi descrita, em seu apogeu, em 1756, pelo Visconde de São Leopoldo[16], com uma série de detalhes acerca das estruturas da missão. Mas, apesar de a descrição ser detalhada, não há qualquer referência ao sistema de captação e abastecimento de água, provavelmente porque algumas dessas estruturas estivessem localizadas na periferia da redução e não fossem elementos de maior interesse. Somente encontramos, no início do texto, uma referência à existência de mananciais no sítio de implantação da redução:

> **Jaz colocada na chapa de uma colina, quarteada de alguns bosques, entre os quais serpenteiam abundantes mananciais, que por fim vão confundir-se no Rio Jacaripi**, distante um quarto de légua; das abas dela se estendem viçosas campinas. Na frente, uma grande praça quadrangular, na qual desembocam nove ruas, via-se o templo, bem que de paredes de pedra e barro, mas muito grossas, e branqueadas de tabatinga; era voltado para o norte, e nele se entrava por um alpendre de cinco arcos, sustentados por colunas de pedra branda e vermelha, rematando por uma vistosa balaustrada, e sobre uma gradaria da mesma pedra (da qual são também os frisos, cornijas e figuras), que coroava o frontispício, elevava-se a imagem de São Miguel, e dos lados as de seis apóstolos; a igreja é de três naves, de trezentos e cinquenta palmos de comprimento, e cento e vinte de largo, com cinco altares de talha dourada, e excelentes pinturas, e ao entrar da porta principal via-se à direita uma Capela com seu altar, e pia batismal, sendo a bacia de barro vidrado de verde, assentada sobre uma moldura de talha dourada. A torre era também de pedra com seis sinos. Imediata ao lado direito da Capela-mor achava-se a sacristia, daí seguiam-se os cubículos dos padres, que eram muito cômodos; pegava logo um lanço de quartos, que olhavam para um grande pátio, com alpendrados em roda, destinados à escola de ler, escrever, música, vocal e instrumental; dele se comunicava para outro semelhante, formado de várias casas, em uma das quais trabalhavam vinte e quatro teares, e as outras eram oficinas de ourives, entalhadores, pintores, uma grande ferraria, muitos armazéns, e uma casa forte, que servia de prisão, tudo com admirável ordem; uma espaçosa varanda, sustentadas sobre colunas de pedra lavrada de vinte e cinco palmos de alto, olhava para uma horta murada de pedra e barro, com ruas alinhadas, e plantadas de pinheiros, laranjeiras, limoeiros, marmeleiros, pessegueiros, e outras muitas árvores e arbustos, tanto indígenas, como exóticas.
>
> (SÃO LEOPOLDO, 1982:84-85, grifo nosso)

[16] José Feliciano Fernandes Pinheiro é mais conhecido como Visconde de São Leopoldo pelo seu trabalho na instalação dos primeiros colonos alemães no território do Rio Grande do Sul. É considerado historiador, pesquisador, memorialista e foi político do período colonial brasileiro, tendo sido o primeiro presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (1824-1826). A descrição acima foi retirada dos Anais da Província de São Pedro, obra de sua autoria e que descreve a situação da redução na campanha de 1756, quando os exércitos de Portugal e Espanha invadiram a Redução de São Miguel Arcanjo.

A prosperidade da redução foi marcada por uma estrutura urbana consolidada pelos aspectos tipológicos da arquitetura e do ordenamento urbano[17]. Por seu avançado estágio de especialização arquitetônica e urbanística, a Redução de São Miguel Arcanjo se destaca no contexto missioneiro. Essa especialização foi possível devido também à importância econômica atingida por essa Redução, baseada na produção de erva-mate e, principalmente, na criação de gado (CUSTÓDIO, 2002).

São Miguel Arcanjo possuía, assim como a Redução de *Yapeyu*[18], uma das maiores estâncias entre os 30 Povos[19], tendo a criação de gado como a principal fonte de riqueza econômica da região platina (CUSTÓDIO, 2002). As duas reduções, por conta do grande rebanho, faziam o abastecimento de carne a muitos outros povoados (POUJADE, 2013). No relato do Padre Provincial Jaime Aguilar[20] ao Padre Superior das Missões do Paraná e Uruguai, em sua visita no dia 13 de setembro de 1737, é possível perceber a importância do rebanho de gado, principalmente para a autossuficiência das reduções:

> Dara V R segun se ha tratado, providencia conveniente y eficaz, pa que de la Estancia de Yapeyu se saquen quantos toros se pudiere pa los Pueblos necesitados, que V R juzgaze. Los toros que cogieren los otros Pueblos en las tierras de Yapeyu, o S. Miguel, la motad precisamente sera para los Pueblos que los cogen, y la otra mitad dara V R a otros Pueblos necesitados en su justo precio pa Yapeyu, o S. Miguel.
>
> (POUJADE, 2013:198)

---

[17] Para um maior aprofundamento dos aspectos tipológicos da arquitetura e dos ordenamentos urbanos da Redução de São Miguel Arcanjo ver CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. A Redução de São Miguel Arcanjo: contribuição ao estudo da Tipologia Missioneira. Dissertação (mestrado). UFRGS: Porto Alegre, 2002.

[18] A Redução de Yapeyu, fundada em 1626, instalou-se à margem do rio Uruguai e foi de vital importância na história das missões, pois tinha grande riqueza econômica para a produção de gado em suas terras. Foi a redução mais meridional dos 30 Povos e devido a presença constante de portugueses na Banda oriental do rio Uruguai era qualificada, juntamente com a Redução de San Javier como "fronteiras" (BARCELOS, Artur Henrique Franco. O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial. Tese de Doutorado, PUCRS. Porto Alegre, 2006).

[19] Esta denominação se refere às reduções que se consolidaram na Província Jesuítica do Paraguai, formando um total de trinta *pueblos de indios*, sendo eles: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Luiz Gonzaga, Santo Ângelo Custódio (no atual território do Brasil); Yapeyu, La Cruz, San Tomé, Apóstoles, San Jose, San Carlos, Concepcion, S. Maria Mayor, San Javier, Martires, Candelaria, Santa Ana, Loreto, San Ignacio Mini, Corpus (no atual território da Argentina) e as reduções de Itapua, Jesus, Trinidad, San Cosme, Santiago, San Ignacio Guazu, S. Rosa e N.S. de Fe (no atual território do Paraguai). Para a localização dos 30 Povos ver: MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIÉRREZ, Ramón. Atlas Territorial e urbano das missões jesuíticas dos guaranis. Argentina, Paraguay e Brasil, 2009.

[20] O padre jesuíta Jaime Aguilar foi padre Provincial da Companhia de Jesus. Nasceu em 25 de março de 1678 na Espanha e chegou a Buenos Aires em 1698, foi professor na Universidade de Córdoba. Entre os anos de 1733 e 1738 foi Padre Provincial do Paraguai a Europa (WUCHERER, Pedro M.O. Svriz, 2011:284).

A Redução de São Miguel teve um rápido crescimento demográfico, de 3.500 pessoas em 1687 a 6.695 em 1749[21]. Em 1697, para manter seu bom funcionamento, o Padre Jesuíta Antônio Sepp, recém-chegado da Redução de Yapeyu, partiu para a fundação de novo povoado, a Redução de São João Batista, o que ocasionou um pequeno decréscimo populacional (FURLONG, 1962; SEPP, 1951).

É no período de apogeu da Redução de São Miguel que ocorreu a construção da Igreja, iniciada provavelmente entre os anos de 1729 e 1735 e finalizada entre os anos 1744 e 1747 (LEAL, 1984:76). A Igreja, com escala monumental e cujo projeto é atribuído ao arquiteto jesuíta Gian Battista Primoli, foi executada em pedra de cantaria, com riqueza de detalhes, principalmente em seu interior, fruto do trabalho de adorno e decoração dos indígenas e padres (CUSTÓDIO, 2002; BAPTISTA, 2009). Sua construção se deu em etapas contando com a participação de mais de mil índios e, segundo Jean Baptista[22]:

> Os resultados da soma do trabalho coletivo e a adesão dos caciques em prol de um sagrado podem explicar a verdadeira explosão arquitetônica nos povoados [...] A igreja de São Miguel é o melhor exemplo dessa união entre espiritual e temporal gerada entre indígenas e jesuítas. [...] a catedral de São Miguel é concebida como um verdadeiro tesouro pelos missionários.
>
> (BAPTISTA, 2009:45)

O padre Arnaldo Bruxel (1984) afirma que a infraestrutura das reduções proporcionava grande conforto aos seus habitantes, e as compara às cidades espanholas circunvizinhas, como Assunção, Corrientes e Santa Fé[23]. Considerando o desenvolvimento econômico, o grau de especialidade arquitetônico-urbanístico atingido e o crescimento populacional a que chegou a Redução de São Miguel, deduzimos que a estrutura de captação e abastecimento de água teve a mesma evolução técnica. Por isso, nos interessa analisar um mapa em particular, produzido por membros do exército português possivelmente em 1756, logo após o Tratado de Madrid (1750): o plano da Redução de São Miguel Arcanjo (figura 1).

---

[21] Dados demográficos apresentados por Guillermo Furlong (1962:176).

[22] Jean Baptista é graduado em História pela PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, e Doutor em História pela mesma Universidade. Em 1998 iniciou pesquisa sobre as missões jesuítica dos *Guarani*, resultando na publicação de três livros: O Temporal, o Eterno e As Ruínas. Essa pesquisa também serviu de base para o projeto de Requalificação do Museu das Missões, iniciado em 2004.

[23] Em meados do século XVIII, essas cidades constituíam aglomerados de casebres com paredes de taipa e cobertura de palha enquanto que nas reduções as casas de índios eram mais sólidas e cobertas com telhas de barro (BRUXEL, 1984).

Custódio, ao estudar essa iconografia, levanta a hipótese de que:

> [...] este documento não foi executado *in situ*, mas provavelmente desenhado de memória a partir de informações esquemáticas colhidas em campo. É provável que o autor deste plano também tenha visitado a redução de São João Baptista, o que pode ter originado algumas das confusões de localização.
>
> (CUSTÓDIO, 2002:185)

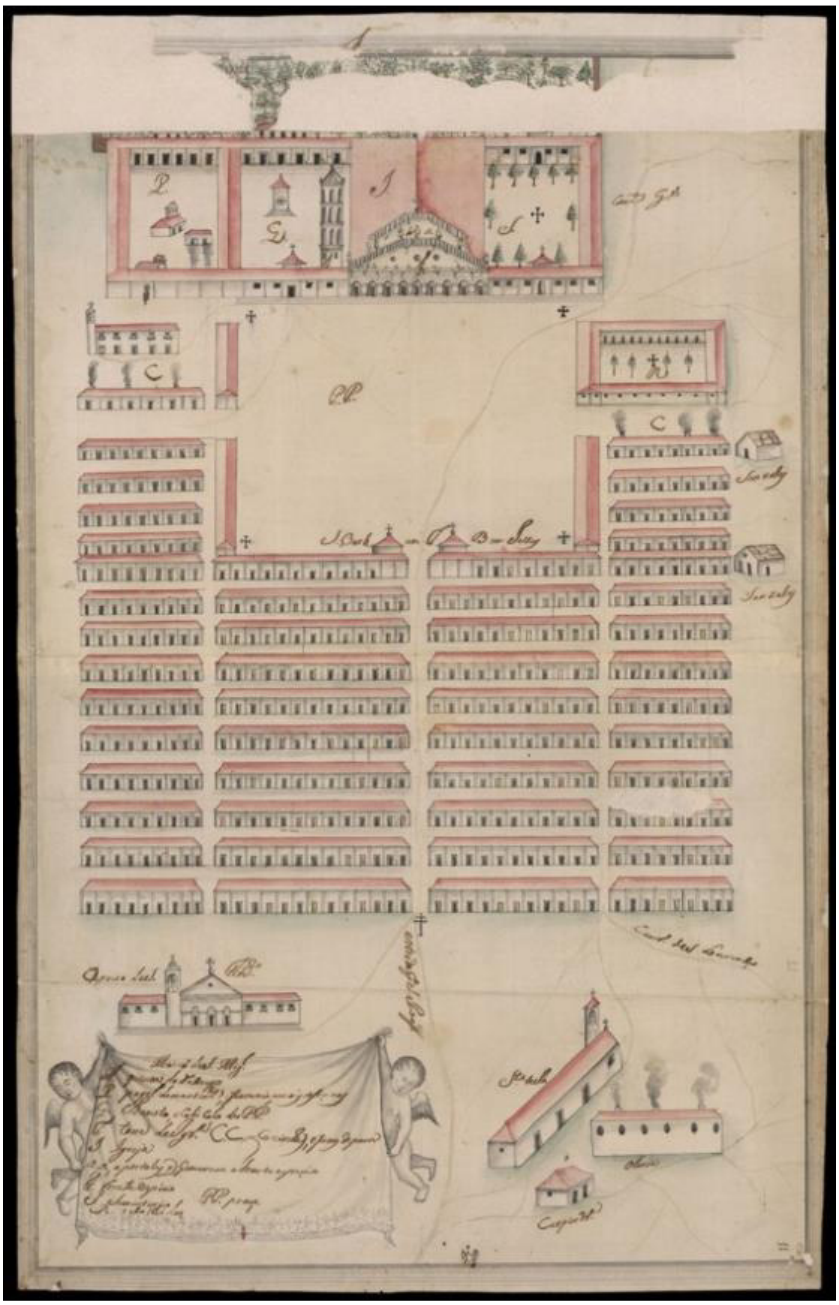


Figura 1. Planta da missão de São Miguel. Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro. Obra sem autoria definida.

A hipótese do autor se baseia no fato de que alguns dos elementos representados no desenho não correspondem aos vestígios arqueológicos encontrados no Sítio Histórico. Para Gutiérrez (2005), entretanto, essa mesma iconografia requer uma análise mais detalhada, a fim de se obter uma datação mais precisa, pois isso permitiria elucidar certas características do povoado. O mesmo autor nos apresenta duas possíveis datas[24] de realização do desenho, salientando que novos estudos das evidências arqueológicas seriam imprescindíveis para solucionar tal questão. No que tange à estrutura de captação e abastecimento de água, ao estudarmos a iconografia (figura 1), verificamos que o desenho se restringe ao *núcleo urbano* do povoado, não havendo referência a essas estruturas. Ao contrário, na iconografia[25] relativa à Redução de São João Batista o registro de elementos físicos do sistema de captação e abastecimento de água foi feito com desenhos de lagos artificiais e fontes de água[26].

Como apontado por Custódio (2002:182), a área superior do desenho *Planta da missão de São Miguel* tem parte da camada pictórica danificada, com a perda parcial do registro. Para a nossa pesquisa, tal lacuna é importante porque essa área refere-se justamente ao encontro das edificações da igreja, do claustro e das oficinas com a área da quinta. Com isso, não foi possível identificar, no desenho, registro que desse pistas sobre um possível sistema de drenagem das águas pluviais das coberturas das edificações justapostas à quinta[27], como ocorre em outras reduções[28].

---

[24] GUTIÉRREZ supõe que, pelo fato de o plano ser português poderia ser datado da campanha de 1756 ou de 1801, quando da ocupação portuguesa. Ver as demais considerações do autor quanto à datação em: GUTIÉRREZ, 2005:328-331.

[25] Ver figura 78, página 116 do Capítulo III da presente pesquisa.

[26] Abordaremos o assunto no Capítulo III da presente pesquisa em análise comparativa entre a estrutura de captação e abastecimento dessa redução e as estruturas das reduções de São Nicolau e Santa Ana.

[27] A prática profissional do Mestrado possibilitou o contato direto com os artífices de manutenção do Parque Histórico Nacional das Missões. Em conversas sobre o tema da pesquisa com o chefe da manutenção, o senhor Paulo Amauri Oliveira Souza, o mesmo indicou um possível dreno existente entre a Igreja e a quinta, estrutura que foi constatada por ele e pelo arquiteto Fernando Machado Leal, durante as obras de consolidação iniciadas no ano de 1982. Segundo Paulo, Leal teria solicitado a escavação da área, para entender para aonde a água da chuva estava sendo direcionada, devido à facilidade de escoamento observada por ele naquele ponto. Entretanto, Paulo nos informou que tal fato não fora registrado, de forma escrita ou por fotografia. (Depoimento prestado à pesquisadora e a arquiteta Adriana Almeida, atual Chefe do PHNM, no dia 14/06/2015).

[28] Ver Capítulo III - O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções de São Nicolau e São João Baptista no Brasil e Santa Ana na Argentina: bases para uma análise comparativa.

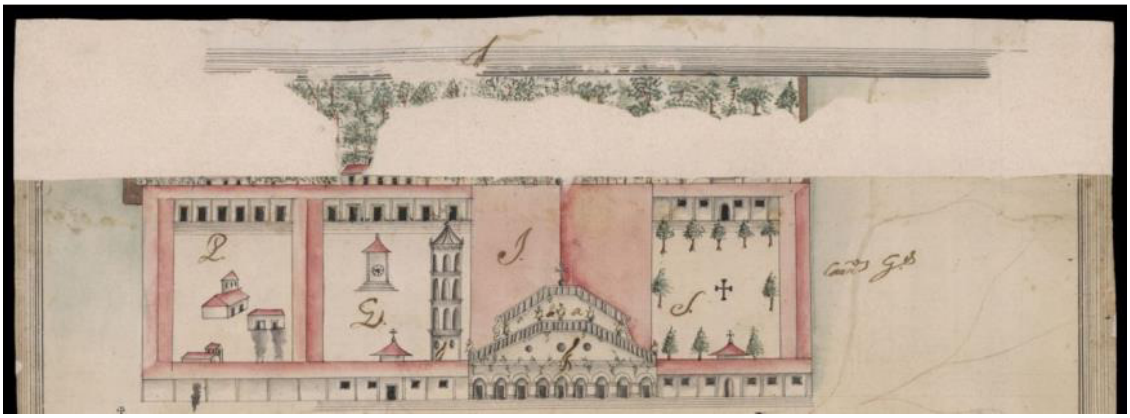


Figura 2. Ampliação de parte da iconografia Planta da missão de São Miguel. A iconografia completa encontra-se na Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.

Nessa iconografia a quinta foi desenhada de perfil, não sendo possível garantir se o desenho, da forma como está, se constitui completo e se a sua interrupção para introdução do perfil da quinta foi proposital ou não. Como afirmam Custódio (2002) e Gutiérrez (2005), tais dúvidas só poderão ser sanadas com estudos historiográficos e arqueológicos mais aprofundados.

No entanto, observamos no desenho a representação de uma série de caminhos (figuras 3 e 4), alguns com indicação de destino, como o *Caminho São Lourenço* (figura 4), no seu canto inferior direito, saindo de uma das ruas entre as casas de índios. Segundo Barcelos, os caminhos constituíam uma rede de comunicação entre as estruturas da redução e muitos deles saíam do núcleo urbano levando às fontes:

> **Também havia caminhos que ligavam os núcleos urbanos** às áreas de fabricação de telhas e ladrilhos, às pedreiras de extração de basalto e arenito utilizados nas construções, **às fontes de água**, e às roças de cultivo. Muitos dos caminhos utilizados pelos índios missioneiros eram antigas trilhas dos Guaranis já conhecidas da população indígena.
>
> (BARCELOS, 2000:287, grifo nosso)

As imagens a seguir (figuras 3 e 4), são recortes ampliados da iconografia da Planta da missão de São Miguel (figura1) e nos permitem visualizar a grande quantidade de caminhos existentes no espaço missional.

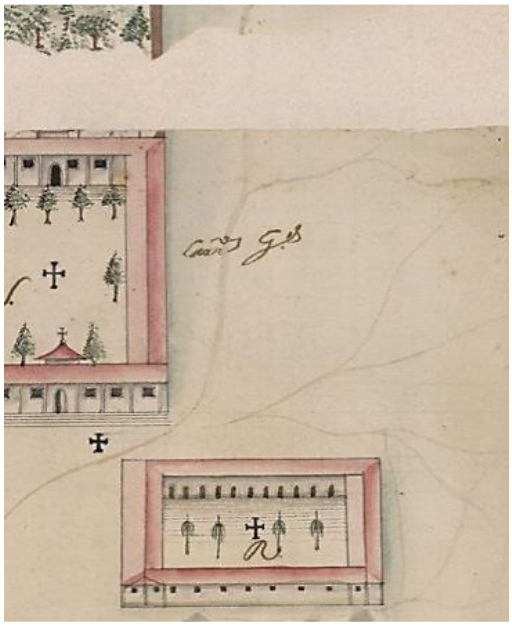


Figura 3. Ampliação de parte da iconografia Planta da missão de São Miguel. Indicação de caminhos saindo de um dos cantos da praça central e bifurcando em várias direções.



Figura 4. Ampliação de parte da iconografia Planta da missão de São Miguel. Indicação de caminhos saindo da via de acesso principal e entre as casas de índios e bifurcando em várias direções. No canto superior direito se vê o "Caminho a São Lourenço".

Para Ernesto J. A. Maeder[29] (2009) essa iconografia se constitui no melhor testemunho lusitano dos povoados missioneiros evidenciando singularidades do povo de São

[29] Ernesto J. A. Maeder é Doutor em História, professor na Universidade Nacional do Nordeste, na Argentina. Publicou livros sobre história colonial, incluindo obras sobre o período missioneiro, entre elas: Cartas anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay, 1632 a 1634. Buenos Aires : Academia Nacional de la Historia, 1990; Misiones del Paraguay : conflictos y disolución de la sociedad guarani (1768-1850 - Madrid, Mapfre, 1992); Cartas anuas de la Provincia Jesuítica del Paraguay, 1641 a 1643. Resistencia, Chaco: Instituto de

Miguel que indicam possíveis cozinhas e um quartel para a tropa. O autor, entretanto, também não faz qualquer referência ao sistema de captação e abastecimento de água. Sobre essa mesma iconografia, Fernando Machado Leal[30] aponta para a necessidade de trabalhos de arqueologia histórica, uma vez que não apresenta detalhes das estruturas da redução:

> [...] Quanto à trama urbana e à implantação de determinados elementos apresenta algumas indagações que só trabalho de arqueologia histórica poderá elucidar, embora os restos existentes e os aflorados já permitam localizar-se, com precisão (adega, refeitório, etc.).
>
> (LEAL, 1984:76)

Os relatos de viajantes[31] do século XIX que estudamos não mencionam elementos físicos do sistema de captação e abastecimento de água nas reduções, embora tragam a caracterização dos sítios de implantação das reduções e de suas estruturas, e descrevam como eles as encontraram durante seu período de abandono[32]. Avé-Lallemant, ao descrever a Redução de São Lourenço Mártir, menciona a extensa varanda existente no colégio e a função de proteção da chuva de sua cobertura, mas também não faz referência a qualquer sistema de drenagem pluvial[33]:

> Ao longo da frente do colégio corre uma extensa varanda, com colunas ornamentais talhadas numa só pedra de arenito, de modo que, mesmo com chuva, ficando ao ar livre, pode-se ir de um extremo ao outro da casa.
>
> (AVÉ-LALLEMANT, 1980:245)

Investigaciones Geohistóricas – Conicet, 1996; Atlas histórico do Nordeste Argentina (Resistencia, IIGHI, 1996), Aproximación a las misiones guaraníticas. Buenos Aires: EDUCA (Ediciones de la Universidad Católica Argentina, 1996).

[30] Fernando Machado Leal, arquiteto proprietário da RESCON, coordenou o projeto de estabilização e conservação das ruínas da igreja de São Miguel Arcanjo, no ano de 1982.

[31] Viajantes como Auguste de Saint-Hilaire, Arsène Isabelle, Robert Avé-Lallemant, Nicolau Dreys e Hemeterio José Velloso da Silveira, cujos relatos foram consultados para a presente pesquisa não constituem nos únicos a oferecerem uma narrativa do processo de transformações das estruturas missionais a partir de suas experiências no território dos 30 Povos durante o século XIX. Por isso, não consideramos seus registros únicos e exclusivos.

[32] Há registros na historiografia contemporânea mostrando que não ocorreu um completo despovoamento e abandono da região. Segundo Baptista, o relato dos viajantes do século XIX proporcionou importantes informações sobre a continuidade na ocupação dos espaços missionais. Em seu estudo, *As ruínas e seus personagens no século XIX*, considera que: "De fato, no século XIX, especialmente, as "ruínas" são habitadas por populações das antigas reduções. Em pouco ou nada as estruturas perderam sua utilidade. Sequer estão tanto para as populações nativas quanto para as que ali penetram desprovidas de significações e utilidades." (BAPTISTA, 2006:179).

[33] Ver Capítulos II e III da presente pesquisa.

A historiografia contemporânea referente à Redução de São Miguel, a partir dos trabalhos desenvolvidos pelo arquiteto Lucas Mayerhofer, responsável pelas obras de restauração e consolidação das Ruínas de São Miguel ocorridas entre os anos de 1938 e 1940, logo após o tombamento[34] pelo IPHAN, faz um importante registro do tema. O estudo do Povo de São Miguel feito pelo arquiteto aborda a questão do abastecimento de água na Redução. Apesar de não ter encontrado vestígios arqueológicos dessas estruturas na Redução de São Miguel, o autor demonstra conhecimento sobre o assunto, citando a Redução de *Yapeyu*, instalada muito próxima a um rio, do qual a água era retirada de acordo com a necessidade do povoado, e a Redução de San Ignácio Mini, onde a água era canalizada até um reservatório da quinta (MAYERHOFER, 1969:21). Outra reflexão importante de Mayerhofer sobre o abastecimento de água na Redução se baseia na citação do Padre Antônio Sepp, quando da fundação do povoado de São João Batista, em 1697, relativa à sua preocupação quanto ao abastecimento de água:

> Coloquei-vos num encosta aprazível, sobranceira e lavada de todos os ventos. Ao sopé, como num segundo paraíso, vos abriu o Boníssimo Deus quatro fontes muitíssimo salutares, tanto para os homens como para o gado. Delas emana, sem cessar, limpíssima água, e, podeis crer, não secarão mesmo na canícula de Janeiro, pois têm as suas nascentes entre perpétuas sombras de árvores frondosas, e as mesmas pedras duríssimas gotejam num perene lacrimejar, que pouco a pouco escorre em arroios e rios.
>
> (SEPP, 1951, p.195)

O que o leva a concluir:

> Em São Miguel acreditamos que para o abastecimento do povo se tivesse recorrido à água de subsolo, pois foi o modo por que conseguimos água para o Museu das Missões, por nós construídos em 1939, para o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. A água seria puxada dos poços por uma nora.
>
> (MAYERHOFER, 1969:21)

Com base nessas impressões, o autor apresentou desenho esquemático de um possível plano para o povo de São Miguel e, apesar de afirmar não ter encontrado nenhum vestígio do sistema de captação e abastecimento de água, desenha o que nos parece indicar um poço de água no espaço da quinta. Apesar de o desenho indicar o que parece ser um poço de água, não foi possível localizá-lo. Entretanto, chamamos a atenção para a possível

[34] As Ruínas da Igreja de São Miguel foram tombadas pelo IPHAN no ano de 1938, tendo sido inscritas no Livro Tombo de Belas Artes com inscrição nº63 - processo nº 0141-T-38.

existência de um poço ou tanque na área da quinta, pois identificamos tal estrutura em outras reduções.[35] Na Redução de São Miguel a existência de drenos atrás da Igreja e no pátio dos padres pode indicar que a água era reservada em tanques, devido à necessidade de manutenção da quinta. Contudo, a comprovação de tal fato, somente será possível com escavação arqueológica no local.

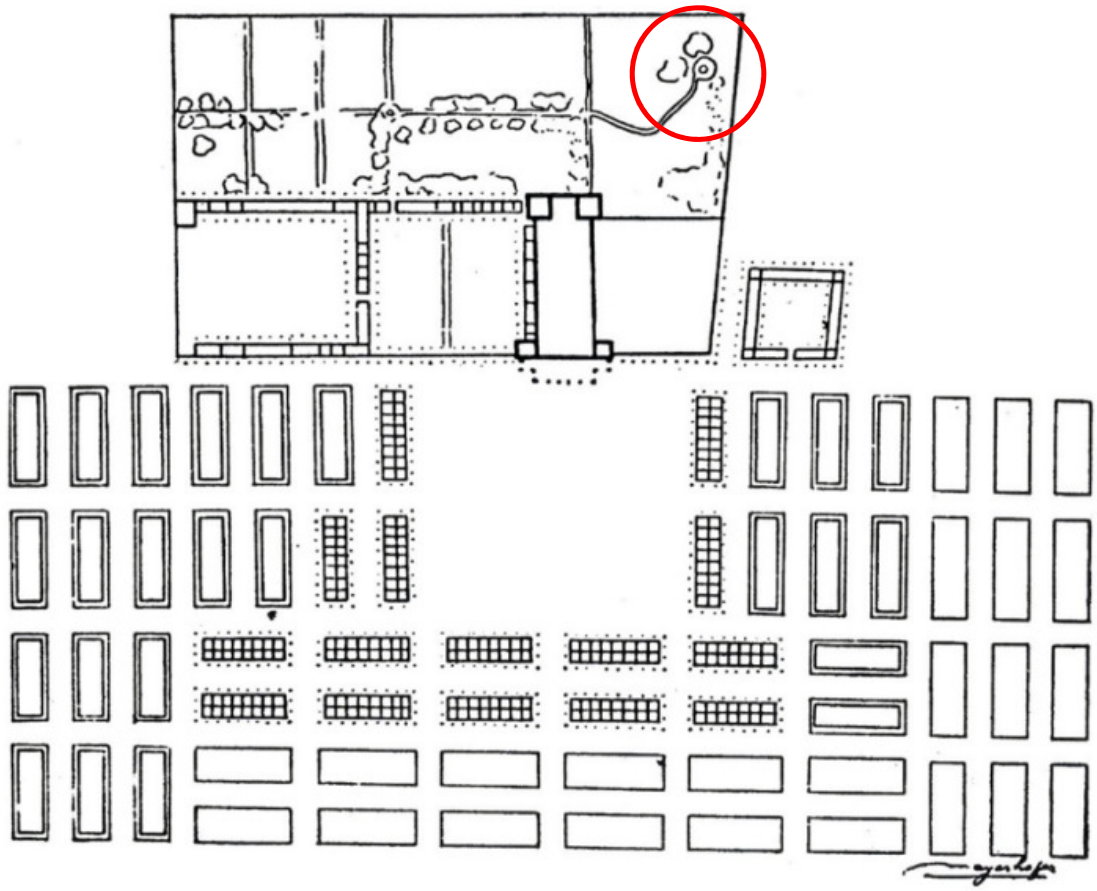


Figura 5. Reconstrução hipotética do povo de São Miguel. Fonte: MAYEHOFFER, 1969.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cor: Ingrid Arandt.

Pesquisas arqueológicas realizadas no Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo durante as últimas décadas do século XX e os primeiros anos do século XXI mostram uma série de informações acerca da estrutura da Redução. Uma delas, em especial, nos parece importante mencionar, embora não tenha sido realizada com o objetivo de estudar o sistema de captação e abastecimento de água. Realizada em 1993, a sondagem tinha como objetivo a

[35] Ver Capítulo III da presente pesquisa, página 139.

instalação de um novo dreno na parte externa da parede sul da sacristia. Sobre a decisão de onde instalar o novo dreno, o arqueólogo José Otávio Catafesto de Souza esclarece:

> [...] Optou-se pelo primeiro dreno por aquele já ter sido mexido antes para instalar manilha cerâmica; ou seja, foi modificado, **enquanto que o segundo deve estar tal qual deixado pelos índios (por isso, deve ser mantido intacto, particularmente porque ainda está em funcionamento).**
> [...] Não foi até o momento escavado mais fundo para reconhecer em que medida o antigo dreno original ainda se encontra tal qual reconhecido na fonte.
>
> (SOUZA, 1993, grifo nosso)

A partir dessa sondagem foi definido o local, conforme croquis abaixo:

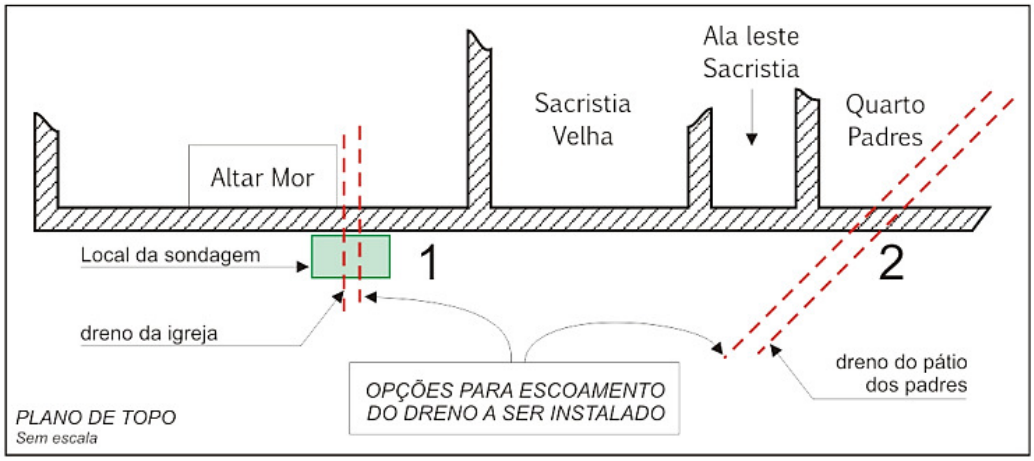


Figura 6. Plano de Topo. Fonte: SOUZA, 1993: Caderno de campo.
Edição do desenho: Ingrid Arandt (croqui original desenhado à mão).

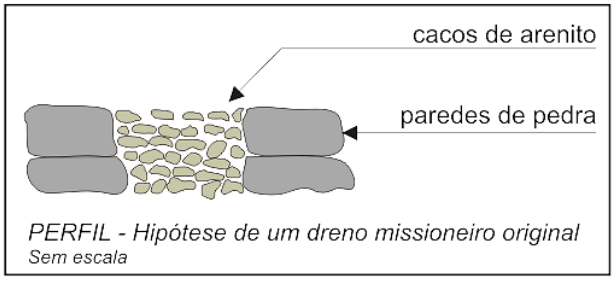


Figura 7. Perfil: hipótese de um dreno missioneiro. Fonte: SOUZA, 1993: Caderno de campo.
Edição do desenho: Ingrid Arandt (croqui original desenhado à mão).

As imagens abaixo mostram o dreno do pátio dos padres indicado na escavação de 1993. Na figura 8, a seta amarela indica a posição do dreno, no alinhamento do encontro da varanda com o pátio dos padres. As setas brancas indicam o possível caminho da drenagem

em direção à quinta. Em 1995 foram realizadas tradagens[36] na área do muro de contenção na quinta, no limite entre a área do conjunto principal e a área da quinta (figura 9), no entanto não foram encontrados vestígios que pudessem indicar algum sistema de drenagem pluvial.



Figura 8. Vista da varanda e sacristia, a partir do pátio interno do colégio. Foto: Ingrid Arandt



Figura 9. Vista do muro da quinta e da parede sul da sacristia. Foto: Ingrid Arandt

A partir do levantamento fotográfico nos arquivos do IPHAN/Rio Grande do Sul e Arquivo Central do IPHAN/Seção RJ verificou-se que alguns elementos do sistema de captação e abastecimento de água foram objeto de atenção por parte dos profissionais que, ao longo do tempo, atuaram na conservação e consolidação das ruínas da Redução de São Miguel Arcanjo. Nas imagens a seguir, vê-se uma calha para recolhimento de água, localizada junto à parede oeste da torre da igreja e feita com blocos de pedra de arenito. Acreditamos que o recolhimento de águas pluviais da cobertura da nave lateral da igreja, que possuía um telhado em meia água, se fazia por essa calha.

[36] Com início em 10 de novembro de 1995, essa escavação arqueológica fez parte do *Programa Integrado de Valorização/IPHAN*. Um dos objetivos da escavação era liberar o muro de contenção da quinta, a fim de identificar as estruturas de acesso ao seu interior, como escadas e arruamentos. Foi evidenciado um muro de tijolos transversal ao muro da quinta. Também foram realizadas duas sondagens na lateral do muro da quinta e uma tradagem no limite sul do mesmo, mas sem o registro em croqui. (Fonte: Relatório das atividades arqueológicas realizadas no Sítio de São Miguel Arcanjo. Dezembro de 1995. Responsável Técnico: Arqueólogo Claudio Baptista Carle. Coordenador: Arqueólogo José Otávio Catafesto de Souza. Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa CX SMA 1).

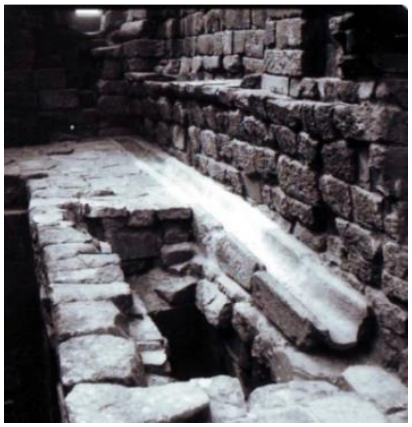


Figura 10. Calha junto à parede oeste da torre. Fonte: Arquivo IPHAN/RS, Porto Alegre. Foto sem data.

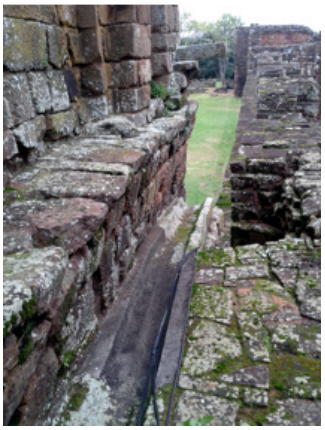


Figura 11. Calha junto à parede oeste da torre. Ao fundo, pátio do colégio. Foto: Ingrid Arandt.

Estrutura semelhante foi encontrada no topo das paredes da torre, formando um conjunto de calha com terminal em gárgula. A gárgula, por onde escoam as águas das chuvas, é o elemento que ajuda a manter preservadas as paredes da torre.



Figura 12. Estrutura existente no topo das paredes da torre. Fonte: Arquivo IPHAN/RS. Foto sem data.



Figura 13. Gárgula da torre. Fonte: Arquivo IPHAN/RS. Foto sem data.

Em relação às fontes de água da Redução de São Miguel, Custódio (2002:112), ao citar um trecho do Diário do Capitão Jacinto Rodrigues da Cunha, que caracteriza o sítio da Redução indicando a existência de "pequenos capões de mato, dos quais nascem muitos regatos", afirma a existência de nascentes de água, onde se localizavam as antigas fontes de água da redução, fazendo referência às estruturas de pedra da fonte sul da Redução, hoje transformado em *Parque da Fonte Missioneira*:

> **No mesmo sítio ainda existem hoje as nascentes de água referidas, onde se localizam as antigas fontes de água da redução.** Uma delas, localizada a sudoeste da igreja, foi objeto de escavação arqueológica, quando foi encontrado um complexo sistema hídrico todo executado em arenito com dutos para a canalização subterrânea, estruturas decoradas e tanques circulares pavimentados.
>
> (CUSTÓDIO, 2002:112, grifo nosso)

Se na arquitetura do núcleo urbano da antiga redução, marcada pelos remanescentes arqueológicos, os elementos que compõem o sistema de captação e abastecimento de água são mais facilmente identificáveis, na cidade de São Miguel das Missões, ou seja, no espaço além dos remanescentes, é a memória do uso das fontes de água ao longo do tempo que, aparentemente, vem permitindo essa identificação, ainda que de modo subjetivo. É o que parece explicar o fato de que, embora não tenham sido realizadas pesquisas arqueológicas específicas para elucidar todo o sistema, à exceção das pesquisas no *Parque da Fonte Missioneira*[37], as áreas das nascentes, que possivelmente abrigam essas estruturas, sempre foram consideradas nos planos urbanos da Vila de São Miguel e da cidade já emancipada, assegurando, em certa medida, a preservação dessas estruturas. Além dos planos urbanos, uma parcela da sociedade civil organizada por meio da ONG Igapira, como veremos adiante, também contribuiu para a preservação de uma das nascentes com estruturas em pedra, realizando o seu cercamento[38]. Para o nosso trabalho, esses planos urbanos têm particular importância, pois o estudo de suas formas sobrepostas nos possibilitará entender o traçado atual da cidade, em que o antigo centro da Redução jesuítica permanece como núcleo e as nascentes de água como elementos definidores de seu perímetro urbano.

[37] Esse assunto será estudado no item 1.2.2 do presente capítulo, página 52.

[38] Esta nascente foi indicada no Relatório da Zanettini Arqueologia, durante as intervenções no *Parque da Fonte Missioneira* no ano de 2008 (figura 48).

1.2 O sistema de captação e abastecimento de água da Redução e o espaço urbano atual

1.2.1 A importância das nascentes d'água na constituição do espaço urbano de São Miguel

A configuração do espaço urbano atual de São Miguel das Missões confirma com seu desenho a mesma lógica da implantação da antiga Redução. Nas palavras de Arno Alvarez Kern, referindo-se à implantação das reduções, a lógica da água estabelece uma relação direta com a vida na comunidade:

> Há uma lógica da água relacionada à vida comunitária: captação nas fontes de pedra trabalhada, canalização em direção às oficinas artesanais e à cozinha, contenção em açudes, irrigação da quinta e limpeza das latrinas, etc. O sítio deve ter águas abundantes, mesmo em períodos de seca prolongada. Este conhecimento, apenas os Guarani possuíam.
>
> (KERN, 2014:80)

Essa mesma "lógica da água relacionada à vida comunitária" iria orientar o planejamento urbano no período pós-reducional: tanto na formação da Vila de São Miguel[39], como em sua transformação na cidade emancipada de São Miguel das Missões. Planejamento urbano que, também, foi condicionado pelo progressivo aumento da área de proteção física do Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo, com o objetivo principal de preservação dos remanescentes da Redução de São Miguel e que hoje envolve quase a totalidade da área do núcleo urbano do antigo povoado. É importante salientar que essa ampliação resultou do gradativo entendimento sobre o complexo sistema missional e que, nesse processo, a área de proteção sempre balizou a crescente urbanização da cidade. Assim, foram o Sítio Histórico protegido e seu entorno, através das diretrizes de entorno e dos Planos Diretores que orientaram, ao longo do tempo, a forma de crescimento da cidade.

Com a reocupação do território missioneiro, em 1922 foram realizadas obras de estabilização na arcada das Ruínas de São Miguel pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul (MEIRA, 2008:29). Desde 1925, quando dessa primeira intervenção, surgiu a necessidade

[39] A Vila de São Miguel foi distrito do município de Santo Ângelo até o ano de 1989 quando se emancipou, tornando-se a cidade de São Miguel das Missões.

de delimitação da área[40] das ruínas, ano em que foi instalada a primeira cerca, tangente ao sítio dos remanescentes então conhecidos.



Figura 14. Implantação do primeiro cercamento de proteção das ruínas (1927-1938).
Fonte: Arquivo Noronha Santos.

Em 1926 foi elaborado o primeiro plano da cidade (figura 15) em que se estabelece o perímetro urbano do povoado e a divisão da área em lotes e chácaras (CUSTÓDIO, 1979; SILVA, 2012). Esse plano definiu ainda a área das Ruínas, uma praça à sua frente e mais seis outras praças em torno do perímetro urbano, onde estão localizadas as nascentes de água. A imagem da página seguinte (figura 15) mostra o Plano de 1926, em que são destacados os seguintes elementos: perímetro urbano, acesso principal, arroios, Ruínas e praças da Vila, também indicados em legenda.

[40] A delimitação de uma área de proteção para as ruínas, nesse momento inicial das ações de preservação do instituto, estava muito mais atrelada à necessidade de manter o monumento, resguardando-o de vandalismos e depredações, do que impedir intervenções inadequadas no seu entorno imediato (STELLO, 2005:71).

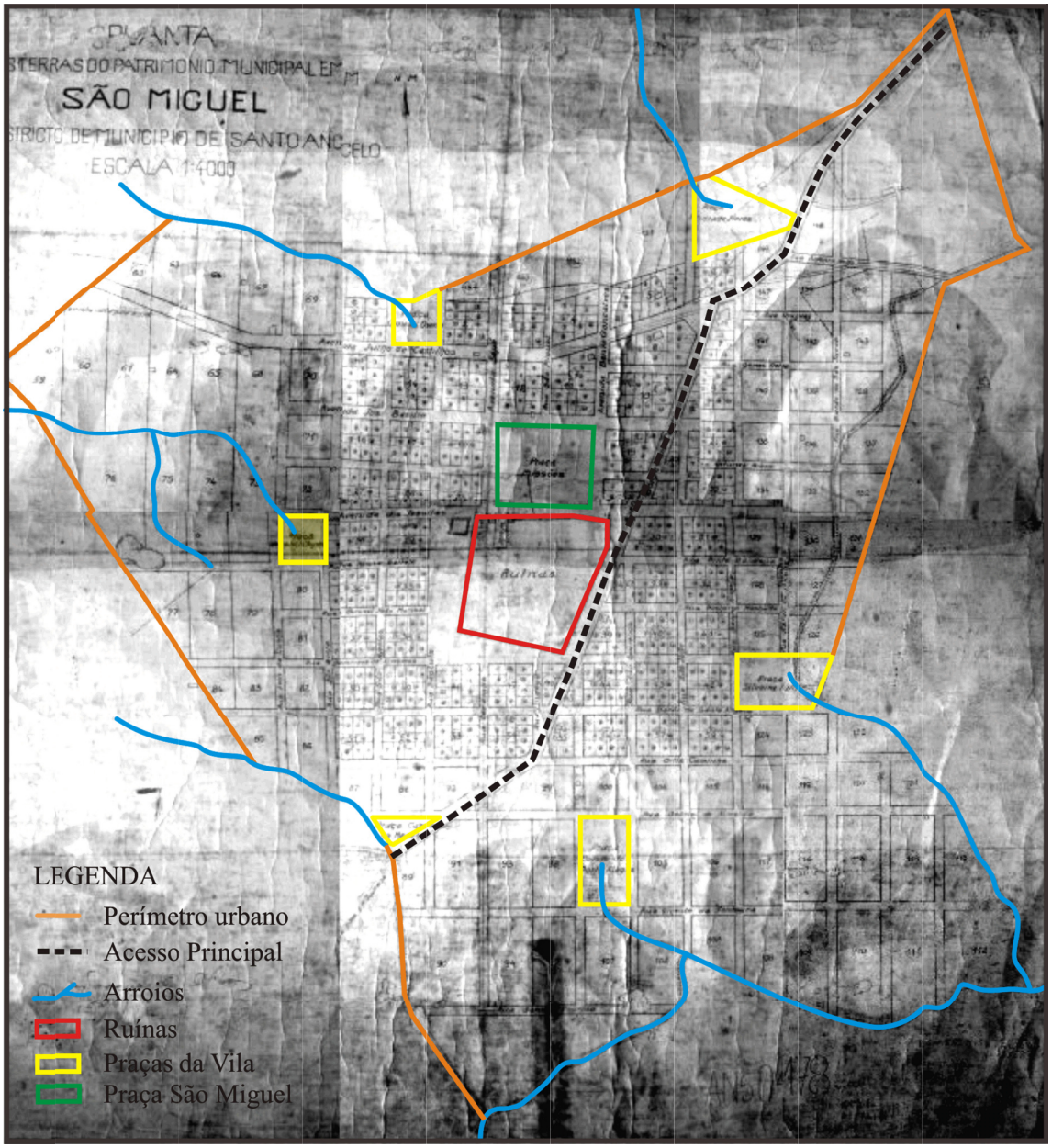


Figura 15. Mapa do Plano de 1926 da Vila de São Miguel. Fonte: Arquivo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. O mapa original encontra-se no Arquivo Central do IPHAN/Rio de Janeiro. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

Em 1940, logo após o tombamento[41] das Ruínas de São Miguel com inscrição no Livro do Tombo das Belas Artes, a área protegida[42] (figura 16) parece ter obedecido ao

[41] Ao analisarmos a documentação existente no processo de tombamento de São Miguel, inscrição nº63 - processo nº 0141-T-38, junto aos arquivos do IPHAN Central - Seção Rio de Janeiro, não encontramos especificações quanto a uma delimitação de área tombada.

[42] Os mapas nas figuras 16,17,20, 24 e 25 que mostram a gradativa ampliação da delimitação física do Sitio Histórico tomaram por base mapas da evolução urbana de São Miguel, que registram as transformações do traçado viário ao longo do tempo, elaborados pela equipe técnica do Escritório Técnico de São Miguel das

mesmo desenho do Plano de 1926, englobando a praça da antiga Redução, configurada a partir da construção do Museu das Missões[43] em uma de suas extremidades. Segundo Ana Lúcia Goelzer Meira (2008:342-343), a construção do Museu consagra no atual espaço do Sítio Histórico "uma síntese de tempos distintos que possibilitou vivenciar, no próprio local, a proporção arquitetônica que possuía as habitações indígenas, bem como a proporção urbana da praça, ao colocar a nova edificação alinhada com a posição das habitações originais". Igualmente, é válido inferir que, assim como o Museu das Missões possibilitou uma nova visão da magnitude arquitetônica da antiga Redução de São Miguel, a valorização do sistema de captação e abastecimento de água, a partir da evidenciação das demais fontes de água, somadas à ação do *Parque da Fonte Missioneira*, como veremos adiante, contribuirá para um maior entendimento da complexidade do sistema missional.

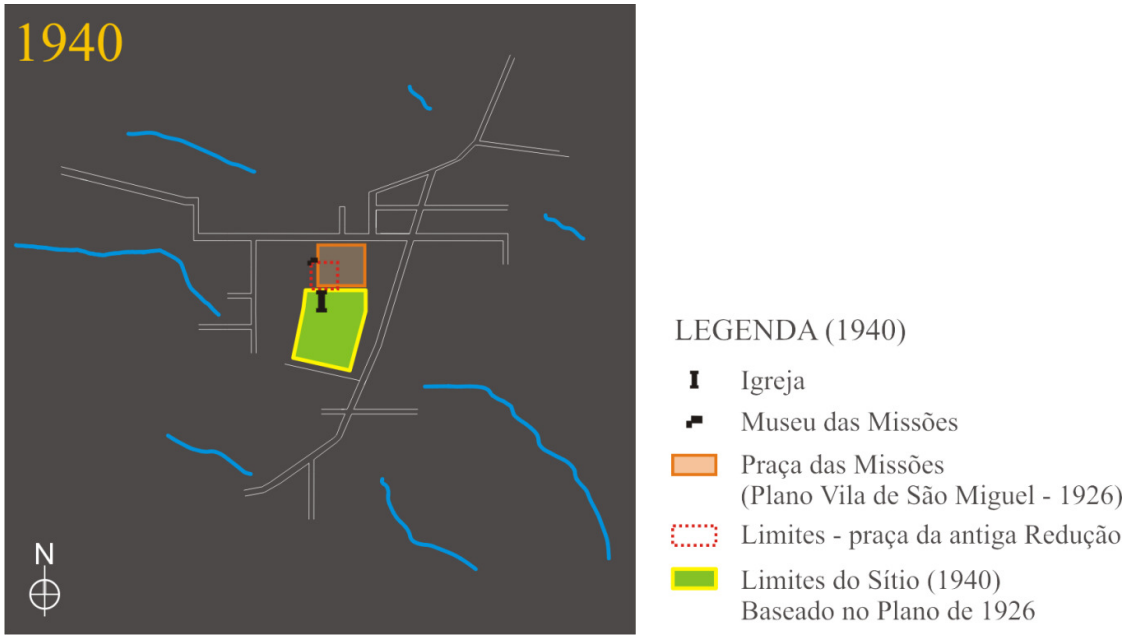


Figura 16. Vila de São Miguel e Ruínas em 1940. Fonte: arquivo digital do PHNM/São Miguel das Missões. Edição do desenho com sobreposição: Ingrid Arandt.

Missões-IPHAN/RS em conjunto com técnicos da Prefeitura Municipal. A figura 16, correspondente ao mapa de 1940 e é resultado da sobreposição do mapa de evolução urbana e do Plano da Vila de São Miguel de 1926, que determina a área das Ruínas e a grande praça à sua frente.

[43] O Museu das Missões foi projetado pelo arquiteto Lucio Costa e inaugurado em 1940 tendo sido criado por ato do presidente Getúlio Vargas pelo Decreto-Lei nº 2077, de 08 de março do mesmo ano. Segundo o historiador Diego Luis Vivian (2015:90), é considerado o primeiro Museu do mundo "dedicado especialmente ao tema 'Missões', reunindo a maior coleção pública de imagens missioneiras do Mercosul. Somente anos mais tarde foram criadas instituições museológicas semelhantes na Argentina e no Paraguai" (VIVIAN, Diego Luiz. Estudo sobre a trajetória do Museu das Missões, p. 87-112. In: MARTINS, Tiago Costa (org.). Instituições Culturais, A Região das Missões. Porto Alegre: Conceito/ OMiCult, 2015).

Entre 1967 e 1970 o IPHAN ampliou a área de proteção das ruínas para 20 ha, tendo realizado o seu cercamento com o novo limite, conforme a figura abaixo.

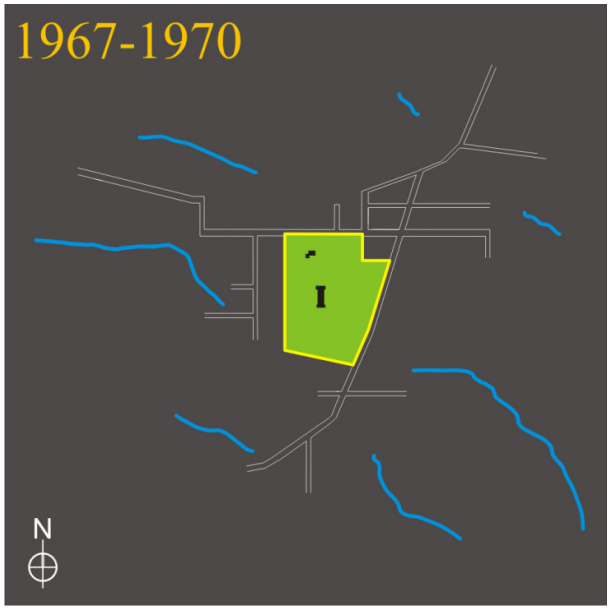


Figura 17. Delimitação entre 1967 e 1972.
Fonte: arquivo digital do PHNM/São Miguel das Missões. Edição do desenho: Ingrid Arandt.

Na década de 1970 não houve alteração na delimitação do Sítio Histórico, tendo havido, contudo, um incremento da urbanização da Vila de São Miguel. Em 1975 foi elaborado um novo mapa da Vila, com base no plano de 1926, mas então com um novo desenho para a área das Ruínas. Esse mesmo mapa registra uma área que parece indicar uma nova praça, entretanto não há uma designação para ela, como ocorre com as demais praças. Ao sobrepormos o mapa de 1975 (figura 18) ao atual mapa de São Miguel das Missões (figura 22), constatamos que essa área[44] abrangia duas nascentes de água (ver indicação no mapa da figura 22 e figura 56). Junto à nascente[45] marcada com um círculo vermelho na figura 22, existem vestígios de pedra, indicados no Relatório de Visita Técnica da arqueóloga Mariana A. Nemann e nos depoimentos da população, como veremos mais adiante.[46] O mapa de 1975 também registra uma "fonte jesuítica" (ver destaque na figura 18), onde hoje está o *Parque da Fonte Missioneira*. Isso nos permite afirmar que a fonte do período missioneiro, localizada na

[44] A área do mapa de 1975 a que nos referimos (marcada em roxo na figura 18) não foi transformada em praça. Se observarmos o mapa da figura 22, na página 47, veremos a constituição de uma praça na zona leste do município, localizada uma quadra acima das nascentes de água, atualmente chamada de Praça Guarani.

[45] Esta nascente, atualmente, encontra-se em propriedade particular e é indicada no depoimento de Dona Hironda como sendo a fonte do "compadre Nilson" (Ficha Técnica da Entrevista nº 10, Anexo II).

[46] Capítulo I, páginas 80 a 81.

área sul da Vila de São Miguel, já era conhecida na década de 1970. No mesmo mapa foi marcada uma linha ligando a fachada principal da Igreja à fonte, no entanto não encontramos qualquer informação sobre essa ligação[47].

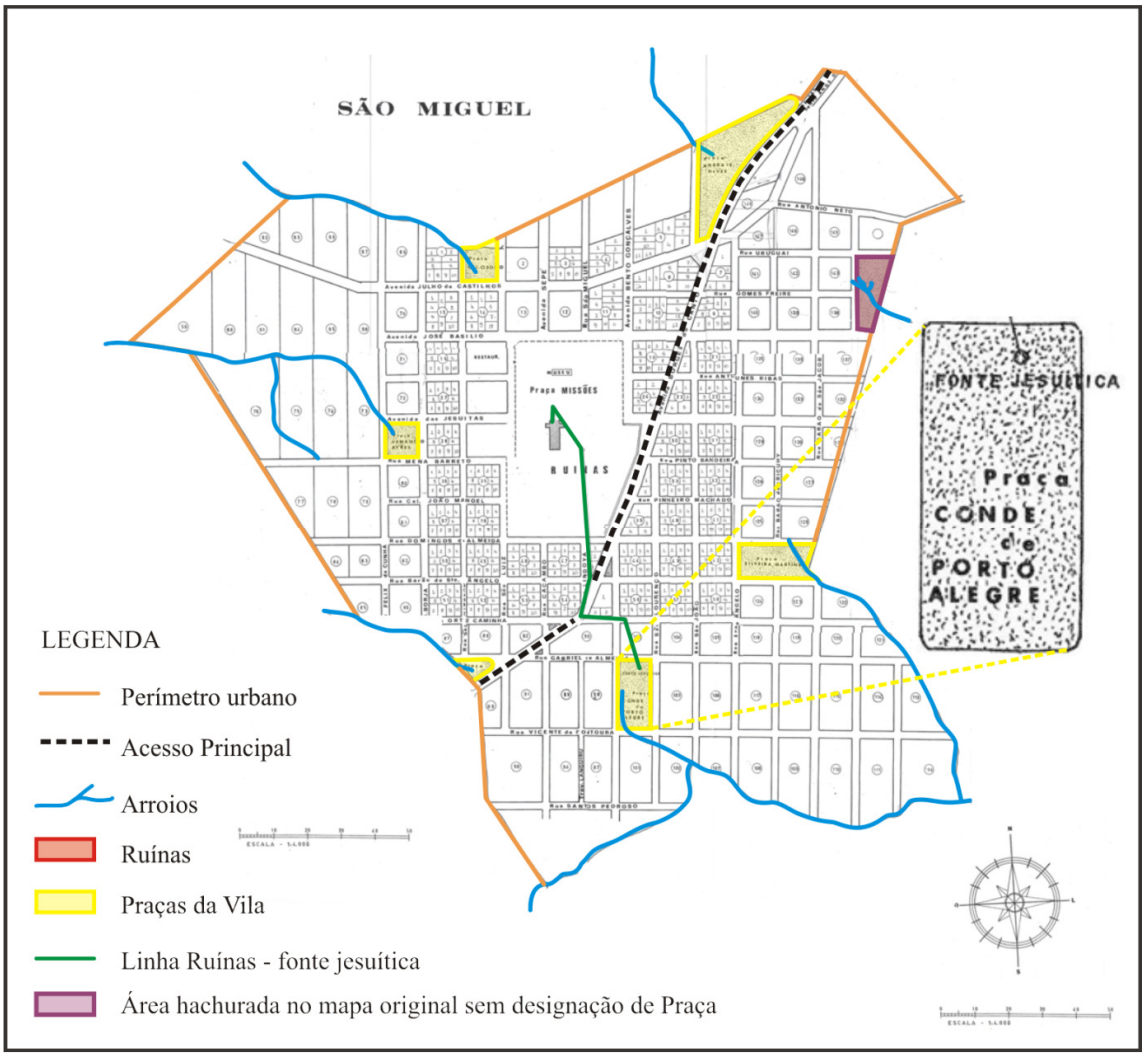


Figura 18. Mapa da Vila de São Miguel - 1975. Setor de Projetos e Edificações/RS.
Fonte: Arquivo do ET São Miguel das Missões. Imagem original em preto e branco.
Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

O gradativo aumento da população fez com que fosse elaborado um novo Plano Urbanístico com diretrizes de desenvolvimento físico para a área (CUSTÓDIO, 1979). Com base no traçado de 1926 foram definidas diretrizes que considerassem de fato a presença das "Ruínas Jesuíticas" e, segundo Custódio (1979:85), o "objetivo principal que deverá nortear

[47] Alguns relatos orais da população local de São Miguel das Missões informam que as fontes possuíam canalizações que as interligavam. No entanto, até hoje, nenhuma escavação arqueológica foi realizada com o objetivo de verificar a informação.

todos os projetos a serem desenvolvidos em São Miguel, deverá ser o de não interferir na magnificência das ruínas jesuíticas, que se apresentam hoje como o mais importante acervo cultural do Sul do país". Em 1979 foram elaboradas as "Diretrizes para o desenvolvimento físico de São Miguel" [48], cujo projeto estabelecia uma nova delimitação para as Ruínas, atual Sítio Histórico São Miguel Arcanjo. Esse plano visava o planejamento urbano principalmente em virtude da preservação do sítio das Ruínas de São Miguel e introduzia alguns aspectos de preservação do seu entorno.

Em 1984 os arquitetos do IPHAN Luiz Fernando Pereira das Neves Franco e Jurema Kopke Eis Arnaut e a assessora jurídica do IPHAN Sonia Rabello de Castro realizaram viagem às Missões, a fim de estudar a "envoltória de proteção" [49] às ruínas de São Miguel. Na época, a legislação existente estava restrita ao referido Plano de 1979 (Diretrizes para o Desenvolvimento Físico de São Miguel das Missões) e à Lei Municipal nº 582 de 17 de dezembro de 1980 (uso do solo). A análise feita pelos técnicos do IPHAN, naquele momento, considerou importante avaliar qual seria a área da antiga redução, fazendo menção à fonte existente na porção sul da Vila e considerando as áreas ainda a serem pesquisadas e consolidadas:

> A cerca plantada pelo Patrimônio, que deveria ser o elemento de referência a limitar a antiga estrutura jesuítica, exclui não só significativa parcela dos remanescentes das casas índias como também, outros componentes do antigo complexo – uma fonte com bacia esculpida, provavelmente para recolhimento da água potável e lavagem de roupa, e uma piscina a cerca de 300m desta, que serviria, provavelmente, para higiene dos indígenas, dadas as suas dimensões. Outros elementos do antigo povo de São Miguel devem subsistir nas cercanias, ainda não descobertos, e sujeitos, como os alicerces da casa índias, à destruição pelo crescimento atual da vila.
>
> (ARNAUT, 1984:1)

> Há, portanto, que se conduzir trabalhos, a partir de um projeto global, que tenha como ponto prioritário a definição das áreas a serem pesquisadas e consolidadas, a partir de um trabalho arqueológico sólido, com a visão territorial da implantação do complexo das Missões.
>
> (ARNAUT, 1984:4)

[48] Na biblioteca do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS encontra-se uma cópia do Plano de Diretrizes para o Desenvolvimento Físico de São Miguel de 1979. Além desse Plano, os arquivos digitais do Escritório do PHNM contêm informações em mapas e relatórios produzidos ao longo dos anos sobre a evolução urbana da cidade de São Miguel das Missões.

[49] O termo "envoltória de proteção" se refere à área de entorno imediato do Sítio Histórico. A visita dos técnicos também analisou questões de terra, propriedade e uso da área.

A figura 19, a seguir, mostra o mapa de Zoneamento do Plano de 1979 com destaque para os principais elementos: perímetro urbano, acesso principal, arroios, área das Ruínas e praças da Vila. Nesse mesmo mapa destacamos ainda o Zoneamento de Preservação Natural, onde se encontram o maior número de praças da Vila e, consequentemente as nascentes.

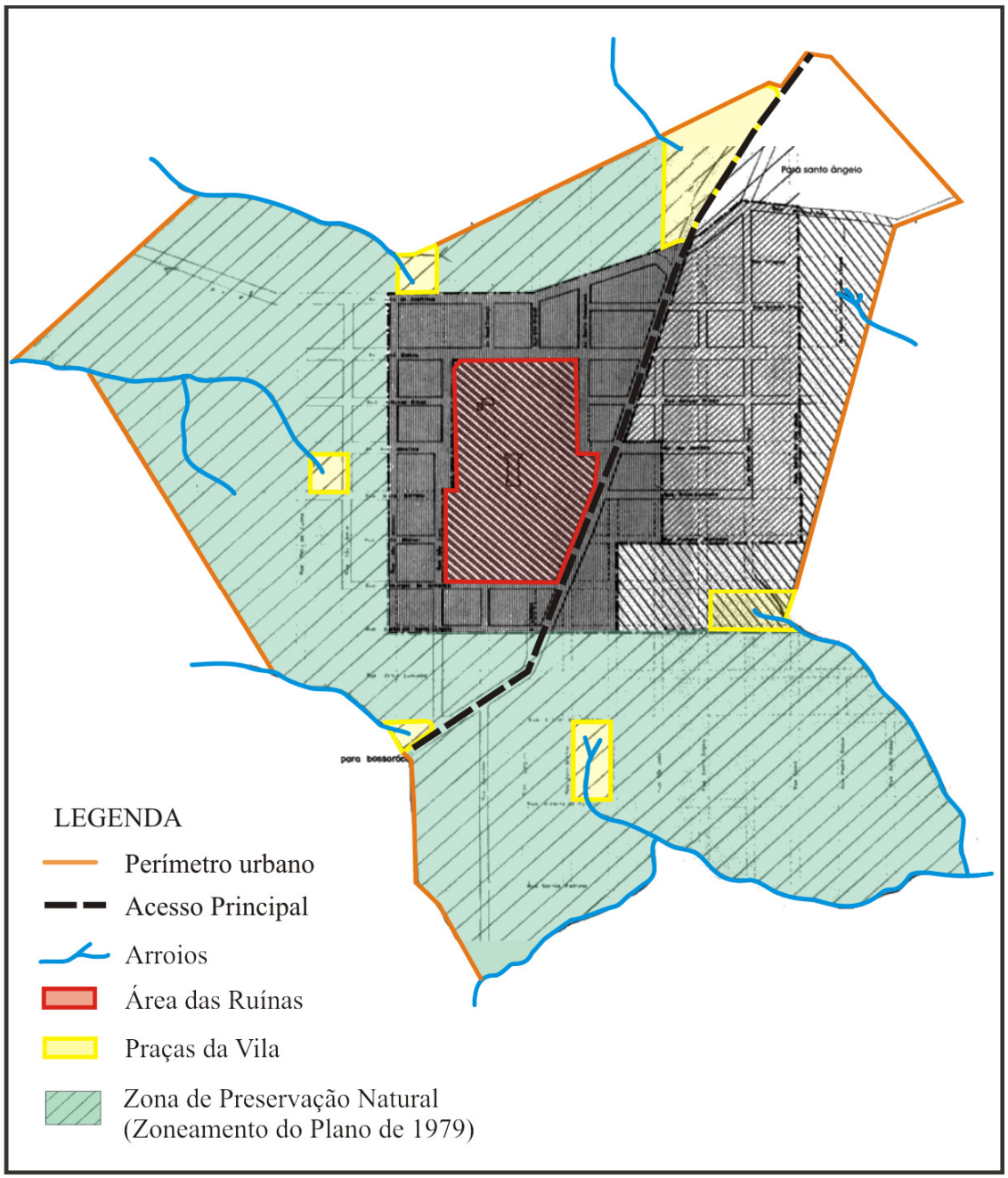


Figura 19. Mapa de zoneamento do Plano de 1979. Diretrizes para o Desenvolvimento Físico de São Miguel das Missões. Fonte: Arquivo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

A figura 20, a seguir, indica as construções existentes no entorno das Ruínas, conforme levantamento constante do Plano de 1979. Nesse mapa fizemos a sobreposição da área atual do Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo.

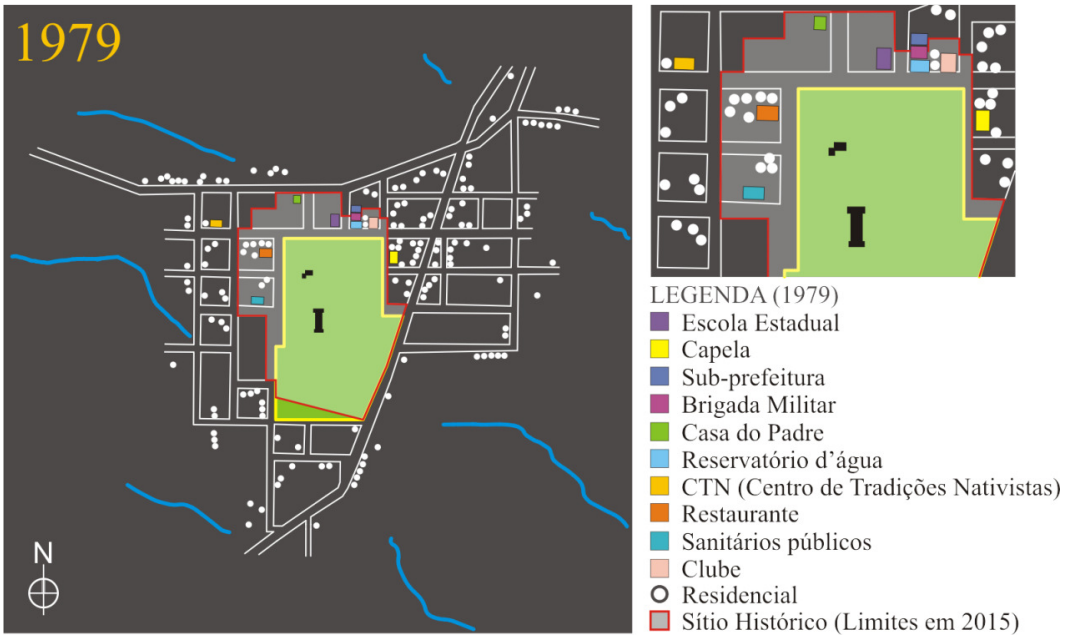


Figura 20. Delimitação do Sítio Histórico proposto no Plano de 1979 e sobreposição da área atual do Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo. Fonte: arquivo digital do PHNM/São Miguel das Missões. Edição do desenho com cores e legenda: Ingrid Arandt.

A figura 21, a seguir, datada de 1982, mostra as edificações existentes no entorno imediato do Sítio, ainda rarefeito (a seta vermelha indica a Escola Estadual e a seta verde indica a Casa Paroquial). Essas duas edificações foram demolidas na década de 1990 com o objetivo principal de permitir a "liberação das visuais das ruínas"[50]. Essas demolições, além de desapropriações e relocações de residências, com indenizações aos moradores, fizeram parte de um longo processo de desocupação da área – mais de onze anos – marcado por intensa negociação entre comunidade miguelina, Prefeitura, governo do Estado do Rio Grande do Sul e IPHAN. Iniciado em 1988, através de processo administrativo interno ao IPHAN e, denominado "Plano de Desocupação da Área de Proteção Máxima do Sítio Arqueológico de

[50] Comunicado Interno IPHAN nº024/80, de Briane Elizabeth Panitz Bica para Augusto da Silva Telles (Diretor da Divisão de Conservação e Restauração do IPHAN, na época), em 24 de janeiro de 1980. Fonte: Arquivo do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. Este comunicado, juntamente com o parecer do Dr. José de Souza Reis a respeito da construção da Casa Paroquial, entre outros assuntos, inaugura as discussões acerca da delimitação da área tombada e preservação de seu entorno, logo após a realização do plano de "Diretrizes para o Desenvolvimento Físico de São Miguel das Missões" e devido às novas construções que estavam sendo implantadas no entorno do sítio tombado.

São Miguel Arcanjo" [51], foram realizados levantamentos cadastrais para as desapropriações em torno do Sítio, com o objetivo principal de permitir tanto a delimitação da área tombada como a de seu entorno para fins de preservação, especialmente dos remanescentes arqueológicos aflorados e entendidos naquele momento como "evidências arqueológicas" do núcleo urbano da antiga Redução de São Miguel. [52]

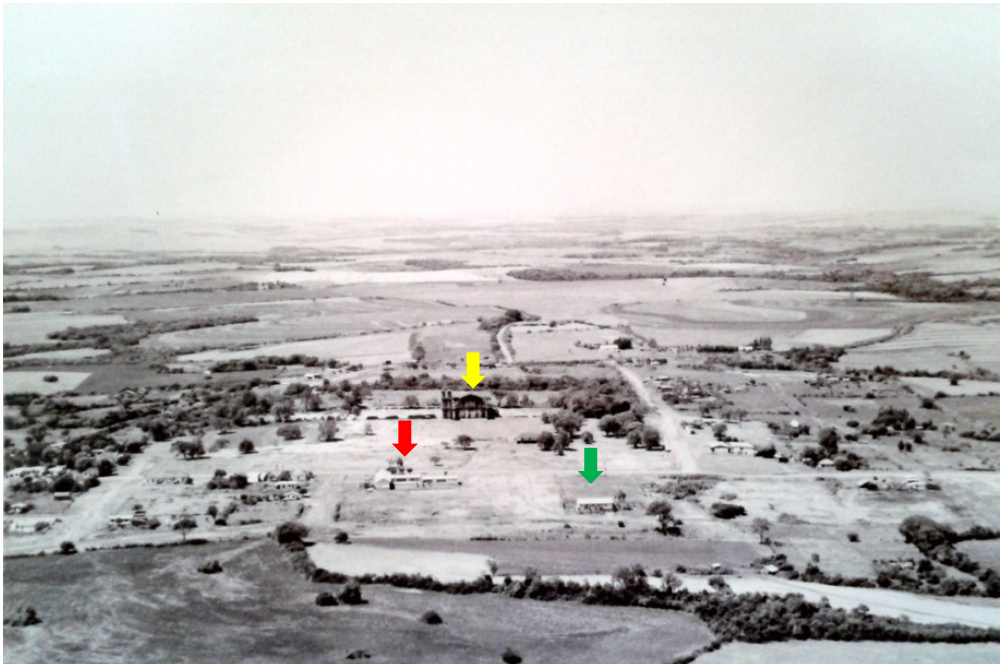


Figura 21. Imagem da Vila de São Miguel -. Data: 1982. Fonte: Arquivo Central IPHAN/RJ.

Em 1988 a Vila de São Miguel se emancipou de Santo Ângelo, tornando-se o município de São Miguel das Missões e em 1992 foi elaborado o Plano Diretor da cidade a partir de levantamentos realizados juntamente com a Fundação Estadual de Planejamento Metropolitano e Regional (METROPLAN) [53]. Nele, o desenho das praças no entorno do perímetro urbano permanece inalterado, marcando definitivamente a intenção de preservação das nascentes no entorno do Sítio Histórico. A figura 22, a seguir, mostra o Mapa de

[51] Em alguns documentos pesquisados no Arquivo do IPHAN/RS, em Porto Alegre, também encontramos a seguinte denominação para o mesmo projeto: "Projeto de Desocupação do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo".

[52] Comunicado Interno IPHAN nº206/95, de Luiz Antônio Bolcato Custódio para Marta Kafruni Knorst, em 25 de maio de 1995. Fonte: Processo de Desapropriação do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo - Documentação disponível no Arquivo do IPHAN/RS, Porto Alegre.

[53] Metroplan é o órgão responsável pela elaboração e coordenação de planos, programas e projetos do desenvolvimento regional e urbano do Estado do Rio Grande do Sul. (Disponível em: http://www.metroplan.rs.gov.br/conteudo/1598/?A_Metroplan. Acesso em 19/06/2015).

Levantamento para o Plano Diretor de São Miguel das Missões, datado de 1994, com registro de nascentes, arroios e mata ciliar.

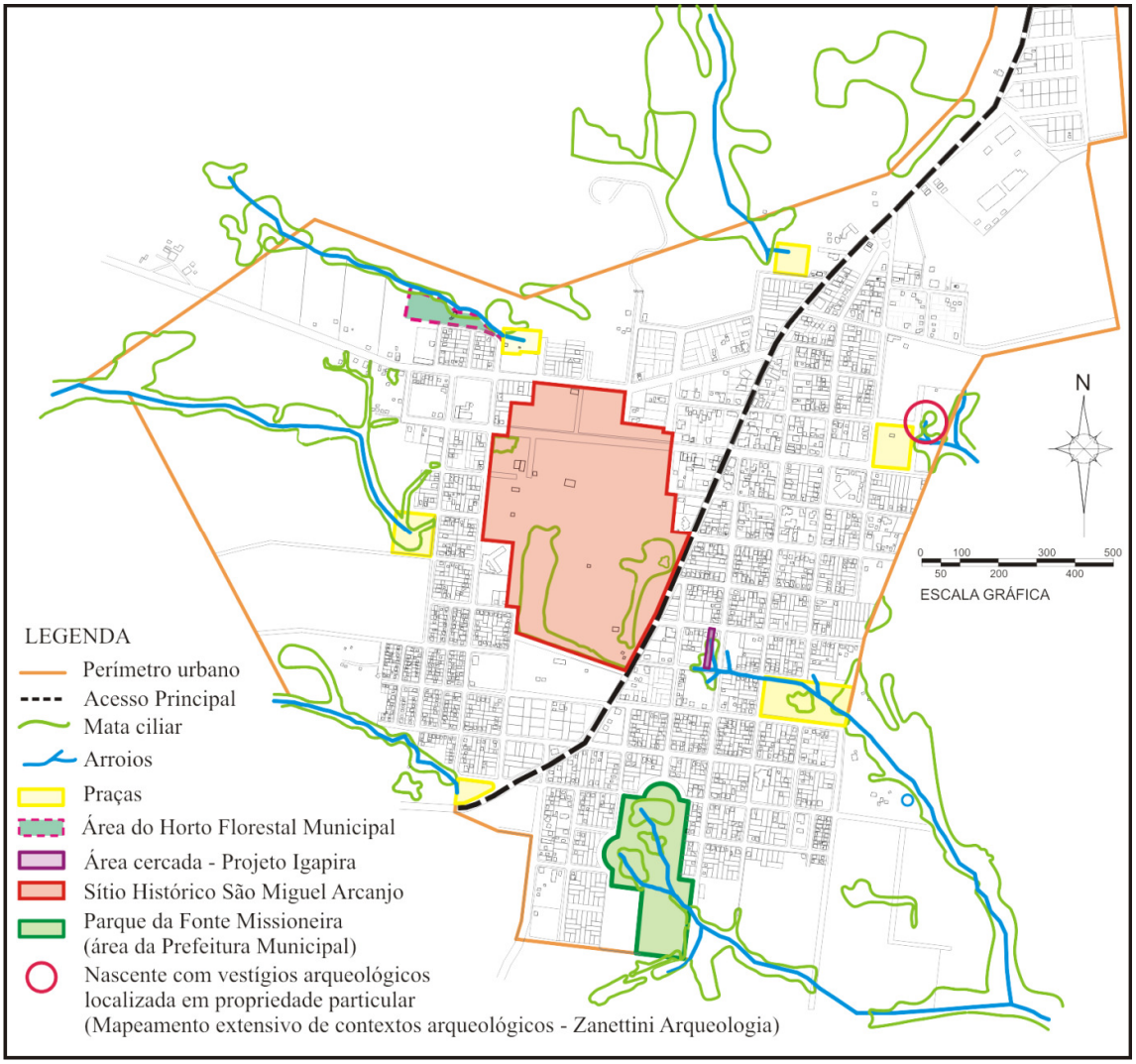


Figura 22. Mapa de Levantamento - Plano Diretor de São Miguel das Missões. Registro das nascentes, arroios e mata ciliar. Fonte: Arquivo digital da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões. Data do desenho: 1994. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

Ainda, no ano de 1994, tendo em vista que o processo de indenização dos moradores do "Plano de Desocupação da Área de Proteção Máxima do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo" não havia apresentado resultados, foi organizada uma reunião com a comunidade miguelina, quando foi formada uma comissão com representantes de moradores locais, da Prefeitura Municipal, da Câmara de Vereadores, da Paróquia, do Clube União, do Núcleo Comunitário Vila da Alegria e do IPHAN/RS, de onde partiu nova proposta de ação

para a desapropriação, a fim de apresentar uma solução definitiva à situação. Entre os anos de 1995 e 1996 realizou-se convênio entre a Prefeitura Municipal de São Miguel e o Ministério da Cultura para a definitiva retirada de edificações e a incorporação de terrenos não edificados ao Sítio. Alguns imóveis públicos, como a Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), a Escola Estadual, o reservatório de água e o prédio da Brigada Militar foram relocados pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul. [54]

A preocupação com a área de proteção do Sítio Histórico sempre foi uma constante nas atividades do IPHAN. Em novembro de 1984, a sua então assessora jurídica, Sonia Rabello de Castro, realizou viagem a São Miguel a fim de estudar a questão fundiária das Missões. Rabello (1984) menciona em seu relatório[55] que a questão fundiária nas Missões já havia sido objeto de viagem anterior de técnico da Assessoria Jurídica do IPHAN e chama a atenção para o loteamento realizado pela Prefeitura na área à frente da parte cercada do sítio, onde já existiam construções de residências. A visita foi acompanhada pelo arqueólogo Arno Alvarez Kern, o qual observou que abaixo da área prevista para ocupação ainda haveria ruínas do povo de São Miguel.

> Logo, o sítio cercado seria, em princípio, menos do que o necessário para a proteção integral das ruínas. Há uma proposta de regulamentação para ocupação da área. No entanto, parece-nos que esta é insuficiente para atender a preservação do próprio sítio arqueológico e histórico, já que **não há aparentemente qualquer certeza técnica sobre a extensão da área do próprio sítio tombado, onde se encontram as ruínas.**
>
> (RABELLO, 1984, grifo nosso)

Hoje, a atual área de proteção do Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo já abrange a área citada (figura 20), demonstrando como foi pautada a crescente ampliação da área de preservação dos remanescentes missioneiros. A citação de Rabello, já no ano de 1984, nos leva a refletir sobre qual seria, de fato, a "**certeza técnica sobre a extensão da área do próprio sítio tombado**", uma vez que hoje, a partir de pesquisas arqueológicas e documentais pode-se afirmar que cada Redução abrangia uma área muito maior que a do núcleo urbano. Assim, o estudo sobre o sistema de captação e abastecimento de água da Redução de São

[54] Comunicado Interno 028/95, de 25 de maio de 1995, de Vladimir F. Stello (Chefe do ET de São Miguel das Missões-IPHAN/RS, na época) para o arqueólogo José Otávio Catafesto de Souza (arqueólogo da 12ª SR/IPHAN, na época). Fonte: Arquivo do IPHAN/RS, Porto Alegre.

[55] SONIA, Rabelo. Relatório de Viagem – Avaliação – Missões – Rio Grande do Sul - 19 a 22-11-1984. Fonte: Arquivo Central do IPHAN – Seção Rio de Janeiro.

Miguel, que evidentemente não se esgota com esta pesquisa, poderá contribuir para uma maior "certeza técnica" sobre a localização dos remanescentes, justificando, inclusive, uma futura proposta para a ampliação da área tombada.

O ano de 2000 foi marcado pela definição dos limites físicos do *Parque da Fonte Missioneira*, tal como se encontra hoje, localizado na área sul do município de São Miguel das Missões e de propriedade municipal. Essa ação determinou, além da modificação do traçado viário de seu entorno, o seu cercamento e a instalação de sinalização, realizada pelo IPHAN, com identificação do local e informações sobre o sistema de captação e abastecimento de água das reduções. A placa abaixo (figura 23) encontra-se na entrada do parque e, como podemos ver, informa que a pesquisa histórica considera o relato oral como fonte de pesquisa, assim como documentos, mapas e desenhos. Atualmente, em parceria com a Prefeitura Municipal, o IPHAN realiza a manutenção da área, através de vistoria para preservação do patrimônio arqueológico e limpeza da vegetação.

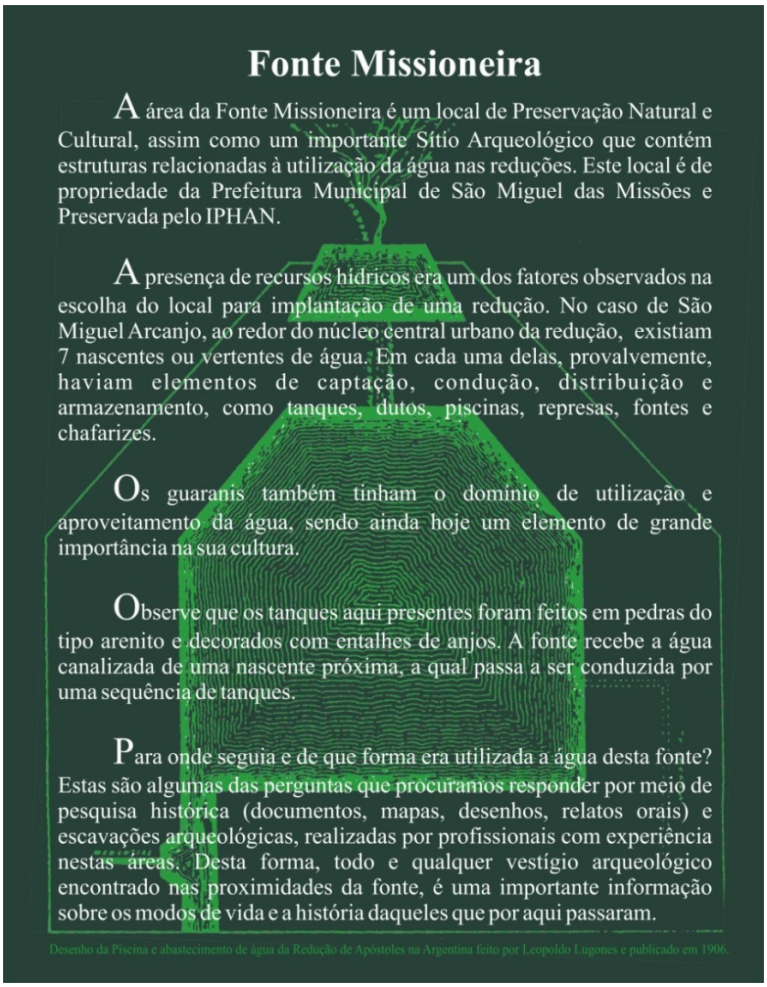


Figura 23. Sinalização do *Parque da Fonte Missioneira*.
Fonte: arquivo digital do PHNM, São Miguel das Missões – RS. Imagem de autoria indefinida.

Entre os anos de 2007 e 2008 foi realizada uma tentativa de ampliação da área de proteção do Sítio Histórico, período em que se considerou a possibilidade de englobar uma das áreas de fonte de água, identificada como fonte nº 5 na figura 56. Vale destacar que, segundo informações transmitidas pelo topógrafo Daniel Mascarin, na época da demarcação do perímetro urbano do município, em 1989, na área da fonte nº 5 (figura 56) existia vestígios arqueológicos de uma fonte, afirmando ser uma estrutura maior e mais bela que as estruturas existentes no *Parque da Fonte Missioneira* (fonte nº1 da figura 56). A intenção de ampliação do sítio protegido presente no contexto inicial de formação do Parque Histórico Nacional das Missões, entretanto, não foi levada adiante.

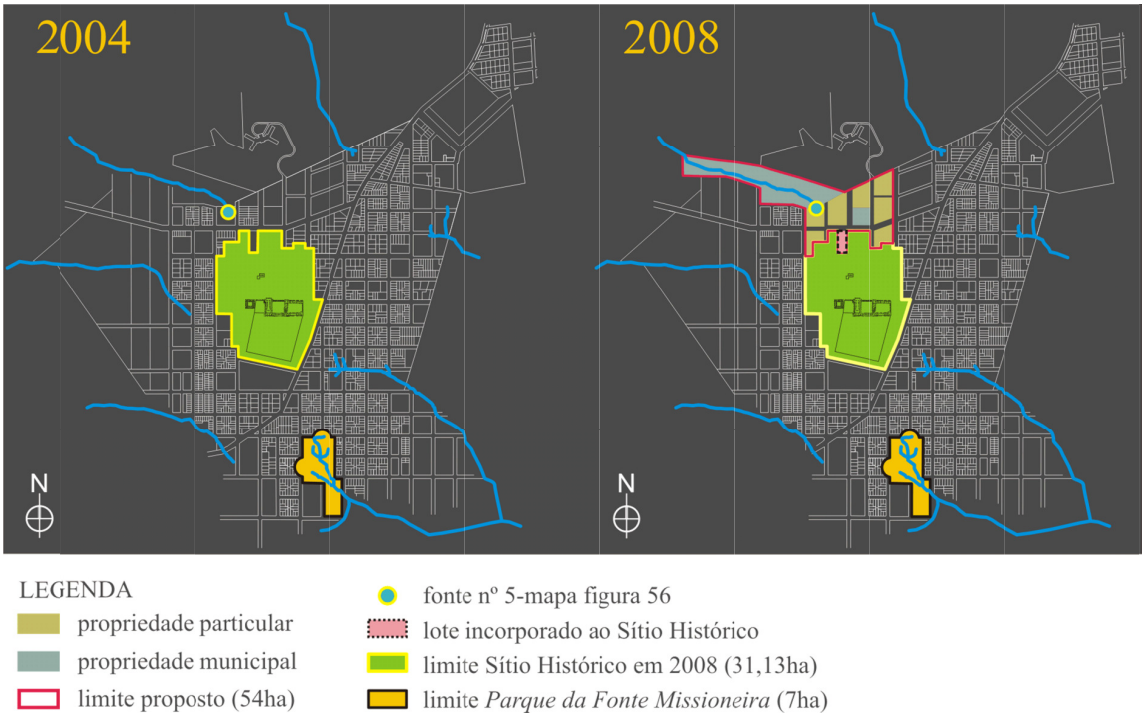


Figura 24. Delimitação do Sítio Histórico nos anos de 2004 e 2008. Fonte: arquivo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. Edição do desenho: Ingrid Arandt.

No ano de 2010 foi incorporado mais um lote à área de proteção do Sítio, mas nos anos seguintes não houve outra alteração, permanecendo o perímetro da área de proteção do Sítio Histórico conforme figura 25, a seguir. No mapa de 2015 (figura 25) estão registradas (na cor amarela) as áreas de praças no entorno do Sítio Histórico, de propriedade municipal.

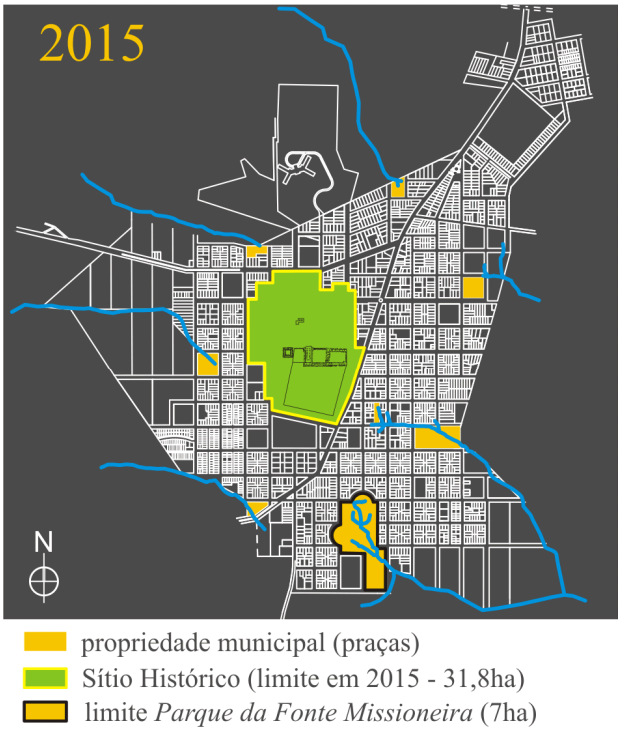


Figura 25. Delimitação do Sítio Histórico no ano de 2015.
Fonte: arquivo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN-RS. Edição do desenho: Ingrid Arandt

A partir dos dados apresentados, pudemos entender como se deu a transformação do traçado urbano da Vila de São Miguel e atual cidade de São Miguel das Missões, e verificar que esse processo sempre foi pautado pela existência de remanescentes da antiga redução de São Miguel. Nos itens a seguir, para avançarmos no entendimento sobre essa transformação, trataremos especificamente do processo de constituição do *Parque da Fonte Missioneira*.

1.2.2 O Parque da Fonte Missioneira

A partir da descoberta, fortuita, da fonte sul da Redução de São Miguel a área passou, progressivamente, a ser objeto de estudos, escavações e prospecções arqueológicas, ações que resultaram na criação do *Parque da Fonte Missioneira*[56]. A concretização da proposta de implantação do *Parque da Fonte Missioneira* passou por um processo de mais de 20 anos de trabalhos, desde a sua evidenciação em 1982[57] até o ano de 2009, data da última atividade de arqueologia realizada no local. Para a nossa pesquisa a documentação existente sobre a área, desde a primeira prospecção realizada na fonte jesuítica até a constituição de Parque Municipal, nos ajuda a melhor conhecer, além da própria fonte, as canalizações de água, os reservatórios para o seu armazenamento (açude e tanque), e outros elementos físicos que indicam as formas de uso daquele espaço, nos períodos reducional e pós-reducional.

Apesar de se ter conhecimento anterior sobre a existência de estruturas em pedra no local, o ano de 1982 se constitui no marco inicial dos trabalhos na área, devido à primeira prospecção arqueológica realizada por solicitação do IPHAN. Segundo o Relatório da arqueóloga Cristina c. da Costa e Sá (1982)[58], responsável técnica por essa primeira prospecção, os depoimentos de pessoas da comunidade local são importante fonte de comprovação de que a área do atual *Parque da Fonte Missioneira* já era conhecida antes da década de 1980, tendo sido referida muitas vezes como "piscina de dezenas de metros de

[56] A denominação *Parque da Fonte Missioneira* surgiu a partir das discussões e dos trabalhos desenvolvidos nesta área desde a década de 1980. Segundo o arqueólogo do IPHAN/RS, Tobias V. de Moraes, em entrevista concedida a autora em 28/09/2014, a denominação de Parque estaria ligada a um processo de construção da memória daquela comunidade. Segundo o arquiteto do IPHAN Vladimir Stello, atualmente servidor no Escritório Técnico do município de Laguna (SC) e ex-chefe do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS, o nome *Parque da Fonte Missioneira* se deve ao fato de que "no local existe uma das fontes construídas na época das reduções jesuíticas dos *Guarani*." (Entrevista concedida a autora em 02/10/2014 via correio eletrônico). Nesta pesquisa utilizaremos *Parque da Fonte Missioneira* em itálico, para indicar que o nome foi criado pela municipalidade em conjunto com técnicos do IPHAN e que se trata do nome dado à área cercada e de propriedade da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões. Nos arquivos da Prefeitura Municipal não encontramos nenhuma legislação de criação desse parque.

[57] A "descoberta" da fonte jesuítica ocorreu quando a Prefeitura de Santo Ângelo fazia trabalhos de limpeza na área com o objetivo de adequar o local para a festa de aniversário de 300 anos de São Miguel. Segundo depoimento do senhor Nery Bedates, o prefeito de Santo Ângelo havia solicitado a ele e ao subprefeito da época, o senhor Neri Castanho, que encontrasse uma área para realizar a festa: "A nossa função ali era achar um lugar para fazer uma festa de aniversário de 300 anos de São Miguel! Então a gente levou para ele a informação e ele veio ali reconhecer, trouxe os engenheiros dele, fizeram a pesquisa e com aquilo eles descobriram os anjinhos!" (Depoimento prestado à pesquisadora em 22/07/2015).

[58] SÁ, Cristina C. da Costa e. Relatório de Prospecção Arqueológica realizada em São Miguel-RS, de 9 a 12 de março de 1982. Rio de Janeiro: S.C.E., 1982. Relatório Técnico. Arquivo do IPHAN: ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

diâmetro"[59]. O depoimento[60] do Sr. Nery Bedates nos dá indicações de como a área era conhecida e utilizada pela população local:

> Eu conhecia *não a fonte!* Eu conhecia uma barragem, *um açude*.... uma parte que tinha água, ainda. O resto já estava enterrado. Já não estava *o tamanho* dele. [...] Eu fiz *cavalo nadar* lá naquele *lago*, quando eu era novo. Em lidas de campo nós lavávamos os cavalos lá naquele lago.

A primeira prospecção arqueológica realizada na área do atual *Parque da Fonte Missioneira*, no período de 9 a 12 de março de 1982, tinha três objetivos específicos, conforme Relatório de Prospecção Arqueológica da arqueóloga Cristina Sá (1982): determinar a procedência dos vestígios encontrados, avaliar a necessidade de pesquisa arqueológica e elaborar diretrizes para a pesquisa arqueológica no sítio.

Segundo a arqueóloga, em reunião com o Diretor Regional do IPHAN, Dr. Júlio de Curtis, no dia 5 de março de 1982: "fui informada pelo mesmo de que o IPHAN já tinha conhecimento há alguns anos da existência de restos e que se tratava provavelmente de um chafariz." [61]

No mesmo relatório a arqueóloga menciona:

> Segundo moradores de São Miguel, a existência desses restos, que distam cerca de um quilômetro da igreja da Missão, já seria conhecida desde 1939; em 1968, por ordem do SPHAN, foram retiradas várias pedras do local, e colocadas no pátio do colégio da Missão, lá se encontrando ainda; segundo o Secretário de Turismo de Santo Ângelo, Sr. Mario Simon, desde 1976 a Prefeitura e Santo Ângelo tinha intenção de evidenciar esses restos.
>
> (SÁ, 1982:3)

[59] Segundo a informação do Relatório da arqueóloga Cristina Sá, essa referência foi encontrada em notícias de jornais da época e, também, foi dada por funcionários da Prefeitura de Santo Ângelo, quando São Miguel ainda era distrito desse município (SÁ, 1982:1).

[60] Depoimento do senhor Nery Bedates prestado à pesquisadora em 22/07/2015. A transcrição da entrevista se encontra nos arquivos do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS e a Ficha Técnica da Entrevista consta no Anexo 2 desta pesquisa.

[61] A arqueóloga Cristina Sá define a estrutura encontrada como sendo um *chafariz*, quando, na verdade, após as escavações realizadas no local, já se pode afirmar que se trata de uma fonte do período missioneiro, integrante do complexo sistema hídrico estabelecido pelos padres jesuítas e índios reduzidos.

As imagens a seguir, constam do Relatório da arqueóloga Cristina Sá, e registram como a fonte sul foi encontrada depois das escavações realizadas pela Prefeitura de Santo Ângelo na época.



Figura 26. Imagem da fonte logo após a descoberta pela prefeitura. Foto: Cristina Sá.
Fonte: Arquivo IPHAN/RS.

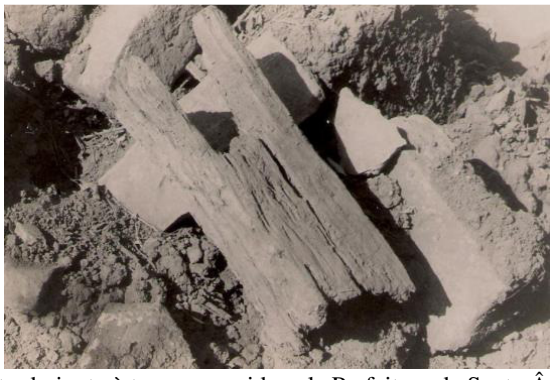


Figura 27. Material encontrado junto à terra removida pela Prefeitura de Santo Ângelo e identificadas como sendo parte da estrutura da fonte sul da Redução de São Miguel, na prospecção de 1982. Foto: Cristina Sá.



Figura 28. Imagem da Bacia da Fonte em 1982, após descoberta. Foto: Cristina Sá.

A arqueóloga afirmou, ainda, que alguns vestígios arqueológicos já se encontravam expostos devido aos trabalhos realizados pela Prefeitura[62], mas sem nenhuma orientação especializada, prejudicando bastante a área. Na figura 28 observa-se que logo após a remoção de terra da área da fonte foi reestabelecida a sua função original, já que a nascente de água não estava seca. No local, também foi encontrada grande quantidade de cacos de telha e madeira trabalhada, material que fora descartado, juntamente com a terra escavada durante aqueles trabalhos. O achado dos vestígios da fonte teria sido comunicado ao IPHAN e à Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul pela Prefeitura de Santo Ângelo, e esta Secretaria teria se comprometido a enviar um arqueólogo para avaliação da situação (SÁ, 1982:6). Cristina Sá chamou a atenção para a importância de ser realizada pesquisa arqueológica que abrangesse uma área maior do que o núcleo urbano do povoado:

> Os restos do chafariz próximo à área central da Missão de São Miguel não podem ser considerados isoladamente: **não é apenas esse chafariz que deve ser objeto de uma pesquisa arqueológica, mas toda a área da Missão, não apenas a área central compreendendo a Igreja, colégio, casas comunais [...] mas as áreas vizinhas [...] tais como uma provável olaria onde o Secretário de Turismo de Santo Ângelo, Sr. Mario Simon, coletou vários tijolos decorados.**
>
> (SÁ, 1982:16, grifo nosso)

As figuras 29 e 30, nas páginas seguintes, são reproduções do registro em croqui apresentados no relatório da arqueóloga na época, com planta baixa, corte e elevação.

[62] Segundo Fernando Machado Leal, no início do ano de 1982, a Prefeitura de Santo Ângelo realizou movimentação de terra na área (Comunicado Interno DTC/SPHAN n°291, 15/05/1985).

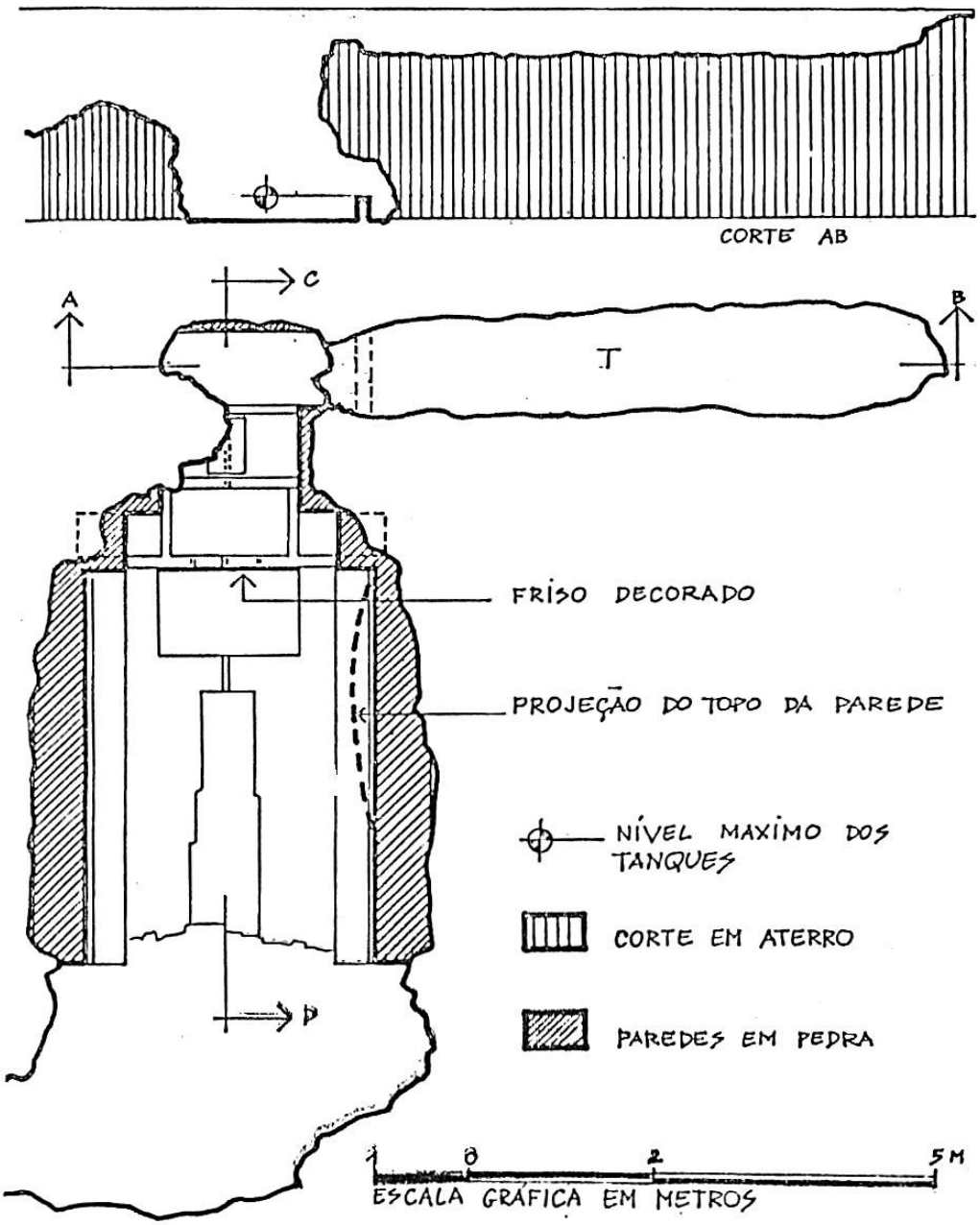


Figura 29. Croqui de planta baixa da fonte. Desenho: autor não identificado.
Fonte: Arquivo IPHAN/RS.

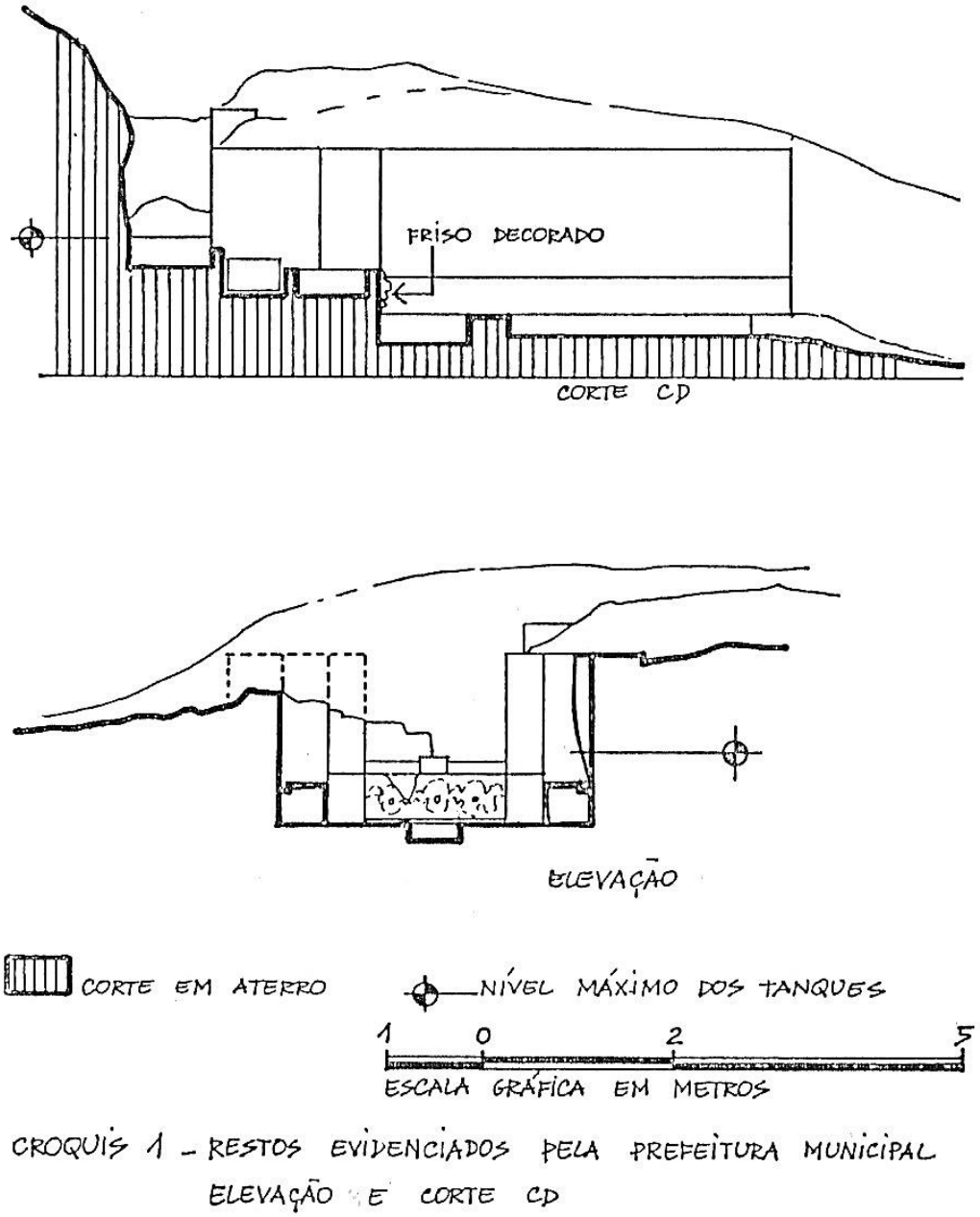


Figura 30. Croqui de corte e elevação da fonte. Desenho: autor não identificado. Fonte: Arquivo IPHAN/RS.

No ano de 1985, após ter realizado visita a São Miguel, a mesma arqueóloga comunicou formalmente[63] ao Núcleo de Arqueologia da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Fundação Nacional Pró-Memória (SPHAN-próMemória)[64] que a área da fonte ainda não havia sido cercada e os "restos do chafariz", onde havia realizado prospecção no ano de 1982, estavam danificados- a bacia da fonte tinha sido deslocada e a trincheira aberta para prospecção estava em parte soterrada[65].

Em maio do mesmo ano, a pedido do arquiteto Cyro Corrêa Lyra, da Diretoria de Tombamento e Conservação (DTC) da IPHAN, o arquiteto Fernando Machado Leal analisou as considerações da arqueóloga tendo indicado[66], a necessidade de previsão de despesa para a estabilização do chafariz.[67] Leal sugere ter conhecimento das depredações ocorridas no chafariz, tendo apontado que, devido à distância e às condições de localização da fonte, seria difícil fiscalizá-la. No mesmo documento, Leal fez referência a um depoimento de morador local sobre o conhecimento do sítio:

> Segundo informações do Sr. Carlos Machado, transmitidas ao Arq. Odair, o Sr. Hugo Machado, já falecido, antigo zelador do museu e pai do Sr. Carlos, teria dito que por volta de 1940 pensou-se em escavar naquela área tendo havido, tão somente, simples desmatamento.
>
> (Comunicado Interno DTC/SPHAN n°291, 15/05/1985)

[63] O referido documento é um comunicado com protocolo IPHAN nº30/85, de Cristina Sá para Regina Pinheiro, em 25 de abril de 1985. Fonte: arquivo do PHNM, São Miguel das Missões.

[64] Desde sua criação em 1937, o IPHAN recebeu diversas denominações. No ano de 1985 a instituição federal de preservação do patrimônio histórico e artístico era denominada SPHAN-pró-Memória, reunindo a SPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), na condição de órgão normativo, e a FNPM (Fundação Nacional Pró-Memória), como órgão executivo.

[65] Segundo LEAL (1985), no ano de 1984, houve depredações na área, quando "caçadores de tesouro" realizaram algumas escavações e acabaram deslocando a bacia da fonte. Leal também menciona que, no mesmo ano, turistas derrubaram algumas pedras.

[66] Comunicado Interno de Protocolo DTC/SPHAN n°291 datado de 15 de maio de 1985. Assunto: Chafariz de São Miguel, RS. Fonte: arquivo do PHNM, São Miguel das Missões.

[67] No mesmo memorando, LEAL (1985) menciona que realizou visita ao "chafariz" em Julho/Agosto de 1984, acompanhado dos Arq. Augusto C. da Silva Telles, Engª Sílvia Puccioni e Arq. Odair C. de Almeida, salientando que, naquela ocasião, devido às intervenções nas ruínas da Igreja, *"cujas obras demandavam cuidados especiais e atenção rigorosa"*, não era possível deslocar operários para o trabalho no "chafariz".

Outro dado importante desse comunicado é a hipótese, levantada por Leal, sobre a possível existência de um sistema de captação e abastecimento de água da Redução de São Miguel:

> **É bem possível que o chafariz faça parte de um conjunto de tanques**, à semelhança do que se observa em São Lourenço. Mas esta hipótese, como outras indagações que existem acerca de S. Miguel, só poderá ser ajuizada mediante **trabalho intenso de arqueologia** que, no meu entender, deve ser feito juntamente com os trabalhos de consolidação das ruínas. Desta forma, os dois tipos de trabalho serão beneficiados pela cooperação entre técnicos de áreas afins.
>
> (Comunicado Interno DTC/SPHAN n°291, 15/05/1985, grifo nosso)

No período de 1985 a 1987, segundo Vladimir Fernando Stello[68], não ocorreram obras na área e somente em 1987 foi feito o cercamento de pequena área no entorno da fonte, com a finalidade de proteger o local de depredações. Em abril de 1989 se realizou o plantio de mudas de taquara junto à cerca da fonte para impedir a erosão do terreno.

O ano de 1993 marcou o início das obras de recuperação e consolidação da fonte, realizadas pelo ET São Miguel das Missões, do IPHAN/RS. Os trabalhos foram iniciados com o Levantamento Arquitetônico (figura 33), seguido das obras de consolidação e recuperação[69]. As figuras 31 e 32 mostram o início dos trabalhos de consolidação da fonte no atual *Parque da Fonte Missioneira*.

[68] Entrevista concedida à autora em 10/10/2014 via correio eletrônico.

[69] Todas as informações e fotografias das obras de consolidação da Fonte, durante o ano de 1993, são encontradas nos Relatórios das Obras de Estabilização das Ruínas e Valorização do Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo. Arquivo do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.



Figura 31. Obras de consolidação da fonte em 1993. Foto: Vladimir Stello. Fonte: Arquivo do ET Missões-IPHAN/RS.



Figura 32. Obras de consolidação da fonte em 1993. Foto: Vladimir Stello. Fonte: Arquivo do ET Missões-IPHAN/RS.

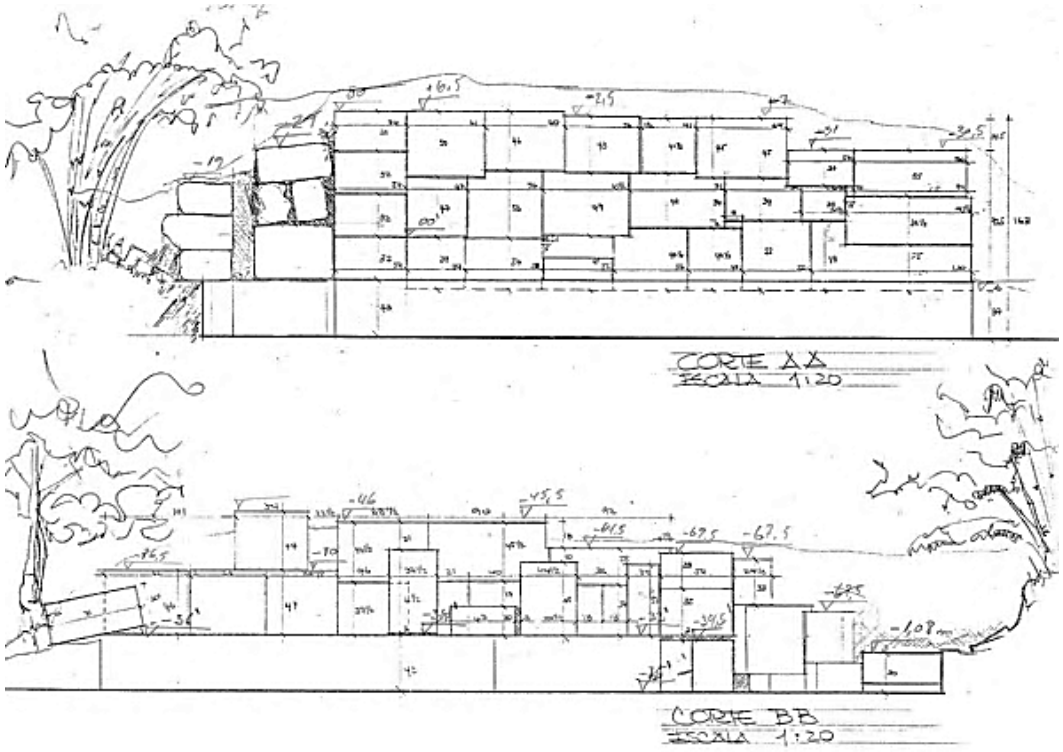


Figura 33. Croquis de levantamento. Desenhos: Arq. Maria Matilde V. J. Fonte: Arquivo do ET Missões - IPHAN/RS.

A escavação no atual *Parque da Fonte Missioneira*, realizada em fevereiro de 1993, com o objetivo de dar suporte ao trabalho de consolidação e restauração arquitetônica das estruturas de pedras evidenciadas em 1982, confirmou a existência de um "duto de água". Segundo José Otávio Catafesto de Souza (1993), em seu Diário de Campo da escavação, após a sondagem realizada em área próxima da saída do duto junto à fonte, foi encontrada

canalização ainda com água corrente. Também foram encontrados arenitos estreitos e planos: “sugerindo terem sido usados para fechar a parte superior do duto” (SOUZA, 1993:7). O registro da pesquisa arqueológica, coordenada pelo arqueólogo José Otávio Catafesto de Souza, contém uma série de considerações em relação ao duto:

> O duto foi feito com uma leve inflexão, sugerindo que a vertente canalizada provavelmente seria uma das que existe ainda no banhado que está situado a Leste/Sudeste da fonte [...] (segundo o pessoal local, o duto viria de centenas de metros distante, de outro olho d’água que hoje já foi urbanizado); a vertente que abastece o duto provavelmente nasce na área que já foi destinada para praça, criando menos problemas quanto à preservação. Hoje, essa antiga vertente já não corre mais por dentro da canalização.
>
> (SOUZA, 1993:7-8)

> O duto é composto de basicamente duas paredes de pedra, sem fundo, e com a parte superior recoberta por pedras acumuladas a fim de evitar o soterramento; a partir de certo ponto, a distância entre as duas paredes se distancia, indicando que o duto se afunilava a fim de servir como uma espécie de sistema para aumentar a pressão da água que cai na fonte.
>
> (SOUZA, 1993:8)

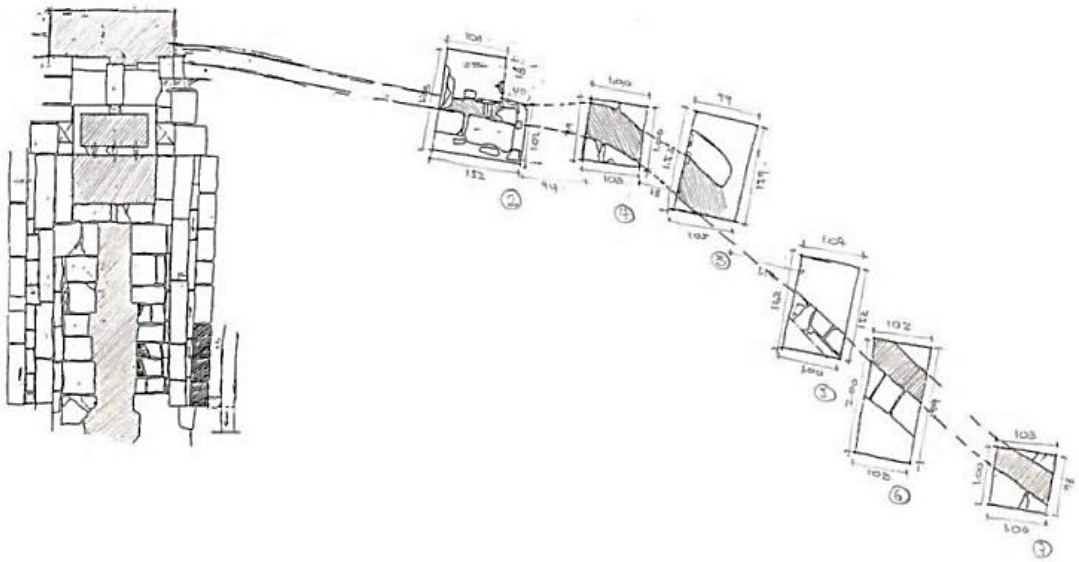


Figura 34. Croqui registrando a canalização de água após as sondagens realizadas na fonte sudeste de São Miguel. Desenho: Arq. Matilde V. J. Data: 1993. Fonte: Arquivo do ET Missões-IPHAN/RS.

O mesmo arqueólogo, responsável pela escavação, observou quanto à vertente que abastece esse duto:

> O olho d'água que abastece hoje a fonte não vem da canalização de um ponto mais distante, mas 'brota' pela parede lateral desse duto [...] Esse olho d'água vem da parte superior da coxilha, indicando que o lençol freático que abastece a fonte é localizado próximo, e que a canalização da antiga vertente está hoje interrompida.
>
> (SOUZA, 1993:8-9)

Na imagem a seguir (figura 35) as linhas vermelhas indicam as paredes do duto e a seta amarela indica o caminho da drenagem, espaço provavelmente preenchido com cacos de arenito, conforme já indicado na escavação do duto atrás da Igreja de São Miguel (figuras 6 e 7).

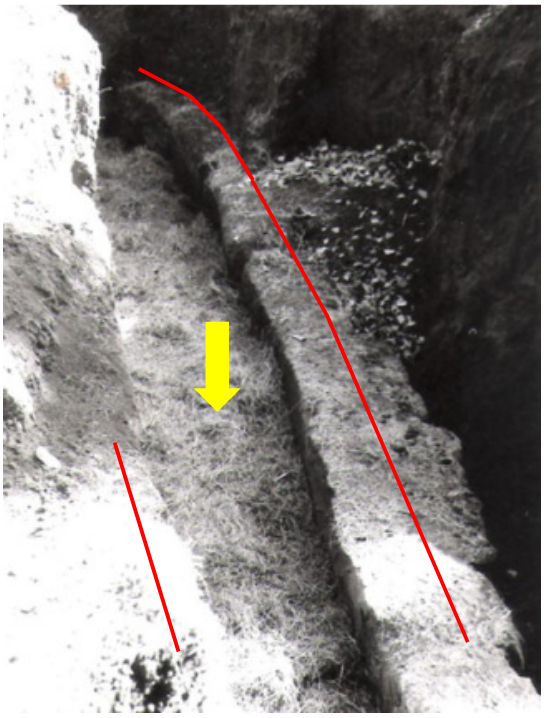


Figura 35. Duto de canalização de água evidenciado na escavação arqueológica de 1993. Foto: Vladimir Stello.
Fonte: Arquivo do ET Missões - IPHAN/RS.
Foto original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores: Ingrid Arandt

No ano de 1995, devido a intervenções irregulares na área[70], foi realizado estudo que resultou no *Laudo Ambiental e Estudos Arqueológicos referentes à área destinada à implantação do "Parque Arqueológico da Fonte Missioneira"*, contratado pelo IPHAN/RS. O estudo apresentava três objetivos principais: 1º) fornecer dados ambientais e arqueológicos para criação de uma Unidade de Conservação; 2º) impedir a instalação de um loteamento sem a devida aprovação pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental Henrique Luiz Roessler (FEPAM) [71]; e 3º) regularizar a área do "lixão municipal", devido à autuação[72] do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) [73]. O laudo faz menção à Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural da UNESCO[74], assinalando que a proposta de criação do Parque atendia às recomendações estabelecidas na mesma, tendo como objetivo principal a preservação da "paisagem cultural" e das "áreas verdes" (SCHMIDT, 1995:3). Além da Convenção, o mesmo documento faz referência a uma série de normas legais pertinentes ao caso: Lei 3.924[75], Art. 23 da Constituição Federal[76], Lei 6.766[77] e Lei 4.771[78], deixando clara a responsabilidade do

---

[70] Segundo o arquiteto Vladimir Stello: "Em 1995, a partir de uma denúncia do IPHAN junto ao Ministério Público Federal, em função de um loteamento que estava sendo proposto no entorno da fonte, iniciou-se um processo de ampliação da área de proteção da Fonte e para a criação do Parque que abrangeria não apenas a fonte, mas as nascentes do seu entorno." (Entrevista concedida à autora em 10/10/2014 via correio eletrônico).

[71] FEPAM é a instituição responsável pelo licenciamento ambiental no estado do Rio Grande do Sul. (Disponível em: www.fepam.rs.gov.br. Acesso em: 10/12/2015).

[72] Parte da área do atual *Parque da Fonte Missioneira* era utilizada pela Prefeitura de São Miguel das Missões como depósito irregular de lixo doméstico da cidade, contudo, a mesma área não possuía as condições exigidas pela legislação ambiental vigente na época para tal atividade. Além disso, no local existem nascentes de água cuja preservação está prevista no Código Florestal Federal.

[73] IBAMA é uma autarquia federal dotada de personalidade jurídica de direito público, autonomia administrativa e financeira, vinculada ao Ministério do Meio Ambiente. Suas principais atribuições são: exercer o poder de polícia ambiental, executar ações das políticas nacionais de meio ambiente - licenciamento ambiental, controle da qualidade ambiental, autorização de uso dos recursos naturais e fiscalização/monitoramento e controle ambiental. (Disponível em: www.ibama.gov.br/acesso-a-informacao/atribuicoes. Acesso em: 20/12/2015).

[74] A Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, de 17 de outubro a 21 de novembro de 1972, estabeleceu a *Recomendação de Paris - Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural*, documento que estabelece as definições para patrimônio cultural e natural e apresenta recomendações aos Estados partes para identificar, proteger, conservar, valorizar e transmitir às futuras gerações o patrimônio cultural e natural.

[75] A Lei Nº 3.924, de 26 de julho de 1961, dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

[76] O Art. 23 da Constituição Federal de 1988, especificamente o inciso III - *proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos*.

[77] A Lei 6.766, de 19 de dezembro de 1979, dispõe sobre o Parcelamento do Solo Urbano e dá outras Providências.

IPHAN quanto à área da Fonte Missioneira, por ser um Sítio Arqueológico. Definiu ainda que:

> A quadra nº 102, também de propriedade do município, está sendo anexada a Praça Bernadino Theodoro Schmitt, **única sob a jurisdição do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN/12ªCR), registrada como Sítio Arqueológico, onde estão localizados os remanescentes da Fonte Missioneira**, **restaurada em 1993, e a piscina de pedras que formam o Parque Arqueológico**, segundo croqui em anexo. As quadras de nº 94 e 96 encontram-se em estudos para se anexar à área do parque.
>
> (SCHMITT, 1995:06, grifo nosso)

A seguir, a figura 36 mostra o mapa da área de avaliação considerada no *Laudo Ambiental e Estudos Arqueológicos referentes à área destinada à implantação do Parque Arqueológico da Fonte Missioneira*, onde são destacados os elementos mencionados nesse documento. Note-se que a área sugerida pelo Laudo para ser transformada em Parque, denominada na legenda do documento de "Parque Arqueológico", possuía uma área maior que o atual *Parque da Fonte Missioneira*.

[78] A Lei 4.771, de 15 de setembro de 1965, institui o Código Florestal Federal, atualmente revogado pela Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012 que institui o Novo Código Florestal Federal.

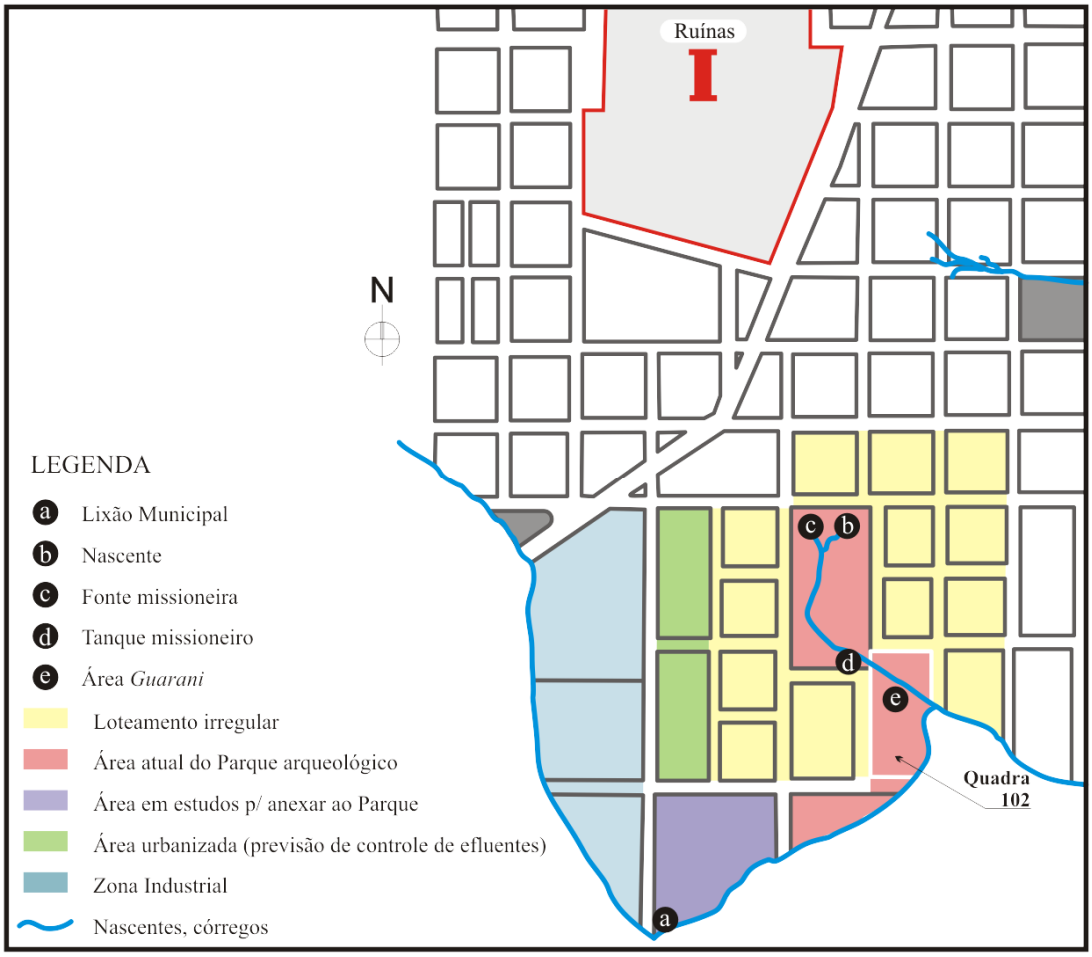


Figura 36. Desenho baseado no mapa anexo ao Laudo Ambiental. Fonte: Arquivo IPHAN/RS. Mapa original em preto e branco. Edição da imagem com cores: Ingrid Arandt.

A partir da anexação da quadra 102 à Praça deu-se início ao projeto "*Parque Arqueológico da Fonte Missioneira: Uma Proposta de Valorização do Ambiente Cultural Guarani*", devido à presença dos *Guarani* nessa quadra, desenvolvido pela Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões. A presença dos *Guarani-Mbyá* em São Miguel das Missões antecede à criação do Parque e, segundo o *Dossiê de Registro da Tava – Lugar de Referência para os Guarani* (2014), na década de 1940 havia uma aldeia na mata São Lourenço, localizada na área oeste do município de São Miguel das Missões. A aldeia mencionada no laudo, foi formada na década de 1990, quando os *Guarani-Mbyá* se instalaram em uma área remanescente de mata, na quadra 102 (figura 37), próximo à Fonte Missioneira. Um número de 16 indígenas, provindos da Argentina e tendo sido expulsos pela prefeitura de Tupanciretã, somados a outros 34 indígenas que haviam acampado próximo ao trevo de

acesso à Santa Rosa, formaram a nova aldeia, permanecendo no local por dois anos em situação precária.[79]

Em 1998, membros da comunidade local se organizam e formam a ONG[80] *Teko'á*, desenvolvendo o Projeto *Teko'á* – Valorização dos remanescentes Missioneiros – Natureza e Cultura, como forma de criar novas possibilidades para a implementação do Parque. A ONG previa uma série de objetivos que ultrapassavam em grande medida as ações da prefeitura que limitou-se, basicamente, à anexação da quadra 102 à área da praça, ao realinhamento do traçado urbano em função da existência de nascentes (Área de Preservação Permanente/APP) e ao cercamento da área. O projeto da ONG previa uma série de ações e, além da área demarcada pela prefeitura (7,6Ha), pretendia criar um parque de 24Ha e, com isso, realizar a recuperação da mata ciliar e a proteção das nascentes; além disso, previa um projeto paisagístico; a valorização da cultura *Guarani-Mbyá*, com o aumento de áreas de cultivo e criação de bosques de frutíferas nativas para a população indígena, e a implantação de um programa de Educação Ambiental e Patrimonial.[81] Ainda, no final do ano 1998, a partir do projeto *Teko'a*, a ONG elaborou o projeto *Igapira*, com o objetivo de recuperar e proteger sete Áreas de Preservação Permanente nos locais das nascentes existentes no perímetro urbano de São Miguel das Missões. O projeto estava dividido em quatro etapas: 1ª) sensibilização ambiental, com o intuito de envolver a comunidade local; 2ª) agenciamento e a desocupação das áreas de nascentes e a delimitação fisica das mesmas; 3ª) recuperação e conservação so Patrimônio Cultural e Ambiental, através de projetos de arqueologia, restauração e consolidação arquitetônica das estruturas existentes nas nascentes e recuperação da mata ciliar e 4ª) criação de um viveiro para reposição florestal.

Segundo o técnico florestal Herculano de Medeiros Neto, atual funcionário da Prefeitura de São Miguel das Missões, referindo-se ao Projeto *Igapira*:

> Como a gente começou a ver que era um projeto muito grande, que faltava estrutura para conduzirmos esses projetos, resolvemos então tirar pequenas partes. Na época,

[79] Dossiê de Registro da *Tava* - IPHAN/RS, 2014. Fonte: Arquivo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

[80] A ONG *Teko'á* se formou a partir da iniciativa de pessoas da comunidade local, na sua maioria profissionais ligados aos órgãos públicos como a Prefeitura de São Miguel das Missões e o IPHAN. O engenheiro Florestal Luiz Cláudio Silva, diretor do Museu das Missões na época, juntamente com o topógrafo da Prefeitura, Daniel Mascarin, a Engenheira Florestal Denise Vargas Superti, o arquiteto Vladimir Stello, do IPHAN/RS e a arquiteta Matilde Villegas Jaramillo.

[81] Nesse projeto a ONG também previa a aquisição de uma área de 600 Ha, onde 95% correspondiam a uma floresta contínua conservada, conhecida na Argentina como Floresta Missioneira, que, segundo o projeto, constitui um tipo florestal ainda não contemplado como Unidade de Conservação no Rio Grande do Sul. A ideia era justamente criar uma Unidade de Conservação, mas isso não aconteceu.

> então, nós tiramos duas nascentes, nos inscrevemos num projeto do Ministério da Justiça (...) E ai, ganhamos cem mil reais (...) Esses cem mil reais previam a proteção e o trabalho paisagístico de duas dessas nascentes. O projeto também previa um trabalho com grupos escolares e grupos de terceira idade. Tentamos, no primeiro ano, o pessoal do grupo escolar, não tivemos um grande retorno. No segundo ano, fomos para o pessoal da terceira idade e aí que o projeto realmente fluiu! Então tivemos a participação de todo o pessoal de dois grupos de terceira idade, que nos ajudaram a desenvolver o projeto paisagístico dessas fontes.
>
> (Ficha Técnica da Entrevista 2 – Anexo II)

No ano de 2000, a área da fonte foi demarcada como Área de Preservação Permanente (APP)[82], conforme previa o Código Florestal Federal na época, com a finalidade de proteção de vertentes e cursos d'água existentes no local (figura 37).

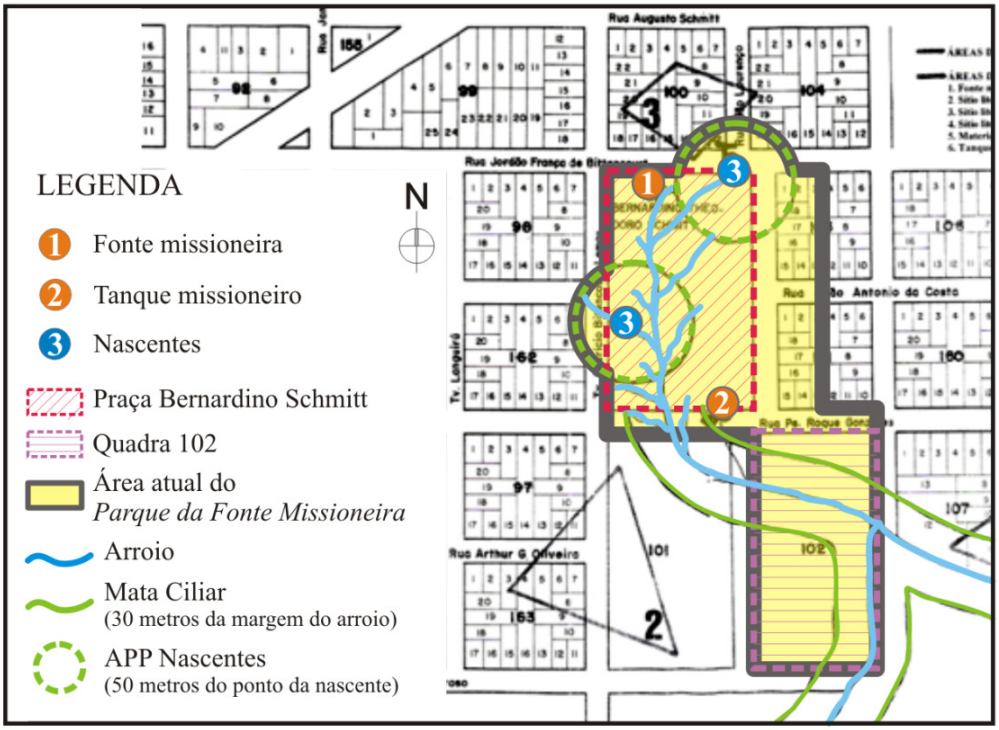


Figura 37. Mapa de demarcação da área da fonte. Fonte: Arquivos do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

Em 2006, parecer técnico[83] do setor de arqueologia do IPHAN/RS informava sobre a existência de um tanque de água e de material disperso em toda a área da fonte, que

[82] Segundo Vladimir Stello: "Por determinação da justiça, mais em função do patrimônio natural do que do cultural, houve novos desvios das ruas adjacentes a fim de cumprir com a legislação ambiental vigente. A prefeitura Municipal realizou um novo cercamento da área, agora nos limites estabelecidos pelo IPHAN/Justiça Federal, com instalação de portão e o IPHAN instalou placas de identificação do local." (Entrevista concedida à autora em 10/10/2014 via correio eletrônico).

encontrava-se com densa vegetação. O tanque estava assoreado e algumas árvores, crescidas sobre sua estrutura, o estavam danificando. O parecer faz outras considerações, lembrando que "o sistema de condução de águas" das reduções "estava totalmente integrado aos recursos naturais que o conformavam". Abaixo, imagem registrando a situação descrita:



Figura 38. Tanque antes da intervenção de 2009. Fonte: arquivo digital do PHNM, São Miguel das Missões.

Além de indicar a necessidade de desassoreamento do local, de um trabalho arqueológico extensivo e de um projeto paisagístico que considerasse a vegetação nativa, o parecer fazia menção à importância de os moradores locais serem ouvidos para se recolher informações que pudessem subsidiar os trabalhos arqueológicos na área:

> **Outra questão a ser considerada é o testemunho atual dos moradores mais antigos** do município de São Miguel das Missões, **que reforçam a existência de uma piscina lajeada e circundada por pedras e uma barragem também de pedra**. Tais relatos orais não devem ser deixados de lado em qualquer interpretação sobre a antiga configuração espacial do local, visto que podem contribuir para a orientação dos trabalhos arqueológicos.
>
> (Informação Técnica nº172/06 - IPHAN/RS, grifo nosso)

Em 2007, após 14 anos desde a última intervenção na fonte, foi elaborado o Projeto de Prospecções Arqueológicas na área do "Parque da Fonte"[84]. O projeto previa a limpeza do terreno para reconhecimento do local e prospecções arqueológicas com o objetivo de subsidiar a elaboração de um programa de escavações aqueológicas para o Parque.

---

[83] Informação Técnica nº172/06, IPHAN/RS. Fonte: Arquivo digital do PHNM, São Miguel das Missões.

[84] O projeto e as escavações foram realizados sob a coordenação da arqueóloga Vera L. T. Thaddeu, contratada pelo IPHAN/RS.

Em 2008, as atividades arqueológicas no Parque da Fonte foram retomadas, então com um programa arqueológico de maior escala, denominado *Programa Fonte Missioneira – Recursos hídricos nas Missões*[85]. O Relatório Final[86] desse programa apresenta questões importantes sobre sistema de abastecimento de água da Redução de São Miguel, propondo uma série de resultados e hipóteses a serem investigadas. Esse estudo apontava que o trabalho de arqueologia do Parque da Fonte não deveria ser isolado, mas, sim, "dentro de uma perspectiva mais ampla, uma arqueologia da água e sua manipulação no âmbito das missões" (ZANETTINI, 2009:11). Em relação ao sistema de captação e abastecimento de água da redução, o relatório trouxe para a nossa pesquisa uma importante consideração quanto à ideia de conjunto das estruturas físicas:

> Evidentemente a água era necessária para a manutenção física das pessoas, mas há outra dimensão dela como matéria prima e fonte de energia para sustentar uma série de outras atividades no contexto missioneiro, o que vai povoar de construções e edificações esse espaço. **E levando-se em conta que o ambiente natural dessa região é suscetível a longos períodos de seca e que as principais fontes de água estão concentradas em fundos de vale, pode-se deduzir que esses equipamentos hídricos/hidráulicos estariam concentrados em conjuntos harmoniosos, planejados de uma vez, executados possivelmente em etapas e mantidos de acordo com as possibilidades e necessidades. Assim, a Fonte seria apenas mais um componente do sistema.**
>
> (ZANETTINI, 2009:11, grifo nosso)

Essa é a perspectiva em que esta nossa pesquisa se enquadra, isto é a de entender a utilização das sete nascentes como um sistema integrado e planejado para abastecer, inicialmente, toda a população da Redução e, posteriormente, para abastecer a população do período pós-reducional que ali se instala[87]. Os dados apresentados no relatório evidenciam tal fato, na medida em que registram as estruturas de parte desse sistema e indicam possíveis estruturas existentes em outras nascentes (figura 48). O registro dessas estruturas e o indício de outras é a base principal para podermos indicar possíveis estruturas das outras nascentes,

---

[85] Este Programa de escavações e pesquisas foi contratado pelo IPHAN/RS e desenvolvido pela empresa Zanettini Arqueologia.

[86] Na introdução do Relatório Final é mencionado que a área da Fonte já havia sofrido intervenção nas décadas de 1930 e 1960. No entanto, durante o levantamento de dados, não encontramos documentos que pudessem confirmar a informação. O relatório não indica a fonte da informação.

[87] Os relatos orais coletados para a presente pesquisa deixam clara a situação da Vila de São Miguel quanto ao abastecimento de água e de que forma essas fontes eram utilizadas por essa população. Ver Anexos II e III (Fichas Técnicas das Entrevistas) da presente pesquisa.

considerando, também, além das informações contidas nesse relatório, o relato da população local.

O estudo do *Parque da Fonte Missioneira* da Zanettini Arqueologia fez o registro em mapa (figura 39) de todas as estruturas evidenciadas, caracterizando cada uma delas, no sentido de se compreender o sistema como um todo, deixando claro que:

> Tomando exclusivamente os remanescentes do sistema hídrico, constituiriam eles contexto arqueológicos submersos atualmente emersos, ou seja, estruturas ou feições da paisagem feitas para esta cobertas de água que estão atualmente aterradas [...] Assim, para o completo entendimento desse sistema seria necessário ter em mente que a tendência natural, ao ser desassoreado, seria novamente seu enchimento. Isso em termos práticos significa que toda a ação executada no Parque tem que ser minuciosamente planejada porque a tendência natural do terreno é encharcar-se, o que poderia inviabilizar ou dificultar ações futuras. Do ponto de vista teórico-metodológico, o retorno da água ao sistema ocasionaria um melhor entendimento do seu funcionamento.
>
> (ZANETTINI, 2009:26)

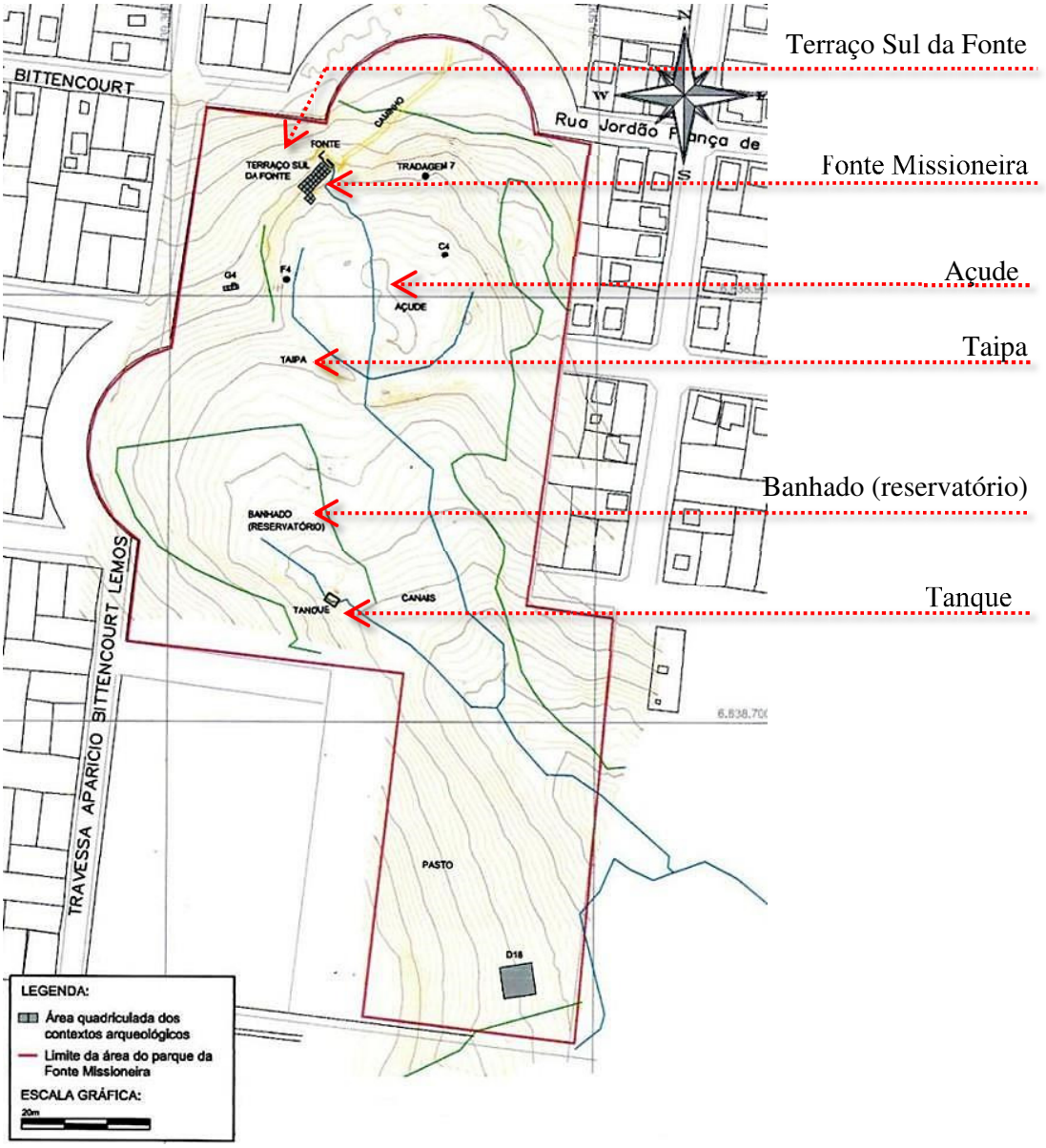


Figura 39. Contextos arqueológicos do *Parque da Fonte Missioneira*. Fonte: ZANETTINI, 2009:45-Prancha 7.

I. A Fonte[88]

O relatório chama atenção para a implantação da Fonte Missioneira no terreno: "está encaixada na vertente de uma colina suave, abaixo da superfície. O que a define como uma fonte de mergulho." (ZANETTINI, 2009:108). A partir dessa afirmação o Relatório

[88] Para o estudo das estruturas do Parque da Fonte Misisoneira pesquisadas pela Zanettini Arqueologia fizemos a mesma divisão apresentada no Relatório Final, porém estamos apresentando apenas as estruturas principais: Fonte, Açude e Tanque. Para mais informações ver ZANETTINI, 2009.

Final concluiu que esse tipo de implantação restringiria o acesso de animais à fonte, indicando que somente seres humanos fariam uso dela.

Outro indício de que essa fonte era somente para consumo humano é a condução da água através de tanques, fazendo com que ela sofresse um processo de decantação[89] e aeração[90], resultando em uma água limpa e filtrada de sedimentos. O relatório descreve as estruturas componentes da Fonte, indicando o percurso da água da nascente ao Tanque e afirma que a Fonte Missioneira não é uma simples "fornecedora de água" e que "possuia múltiplas dimensões e significados práticos e simbólicos" (ZANETTINI, 2009:108).

A seguir apresentamos um croqui esquemático da Fonte (figura 40), desenvolvido pela Zanettini Arqueologia, onde a **estrutura nº 1** é o canal de condução da água até o primeiro tanque; a **estrutura nº 2** é o primeiro tanque a receber a água do duto, e que diminui sua velocidade, possibilitando mais tempo para o sedimento decantar no tanque; a **estrutura nº 3** corresponde a uma bacia de pedra vazia e que atualmente está sem uso[91]; a **estrutura nº 4** é a bacia dos anjos que recebe a água límpida e fresca e jorra a água através da boca dos anjos para o consumo; a **estrutura nº 5** forma um pequeno tanque no nível do piso de acesso à fonte e armazena a água para direcioná-la à **estrutura nº 6**, é um canal que conduz a água a um reservatório em nível inferior ao da fonte; a **estrutura nº 7** reune elementos que podiam ser utilizados como assentos em periodos de socialização entre os *Guarani*; a **estrutura nº 8** é uma canaleta que recebia a água suja de sedimentos que escorria pelos muros, impedindo que esta se juntasse à água da fonte; a **estruturas nº 9** é o piso de acesso à fonte; a **estrutura nº 10** é constituída pelos muros norte e sul da fonte que conduzem a água pluvial para fora e a **estrutura nº 11** seria um possível caminho de acesso ao interior da fonte[92].

---

[89] No processo de decantação separa-se um componente do outro através de um duto, vertendo o líquido lentamente com a ajuda do duto, até a substância menos densa passar para o outro recipiente. Este método é muito utilizado em separações de misturas sólido-líquido, como areia e água.

[90] O processo de aeração da água consiste em fazer com que o líquido passe de um recipiente a outro fazendo com que ele se movimente. Água precisa fluir ativamente e depois descansar em ambientes sem pressão, para manter os três tipos de qualidade da água: orgânica, química e energética.

[91] Segundo o Relatório Final (2009) devido a essa bacia estar vazia e sem uso, não foi possível atribuir a sua função. Entretanto, segundo depoimento do arquiteto Vladmir Stello, no dia 22/07/2015, em visita técnica ao *Parque da Fonte Missioneira*, essa bacia cumpria uma segunda fase de decantação.

[92] Em relação a essa estrutura o Relatório Final (2008:108) salienta que "Maiores informações sobre esse sistema de acesso só poderão ser conseguidos com uma escavação de ampla superfície do Terraço Norte da Fonte, revelando assim o piso de caminhamento original, enterrado sob um mínimo de 50 centímetros de sedimento (máximo de 1,5-2m).".

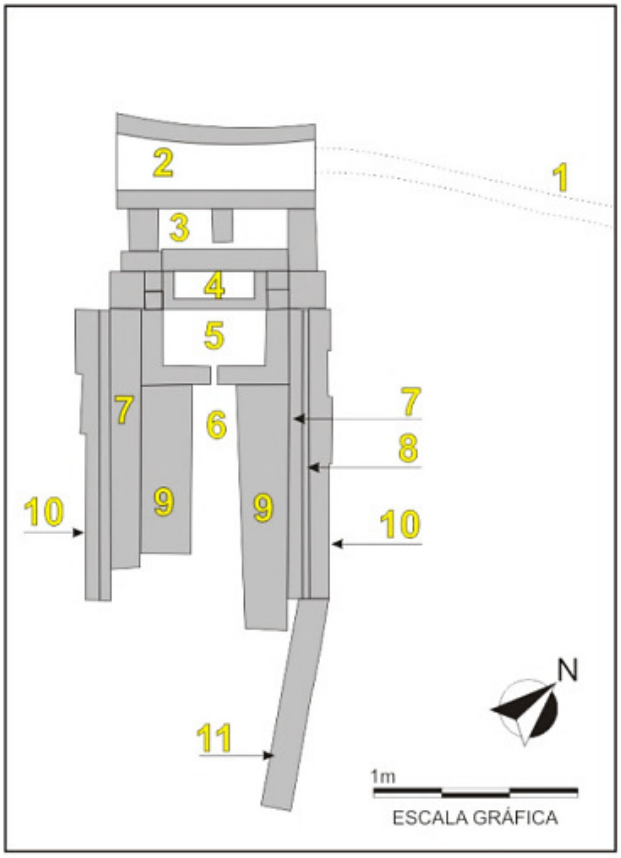


Figura 40. Croqui esquemático da Fonte. Fonte: ZANETTINI, 2009.
Edição do desenho: Ingrid Arandt.



Figura 41. Imagem frontal da Fonte. Fonte: Acervo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.



Figura 42. Imagem lateral/superior da Fonte. Fonte: Acervo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

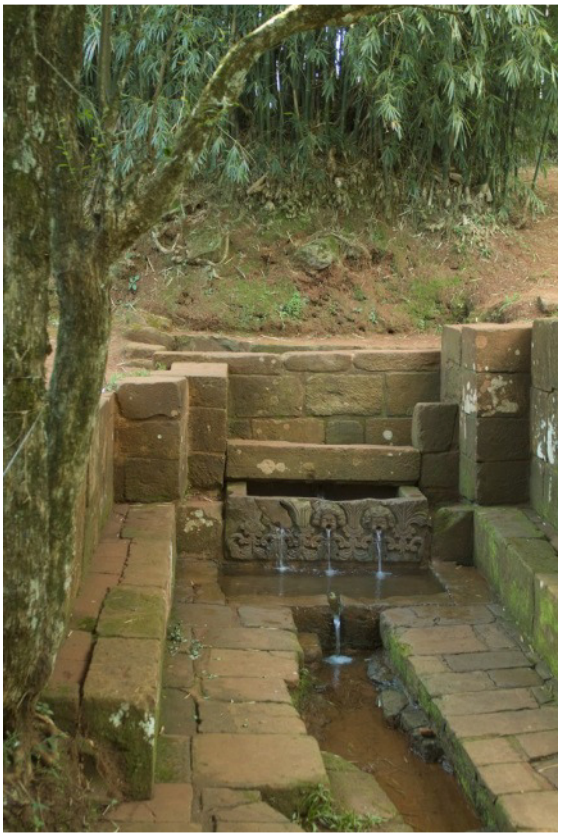


Figura 43. Fonte Missioneira. Foto: Eneida Serrrano.
Fonte: Acervo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.



Figura 44. Fonte Missioneira. Foto: Eneida Serrrano.
Fonte: Acervo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

A partir da composição desse conjunto de estruturas fica evidente que a captação de água se dava para consumo humano, descartando-se seu uso para banho ou lavagem de roupas[93] (ZANETTINI, 2009:111). Abaixo, mapa da Fonte e seu contexto arqueológico:

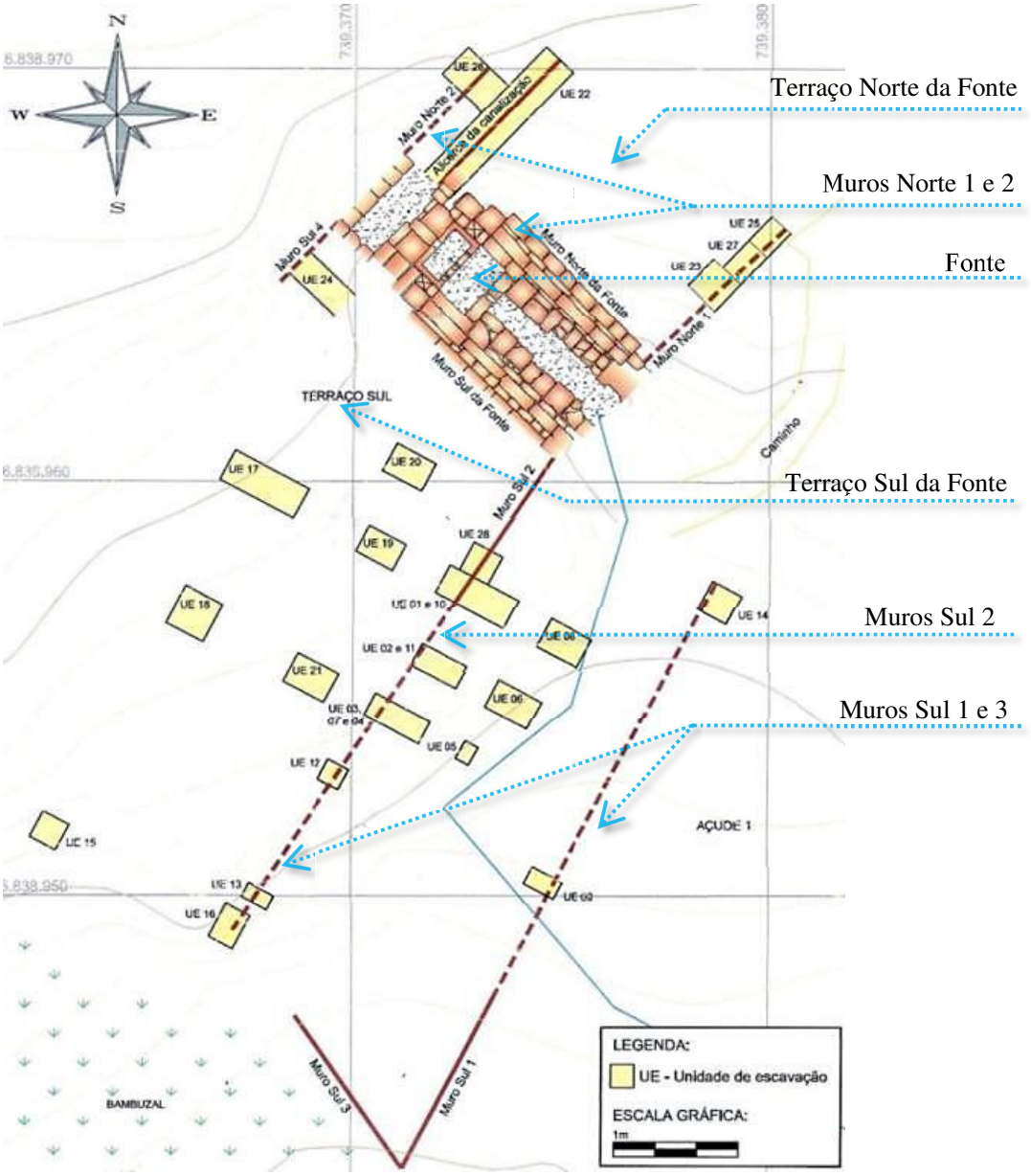


Figura 45. Prospecções Intensivas, Unidades de escavação no entorno da fonte. Fonte: ZANETTINI, 2009:38-Prancha 5.

[93] O Relatório Final (ZANETTINI, 2009) menciona que o uso das fontes para lavar roupa se deu no século XX, segundo os relatos orais. Abordaremos esse assunto na terceira parte do presente capítulo.

As prospecções intensivas realizadas no entorno da Fonte encontraram uma grande quantidade de telhas, indicando um possível telhado sobre a área da fonte, o que é mencionado em relatos orais. O Relatório Final (ZANETTINI, 2009) não confirma, entretanto, a existência de uma cobertura, apresentando duas possibilidades: a primeira, considera que a existência de um telhado se justificaria pela necessidade de criação de um ambiente sombreado, tendo em conta as altas temperaturas do verão e a necessidade de impedir que sedimentos e folhas trazidos pela chuva sujassem a água já límpida; a segunda, descarta a existência do telhado por fugir do padrão de construção de fontes[94], além de propiciar a criação de limo sobre as pedras.

II. Açude

No Açude foram evidenciados uma parede de contenção em taipa e um piso em pedra. Segundo as prospecções no local, o Açude tinha originalmente cerca de 100m de diâmetro, em forma mais ovalada, e 1 metro de lâmina de água[95], com a parede em taipa[96] apenas na porção sul, numa extensão de aproximadamente 95m. A partir das tradagens realizadas na área foi constatado que:

> As rochas dispostas no fundo do açude são laminares em sua maioria, tendo por vezes fragmentos de telhas entremeando essas rochas [...] Sem dúvida essa disposição de rochas e telhas é obra humana, mas o que resta saber é se há locais no Açude onde esse fundo de pedras é natural.
>
> (ZANETTINI, 2009:117)

Como a área do Açude é um banhado onde as águas brotam e uma área para onde as águas pluviais são naturalmente encaminhadas, teria sido desnecessário fazer a sua impermeabilização para armazenamento da água. A hipótese que se estabeleceu foi a de que a

[94] A partir de uma pesquisa iconográfica, o Relatório Final (ZANETTINI, 2009:112-113) apresenta imagens de fontes com funções diversas, onde somente a área de fonte para lavagem de roupas apresenta uma cobertura.

[95] O relatório também levanta a hipótese de que em alguns pontos do Açude a profundidade poderia ser maior que um metro (Relatório Final, 2009:117).

[96] Taipa é uma técnica construtiva da região serrana do Rio Grande do Sul, feita com encaixe de pedras e pode ser construída para diversas finalidades, como cercas de divisa entre lotes ou estrutura de base de uma casa. (NUNES, Zeno Cardoso. Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul. Ed. Martins Livreiro, 8ª Edição. Porto Alegre, 1996). Na referência ao Açude a taipa serve como uma estrutura de contenção da terra e se estende apenas na porção sul do açude.

função desse piso no fundo do Açude era a de impedir que o gado[97], ao tomar água, atolasse no banhado (ZANETTINI, 2009:122-123). Em relação à parede de taipa, o mesmo relatório (ZANETTINI, 2009) considerou que poderia ter existido uma "barragem de pedras" no local do vertedouro original do Açude, informando que este dado teria sido obtido nos relatos orais da população. Foi constatado que não existe comunicação entre os canais do Açude e do Tanque, entretanto os estudos da topografia do local mostram que os trabalhos realizados em 1980 modificaram os caminhos da água. Acredita-se que o canal original do Açude estaria localizado mais a leste (ver figura 39), o que indicaria uma possível ligação entre o reservatório e o tanque. O Relatório Final (ZANETTINI, 2009) sugere, ainda, que nas margens do Açude, após a desocupação da área pelos *Guarani* e jesuítas, provavelmente, teria passado a ocorrer a carneação de gado[98], hipótese que se baseia nas forma das pedras do alinhamento do Açude, que têm a borda boleada por terem sido usadas como "amoladores de faca", e no relato oral da população local.

III. Tanque

Na área em torno do tanque foi realizada a limpeza e a supressão da vegetação que comprometia a sua estrutura, drenagem e desassoreamento. A partir disso, foi possível fazer o registro métrico arquitetônico e realizar a consolidação das paredes do tanque pelo processo de anastilose[99]. O trabalho de arqueologia evidenciou detalhes importantes dessa estrutura e, segundo as hipóteses apresentadas no Relatório Final (ZANETTINI, 2009):

- As paredes do tanque são assentadas sobre rocha de arenito, que aparentemente foi cortada e nivelada, com leve inclinação para o sul. Desta forma o tanque fica abaixo do nível dos reservatórios de água e abaixo do canal de escoamento, permitindo que permanecesse cheio e assim regulasse o volume de água de todo o sistema. Além da função reguladora, o relatório sugere que o tanque teria uma segunda função: serviria para as "libações diárias dos indígenas".

[97] O gado era trazido das estâncias para o consumo da população da redução, portanto, a necessidade de água nas cercanias do núcleo urbano era fundamental para a manutenção dessa rês (BARCELLOS, 2000:254).

[98] O Relatório Final (2009) apresenta outras evidências que o local era utilizado como área de carneação de gado. Para maiores informações sobre o assunto ver em: Relatório Final do Programa Arqueológico: Fonte Missioneira – São Miguel das Missões / RS, Arquivo do IPHAN/RS.

[99] Ver Glossário na página 180.

- Na parede noroeste foi encontrado um orifício quadrangular (figura 47 – seta amarela), formado pelo encaixe de quatro pedras, onde a pedra do topo tem forma de laje, indicando ser o ponto de chegada de uma canalização que viria dos reservatórios. A seta azul (figura 47) indica a canaleta atual por aonde chega a água.



Figura 46. Obras de consolidação do Tanque. Fonte: Acervo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. Data: Março de 2009.

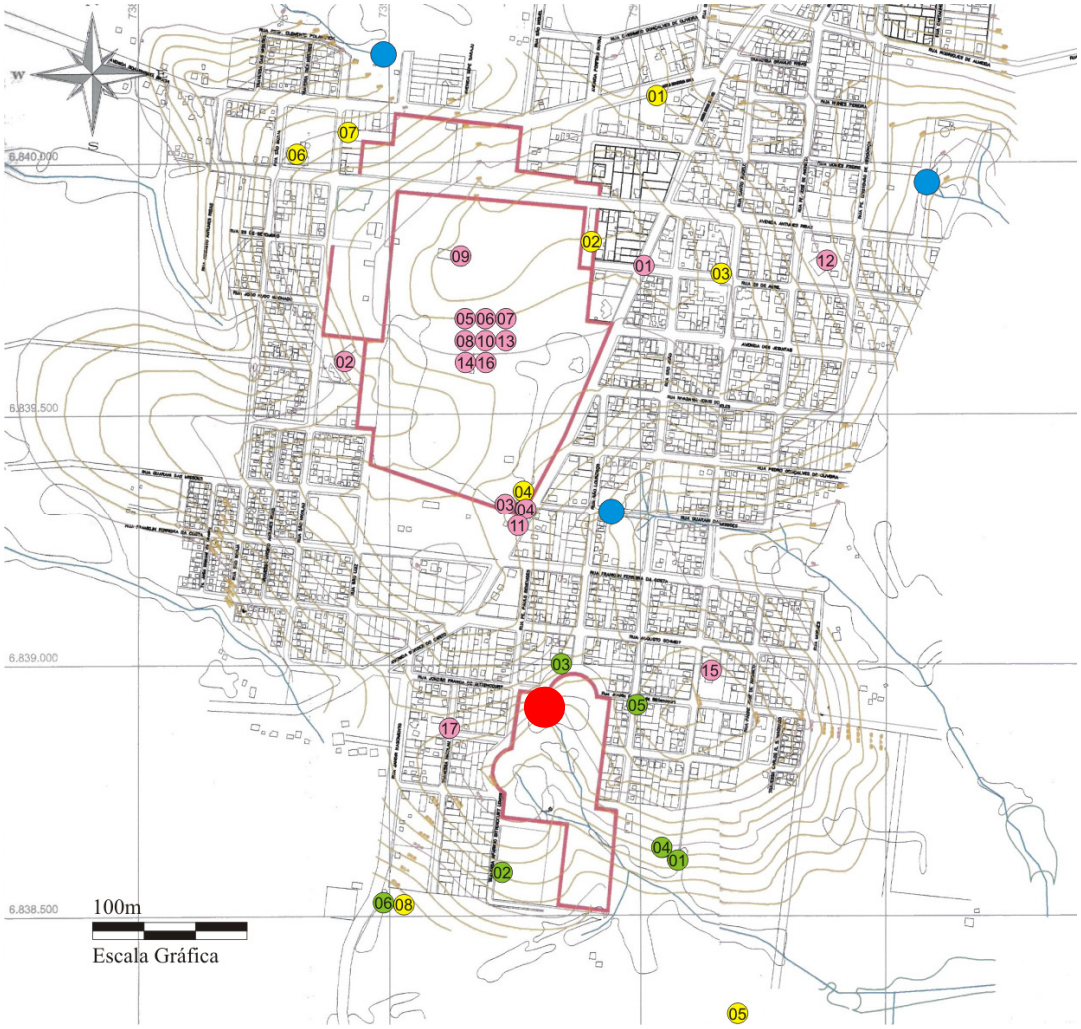


Figura 47. Ponto de chegada de canalização. Fonte: Acervo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. Data: Março de 2009.

A partir das estruturas físicas evidenciadas pelo trabalho de arqueologia foi possível verificar a complexidade desse sistema de captação e abastecimento de água. A pesquisa arqueológica desenvolvida no *Parque da Fonte Missioneira* também produziu um mapa de localização das estruturas físicas existentes no sítio, cujo registro tem grande importância para o presente estudo, pois marca a existência de outras três nascentes de água no entorno do perímetro urbano de São Miguel das Missões com estruturas de pedra.

1.2.3 As nascentes de água com estruturas de pedra

A partir do Mapeamento Extensivo de Contextos Arqueológicos (ZANETTINI, 2009:135) são indicadas, conforme mapa abaixo (figura 48), outras três nascentes com estruturas de pedra (círculos em azul), além da nascente do *Parque da Fonte Missioneira* (círculo vermelho). Esse registro tem particular importância para o nosso trabalho, pois confirma a existência de nascentes mencionadas em entrevistas com a população local e contribui para a identificação de outras estruturas do sistema de captação e abastecimento de água da Redução de São Miguel Arcanjo, formando um conjunto de sete fontes no entorno do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo.



LEGENDA

Origem dos acervos:

01 - Área da Brigada
02 - Albergue (Pousada)
03 - Fossa Casa de Passasgem
04 - Casa dos Índios
05 - Cotiguaçu
06 - Escada da Quinta
07 - Frontaria da Igreja
08 - Interior da Igreja
09 - Museu
10 - Torre da Igreja
11 - Provável Olaria
12 - Colégio
13 - Pátio dos Artífices
14 - Sacristia
15 - Hospital
16 - Futuro Museu
17 - Vila da Alegria

Sítios arqueológicos cadastrados (1995):

01 - Amassador de barro
02 - Sítio Lito Cerâmica 2
03 - Sítio Lito Cerâmico 3
04 - Sítio Lito Cerâmico 4
05 - Material Lítico
06 - Fundação em arenito

Nascentes com evidências de estruturas de pedra

Edificações históricas e culturais (São Miguel depois das missões):

01 - Edificação 1
02 - Igreja católica
03 - Igreja Luterana
04 - Edificação 2 (Iphan)
05 - Fazenda do Presente
06 - CTN
07 - Centro Cultural
08 - Estátua do Bandeirante

Figura 48. Mapeamento extensivo de contextos arqueológicos. Fonte: ZANETTINI, 2009.
Edição da imagem com ampliação da legenda: Ingrid Arandt.

Em 2012 foi realizada visita técnica[100] a três nascentes no entorno do perímetro urbano de São Miguel. O Relatório da Visita Técnica[101], além de localizar as nascentes em mapa (figura 51), descreve a situação de cada uma delas:

- Fonte nº 1 (figura 49): a estrutura da fonte é pouco visível e com densa vegetação. Constataram-se as paredes norte e sul com aproximadamente 1,5 metros de altura.
- Fonte nº 2 (figura 50): com duas estruturas afloradas, sendo um poço circular em arenito com de 1,5 metros de diâmetro e um muro em blocos de itacuru e arenito com 1,4 metros de comprimento e 0,70 metros de largura.
- Fonte nº 3: com uma nascente e um açude e segundo o Relatório (2012:2): "De acordo com a informação do Sr. Daniel Mascarin, ali também havia uma estrutura em "U", como a Fonte Missioneira e a fonte 1 descrita acima. [...] É provável que a estrutura tenha sido soterrada.".

No Relatório da Visita Técnica 008/201, além de a arqueóloga registrar a localização das fontes em imagem de satélite (figura 51) também fez o registro fotográfico das estruturas existentes nas fontes de nº 1 e nº 2:



Figura 49. Muro norte da Fonte 1 (mapa figura 42). Fonte: Relatório de Visita Técnica 008/2012. Acervo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS. Data: Agosto de 2012.

[100] Nesta visita estavam presentes a arquiteta Sandra Petry, Chefe do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS, na época, a arqueóloga Mariana A. Nemann, na época, do IPHAN/RS, e o topógrafo da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões, Daniel Mascarin.

[101] O Relatório de Visita Técnica 008/2012 ainda registra que: "o Sr. Daniel Mascarin informou conhecer mais duas fontes (indicadas no mapa com setas vermelhas, letras A e B), as quais não foram visitadas (a estrutura A não foi localizada e a estrutura B é, atualmente, um lixão)".



Figura 50. Estrutura Circular da Fonte 2 (mapa figura 42). Fonte: Relatório de Visita Técnica 008/2012. Acervo digital do ET Missões-IPHAN/RS. Data: Agosto de 2012.



Figura 51. Mapa da Visita Técnica às sete fontes missioneiras não registradas. Fonte: Relatório de Visita Técnica 008/2012. Acervo do ET Missões-IPHAN/RS.

Em abril de 2014 foi realizada Visita Técnica aos locais das sete fontes de água apontados no entorno do Sítio Histórico. Estavam presentes as arquitetas Ana Luisa Seixas, chefe do ET Missões-IPHAN/RS, na época, e Ingrid Arandt, bolsista do PEP/MP, o chefe de manutenção do PHNM, Paulo Almeida, e os técnicos da Prefeitura Municipal: a arquiteta Adriana Almeida, representante do Setor de Planejamento Urbano da Prefeitura, na época, o topógrafo Daniel Mascarin e o Técnico Florestal Herculano de Medeiros Neto. Abaixo, o registro de dois locais de fontes de água visitadas em abril de 2014:



Figura 52. Área da fonte 2 (figura 56), correspondente a uma das áreas cercadas pelo Projeto da ONG Igapira. Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: Abril de 2014.



Figura 53. Área da fonte 2 (figura 56). Possível localização dos vestígios, segundo Daniel Mascarini. Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: Abril de 2014.

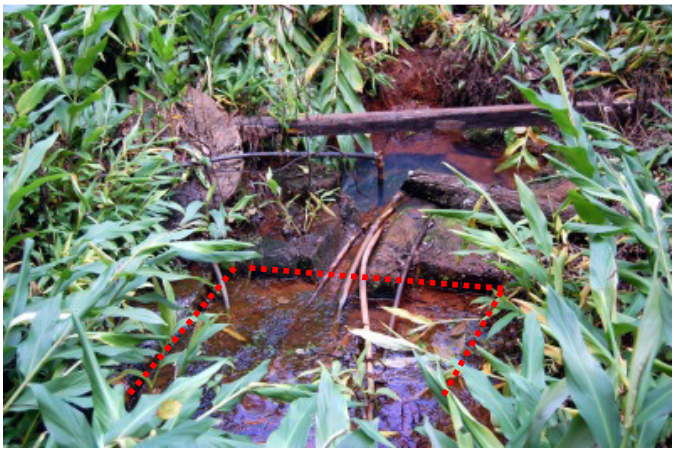


Figura 54. Área da fonte 4 (figura 56). Em vermelho: alinhamento de pedras com cortes à 90°.
Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: Abril de 2014.



Figura 55. Área da fonte 4 (figura 56). Em amarelo: pedra arenito recortada na forma circular.
Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: Abril de 2014.

Com base nessa visita, nos mapas e fotos apresentados acima e nos relatos orais coletados para essa pesquisa, apresentamos um mapa que localiza as sete nascentes de água, numeradas sequencialmente[102]. Essa numeração ajudou na identificação de cada uma das sete nascentes durante a aplicação das entrevistas, quando o mesmo mapa foi mostrado.

[102] Iniciamos a numeração no *Parque da Fonte Missioneira* por ser a única estrutura evidenciada e pesquisada até o presente momento, continuando a numeração em sentido anti-horário.

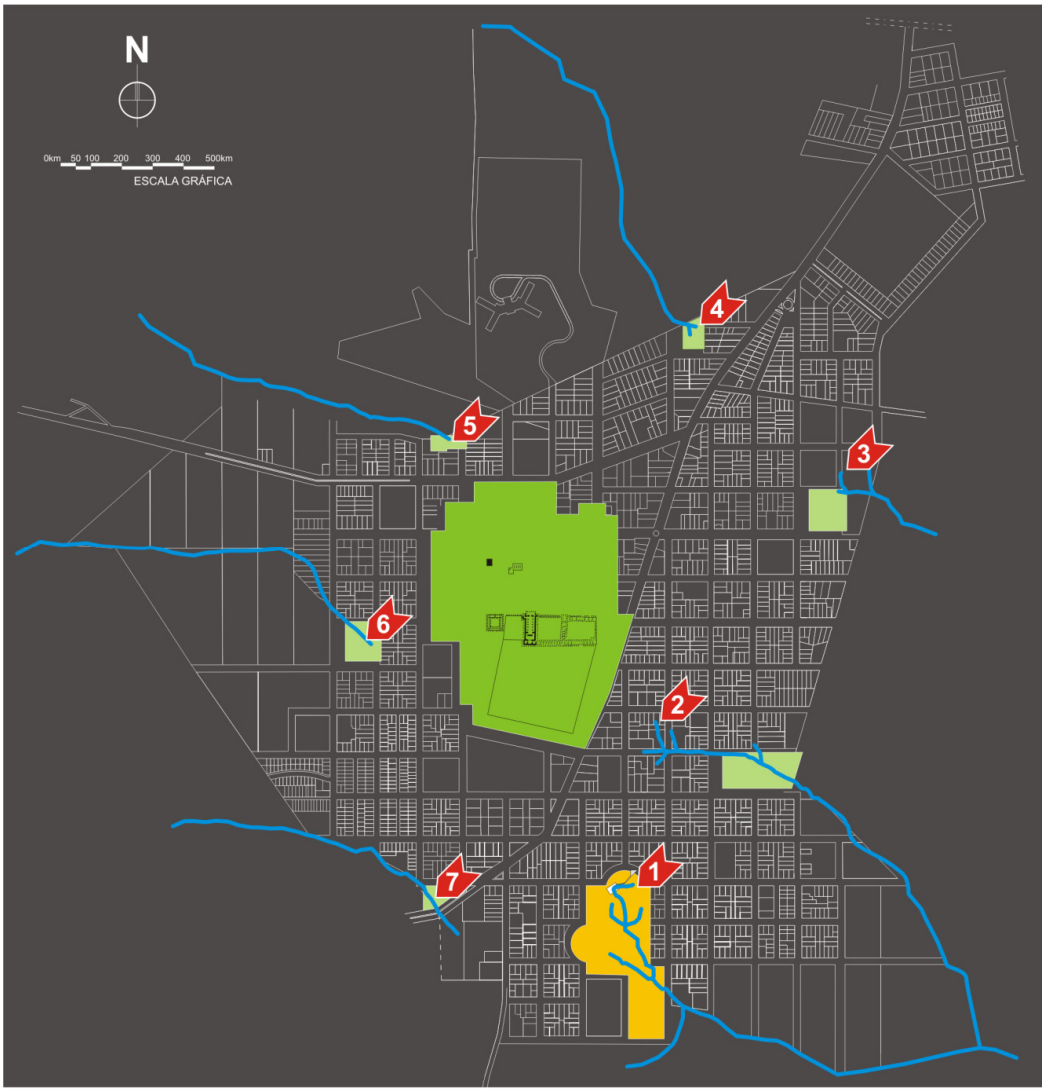


Figura 56. Mapa indicando a localização das sete fontes. Baseado em mapas da Prefeitura e do IPHAN. Fonte: Acervo digital do ET Missões-IPHAN/RS. Desenho: Ingrid Arandt.

1.2.4 A percepção local das fontes: os significados atribuídos às fontes de água

Desde o início desta pesquisa, quando da escolha de sua temática e em contatos diretos com a comunidade local, várias pessoas que fizeram ou fazem uso das fontes de água de São Miguel para lavar roupa e buscar água para consumo foram indicadas como capazes de nos ajudar a identificar nascentes na área. Algumas dessas nascentes, como já apresentado, têm evidências de antigas estruturas de pedra, que acreditamos datarem do período missioneiro. Para técnicos do IPHAN, da Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões, assim como no Relatório Final do Programa de Prospecções Arqueológicas do *Parque da*

Fonte Missioneira, a importância dos relatos orais como apoio para o conhecimento das fontes existentes foi apontada como fundamental. Ao questionar a localização das estruturas do sistema hídrico da Redução de São Miguel, o Relatório Final (2009) caracteriza o relato oral da população como uma "primeira pista" e menciona que as ações realizadas na área do atual *Parque da Fonte Missioneira* se devem à memória da população:

> Onde estariam e quais seriam as outras estruturas desse sistema hídrico? **Uma primeira pista é fornecida pelos relatos orais amplamente difundidos entre a população atual que ali vive.** [...] Essas ações e o interesse pela área da fonte suscitados nas décadas de 1980-1990, não são, entretanto, fruto das grandes qualidades estéticas da mesma, pois ela estava soterrada, mas sim das lembranças da população relativas ao açude.
>
> (ZANETTINI, 2009: 11-12, grifo nosso)

Com base nisso, optou-se por ouvir membros da população local com o objetivo de uma maior aproximação com o tema pesquisado. As entrevistas, para Verena Alberti (2003), "são uma forma de nos aproximarmos da realidade (do passado e do presente)" [103]. O desenvolvimento de pesquisa com fontes orais, especialmente quando é realizado por pesquisador sem formação na área das Ciências Sociais é extremamente desafiador. O encorajamento para seguirmos nesse caminho partiu da necessidade de se entender: porque os relatos orais, embora recorrentes, não tinham sido registrados?[104] Em um primeiro momento, a pesquisa com fontes orais tinha como propósito uma abordagem investigativa, de forma a obterem-se respostas com maior profundidade sobre o objeto de pesquisa, especialmente no que se referia à estrutura física das fontes. À medida que as entrevistas ocorriam e que as histórias eram contadas, percebemos que os depoimentos forneciam informações para além da constituição física das estruturas das fontes; informavam também sobre os modos antigos de utilização das nascentes de água e, com isso, sobre os modos de vida da população na Vila de São Miguel entre as décadas de 1940 e 1980, especialmente sobre a importância das nascentes para aquela comunidade no período. De acordo com Walter Benjamim (1994:198) ao contar uma história o narrador passa a sua experiência, ou a de outros, "*de boca em boca*", sendo esta a sua fonte essencial e, no momento que essa narrativa é escrita, julga as melhores como

---

[103] Segundo ALBERTI (2003), as entrevistas também possibilitam conhecer o presente, sendo um método amplamente difundido nas ciências sociais.

[104] O *Relatório Final do Programa Fonte Missioneira – Recursos hídricos nas Missões* (ZANETTINI, 2009) faz referência aos relatos orais da população de São Miguel das Missões, contudo, não registra ou menciona se houve o registro dos mesmos em outro momento da pesquisa.

sendo aquelas que "menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos." Para ele (1994:213): "Quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia.".

Com base em Benjamin, percebemos que as narrativas dos entrevistados criavam os cenários dos acontecimentos, onde estavam presentes as emoções que haviam vivido com todas as suas singularidades. Abordaremos aquelas que se destacaram para a nossa pesquisa, o que não significa dizer que essa proposição é exclusiva, ao contrário, elas podem suscitar diversas reinterpretações[105]. As narrativas são construídas a partir do ato de contar histórias e, para Walter Benjamim contar histórias "sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história" (1994:205). Nesse sentido, ao buscarmos esses depoimentos, procuramos melhor entender o passado, não no sentido de "conhecê-lo como ele de fato foi"[106], mas no sentido de refletir sobre as lembranças dos nossos narradores.

Após coleta e análise dos depoimentos, dois pontos nos chamaram a atenção: 1º) o *Grupo 1*, que inicialmente havia sido estabelecido para indicar os indivíduos a entrevistar no *Grupo 2*[107], acabou revelando que muitos de seus membros também utilizavam ou conheciam as estruturas de pedras existentes em algumas nascentes; 2º) o número[108] de pessoas que também utilizavam ou sabiam de histórias das fontes de água de São Miguel era expressivo. Apesar de não termos entrevistado todas as pessoas indicadas, o material coletado se mostrou bastante interessante à análise. É o caso do relato de um dos depoentes que mencionou uma vertente com um tanque de pedra. Ao descrever os detalhes dessa estrutura física, percebemos que alguns elementos se constituíram a partir da sua imaginação, pois ao utilizar a palavra

---

[105] Como já mencionamos a metodologia da história oral é ferramenta das Ciências Sociais, por isso, a leitura das narrativas contidas nas entrevistas por profissionais dessa área poderá ser reinterpretada e, sem dúvida, contribuir para enriquecer a história da comunidade de São Miguel das Missões.

[106] BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.224.

[107] Conforme metodologia apresentada no Anexo I, o *Grupo 2* foi formado por pessoas que usavam as nascentes de água para alguma atividade.

[108] Não foi possível entrevistar todas as pessoas indicadas nos depoimentos, pois o número de entrevistas realizadas para o presente estudo foi balizado pelo tempo de pesquisa que o Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural propõe, no qual, além das atividades de pesquisa e escrita da dissertação, estão programadas atividades práticas no local de lotação de cada aluno, produção de relatórios da prática supervisionada, produção de quatro produtos de trabalho, produção de resenhas e a participação em aulas. Conscientes dessas limitações elaboramos como Anexo IV desta pesquisa um infográfico, com o principal objetivo de facilitar a organização de novas entrevistas, que deem base a uma pesquisa interessada na história oral dessa comunidade, especialmente no que diz respeito às fontes (nascentes de água).

"*seria"*, ele estava apresentando uma hipótese: "E eu mesmo descobri ao lado da fonte[109] alguns vestígios de um tanque. O fundo dele *seria* de pedra de arenito!" [110]. Essa informação é possivelmente fruto de sua experiência de vida. Como citado por ele [111], ouvia histórias de que o fundo do lago que existia no atual *Parque da Fonte Missioneira*[112] "*seria"* todo em pedra de arenito. Ao descrever a sua rotina de ida ao trabalho, o depoente também confirmou que os espaços das fontes estavam presentes na vida cotidiana da comunidade que ali vivia:

> [...] na época, eu trabalhava na antiga COTRISA[113], aqui em São Miguel, **eu fazia o trajeto a pé, e para ficar mais perto, eu atalhava, eu passava ao *ladinho* da fonte**[114] e muitas vezes ela estava lavando roupa! [...] não tinha água encanada e ela vinha com a bacia para lavar essa roupa! [...] eu residia bem próximo da fonte, há uns 25 anos atrás. Tem um matagal ali, tem umas vertentes [...] Seria uma das vertentes, que abastecia o povoado da época.
>
> (Jorge Luis Lima da Silva - Ficha Técnica da Entrevista 01-Anexo II, grifo nosso)

Os entrevistados demonstraram ter um amplo conhecimento sobre as fontes, indicando seus locais de implantação e os possíveis caminhos de acesso. A apreensão pelos entrevistados dos espaços das fontes resulta de suas diferentes necessidades e experiências de vida, sejam profissionais ou pessoais, e todos pareceram ter certo orgulho nisso. Nas falas de todos era curiosa a certeza de que existem vestígios arqueológicos de fontes nas sete nascentes, mesmo que na maioria delas não tenha sido realizado nenhum trabalho de "exploração", como dito por um dos depoentes:

> **Eu conheço praticamente todas!** [...] tem uma aqui, a leste da cidade, próxima à sede da Associação dos Funcionários, a AFUSAM. **Essa foi já do meu período de trabalho na Prefeitura que eu as conheci pessoalmente, todas elas!** Tem uma lá próxima à Pousada das Missões, abaixo. Aqui, em frente ao sítio, próximo à secretaria de obras também tem outra e atrás do escritório do IPHAN. **Então, na realidade, elas são sete nascentes, e todas elas têm algum vestígio de fonte!**
>
> (Daniel Mascarin - Ficha Técnica da Entrevista 02-Anexo II, grifo nosso)

---

[109] Aqui o depoente está se referindo à fonte de nº2 da figura 56.

[110] Fala do depoente Jorge Luis Lima da Silva - Ficha técnica da entrevista 01 (Anexo II).

[111] Idem.

[112] Fonte de nº 01 conforme mapa da figura 56.

[113] Cooperativa Tritícola Regional de Santo Ângelo/RS – COTRISA.

[114] Aqui o depoente se refere à fonte de nº 2, conforme mapa da figura 56.

> **Tu podes descer ali e podes descer por lá!** Daí tem aquela atrás da Secretaria de Obras **e dizem que lá era uma das fontes que nunca foi explorada, nunca foi aberto nada! Mas tá lá visível para quem quiser ver!** Depois tem essa aqui para baixo da Pousada. As pessoas ali usavam para lavar roupa. Até piquenique tinha gente que fazia ali! E tem essa outra aqui, atrás do escritório. **Que também não foi explorada, não foi feito nenhum trabalho para tentar descobrir mais coisas.**
>
> **Eu até tive o privilégio de, no segundo dia, quando descobriram...** Foi um tio meu que era subprefeito na época, o Neri Castanha. Desceram ali para fazer uma limpeza e dai começou a aparecer os tanques, o começo da estrutura. **Na época eu era guri e desci lá para olhar! Todo mundo ia olhar. Então eu posso dizer que eu vi o tanque desde quando foi descoberto!**
>
> (Paulo Amauri O. Souza - Ficha Técnica da Entrevista 04-Anexo II, grifo nosso)

As nascentes naquele momento de desenvolvimento da Vila de São Miguel eram parte da vida da comunidade. A água que vertia das nascentes atendia as necessidades diárias de consumo. Para lavar roupas:

> Daí a gente buscava lá a água para eles usarem ali na casa, no dia a dia. [...] porque naquela época, em setenta, setenta e um, era mínimo de moradores aqui [cerca de 300 habitantes]... dava pra você contar as casas que existiam. [...] **Não existia saneamento, água encanada, nada. Então existia essa fonte ali que era perto de onde meu avô morava.** [...] **a gente buscava água lá em balde.** [...] **Naquela época não existia tanque, essas coisas na casa, então o pessoal lavava em fontes, lavava roupas.** [...] Todos os dias, **todos os dias tínhamos que estar lá.** E tinha duas ou três casas para cima que usavam essa água, que iam buscar essa água,...
>
> (Jairo Kruel - Ficha Técnica da Entrevista 06-Anexo II, grifo nosso)

Para a vida quotidiana da casa:

> **Daí a gente buscava lá a água para eles usarem ali na casa, no dia a dia**. [...] Porque não tinha poços, era pouca gente que tinha poços, não existia. Então... eu conheci aquela fonte. Porque ela era um tipo de um poço com uma vertente de água corrente**, então o pessoal pegava água dali para usar, para alimentação, tudo era dali!**
>
> (Jairo Kruel - Ficha Técnica da Entrevista 06-Anexo III, grifo nosso)

Para as necessidades do trabalho, como dar água para o gado beber ou lavar os cavalos após uma *campereada*[115]:

> Vim em setenta e nove para ali**, eu cavei um buraco pra fazer um bebedouro para as éguas, para as vacas que eu tinha, uma, duas vacas de leite**, então tinham que beber água. Eu cavouquei lá, tinha um banhadinho e fui fazer um bebedouro. **E eu cavouquei, e tinha aquela laje lá embaixo, não era barro!**
>
> (Giovanino Ribas - Ficha Técnica da Entrevista 08-Anexo III, grifo nosso)

> Mas o *pai do Meco*, aqueles iam conosco! **Eram meus primos e nós trabalhávamos juntos, nós *campereavamos juntos*, e nas *campereadas* que nós lavávamos os cavalos ali.**
>
> (Neri Bedates - Ficha Técnica da Entrevista 09-Anexo III, grifo nosso)

Ou ainda, para o lazer:

> **No tempo de guri a gente passava por ali**, não existia aquela escavação, foi feita bem depois. Tinha um tipo também de um açude com água, **a gente usava para tomar banho.**
>
> (Jairo Kruel - Ficha Técnica da Entrevista 06-Anexo III, grifo nosso)

> Esta aqui ao norte, próxima à entrada de São Miguel das Missões, algumas **informações do pessoal que se criou aqui em São Miguel. Que eles iam tomar banho dentro desta fonte.**
>
> (Paulo Amauri O. Souza - Ficha Técnica da Entrevista 04-Anexo III, grifo nosso)

Os dados coletados nos permitiram verificar as semelhanças entre as estruturas físicas em algumas das nascentes. Também foi possível confrontar as informações de diferentes depoentes, quando se referiam a uma mesma nascente, como é o caso da fonte de nº04 (figura 56), muitas vezes referida nos relatos como "a fonte do Guarani" [116]. A estrutura física dessa fonte foi descrita com muitos detalhes e os relatos de dois depoentes apresentaram

[115] O termo *campereada* vem do verbo *caperear* ou *campeirar* e significa sair a cavalo pelo campo em procura ou tratamento do gado, percorrer um campo para observar se os animais estão bem, verificando se algum animal (vaca, boi, terneiro, ovelha) está doente, se a vaca está de cria, verificar como está o terneiro, fazer contagem e marcação do gado (NUNES, Zeno Cardosso. Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. 8º Edição. Porto Alegre, Martins Livreiro: 1996. p.85).

[116] A "fonte do Guarani" se localiza atrás do Restaurante Guarani, na entrada do centro urbano da cidade de São Miguel das Missões, ao norte do perímetro urbano. Na figura 56 essa nascente está identificada como nº4.

semelhança, quando se referiam a uma estrutura circular (figura 55), denominada por eles de "pocinho" ou "pipinha":

> Tem a vertente..., mas esse ***"pocinho"*** **que tinha que a gente tirava água**, hoje eu não localizei. Tinha mais uma parte que o pessoal usava para lavar roupa...
>
> (Jairo Kruel - Ficha Técnica da Entrevista 06-Anexo III, grifo nosso)

> Para baixo... dessa *"pipinha"* que eles diziam! **Eles chamavam de *pipinha*! Parecia um tubo daqueles que colocam nas estradas... Era parecido, mas *era pedra!* E no costado dela tinha um tanque, no chão assim! Um alturinha assim mais ou menos[117]! E ali que nós lavávamos a roupa! E aquela água vinha da *pipinha*, caia ali naquele tanque!** Sempre correndo, a água suja ia saindo, quando lavávamos a roupa! *Descia* água abaixo e *se ia!*
>
> **Mas então é a tal de *pipinha!* Porque a outra... *o tanque* que nós chamávamos era *quadrado*! E daí levava as tábuas, do tempo que lavavam roupa de joelho! Naquele tempo era assim!** Não existia muito... **Essa parte redonda é a tal de *pipinha*!** Então, daquela pipinha ali... vinha água para o tanque! **Sempre estava correndo aquela água *bem limpinha* ali! E do tanque, quando enchia, tinha uma "canaletazinha" assim que saía aquela água suja e ia saindo para lá...**
>
> (Hirondina Moraes - Ficha Técnica da Entrevista 10-Anexo III, grifo nosso)

Em relação às estruturas do *Parque da Fonte Missioneira*, o Relatório Final do Programa Fonte Missioneira – Recursos hídricos nas Missões (ZANETTINI, 2009) levanta a hipótese[118] de existência de uma cobertura sobre o tanque da fonte, devido à grande quantidade de telhas encontradas nas prospecções arqueológicas. Nos relatos de dois entrevistados encontramos referência a essa cobertura, referida na descrição da fonte nº1 (figura 56) e da fonte de nº4 (figura 56), respectivamente:

> **Era em cima daquele, aquilo lá tem um... Era uma coisa, meia-**água coisa aqui... Lá tem a laje embaixo, **na fonte essa cobertura era por cima assim, com telha de barro,... Depois caiu e eu me lembro de que a coberta estava caindo...** e quebrou tudo e eles limparam.
>
> (Giovanino Ribas - Ficha Técnica da Entrevista 08-Anexo III, grifo nosso)

[117] Nesse momento o depoente fez um gesto com as duas mãos tentando mostrar a altura do tanque, em torno de 20 centímetros.

[118] Esta hipótese não é confirmada no mesmo Relatório Final (ZANETTINI, 2009).

> **E ali tinha um... tipo de uma casinha... Mais para lá da pipinha**,... **Ali *deveria ser um tanque também! Era um tanque!* Coberto de... só não era fechado!** Tinha lá, mas eu não cheguei a ver a água ali! Mas tinha, feito de pedra também! Tinha uma "cobertinha"![119]
>
> (Hirondina Moraes - Ficha Técnica da Entrevista 10-Anexo III, grifo nosso)

Os relatos também informam sobre a ocorrência de uma grande seca, na década de 1940, quando as fontes de água[120]cumpriram o papel de abastecimento daquela comunidade:

> [...] Parece que foi em 1942, 1943, por aí, que deu uma seca de seis meses. [...] Tudo secou e não tinha água mais! Então tinha um poço ali que nunca secou! Nós puxávamos um pouco dali e outro pouco de lá dessa... Agora eu me lembrei do... *Lavavam roupa* lá também... É um tipo de um tanque também assim, tipo uma cachoeira, uma coisa! Mas tinha um negócio assim, parecia um tanque de pedra também. *Mas é um enorme de grande!* Não sei se ainda está daquele jeito! Ah, era fundo! Eu lembro também! Lavavam roupa, era para lá do compadre Nilson um pouco... Dali, nós morávamos ali onde é... o Guarani, por ali! Nós puxávamos água lá do... Para o gasto, assim! (...) Era uma água limpa, tipo a da *pipinha* mesmo! Tinha uma cachoeirinha! Agora eu não sei! Faz muitos anos!
>
> (Hirondina Moraes - Ficha Técnica da Entrevista 10-Anexo III)

Quando nos referimos ao *Parque da Fonte Missioneira*, os relatos trouxeram informações da ocasião de sua descoberta:

> [...] eu o ouvi falando que sabia, pelos antigos moradores que contaram para ele, que tinha *um grande açude calçado* próximo de onde está essa fonte, a atual fonte. Então ele iria fazer uma limpeza, para que se fizesse realmente um açude, para que os turistas pudessem ir lá tomar um banho. E foi aí que ele começou a limpeza do local e nessa limpeza logo que apareceu... o IPHAN tomou conhecimento e parou com a obra da forma como estava sendo feita. Para que fosse feito um trabalho, lógico, com arqueólogos. Então... Tomou o jeito da fonte que tem hoje! Baseado nesse trabalho dos arqueólogos. E com isso a imprensa de todo o estado fez uma *ampla* divulgação, dessa descoberta, e *muitas* pessoas, *muitas* mesmo, vieram para visitar!
>
> (Antônio Camargo da Silva - Ficha Técnica da Entrevista 05-Anexo II)

---

[119] Aqui a depoente se refere à existência de uma cobertura.

[120] No relato a depoente se refere à fonte de nº3 da figura 56, onde foram encontradas estruturas físicas na forma de muros, parecendo indicar um tanque ou uma área de represamento. A depoente se refere à um tanque de pedra que existia nessa fonte.

> E depois eu sempre ia lá, porque teve uma época que um senhor aqui da cidade tinha um bar lá! Colocou um bar para vender coisas para os turistas que iam lá... Porque na época era novidade, tinha bastante movimento.
>
> (Herculano de M. Neto - Ficha Técnica da Entrevista 03-Anexo II)

Nos relatos permeia a noção de abandono desses espaços, não um abandono no sentido de descuido ou negligência, mas no sentido de render-se, entregar-se. É como se as fontes, que outrora representaram a vida daquela comunidade pelo uso que faziam delas, com tempo, estivessem se perdendo:

> **E o que eu acho que eles tinham que fazer era arrumar melhor... aquela água ali**, por que ali vem muito turista, leva água pra tomar... **e aquela água ali não é, não tem um abrigo pra não cair essas folhas, essas coisas assim... isso devia de ter, ser mais cuidado.**
>
> (Giovanino Ribas - Ficha Técnica da Entrevista 08-Anexo III, grifo nosso)

> É! *Lá para o fundo*, mais para o fundo! Mas está ruim de ir, porque o mato tomou conta ali! (...) **Tem os tanques de pedra ali, que hoje está tudo coberto. Ficou abandonado, ficou... só fecharam, mas não zelaram mais por aquilo ali.** Se não tivessem descoberto estava mais reservada, a fonte. Foi descoberto e foi estragada alguma coisa ali!
>
> (Paulo Amauri O. Souza - Ficha Técnica da Entrevista 04-Anexo II, grifo nosso)

Em oposição à ideia de abandono, alguns relatos valorizam os espaços das nascentes de água e indicam de que forma poderiam ser incorporados ao traçado urbano atual. Isso porque, apesar de terem sido definidas como praças, à exceção do *Parque da Fonte Missioneira*, não são usadas como tal. A ideia de qualificação do conjunto das sete fontes para uso turístico está muito presente nos depoimentos, inclusive pela importância dessa ação para o município:

> **Olha, seria assim um grande *passo*! *Grande mesmo!*** Nós temos essa dificuldade, atualmente, que os atrativos que nós temos hoje, às vezes, não se consegue segurar muito tempo, a permanência do turista. **Mas as fontes seriam mais um *grande* atrativo.** Que poderia ser feito, que **tem muitas formas de fazer esse conhecimento. Pode ser feito como *caminhada*, como *bicicleta,* quem sabe... Outras formas de passeios e com isso ter uma permanência bem maior do turista no lugar! Então acho que seria *muito bom*, para todos.**
>
> (Antônio Camargo da Silva - Ficha Técnica da Entrevista 05-Anexo II, grifo nosso)

> Eu acho que é um parque que poderia ter mais investimentos, mais atrativos. **Inclusive acho que ele poderia *ser* um conjunto maior.** Inclusive, esse *Projeto Igapira* partiu disso. **A ideia era tentar juntar essas sete fontes missioneiras, tendo como atrativo principal aquela estrutura que tem lá. E tu fazeres um circuito turístico! Nessas sete fontes. Seria um parque municipal!**
>
> (Herculano de M. Neto - Ficha Técnica da Entrevista 03-Anexo II, grifo nosso)

Ao ouvirmos os depoentes sobre a necessidade de que algo seja feito para qualificação dos espaços de fontes e sobre a importância das pessoas os conhecerem, demonstrando certa ansiedade em relação a essa situação, pensamos na afirmação de Walter Benjamin (1994:200), em que a verdadeira narrativa traz em si uma "dimensão utilitária", na qual estaria presente um "ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida - de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos". Existe, no relato mencionado a seguir, a ideia de preservação, decorrente da importância daquele espaço na vida daquela pessoa e, também, de um desejo pessoal: "Eu gostaria de ter *explorado* mais esse lugares! Se eu fosse guri teria corrido mais a essas fontes e explorado outros lugares também.". Para outros, a ideia de preservação atrelada à ideia de *patrimonialização* é bastante clara, quando os depoentes se referem ao *Parque da Fonte Missioneira*:

> Eu acho que tem uma importância muito grande para São Miguel. No meu ponto de vista, está abandonado. Eu acho que deveriam ser expostas as estruturas existentes lá para transformá-lo num ponto turístico de maior importância. **Que seja dada a importância a ele, que ele tem!**
>
> (Daniel Mascarim - Ficha Técnica da Entrevista 02-Anexo II, grifo nosso)

> Então aquilo ali é um **valor histórico quase como o templo aqui, a igreja! Porque era ocupado por eles também.** Então, na minha maneira de ver, é muito bonito e **além de ser bonito é histórico.**
>
> (Paulo Amauri O. Souza - Ficha Técnica da Entrevista 04-Anexo II, grifo nosso)

Segundo Benjamin (1994:213, grifo nosso), "independentemente do papel elementar que a narrativa desempenha no patrimônio da humanidade, *são múltiplos os conceitos através dos quais seus frutos podem ser colhidos*". Ainda que as narrativas aqui apresentadas tenham seus significados fortemente imbricados com o tema da pesquisa e que possam ter sido filtradas pelo fato de estarem sendo ouvidas por uma pesquisadora identificada com a instituição de preservação, a expressão de Walter Benjamin destacada

acima interessa porque, todas as atividades, os comportamentos, as práticas, os costumes, os hábitos e as rotinas, expostos pelos entrevistados, têm significados que traduzem a forma como aquele grupo de pessoas da Vila de São Miguel vivenciou ou vivencia o mundo. O conhecimento das experiências dessas pessoas e de suas memórias e a reflexão sobre seus possíveis significados nos forneceram referências fundamentais para buscar compreender a identidade local, que tem como uma de suas bases a interdependência entre as fontes missioneiras e suas vidas.

1.3 – Breve cronologia da preservação dos remanescentes da Redução de São Miguel: as primeiras ações do governo estadual e do IPHAN, a importância da preservação arqueológica, as Declarações da UNESCO e do MERCOSUL e o Registro da Tava

A preservação dos remanescentes da Redução de São Miguel Arcanjo possui uma extensa trajetória de ações[121], envolvendo as esferas municipal, estadual, federal e mundial. As primeiras ações são marcadas pelo importante papel desempenhado pelo governo do estado do Rio Grande do Sul na década de 1920 e pelo então recém criado SPHAN, na década de 1930. Para Ana Lúcia Goelzer Meira (2007), a iniciativa pioneira de preservação dos remanescentes missioneiros foi a decisão do Estado do Rio Grande do Sul, em 1922, quando, a partir do Regulamento de Terras, elevou São Miguel à categoria de "lugar histórico". Nos anos seguintes a igreja passou por obras de estabilização[122], também realizadas pelo governo estadual, garantindo a salvaguarda desse bem cultural (MEIRA, 2008). Segundo Meira

[121] As ações de preservação elencadas na nossa pesquisa não constituem, evidentemente, a sua totalidade. Apresentamos aqui apenas algumas delas, a fim de estabelecer um paralelo com as ações de preservação das fontes de água em São Miguel, foco do presente trabalho. As inúmeras ações de preservação que se sucederam ao longo dos anos, por diferentes esferas, e que aqui não foram mencionadas, suscitariam uma pesquisa específica e de grande importância para fins de registro e sistematização das informações. No que concerne à atuação do IPHAN, o tema missões sempre foi pauta de discussões e ações, tanto em sua representação regional, agora estadual, como em sua sede. Entendemos, assim, que uma pesquisa dessa natureza deveria incluir tanto registros arquivísticos e documentais institucionais, como entrevistas com técnicos que trabalharam e ainda trabalham na preservação dos sítios missioneiros, para que a trajetória documentada e lembrada retrate com maior amplitude os processos ocorridos.

[122] Segundo STELLO (2005), entre os anos de 1925 e 1927 o governo do estado do Rio Grande do Sul realizou várias intervenções nas Ruínas de São Miguel, com a utilização de trilhos de aço e vergalhões de ferro em vários pontos da igreja, garantindo a sua estabilização. Além das obras de conservação o governo do Estado realizou o cercamento da área de entorno das ruínas e fez a vigilância do monumento.

(2008), a preservação dos remanescentes da Redução de São Miguel se confunde com a própria trajetória de preservação do IPHAN[123].



Figura 57. Fachada principal da igreja de São Miguel antes das intervenções de 1925.
Fonte: Arquivo Noronha Santos.

Com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-SPHAN, órgão federal de preservação – atual IPHAN, em 1937, o arquiteto Lucio Costa foi designado para fazer o reconhecimento das reduções espanholas, primeira "missão" da Instituição ao sul do Brasil (PESSÔA, 2004). No seu relatório de visita, em 1937, Lucio Costa apontou aspectos da conservação das estruturas encontradas, tendo se concentrado nos detalhes da igreja. As demais referências são muito pontuais: às paredes do colégio e à base das pilastras do alpendrado das casas dos índios. As recomendações do arquiteto para intervenções nas ruínas demandaram uma série de ações entre elas a de procura por outros fragmentos no entorno de igreja, colégio e cemitério. Ao descrever a necessidade de intervenção nas ruínas, Lucio Costa

[123] Muitos estudos já propuseram a análise da trajetória do IPHAN, como os de Silvana Rubino (1996), com o título *O mapa do Brasil passado*; de Maria Cecília Londres Fonseca (1997), *O patrimônio em processo: trajetória da política de preservação no Brasil*; de José Reginaldo Santos Gonçalves (1996), intitulado *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*; entre outros. Não abordaremos esse tema neste trabalho. Feitas essas leituras, optamos por trabalhar com a tese de doutorado da arquiteta Ana L. Goelzer Meira (2008), intitulada *O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção*, onde a autora analisa especificamente, a trajetória da instituição desde o tombamento de São Miguel até os dias atuais, considerando as intervenções mais importantes ocorridas no Sítio Histórico. Além disso, vale destacar a dissertação de mestrado de Vladimir Fernando Stello, com o título *Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo: Avaliação conceitual das intervenções de 1925-1927 e 1938-1940*, que procurou verificar se as obras realizadas no monumento nos períodos referidos conferem com os preceitos de restauração da época, fazendo um paralelo com as modernas teorias de preservação. Outro importante trabalho, que trata da trajetória de preservação das Missões no Brasil, é o artigo intitulado: *Preservación de las misiones: trayectoria de Brasil*, dos autores Luiz Antônio Bolcato Custódio e Vladmir Fernando Stello (2008). No nosso estudo, para a abordagem da breve cronologia da preservação dos remanescentes da Redução de São Miguel, partimos da perspectiva que leva em consideração o sistema de captação e abastecimento de água como elemento integrador do conjunto da redução, foco desta pesquisa.

deixava clara a intenção de concentrar as atividades em São Miguel por sua importância arquitetônica. Meira (2008:337-338, grifo nosso) afirma que esse relatório "compreendia uma *descrição objetiva* da situação encontrada no monumento, por meio de um relato sucinto acompanhado de desenhos detalhados de alguns remanescentes (...)". A partir dessa afirmação poderíamos inferir que a "descrição objetiva" de Lucio Costa não contemplou os espaços de fontes de água por serem estruturas periféricas da Redução. Para Cyro de Oliveira Lyra (2005:29) o relatório de Lucio Costa inaugurou a metodologia de trabalho de intervenção da recém-fundada Instituição[124]. Segundo STELLO (2005:74), Lucio Costa determinou a forma de tratamento dos remanescentes missioneiros e, neste sentido, foi um "norteador para todo o programa de preservação do patrimônio cultural missioneiro até os dias de hoje". As diretrizes desse relatório balizaram a primeira grande intervenção para a consolidação das ruínas, realizadas por Lucas Mayerhoffer de 1938 a 1940 (MEIRA, 2008).

No tocante à significativa contribuição desse relatório aos primeiros trabalhos de preservação do IPHAN nas missões, parece-nos importante destacar a ideia de conservação do conjunto da Redução, mesmo quando ainda incipiente. Apesar de não fazer referência[125] às fontes de água no entorno do núcleo urbano da Redução de São Miguel, o arquiteto afirmou a importância de reunir os "restos existentes" para uma maior compreensão do conjunto, acrescentando que tal ação "será de muito maior significação" e "também porque, assim reunidas, as peças ganharão outro sentido" (COSTA, 1937). Dessa forma, fica evidente o empenho do Instituto, na figura de Lucio Costa, para a conservação da igreja e do conjunto da Redução.

Segundo Custódio e Stello (2008), os anos seguintes foram marcados por intervenções estruturais e levantamentos gráficos das ruínas: em 1954 ocorreram obras de consolidação da igreja de São Miguel, coordenadas pelo arquiteto do IPHAN Maurício Dias da Silva; entre os anos de 1967 e 1970, a partir da vistoria do então professor e arquiteto Júlio

---

[124] Para um maior entendimento sobre a importância do relatório de Lucio Costa na forma de atuação do IPHAN nos primeiros anos da instituição ver MEIRA, 2008: 337-341.

[125] Vale destacar que, segundo Maria Cecília Londres Fonseca (2005), na primeira fase de atuação do IPHAN, a chamada "fase heroica" ou fase da "pedra e cal", reconhecida a partir da atuação de Rodrigo Melo Franco de Andrade, importava construir uma história do Brasil, na qual a criação de uma identidade nacional estava pautada na escolha dos bens tombados. As Ruínas de São Miguel estavam, portanto, exclusivamente ligadas a esse conceito, importando a representatividade que tal monumento trazia na construção da história do Brasil. Para Sérgio Barra (2008:60), a atuação do IPHAN na sua primeira fase estava relacionada a um "tradicional sistema de atribuição de valores", no qual a *monumentalidade* marca "nomes e/ou fatos considerados importantes na História do Brasil", a *excepcionalidade* elenca "exemplares únicos", a *ancestralidade* "remete ao período de formação da nacionalidade" e, por fim, a *autenticidade* indica a arquitetura que conservava, ao máximo, os "traços originais" e, sobretudo, a arquitetura "genuinamente nacional".

Curtis[126], foi realizado obras de caráter estrutural em vários pontos dos remanescentes do núcleo urbano da redução; em 1974 foram elaborados levantamentos gráficos por um grupo de arquitetos de São Paulo nos Sítios de São Miguel, São João Batista e São Lourenço Mártir e, em 1980, o arquiteto Júlio Curtis solicitou apoio da sede do IPHAN que em sua atuação contou com assessoria internacional da UNESCO, que enviou ao Brasil o engenheiro Roberto Di Stefano (CUSTÓDIO; STELLO 2008).

Na década de 1980 ocorreram as primeiras escavações arqueológicas de forma sistemática (CUSTÓDIO; STELLO, 2008). A partir desse período a preservação dos remanescentes missioneiros foi fortemente marcada pelas ações de arqueólogos[127] que, por meio de escavações, coletas da cultura material, estudos em laboratório e, principalmente, pela produção de conhecimento a partir das pesquisas realizadas e do material coletado, possibilitaram, ao longo do tempo, compreender a complexidade do sistema missional, contribuindo para a preservação arqueológica deste patrimônio cultural na região missioneira.

Primeiro ocorreu a grande escavação de La Salvia, entre os de 1979 a 1981 na Redução de São Nicolau, como veremos no capítulo III; em um segundo momento, o projeto *Arqueologia Histórica Missioneira*, coordenado pelos arqueólogos e professores Arno Alvarez Kern e Pedro Augusto Mentz Ribeiro, tendo sido realizadas escavações nos remanescentes de São Lourenço Mártir, São João Batista e São Miguel Arcanjo (KERN, 1998; CUSTÓDIO, 2008). A partir da década de 1990, como já tratamos no início deste capítulo, as escavações arqueológicas realizadas contaram com o auxílio de outras áreas de conhecimento, como arquitetura, história, biologia e antropologia. Nesse contexto, foi realizado o primeiro Sítio-escola Internacional[128], também coordenado pelo arqueólogo Arno Alvarez Kern, que visava fornecer subsídios para a formação de arqueólogos.[129] Em 1995 no âmbito do *Programa Integrado de Valorização* do IPHAN, foram realizadas escavações no Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo, junto ao muro da quinta (ver figuras 8 e 9),

[126] O arquiteto Júlio Curtis foi Coordenador e Diretor do IPHAN/RS entre 1978 e 1987.

[127] Segundo o arqueólogo Tobias V. Moraes, do IPHAN/RS, os sítios arqueológicos missioneiros se enquadram no Art 2º da Lei de Arqueologia: c) os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmios", nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico (Lei nº 3.924 de 26 de julho de 1961, que dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos).

[128] Este projeto contou com a participação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS), do IPHAN e da Prefeitura de São Miguel das Missões.

[129] Projeto Sítio-escola Internacional, Porto Alegre: 1990. Fonte: Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa CX SMA 1.

coordenadas pelo arqueólogo José Otávio Catafesto e supervisionadas pelo arqueólogo Cláudio Baptista Carle e arquiteto Vladmir Stello.[130] Nesse período, entre 1990 e 2000, além das escavações já mencionadas, ocorreram inúmeras intervenções que possibilitaram o conhecimento de outras estruturas do período missioneiro, como já vimos nesse capítulo, especialmente as intervenções na área do atual *Parque da Fonte Missioneira*.

A preservação desses remanescentes, com especial atenção às estruturas de fontes, no que se refere a sua proteção legal, está garantida pela Lei nº 3.924[131] e pela Instrução Normativa Nº001[132], ainda que esses instrumentos não exijam a delimitação de uma área física, como ocorre com os bens imóveis tombados (Igreja e demais elementos presentes no Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo). A necessidade de delimitação física para proteção de nascentes está prevista no Novo Código Florestal Federal, pois as estruturas de fontes estão sempre associadas às nascentes de água, denominadas como Áreas de Preservação Permanente (APPs) [133]. A "sobreposição" de leis de proteção não tem garantido, contudo, a preservação daquele patrimônio arqueológico independentemente de sua valorização oficial como bem cultural.

Para KERN (1998:31), "ao contrário dos remanescentes arquitetônicos, eles são pobremente protegidos pelas leis de proteção do patrimônio nacional" e "parecem estar desprovidos de proteção uma vez que a nova cidade se instala sobre essa cultura material". Esse cenário indica a necessidade de serem buscados outras formas e instrumentos de preservação dos sítios das fontes de água como referências da memória e da identidade dos missionários jesuítas e dos *Guarani*, bem como das bases da ocupação atual desse território.

Assim, qualquer que seja a ação de preservação[134] desses remanescentes, não poderá estar desvinculada de um trabalho mais aprofundado de arqueologia que abarque

---

[130] Relatório das Atividades arqueológicas realizadas no Sítio São Miguel Arcanjo, dezembro de 1995. Fonte: Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa CX SMA 1.

[131] De acordo com Sonia Rabello (2009:20), a proteção do patrimônio arqueológico não se dá através do ato do tombamento, mas, "No caso específico das jazidas arqueológicas, a proteção se dá *ex vi legis*, isto é, imediatamente, por força da própria lei e, por tal motivo prescinde de processo e ato administrativo, pois seus efeitos decorrem da vigência da lei".

[132] Esta Instrução Normativa, de 25 de março de 2015, estabelece procedimentos administrativos a serem observados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional nos processos de licenciamento ambiental dos quais participe.

[133] As APPs (Áreas de Preservação Permanente) são regidas pela Lei nº 12.651, de 25 de maio de 2012, que estabelece uma área de 50 metros de largura ao redor de nascentes de água de qualquer dimensão.

[134] No que se refere a ações de preservação e proteção de um bem cultural, Sonia Rabello (2009:21) sugere outras modalidades de preservação: "Vale ainda destacar uma espécie de proteção de um bem cultural assemelhada ao tombamento, sobretudo quanto aos efeitos, mas dele se diferenciando em outros aspectos.

novos estudos de campo e pesquisas em laboratório sobre os remanescentes da cultura material missioneira que ali ainda se encontram. Nesse sentido, as intervenções realizadas para a consolidação do espaço do *Parque da Fonte Missioneira*, como já vimos, são referências para futuras ações que busquem entender as outras nascentes de água no entorno das Ruínas de São Miguel Arcanjo como elementos integrados do sistema missional. Para o arquiteto Gutiérrez "*la confluência de la información documental histórica com el trabajo arqueológico y arquitetônico en el propio sitio nos permitirán recuperar um conocimento más preciso de esta obra paradigmática de la arquitectura jesuítica*". [135] O mesmo autor observa a necessidade de buscarmos nos vestígios arqueológicos suporte material passível de restauração por meio da anastilose, o que possibilitaria a recuperação da qualidade da concepção espacial promovida pelos jesuítas e *Guarani*.

Ulpiano Bezerra de Meneses (1984) nos traz importantes contribuições ao refletir sobre a preservação e valorização do patrimônio arqueológico brasileiro[136]. Ao examinar os conceitos de identidade e memória, atrelados a uma identidade cultural e, portanto, à preservação de bens culturais, o autor traça um panorama de suas implicações, em especial daquelas, atribuídas pelas Antropologia e Sociologia, "que nos informam que a identidade, (...) é sempre socialmente atribuída, socialmente mantida e também só se transforma socialmente". Ao refletir sobre o conceito de memória, um dos suportes essenciais da identidade, o mesmo autor faz uma série de considerações quanto às suas características e aos seus efeitos no processo histórico da Humanidade, destacando que "os testemunhos de diversas naturezas sobre 'tempos passados' devem ser considerados como suporte de informação sobre a mudança, seus processos, seu alcance" e, desta maneira, não podemos "só considerá-los enquanto produtos, mas investigar também os contextos de produção e consumo." [137] Em sua reflexão, o autor aponta que toda cultura material, formada pelo conjunto de vestígios de um determinado sítio arqueológico[138], pode ser considerada "produto" e ao mesmo tempo "vetor das relações sociais".

Trata-se da preservação de áreas de interesse cultural e ambiental, através de instrumentos legais de planejamento urbano, a nível municipal.".

[135] GUTIÉRREZ, et al, 2005:334.

[136] MENESES, Ulpiano Bezerra de. Identidade Cultural e Arqueologia. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº20/1984.

[137] MENESES, 1984, passim.

[138] MENESES (1984:34) definiu o sítio arqueológico como a "unidade empírica básica da Arqueologia" e como sendo "ele próprio um 'artefato' e não somente o depósito de 'achados' arqueológicos". Consideramos

Ao transpormos essa ideia para os vestígios arqueológicos existentes nas nascentes de São Miguel, podemos afirmar que, para além de "meros artefatos", eles constituem base de informações sobre as relações sociais estabelecidas entre os *Guarani* e jesuítas durante o período histórico missioneiro e, também, sobre as relações sociais estabelecidas na Vila de São Miguel. Nesse sentido, a valorização desse patrimônio arqueológico passa por três razões fundamentais conforme MENESES (1984): a) Razão científica; b) Razão afetiva; e c) Razão política.

Ao justificar a preservação do patrimônio arqueológico brasileiro sob a *perspectiva científica* o autor indica que os vestígios arqueológicos oferecem "uma parcela apreciável" de informações para o entendimento da "dimensão temporal do homem", isto é, constituem elementos fundamentais na determinação das "estratégias de subsistência", dos "processos adaptativos (naturais e socioculturais)", nos "aspectos de mudança cultural, evolução cultural, aculturação (...)", todos, elementos presentes no processo histórico missioneiro. Por exemplo, ao mencionarmos a aculturação, poderíamos fazer um paralelo com o impacto do uso do metal nas reduções. Para Cláudio Baptista Carle (1998),

> [...] os metais que eram produzidos nos povoados missioneiros foram, nada mais que, uma cópia das peças trazidas pelos europeus, assim como toda a parafernália trazida pelo jesuíta, em contrapartida o europeu usou a língua Guarani, hábitos alimentares, de caça, de produção e muitos outros.
>
> (CARLE, 1998:133)

Ao tratar a valorização do patrimônio arqueológico sob a *perspectiva afetiva*[139], Menezes esclarece que a cultura material também pode ser elemento fundamental para o reconhecimento de outros vínculos, pois, o homem é um ser que "se enraíza em espaços determinados, espaços que vêm assim a funcionar como suporte de comunicação, de inter-relação, de organização de sentido e, enfim, de fecundidade". Ao adotar um ponto de vista subjetivo, que transcende a dimensão material do "artefato", o autor identifica a dimensão de

---

importante mencionar que o patrimônio arqueológico dos sítios missioneiros aqui tratados, de acordo com a Carta de Lausane de 1990 – ICOMOS/ICAM (Carta para a proteção e gestão do patrimônio arqueológico), "pertencem a estruturas arquitetônicas, devendo, nesse caso, ser protegidos, respeitando os critérios relativos ao patrimônio arquitetônico enunciados em 1956 na carta de Veneza (...)". Por sua vez, a Carta de Veneza – ICOMOS (Carta Internacional sobre conservação e restauração de monumentos e sítios) estabelece, em seu Art. 9º "(...) A restauração será sempre precedida e acompanhada de estudo arqueológico e histórico do monumento." (CURY, 2004: 93).

[139] A dimensão afetiva tem particular importância para o nosso trabalho, especialmente no que se refere ao significado das fontes para a população da antiga Vila de São Miguel, como já visto no Capítulo I (ver item 1.2.4 – A percepção local das fontes: os significados atribuídos às fontes de água, p.84).

"pertença", ou seja, "o homem 'pertence' a um espaço e nele estabelece uma "rede de relações" [140]. Concluindo:

> [...] a informação arqueológica, dando-me a medida da ação humana e do trabalho humano, confere uma espécie de selo de dignidade ao espaço em que estou presente. Independentemente, portanto, da diferença e da distância, há uma trilha de identificação, que introduz qualidade na vivência.
>
> (MENESES, 1984: 36)

No campo da *Razão política*, enfatizando que "político" se refere "a *polis*, à cidade governada por seus cidadãos, portanto, à cidadania", Meneses aborda os fatores de destruição do patrimônio arqueológico, dando principal atenção à exploração econômica e ao resultado destruidor dos grandes projetos agropecuários, caracterizando a situação como indício de uma "sociedade desequilibrada". Por esse motivo, salienta que a preservação acaba sendo uma "bandeira que se impõe em todos os domínios" e no campo da arqueologia essa posição acaba sendo uma "*reapropriação*, pelo cidadão, daqueles bens de que ele foi expropriado pelas diversas formas de domínio e exploração.". [141] Nesse sentido, a arqueologia se torna a disciplina capaz de nos fazer entender, de forma mais abrangente, o "processo de desenvolvimento histórico local" possibilitando a implantação de "políticas locais de preservação dos vestígios arqueológicos e dos sítios históricos, segundo o princípio da UNESCO de levar as comunidades locais a preservar seu próprio patrimônio" (KERN, 1998:27).

As definições da UNESCO constituem para esta pesquisa outro campo a ser referido. A Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, ocorrida no ano de 1972, inaugurou a ação da UNESCO em relação aos monumentos definidos como detentores de valor universal excepcional (VUE) [142]. Com base na Convenção as "Ruínas de São Miguel" foram declaradas Patrimônio Mundial, no ano de 1983 (MEIRA, 2008). A classificação de São Miguel como Patrimônio Mundial ocorreu juntamente com as Reduções

---

[140] MENESES, op. cit., p. 36.

[141] MENESES, 1984, passim.

[142] O *Valor Universal Excepcional* (VUE) é definido "como uma relevância cultural e/ou natural que é tão excepcional a ponto de transcender as fronteiras nacionais e ser de domínio comum para as gerações presentes e futuras de toda a humanidade." (Patrimônio Mundial. Manual de Referência. Preparação de candidaturas para o Patrimônio Mundial. Brasília: UNESCO Brasil, Iphan, 2013, p.33). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual%20de%20Referencia%20-%20Preparacao%20de%20Candidaturas%20para%20o%20Patrimonio%20Mundial.pdf. Acesso em: 12/02/2016.

da Argentina (San Ignacio Mini, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto e Santa María La Mayor). O documento de classificação como Patrimônio Mundial da UNESCO deixa clara a intenção de, também, incluir na Lista de Patrimônio Mundial algumas missões localizadas no Paraguai e ainda menciona o Uruguai como parte do território missioneiro[143], afirmando: "assim, todo o conjunto de monumentos pode prover a representação das missões Jesuíticas dos Guarani". [144] O mesmo documento faz especial menção à Igreja, por ser o único exemplar das reduções que mantém pórtico de entrada e a torre, e à instalação do Museu das Missões em um dos vértices da antiga praça da redução, oposto à igreja. Chamamos a atenção para um ponto específico do documento, o item *Estado de Preservação/Conservação*, onde se destacou a necessidade de trabalhos de arqueologia:

> O trabalho de conservação deverá ocorrer em duas frentes: de um lado, existe a necessidade de um plano global (**urbano, arqueológico, ambiental, econômico, técnico)** com uma perspectiva que se utilize de critérios atuais, apropriados para um **monumento com valor histórico e arqueológico**; e por outro, trabalhos imediatos de consolidação devem ser iniciados.
>
> (WCH Nomination Documentacion/UNESCO, grifo nosso, tradução nossa)

A partir de 2007, a UNESCO determinou a necessidade de atualização dos dados relativos aos bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial, apresentados anteriormente à modificação das categorias de valoração estabelecidas na Convenção. A elaboração desse documento de atualização denominado como *Declaração Retrospectiva de Valor Universal Excepcional (DR VUE)* [145], foi iniciada em 2011 pelo IPHAN, sendo que a DR VUE das Missões Jesuíticas dos Guarani[146], englobou, além das Ruínas de São Miguel das Missões no

---

[143] O documento não apresenta a intenção de inserir na lista as demais Reduções existentes no Brasil, também reconhecidas como patrimônio nacional desde o ano de 1970. São elas: São João Batista, São Lourenço Mártir e São Nicolau.

[144] *WHC Nomination Documentation. Jesuit Missions of the Guaranis: San Ignacio Mini, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto and Santa Marí ala Mayor (Argentina), Ruins of São miguel das Missões (Brazil).* Fonte: arquivo digital do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

[145] A *Declaração Retrospectiva de Valor Universal Excepcional (DR VUE)* consiste numa declaração de valor realizada algum tempo após a inscrição do bem na Lista do Patrimônio Mundial, justificando os motivos pelos quais o bem foi admitido na Lista, sendo de responsabilidade dos Estados-Parte, em parceria com os Órgãos Consultivos e o Centro do Patrimônio Mundial. Segundo MOURA (2013), "tal fato ocorreu em função de vários bens listados não possuírem uma Declaração de Valor Universal Excepcional, por terem sido inscritos antes de 2007".

[146] Retrospective Statement of Outstanding Universal Value Jesuit Missions of the Guaranis: San Ignacio Mini, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto and Santa Maria Mayor (Argentina, 291), Ruins of Sao Miguel das Missoes (Brazil, 275).

Brasil, as Reduções da Argentina, devido à sua declaração em conjunto no ano de 1983. Essa Declaração Retrospectiva apresenta uma síntese do bem; justificativa dos critérios de valoração; declarações de autenticidade e integridade e os requisitos para a sua proteção e gestão. Nesse documento, ao se apresentar a Declaração de Integridade (Statement of Integrity/2011) pontuou-se que na maioria dos Sítios os "componentes que informam o VUE" (Valor Excepcional Universal) estão contidos no interior das áreas de proteção e, com relação às estruturas de São Miguel, faz rápida menção às canalizações pluviais, contudo sem qualquer referência às estruturas existentes no *Parque da Fonte Missioneira*, já evidenciadas naquele momento. Quanto à Declaração de Autenticidade (Statement of Authenticity/2011), apenas informa que os materiais e técnicas construtivas originais mantêm a autenticidade física do bem e que as intervenções ocorridas ao longo dos anos de atuação do IPHAN permitiram a sua estabilidade estrutural. O mesmo documento, ao apresentar uma revisão retroativa de valor, informa que os Sítios do Brasil e da Argentina constituem um bem cultural "*transfronteiriço*" e "representam importante testemunho da ocupação do território, e das relações culturais que se estabeleceram entre os povos nativos, na maioria do grupo étnico Guarani, e missionários jesuítas europeus". [147]

Outras ações de valorização dos remanescentes missioneiros vêm buscando ampliar os valores atribuídos às Missões Jesuíticas dos *Guarani*, como o *Projeto Regional de Itinerário Cultural da Região das Missões*[148] e o *Projeto de Valorização da Paisagem Cultural e do Parque Histórico Nacional das Missões Jesuíticas dos Guaranis*[149].

---

[147] Ibid., p.01, tradução nossa.

[148] *Projeto Regional de Itinerário Cultural da Região das Missões* "envolve todo o trajeto que une os países do MERCOSUL através da cultura e dos costumes característicos do período da colonização e que, ainda hoje, possui expressões culturais próprias, apesar das peculiaridades dos povos e das sociedades estabelecidas ao longo desse trajeto. Assim, definir o Itinerário Cultural da Região das Missões é um trabalho conjunto pela identidade regional desde a diversidade e pluralidade existente na América do Sul". Fonte: Notícia do Portal do IPHAN, publicada em 20 de maio de 2011. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1526/mercosul-debate-itinerario-cultural-da-regiao-das-missoes. Acesso em 22/10/2014.

[149] Este projeto tem for objetivo "promover o conhecimento da paisagem cultural das Missões Jesuíticas Guaranis e fornecer subsídios para o desenvolvimento dos instrumentos de gestão do Parque Histórico Nacional das Missões – PHNM, buscando, sobretudo preconizar seu valor como Patrimônio Nacional e da Humanidade, por meio da promoção de sua diversidade sociocultural e ambiental, assim como de seu potencial como ferramenta indutora do desenvolvimento regional" (Ficha Resumo do Projeto - ARIN/PRESI/IPHAN, Julho 2014), sendo realizado com recursos provenientes do IPHAN e com a cooperação internacional técnica e científica do Instituto Andaluz do Patrimônio Histórico (IAPH), da Espanha. Também como ação de valoração do Patrimônio Cultural das Missões o PAC Cidades Históricas, promovendo ações em todo o território nacional, destina à cidade de São Miguel das Missões recursos significativa para a construção do "Complexo Cultural Missões" e para a requalificação urbanística do entorno do Sítio Histórico de São Miguel Arcanjo. O projeto arquitetônico desse complexo está sendo desenvolvido pela *Brasil arquitetura* e encontra-se em fase de projeto executivo e sua construção abrigará a

Do mesmo modo, no intuito de contribuir com o processo de valorização dos remanescentes missioneiros da antiga Redução de São Miguel, parte do nosso estudo buscou compreender, através de entrevistas, a visão de técnicos e pesquisadores envolvidos com a temática missioneira quanto à importância da valorização das fontes de água como Patrimônio Cultural. Algumas respostas são semelhantes. O historiador Jean Baptista salientou: "*Por seu aspecto histórico, as fontes constituem-se em um cenário fundamental para a salvaguarda da história e memória das missões, então entendidas como espaço de interação e negociação entre saberes ocidentais e indígenas*".[150] O arquiteto urbanista Luiz Antônio Bolcato Custódio afirmou: "*(...) não apenas como documento histórico, mas como referência aos aspectos funcionais e ao conhecimento técnico no sistema reducional. (...) Estes equipamentos, obras de engenharia hidráulica, se constituíam em complexos articulados com distintas finalidades para o abastecimento de água: captação, adução, abastecimento e distribuição. (...) cabe mencionar os trabalhos artísticos em cantaria, com altos relevos em várias bacias de fontes (...)*". [151] O arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz pontuou: "*A preservação das fontes jesuíticas, bicas, tanques, canalizações são importantes para conhecer o sistema de urbanização e abastecimento criado para atender a população concentrada em pequeno espaço. (...) As fontes eram trabalhadas, e como obras de arte em pedra são importantes para comparar com as esculturas em madeira das igrejas e edifícios público*". [152]

Além das ações apresentadas acima, utilizando-se de um novo instrumento de valorização de bens culturais, o Decreto nº 3551/2000, o IPHAN aprovou, em dezembro de 2014, a inscrição do bem imaterial *Tava* [153] *- Lugar de Referência para o Povo Guarani* no Livro de Registro de Lugares. Esta ação tem especial relevância para os *Guarani-Mbyá*, pois se trata:

---

sede dos seguintes órgãos: IPHAN, IBRAM, Secretaria Municipal de Cultura de São Miguel das Missões, CTN Sinos de São Miguel e uma Casa de Passagem para os *Mbyá-Guarani* da Aldeia *Tekoà Koenju*, entre outras funções.

[150] Entrevista concedida a autora via correio eletrônico na data de 19/07/2014.

[151] Entrevista concedida a autora via correio eletrônico na data de 12/10/2014.

[152] Entrevista concedida a autora via correio eletrônico na data de 23/09/2014.

[153] Segundo o Parecer nº 667/2014/IPHAN-RS, referente à Solicitação de Registro do bem cultural *Tava*, Lugar de Referência para o povo Guarani, o "termo *Tava* é composto da junção de 'ita' (pedra) e avá (gente, humanidade), traduzindo a ideia de ação humana sobre as pedras" (Fonte: arquivo digital do PHNM, São Miguel das Missões/RS).

> [...] do local onde viveram seus antepassados, que construíram estruturas em pedra, nas quais deixaram suas marcas, ou melhor, parte de suas corporalidades; onde são relembradas as belas palavras do demiurgo; e onde é possível vivenciar o bom modo de ser *Guarani-Mbyá*. Estar na *Tava* aciona dimensões estruturantes e afetivas de sua vida social, pois ali se encontra uma 'casa de pedra' que concretiza, de maneira paradigmática, a morada dos antigos, visível a todos, tanto aos grandes *karaí* quanto aos *juruá* (não-indígenas), e que evoca os ensinamentos fundamentais para se viver de acordo com os princípios éticos *Guarani-Mbyá*.
>
> (Dossiê de Registro/IPHAN-Tava-Lugar de Referência para os *Guarani*, 2014:1)

Este importante processo de reconhecimento, inserido no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI)[154] do IPHAN e que valoriza um lugar de referência cultural para os *Guarani-Mbyá* , apesar de não estabelecer relação direta com o objeto da presente pesquisa, nos interessa consideradas as informações que compõem o *Dossiê de Registro*/ IPHAN – *TAVA*. Segundo esse Dossiê (2014), como já apresentado no início deste capítulo, os *Mbyá-Guarani* estão presentes na região de São Miguel desde 1940, quando havia uma aldeia na "Mata São Lourenço". [155] Nos anos seguintes, se instalaram em acampamentos nas proximidades de São Miguel das Missões e na década de 1990 os *Mbyá-Guarani* formaram uma aldeia em área próxima a Fonte Missioneira (localizada ao Sul das Ruínas e hoje o atual *Parque da Fonte Missioneira*), permanecendo cerca de dois anos no local. Em 2000, a partir da aquisição de terras de particulares pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, foi constituida a Reserva Indígena do *Inhacapetum*[156], onde se encontra a aldeia Alvorecer (*Tekoa Koenju*). O Dossiê (2014) registra as atividades realizadas durante todo o processo de *Inventário de Referências Culturais (INRC) da Comunidade Mbyá-Guarani* e identifica:

> (...) a demanda pela execução de ações de salvaguarda para a preservação do patrimônio cultural associado ao repasse dos saberes das práticas artesanais relacionadas ao trançado, à escultura em madeira e à confecção de instrumentos musicais (...)
>
> (Dossiê de Registro/IPHAN-Tava, 2014:100)

---

[154] "O Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) foi instituído no ano 2000, por meio do Decreto 3.551/2000, que criou dois novos instrumentos de preservação: o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial – que formaliza o reconhecimento de bens imateriais mediante sua inscrição em Livros de Registro - e o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) – que é uma metodologia de documentação cultural." (*Dossiê de Registro*/ IPHAN – *TAVA* – Lugar de Referência para os *Guarani*, 2014).

[155] Área de mata localizada a noroeste do município de São Miguel das Missões.

[156] A Reserva Indígena se encontra na margem esquerda do rio *Inhacapetum*, em São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul (*Dossiê de Registro*/ IPHAN – *TAVA* – Lugar de Referência para os *Guarani*, 2014).

Isso resultou na realização de oficinas, entre as quais chamamos a atenção para uma, em especial: a oficina no *Tekoa Koenju*, realizada entre os dias 30 de maio e 05 de junho de 2010, na Aldeia Alvorecer, em São Miguel das Missões. Participaram da oficina 70 pessoas de Terras Indígenas dos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Para a confecção do artesanato *Guarani* a oficina foi pautada de momentos importantes, como o valor dos conhecimentos tradicionais dos mais velhos, o conhecimento das matérias-primas e a confecção de objetos com técnicas tradicionais. Os participantes da oficina solicitaram a visita ao sítio arqueológico de São Miguel das Missões e à Fonte Missioneira, locais que os *Guarani* reconhecem como:

> (...) **um conjunto de áreas nas proximidades do *Tekoa Koenju* como áreas de uso e ocupação tradicional** e que, por circunstâncias diversas, hoje se encontram impossibilitados de utilizarem (...). Durante a execução das atividades de salvaguarda do Projeto, em três ocasiões foi necessária a entrada nesta área e algumas espécies foram retiradas para a utilização durante a oficina de artesanato no *Tekoa Koenju* (...) **As conhecidas matas São Lourenço, Esquina Ezequiel, *Ygua Porã* (Fonte Missioneira) e o *Kaaró* são áreas consideradas como de uso e ocupação tradicional e, por este motivo, os *Guarani* decidiram encaminhar a FUNAI um documento solicitando a demarcação destas áreas.**
>
> (Dossiê de Registro/IPHAN-Tava, 2014:107, grifo nosso)

A partir daí, novos estudos das disciplinas de antropologia e sociologia relacionadas à temática das fontes de água, especialmente ao espaço da Fonte Missioneira, localizada ao sul do Sítio Histórico, área de ocupação tradicional dos *Mbya-Guarani*, darão maior suporte à valorização desses espaços de fontes como bem cultural.

Recentemente, em maio de 2015, as *Missões Jesuíticas Guaranis, Moxos e Chiquitos* foram, também, declaradas Patrimônio do MERCOSUL.[157] Para tanto, são entendidas como um bem cultural "único" e caracterizado como um sistema inserido em um território "com elementos fortemente vinculados entre si e onde cada parte tem singularidade e ajuda a compreensão e apreciação do todo" e, considerado um "período histórico particular com significativos desdobramentos em períodos posteriores", como uma herança comum a

[157] Criado em 2012, o Mercosul Cultural visa consolidar instrumentos de gestão da área cultural dos países que integram Mercosul (Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela, e os países associados são Bolívia, Chile, Equador, Peru e Colômbia). Como Patrimônio do MERCOSUL o sistema das Missões Jesuítas Guaranis, Moxos e Chiquitos faz parte de uma herança comum entre cinco países - Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai, sendo reconhecidos como patrimônio cultural da região, ressaltando os valores e a importância das Missões Jesuíticas para o cenário cultural dos países da América Latina. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br. Acesso em: 10/04/2016.

cinco países do MERCOSUL [158]. O Dossiê de Candidatura a Patrimônio Cultural do MERCOSUL ratifica os valores a serem preservados: etnográficos; paisagísticos; históricos; urbanísticos; arquitetônicos; artísticos e arqueológicos. Tendo como elemento de interesse para esse trabalho as fontes de água, podemos atribuí-las pelo menos cinco dos valores ratificados às *Missões Jesuíticas Guaranis, Moxos e Chiquitos* cuja preservação foi destacada como patrimônio do MERCOSUL:

1º - quando as fontes de água representam espaços de interação entre os saberes indígenas e missionários, tornam-se elementos fundamentais para a salvaguarda da história e da memória das missões, são suporte de ***valores históricos***;

2º - quando representam um *modelo* próprio de instalação do sistema de captação e abastecimento de água das reduções, é suporte de ***valores urbanísticos***, pois contribuíram para as decisões quanto à implantação e desenho da Redução;

3º - quando informam sobre os "modos peculiares de emprego das tecnologias e materiais disponíveis" [159], é suporte de ***valores arquitetônicos***. Logo, o estudo de suas estruturas é importante para auxiliar na compreensão do esforço técnico realizado por seus construtores dado as condições locais disponíveis;

4º - quando trazem nos seus trabalhos de cantaria, esculpidos em alto relevo, especialmente nas bicas de água das fontes, é suporte de ***valores artísticos***;

5º - quando representam parte da cultura material produzida pelos missioneiros, são suporte de ***valores arqueológicos***, que neste caso pode ser considerado ferramenta básica e, portanto, indispensável para a compreensão da estrutura construída por jesuítas e guarani, tanto em escala local como territorial.

Levando-se em conta o que apresentamos neste capítulo, demonstramos que as formas de valorização e proteção legal das fontes de água são diversas e ocorreram algumas vezes de forma simultânea (legal/oficial, local, regional, territorial). O reconhecimento da importância de preservação do sistema que as integra e lhes dá sentido, conjugadamente com o Sítio já protegido, depende, entretanto, de que os estudos realizados ao longo de quase 80 anos, sejam mais aprofundados, especialmente, com base no conhecimento da Arqueologia. Considera-se que a investigação arqueológica de todo o sistema de captação e abastecimento

[158] Dossiê de Candidatura a Patrimônio Cultural do MERCOSUL (PCM) apresentado pelos seguintes Estados Partes: Estado Plurinacional da Bolívia, República Argentina, República do Paraguai, República Federativa do Brasil, República Oriental do Uruguai, 2015:10.

[159] Ibid. , p.10.

de água da Redução de São Miguel Arcanjo, individualmente e em todas as suas articulações, dará maior concretude ao que já se infere ou conhece, justificando, inclusive, a indicação de extensão do tombamento para todo o conjunto, ainda que hoje sejam partes integrantes da atual cidade de São Miguel das Missões.

2. Os recursos hídricos na formação das Reduções Jesuíticas dos Guarani

2.1 Antecedentes: a ocupação do território pelas populações ameríndias

A presença de população indígena em território platino antecede à ocupação colonial realizada pela Coroa espanhola. Por isso, muitos autores contemporâneos, entre eles o antropólogo Bartomeu Melià (1986), afirmam que para se entender o processo reducional jesuítico é necessário compreender o "modo de ser" e a realidade cultural *Guarani.* [160] Somada à ação missionária dos jesuítas, a participação do indígena contribuiu de forma decisiva para a organização das reduções, através de complexas relações sociais e culturais, muitas vezes de forma traumática (BAPTISTA, 2009; KERN, 2003). Essas relações se estabeleceram a partir da visão de mundo do europeu, do papel dos jesuítas, e da cultura *Guarani* expressada no seu "modo de ser". Para o nosso estudo tem particular importância compreender o "modo de ser" *Guarani*, pois a escolha do local de implantação das reduções[161] está intimamente ligada à forma de interação e adaptação desse povo ao ambiente e aos recursos nele disponíveis (BARCELOS, 2000). Para Melià (1986), o "modo de ser" *Guarani* "estaria ligado essencialmente ao modo como os índios viviam seu espaço geográfico":

> [...] a categoria tekoha, lugar de modo de ser, de cultura, de teko, significa e produz ao mesmo tempo relações econômicas, relações sociais e organização político-religiosas essenciais para a vida guarani. Em outras palavras: a categoria da espacialidade é fundamental para a cultura guarani, ela assegura a liberdade e a possibilidade de manter a identidade étnica.
>
> (MELIÀ, 1986:105, tradução nossa).

[160] Os *Guarani* são um grupo indígena originário das Américas e formado por três grandes parcialidades: os *Kayová*, *Nhandeva* e *Mbyà*. Atualmente constituem um dos maiores grupos indígenas do Brasil e seu território tradicional abrange grande parte da América do Sul, incluindo Bolívia, Paraguai, Argentina, Uruguai e a porção centro-meridional do Brasil. Uma das unidades desse povo é a língua guarani do tronco linguístico Tupi-Guarani. Os *Guarani-Mbyà*, que hoje estão presentes no Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, no Rio Grande do Sul, formam uma grande rede étnica e possuem aldeias localizadas no Uruguai, Argentina e Paraguai. Além da língua guarani, os *Guarani-Mbyà* estão unidos pelas práticas culturais e pela espiritualidade (*Tava Miri* São Miguel Arcanjo, Sagrada Aldeia de Pedra: os *Mbyà-Guarani* nas Missões. Publicação do IPHAN, 2007).

[161] "A palavra redução tem a sua origem no termo latino *reducere,* que significa reduzir, trazer de volta, sujeitar, diminuir." (Dossiê de Registro / IPHAN - *TAVA* – Lugar de Referência para os *Guarani*, 2014:1).

Para Baptista (2009: 23-1), *tekoa* no seu significado mais amplo, indicava a forma de ocupação do espaço pela família *Guarani*: "espaço esse, extremamente abrangente, partindo do interior da casa até alcançar as mais distantes fontes d'água, matas ou áreas de cultivo.". Os *Guarani* consideravam a forma de ocupação e organização do espaço "como uma estrutura essencial da sua cultura." (MELIÀ, 1986:104). O andar livre pelas matas, a inexistência de limitações de espaço, a importância mitológica da água para a instalação da aldeia, a organização das diversas aldeias e suas interligações dentro de um *Tekohá* ou ainda, as inter-relações estabelecidas entre as *Tekohá* de um imenso território, eram estruturas fundamentais para o "modo de ser" *Guarani* (BARCELOS, 2000; KERN, 2003).

A sobrevivência dos *Guarani* estava, assim, intimamente ligada à natureza, por isso a ocupação do território sempre esteve associada às matas nas bordas de pequenos rios, lagoas e lagunas, espaços propícios à caça e coleta em abundância e, também, em espaços que garantissem um solo rico em húmus para a prática da horticultura. Os *Guarani* percorreram os rios da região platina chegando à foz do rio Paraná e do rio da Prata, ocupando sempre as áreas ribeirinhas de floresta subtropical (KERN, 1994). Viñuales afirma que a presença da água para esses grupos era de fundamental importância, pois além do uso como fonte de alimento, constituía um elemento importante para higiene e recreação: "O Guarani tomava banhos assiduamente e havia adquirido habilidades de navegante e nadador" (1990:326, tradução nossa). A procura por espaços ribeirinhos, além de estar associada à necessidade direta de subsistência, estava também relacionada à mitologia *Guarani*:

> Não apenas se tratava de uma posição estratégica, da qual se podia observar toda a área, mas também da escolha de um lugar mágico. Pela manhã, quando as trevas da noite se dissipavam para dar lugar aos raios de *Quaraí*, o sol, e **quando a neblina começava a subir da calha do rio**, prenunciando a vida do novo dia, os caciques e pajés pronunciavam as palavras sagradas e inspiradas.
>
> (KERN, 1994: 109-115, grifo nosso)

A comunicação entre as aldeias através das redes hidrográficas também fortalecia o "modo de ser" *Guarani*, pois, segundo Kern (1994), através dessas vias de comunicação os *Guarani* concretizavam matrimônios, trocas de produtos e trabalhos artesanais, estabeleciam união através de laços políticos e de parentesco com outras aldeias e realizavam guerras com grupos vizinhos. Todo esse conhecimento indígena seria fundamental para as reduções, pois é a partir dele que o local de implantação das reduções é determinado. A imagem a seguir

(figura 58) mostra a área de abrangência das reduções dos 30 povos entre os rios Paraná, Paraguai e Uruguai.

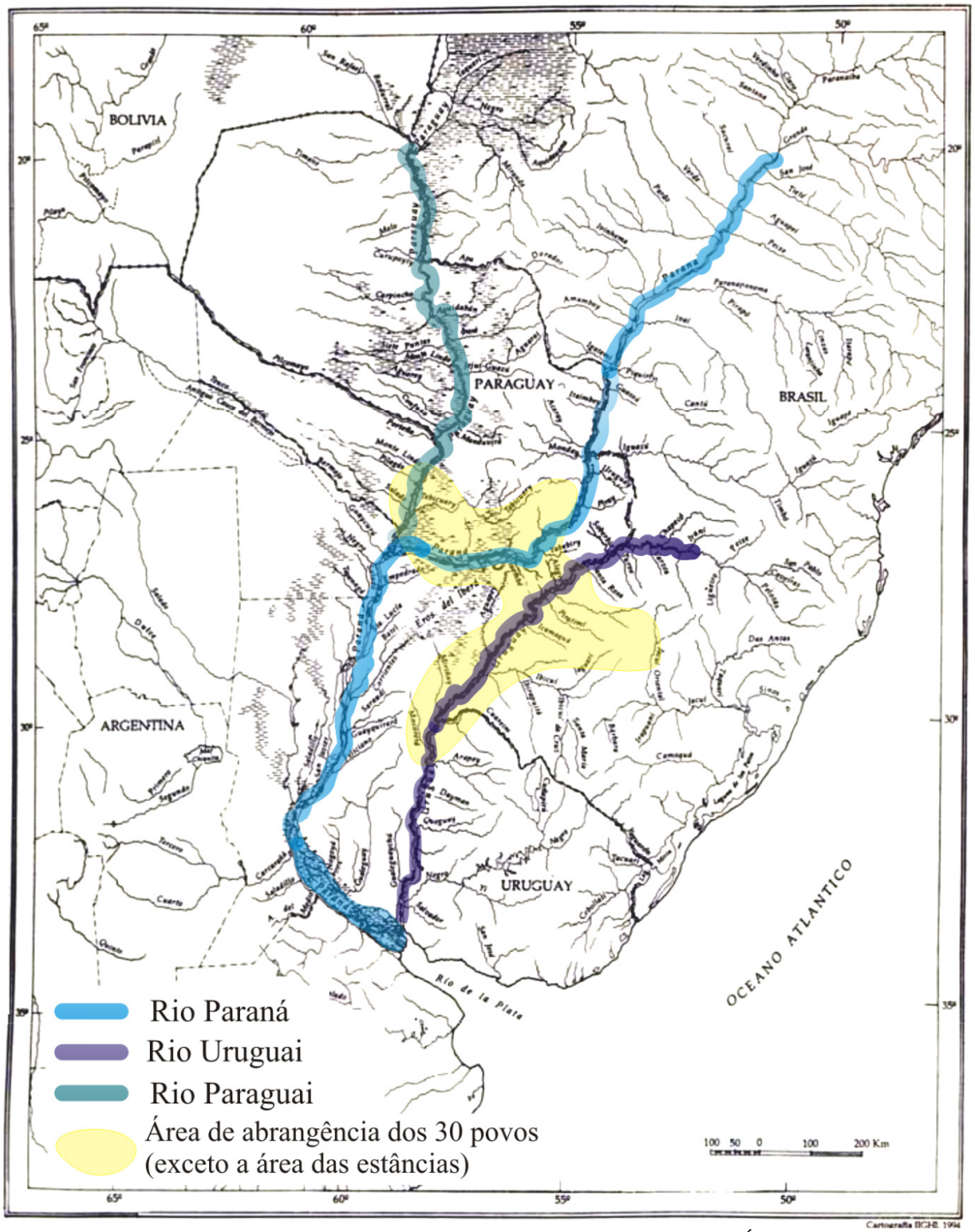


Figura 58. Rede Hidrográfica da Bacia Platina. Fonte: MAEDER, E. & GUTIÉRREZ, R. 1994.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

Pesquisas arqueológicas constataram dois períodos distintos de ocupação das matas subtropicais pelos *Guarani*, sendo o segundo período, entre os séculos XII e XVII, o que nos interessa destacar porque antecede à chegada dos colonizadores e dos jesuítas. Segundo Barcelos (2000), esse período é de "crise ecológica" [162], porque tanto o espaço como os recursos naturais estariam reduzidos, situação que teria possibilitado uma maior aceitação por esse grupo da passagem da vida em aldeias para a vida em reduções. Isso não quer dizer, no entanto, que a migração de aldeias para reduções não tenha causado transformação na forma de organização do espaço *Guarani*, pois a redução produziu uma nova configuração espacial profundamente diferente do *tekoha Guarani* (MELIÀ, 1986:104).

Diante do significativo papel desempenhado pela Companhia de Jesus na conformação do novo território *Guarani* com a instalação das reduções, consideramos importante compreender esse processo de transição e, em face disso abordaremos, ainda que brevemente, no item subsequente, a ação dessa ordem religiosa.

2.2 Apontamentos acerca da Companhia de Jesus na instalação das Reduções

A Companhia de Jesus, criada em 1534 por Inácio de Loyola, tinha como objetivo principal a reforma das metodologias de transmissão do catolicismo. Com o propósito de universalizar o cristianismo, a Companhia assumiu um caráter missionário, onde a atividade de evangelização em busca de novos fiéis levou os jesuítas a diversas partes do mundo, dispostos ao trabalho colonizador pela fé, obedecendo ao Papa e ao lema da Companhia: *Para a maior Glória de Deus*. A ação da Companhia de Jesus também estava intimamente ligada à ocupação militar conduzida pelos reinos de Portugal e Espanha e estabelecida a partir do Tratado de Tordesilhas[163], no processo de conquista de territórios do Novo Mundo (GUTIÉRREZ, 1987:8).

Integrado à missão evangelizadora, os jesuítas estabeleceram nas reduções que fundaram um complexo sistema produtivo, envolvendo o cultivo da terra, a pecuária, a extração de minérios, a exploração de mão de obra indígena, a administração dos estoques de

[162] Ver BARCELOS (2000: 77-81).

[163] Em 1494 foi estabelecida uma linha imaginária que dividia o território da atual América Latina em dois, sendo que grande parte do atual território brasileiro pertencia à Espanha.

produção, o abastecimento de fazendas, reduções, colégios e residências, o acondicionamento e envio de produtos para o Reino e a venda de excedentes da produção no mercado local. Paulo Assunção (2004:22) alega que são necessárias pesquisas mais detalhadas sobre as práticas econômicas dos jesuítas a fim de podermos compreender melhor como o projeto catequético e educacional foi sustentado, afirmando que:

> A preocupação com o cultivo e a exploração das terras de forma a garantir a estrutura da Companhia colocou-a em consonância com a lógica da colonização da época moderna. O empreendimento jesuítico era parte de uma ação colonizadora que almejava, por meio da circulação de mercadorias, efetivar o poder da fé.
>
> (ASSUNÇÃO, 2004:251)

É apenas em 1587 que chegam ao Paraguai os primeiros padres da Companhia de Jesus, provenientes do Peru (FURLONG, 1962). Inicialmente, a ocupação do território platino ocorreu por meio de missões itinerantes. Segundo Gutiérrez (1987:8), os jesuítas optaram por uma evangelização nas "zonas indígenas não catequizadas ou sobre centros urbanos espanhóis, onde por certo tempo se pregava e em seguida se retornava ao colégio ou residência central".

Esse contexto também foi marcado pelo sistema de *encomienda*[164], como tática para a evangelização, sendo essa considerada uma forma de indenização pelos serviços de civilização e cristianização prestados pelo colono. Entretanto, o processo deliberado de exploração do indígena pelo colono levou o vice-rei criar as "reduções" (GUTIÉRREZ, 1987:8). Com isso, o jesuíta espanhol[165] passou a ir ao encontro do índio em seu *habitat* natural, instalando as reduções sempre distantes dos povoados espanhóis. A localização das reduções em territórios já ocupados pelos *Guarani* é fruto da tática dos jesuítas espanhóis em distanciá-las ao máximo e o mais viável possível dos centros de povoamento espanhol, mantendo o índio em seu ambiente natural e permitindo a sua maior proteção contra os

[164] O sistema de encomendas consistia na exploração de um grupo de indígenas por um colono, a partir da concessão das autoridades locais, enquanto o colono vivesse. Em troca, o colono deveria pagar um tributo à metrópole e promover a cristianização dos indígenas. Dessa forma o colono de origem espanhola era duplamente favorecido, na medida em que se utilizava da mão de obra e ao mesmo tempo, impunha sua religião, moral e costumes aos nativos (FRANZEN, 2002).

[165] Segundo FRANZEN (2002:126-128), o jesuíta português e o jesuíta espanhol tinham o mesmo objetivo: "tornar o indígena um cristão, a partir da catequese, e um homem aos moldes europeus, capaz de viver numa sociedade organizada, desenvolvendo uma atividade produtiva, sistemática, e, desta forma, torná-lo participante do Estado europeu.", mas, diferentemente dos aldeamentos portugueses, "as reduções na América Espanhola constituíam-se como unidades econômicas autônomas, ativas, autossustentáveis, ao mesmo tempo em que nelas desenvolvia-se a evangelização.".

encomenderos. Mas, de fato, a penetração da Coroa espanhola no território platino também estava orientada pelo interesse em criar locais estratégicos para conter o avanço da colonização portuguesa no sul da América (FRANZEN, 2003:93).

2.3 A importância da água na formação das Reduções Jesuíticas dos Guarani

2.3.1 A água e a escolha do sítio de implantação: 1ª fase de ocupação

Quando a Companhia de Jesus inicia suas atividades na região da Bacia Platina[166], se depara com grupos indígenas que já possuíam uma extensa estrutura espacial e social formada pelos *Guarani*[167], entre outras etnias. A figura 59 (página 115) mostra a localização aproximada das populações indígenas que viviam nesse território, desde o século XVI até meados do século XVII, compreendendo o período da conquista até o apogeu da colonização.

O mapa da figura 60 (página 116), segundo MAEDER (2009:41), é do Padre José Quiroga, datado de 1749 e impresso em Roma em 1753, sobre uma gravura de Ferdinando Franceschelli e "inclui a localização de alguns povoados de mocovis e outras parcialidades além das missões dos guaranis. Para Furlong é esta a carta 'mais perfeita que fizeram os jesuítas do século XVIII' para a região". Nessa mesma iconografia (figura 60) fica evidente a preocupação com o registro dos recursos hídricos da região das missões, pois além de indicar os rios Uruguai e Paraná a iconografia também registra seus afluentes, como, o Rio Piratini ao sul da missões de São Nicolau, São Luis Gonazaga, São Lourenço e São Miguel e o Rio Ijui, dividindo-se em "Yjui guazu" e o "Yjui miri" após as missões de Santo Ângelo e São João Batista. Mais afastada a missão de São Borja, junto ao rio Uruguai.

---

[166] A Bacia Platina abrange os territórios do atual Paraguai e áreas da Argentina, Brasil, Uruguai, Chile e Bolívia.

[167] O termo *Guarani*, durante o período colonial, era utilizado pelas autoridades coloniais e religiosas para designar as diferentes etnias existentes no território de ocupação colonial espanhola. As diferentes etnias existentes no território sul americano estão indicadas na figura 59.

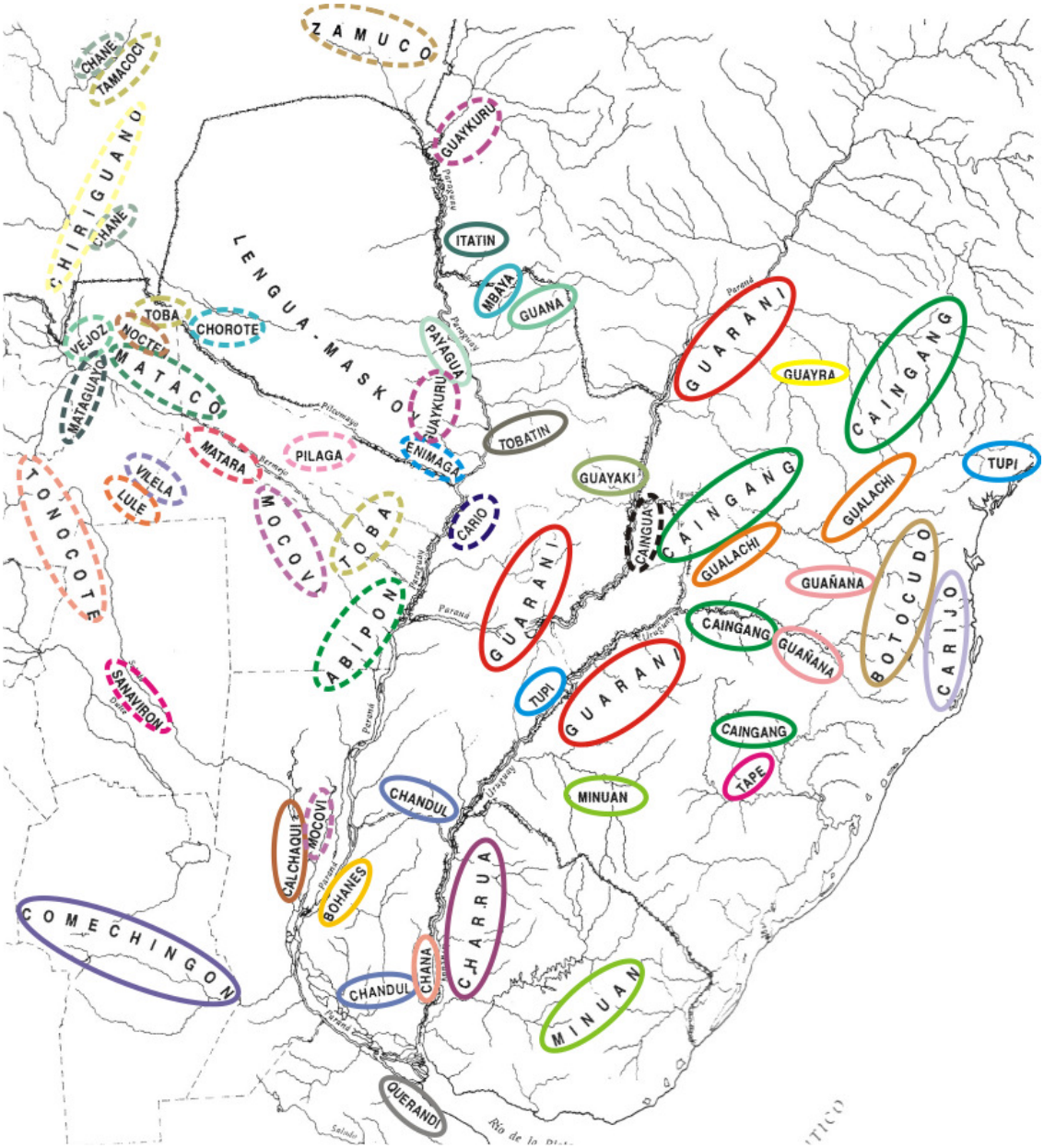


Figura 59. Mapa das populações indígenas até meados do século XVIII na região. Fonte: MAEDER, 2009. Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores: Ingrid Arandt. Cada elipse da imagem, com diferentes cores e tipos de linha (contínua e tracejada), representa uma etnia.

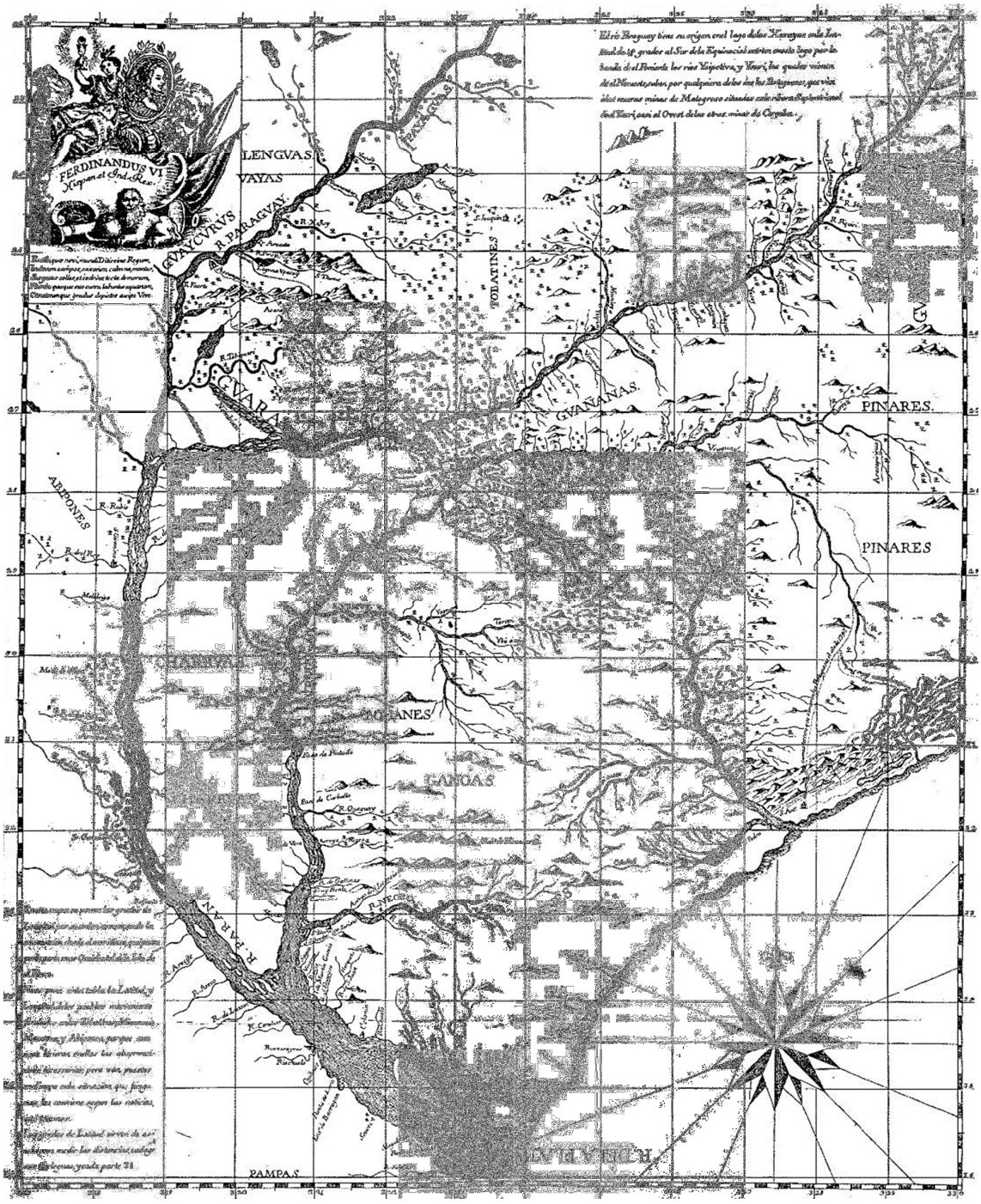


Figura 60. Mapa das missões da Companhia de Jesus nos rios Paraná e Uruguai.
Fonte: MAEDER, 2009.

Em 1604, logo após as primeiras missões realizadas pelos jesuítas foi criada a Província Jesuítica do Paraguai, cujo território abrigava os 30 Povos das Missões. O estabelecimento das *Leis das Índias*[168] espanholas orientou o processo administrativo colonial e a forma de organização dos povos ameríndios, dando início a uma sistemática de instalação das reduções que foi se "corporificando ao longo dos séculos XVII e XVIII" (KERN, 2003:37). Essas leis, no âmbito desta pesquisa e no que se referem à localização dos novos povoados e às preocupações quanto ao abastecimento das populações, somadas à cultura da população ameríndia e ao conhecimento dos padres jesuítas, iriam determinar a configuração do território das reduções, principalmente na segunda fase de ocupação histórica, no século XVIII.

A forma de escolha do sítio de implantação da redução, segundo Gutiérrez (1987), obedecia a critérios rigorosos, considerando as potencialidades de assentamento, a disponibilidade de terras e de recursos naturais. As *Ordenazas* (Lei das Índias) apresentavam as diretrizes para a fundação de novos povoados, indicando a preocupação quanto ao abastecimento das populações. Entretanto, elas não ofereciam modelos urbanos fechados para uma redução, mas indicações quanto à localização, ao clima, à direção dos ventos e à presença de água no espaço a ser escolhido e, ainda, indicações para a disposição de estruturas, como a praça e as ruas. Note-se também que, além de apresentar diretrizes, as *Ordenazas* apontavam a importância do consentimento dos índios para a instalação do povoado, o que, segundo Jean Baptista, de fato se dava, na medida em que os indígenas participavam da escolha dos sítios[169].

> Ley j. Que Ias nuevas poblacione se funden con las calidades de esta ley.
> D. Felipe II, Ordenanza 39, y 40 de Poblacioncs. D.s
> EI Emperador D. Carlos Ordenanza li, de 1523.
> Carlos II y Ia Reyna Gobernadora.
> (...), y las demas poblaciones la Tierra adentro, **elijan el sitio de las que estuvieren vacantes, y por disposicion nuestra se pueda ocupar, sin prejuicio de los Indios, y naturales, ó con su libre consentimiento**: y cuando hagan la planta del lugar, repartándo por sus plazas, calles, y solares á cordel y regla, comenzando desde la

[168] Consolidadas em 1573 e geradas a partir das *Ordenanzas Reais,* de Carlos V, "eram documentos extensos, de caráter genérico, que além de inúmeros aspectos referentes a várias áreas de organização administrativa colonial também se referiam ao processo de ocupação. Definiam critérios gerais para a escolha de sítios; para a implantação das novas povoações; para a organização interna das mesmas; para a distribuição dos terrenos e ainda para a localização dos equipamentos urbanos, entre outros" (CUSTÒDIO, 2002:68).

[169] "Quando os indígenas escolhiam o local de fundação do povoado, sinalizavam territórios com fontes e rios próximos para os jesuítas. Na medida em que as populações cresciam, os povoados incrementavam o sistema hídrico do complexo missional onde técnicas indígenas e ocidentais desenvolviam-se (encanamento, açudes, fontes)". (Entrevista com Jean Baptista, concedida à autora via correio eletrônico, no dia 17/09/2014).

> plaza mayor, y sacando desde ellas calles á las puertas y caminos principales, y dejando tanto campos abierto, que aunque la población vaya en gran crecimiento, se pueda siempre proseguir y dilatur en Ia misma forma. **Procuren tener el agua cerca, y que se pueda conducir ai Pueblo y heredades, deriván doia si fuere posible, para mejor aprovecharse de ella**, y las materiales necesarios para edificias, tierras de labor, cultura y pasto, con que excusarán el mucho trabajo y costas, que se siguen de la distancia.
>
> (LA SALVIA, 1994:10, grifo nosso).

A fundação da primeira redução na província do Paraguai data de 1610, com a Redução de San Ignacio del Guazú. A figura 61 mostra as várias outras missões instaladas no período de 1610 a 1634, nos territórios de Guayra (circulado em amarelo), Iguazu Acaray (circulado em verde), Itatim (circulado vermelho) e Tape (circulado em azul). Segundo Pesavento (1994:8), a penetração em território rio-grandense deu-se em 1626 com o estabelecimento das reduções na região do "Tape". Nesse período, a fundação das reduções foi marcada pelos ataques dos bandeirantes paulistas, associados à colonização portuguesa, e de espanhóis escravocratas à captura de índios para a sua venda como mão-de-obra escrava, forçando os índios e padres jesuítas a se deslocarem para outros territórios (PESAVENTO, 1994).

A figura 61, na próxima página, também mostra a área ocupada pelas reduções e a figura 62, na página 120, indica as rotas de ataque dos bandeirantes paulistas às reduções, ocorridos por um período de mais de dez anos.

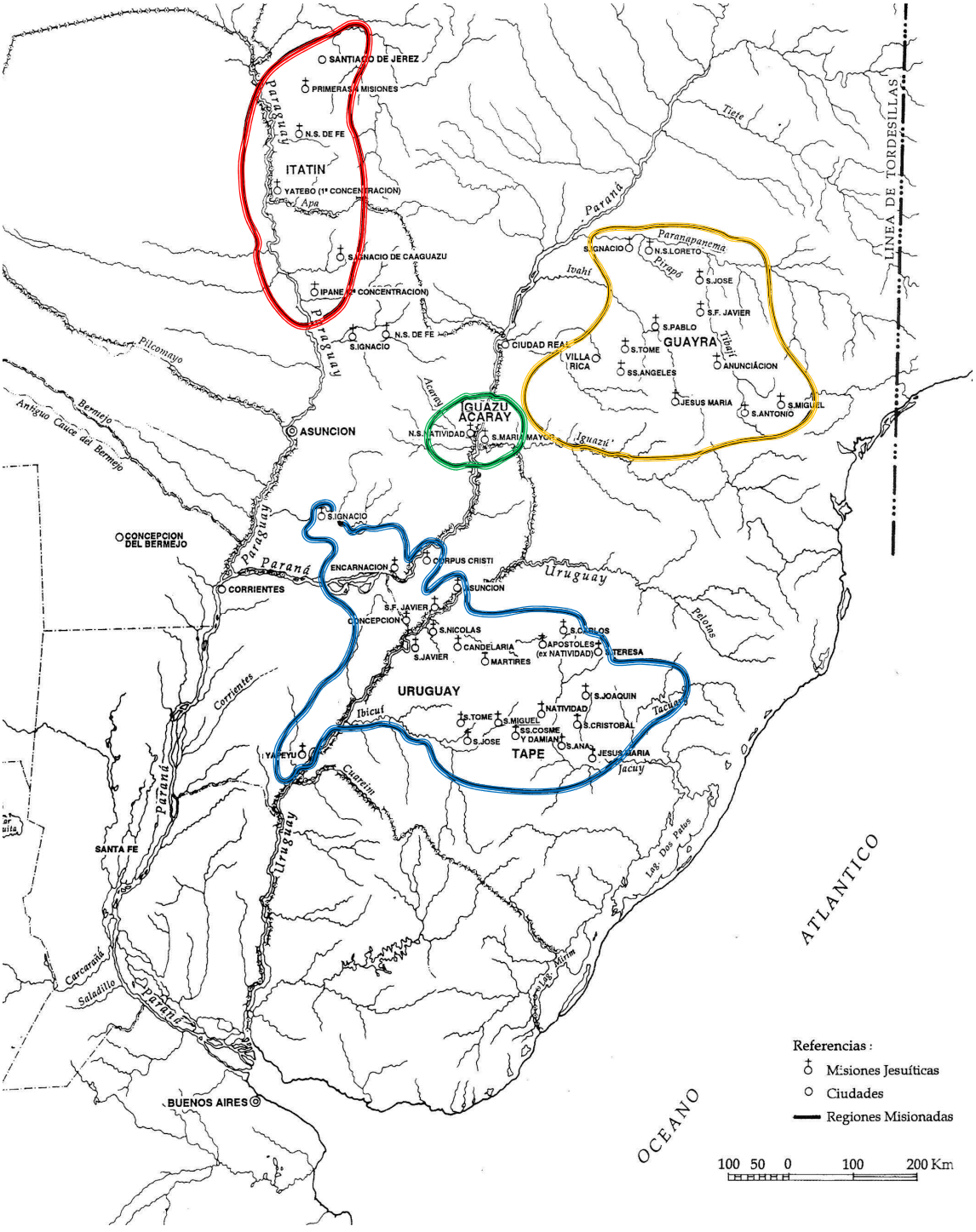


Figura 61. Fundação das missões jesuíticas. Fonte: MAEDER, 2009.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores: Ingrid Arandt.

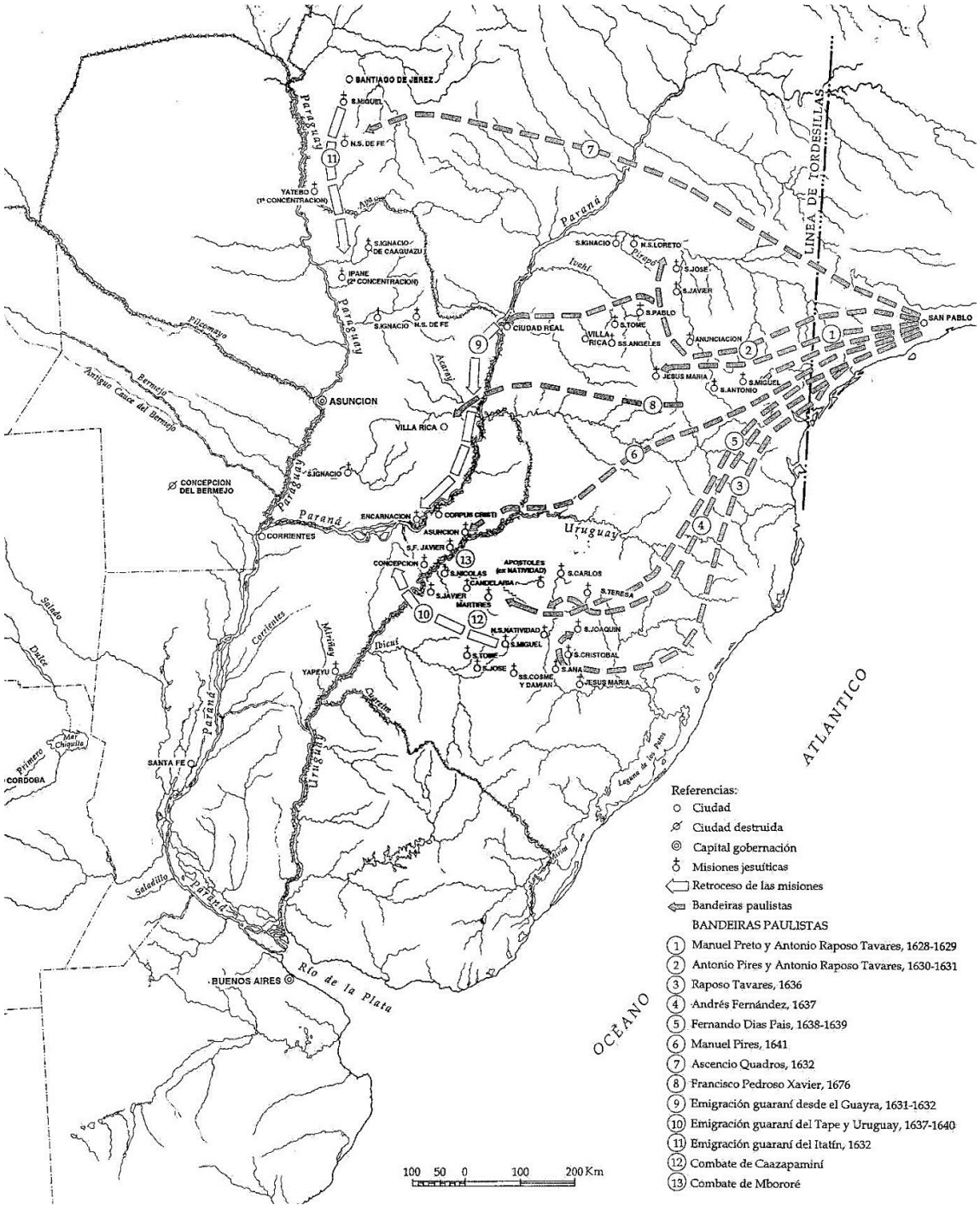


Figura 62. Bandeiras paulistas. Fonte: MAEDER, 2009.

Em um contexto em que as reduções eram constantemente atacadas suas estruturas físicas acabavam sendo mais perecíveis, pois eram construídas de barro e palha. Kern (2014:79) afirma que na primeira etapa de instalação das reduções "percebe-se que o plano urbano já se articula em torno de uma praça central e da igreja", sinalizando a importância desses elementos físicos e, apesar de inicialmente as reduções não apresentarem a complexidade da segunda etapa, já demostram a distribuição das estruturas de forma "precisa e ordenada".

Baptista (2009) aponta que já havia a preocupação com a necessidade de instalação de uma estrutura para captação de água, além da horta e do curral:

> Ao redor do povoado recém-fundado de Jesus Maria da Serra também se eleva uma murada, mas dessa vez, **são construídas em seu interior uma fonte d'água**, uma horta e um curral – recursos capazes de gerar alimento tanto ao padre quanto aos poucos índios que o acompanham.
>
> (BAPTISTA, 2009: 31, grifo nosso)

A partir de 1641 as missões do Tape migraram para a margem oriental do Uruguai, levando os índios e deixando o gado que criavam. Como resultado, esse gado abandonado se reproduziu, formando uma reserva de vacum, a chamada "Vacaria del Mar", e, segundo Pesavento (1994:9): "Estava lançado o fundamento econômico básico de apropriação da terra gaúcha: a preia do gado xucro.". Todo esse rebanho começou a sofrer ataques e roubos pelos portugueses, fazendo com que a Espanha solicitasse aos jesuítas a retomada das reduções[170] na Região do Tape[171]. A partir de então teve início a segunda fase das missões jesuíticas (1682 a 1756), quando as edificações e as estruturas físicas existentes no espaço missional passaram a apresentar um aprimoramento técnico-construtivo e a questão do abastecimento de água aparece como uma preocupação mais presente. As figuras 63 e 64 mostram a expansão das missões no período de 1641 a 1718, registrando o recuo das reduções devido ao ataque dos bandeirantes e a sua expansão a partir de 1685, na retomada do território do "Tape".

---

[170] Outro fator importante que contribuiu com a expansão do sistema missioneiro foi a vitória indígena na batalha de Mbororé, pelas milícias *Guarani*, formada para impedir as incursões bandeirantes, pondo fim às invasões paulistas (Dossiê de Registro / IPHAN - *TAVA* – Lugar de Referência para os *Guarani*, 2014:7).

[171] Na região do Tape foram fundadas as Reduções dos chamados 7 Povos das Missões: São Francisco Borja (1682), São Nicolau (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São Luís Gonzaga (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697), Santo Ângelo Custódio (1707).

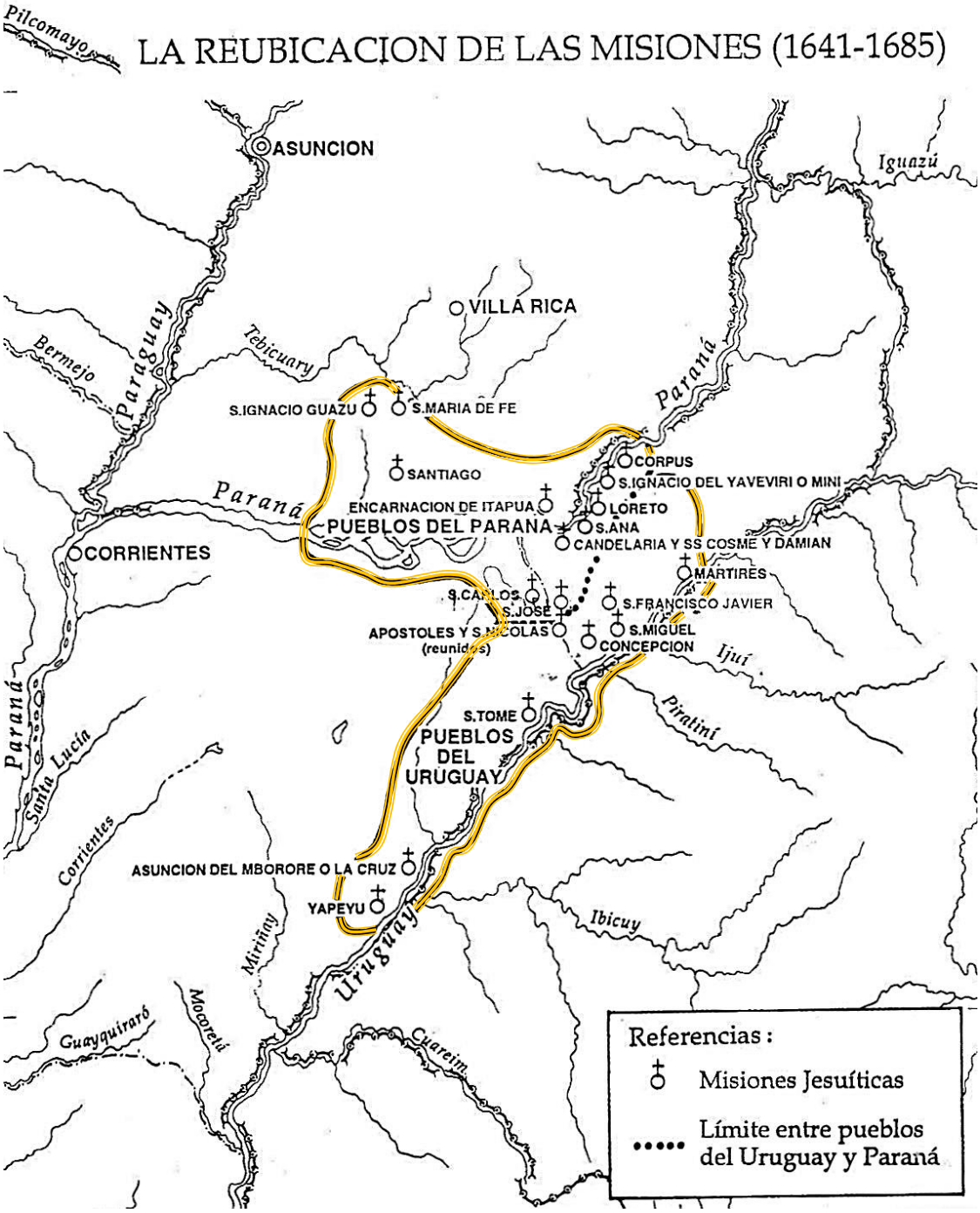


Figura 63. Mapa de expansão das Missões entre 1641 e 1685. Fonte: MAEDER, 2009.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cor: Ingrid Arandt.

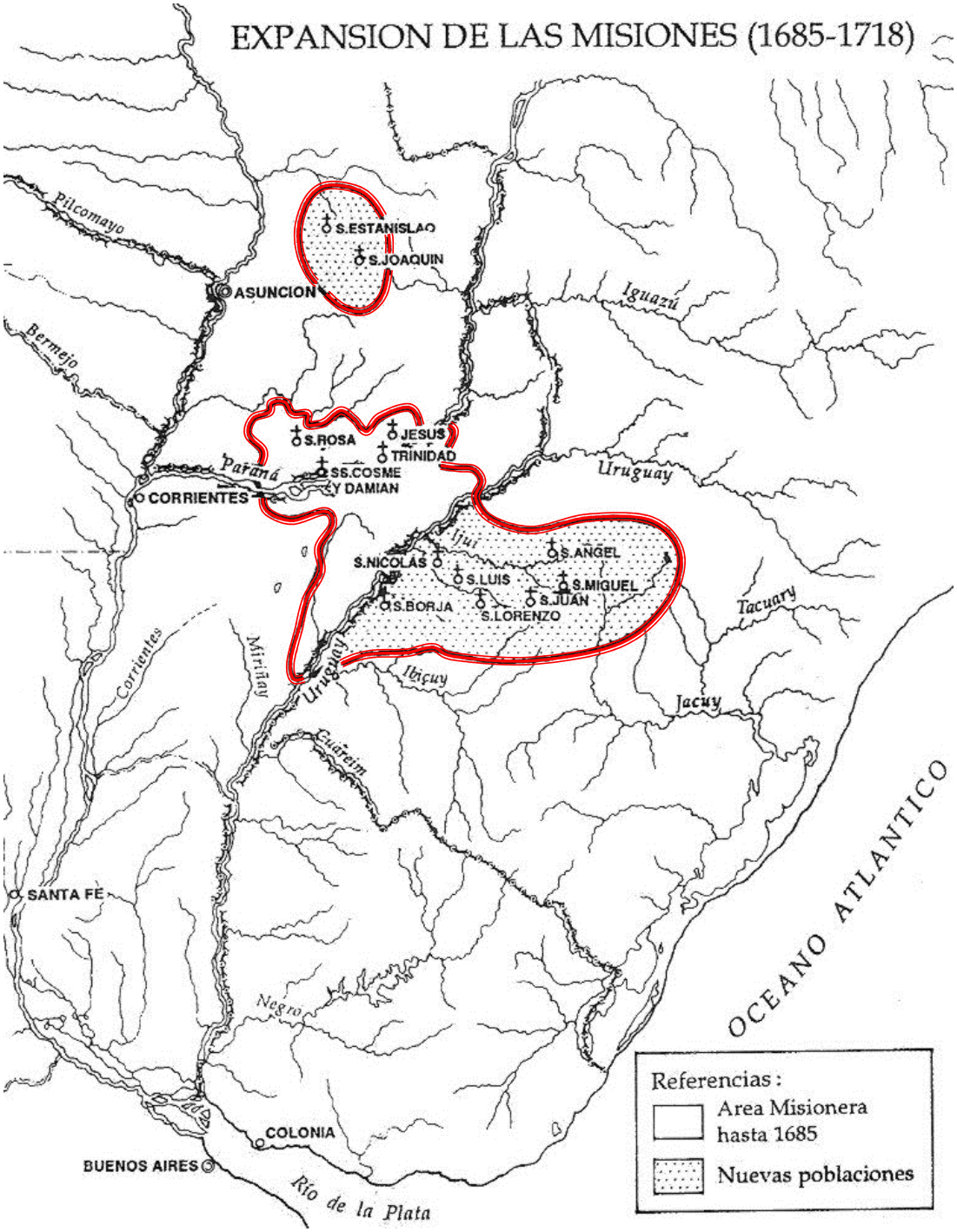


Figura 64. Mapa de expansão das Missões entre 1685 e 1718. Fonte: MAEDER, 2009.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores: Ingrid Arandt.

2.3.2 A estrutura de captação e abastecimento de água na consolidação dos núcleos urbanos: segunda fase de ocupação

A partir da retomada do território do Tape, o processo de expansão das reduções se caracterizou como fase de consolidação dos núcleos urbanos com uso de materiais mais duradouros e o aprimoramento das técnicas construtivas, além de apresentar um forte desenvolvimento econômico (BARCELOS, 2000).

O desenvolvimento econômico foi fator fundamental para a expansão do território e ampliação das estruturas missionais. A extração da erva-mate e a prática da pecuária constituíam-se como atividades predominantes, mas outros produtos também eram cultivados[172] (BRUXEL, 1984). As estâncias, estabelecidas para criação do gado necessário a alimentação das populações nas reduções, tinham infraestrutura própria e o seu programa se assemelhava ao núcleo urbano das reduções, com igreja, casa dos padres, pomar, cercado e equipamentos complementares. Nesse sentido, acredita-se que a infraestrutura hídrica, mesmo que em menor escala, também tenha se repetido no espaço das estâncias[173] (CUSTÓDIO, 2002).

A localização dos povoados, como já vimos, era orientada pelo indígena, simplesmente pelo fato de ser ele profundo conhecedor do território. Escolhido o sítio, dava-se início ao processo de instalação das estruturas do povoado, onde a Igreja tem papel de protagonista, se tornando importante por suas dimensões, volumetria e localização, no ponto mais alto do sítio, e, finalmente, por sua fachada principal estar voltada para a grande praça, espaço de intensa interação social do povoado (KERN, 2013).

A partir da Igreja eram organizadas as demais estruturas: claustro, residência dos padres, oficinas, cemitério, cotiguaçu, hospedaria (tambo), quinta, enfermarias, capelas, fontes, tanques e canalizações de água, açudes, hospitais, estâncias. A figura 65 se refere ao

---

[172] Existia uma grande variedade de produtos cultivados nas reduções: algodão, mandioca, milho, abóbora, batata, trigo, fumo, cevadas e verduras. A diversidade de produtos permitiu que fosse estabelecido entre as reduções um sistema de trocas, atividade que possibilitava reduzir a carência produtiva de algumas delas (BRUXEL, 1984).

[173] Segundo Baptista, "as estâncias também possuíam suas próprias fontes d'água, bem como as terras familiares e alguns caminhos com capelas". (Entrevista com Jean Baptista, concedida à autora via correio eletrônico, no dia 17/09/2014).

Plano[174] de San Ignacio Mini[175] onde podemos perceber a posição central da Igreja em relação ao espaço do núcleo urbano. Se observarmos atentamente, veremos que atrás da Igreja encontra-se um tanque de água, possivelmente constituindo a estrutura física que recebia a drenagem da sua cobertura e a reserva de água para a quinta. Ainda, nessa mesma figura também observamos uma canalização (destacada em verde) que, possivelmente, captava a água de algum afluente próximo ou que conduzia a água do tanque a algum outro ponto do sistema. Independentemente de definirmos a sua exata função, é importante analisar a dimensão dessa estrutura: se tomarmos a medida da largura da igreja como parâmetro, veremos que o comprimento dessa canalização é aproximadamente seis vezes maior. A partir dessa constatação podemos concluir que as estruturas de captação e abastecimento de água eram planejadas e construídas com capacidade para cumprirem a função de conduzir[176] a água por distâncias consideráveis.

[174] Segundo MAEDER (2009:88): "Este curioso plano foi executado pelo agrimensor Juan Queirel no ano de 1899, nos períodos em que os trabalhos na zona eram muito difíceis. Foi publicado por Juan Queirel. *Las ruinas de Misiones*, Buenos Aires, 1901".

[175] A Redução de San Ignácio Mini foi fundada em 1632 e atualmente suas ruínas se encontram em território Argentino. No início do século XX o poeta modernista argentino Leopoldo Lugones, a pedido de seu governo, fez uma expedição às ruinas da Província de Misiones, a fim verificar o seu estado de conservação. Esse trabalho resultou na publicação de um ensaio intitulado *El imperio jesuítico*, no qual o autor analisa o projeto missioneiro junto ao povo *Guarani*. (ASEFF, Marlova. Modernismo e herança barroca em El império jesuítico, de Leopoldo Lugones. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Vol. 7, Nº 16, Jul- Set 2008, p.99-116.). As ruínas de San Ignacio receberam a sua primeira obra de consolidação na década de 1940 e em 1984 foram declaradas Patrimônio Mundial pela UNESCO, juntamente com as Reduções de Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto, Santa María La Mayor, na Argenrtina e São Miguel, no Brasil, como veremos no capítulo IV.

[176] Além da evangelização, os jesuítas se dedicaram ao ensino, fundando os primeiros colégios em 1548 e 1549. Também se dedicaram à pesquisa científica e seus estudos se baseavam nos saberes deixados pela física aristotélica, além de estudarem astronomia, óptica, geometria, mecânica, matemática, hidráulica, entre outros. Os processos de condução e elevação de água existentes nas reduções tinham como princípio fundamental esses conhecimentos científicos, possibilitando que obtivessem êxito nas obras de engenharia hidráulica (FERREIRA, Pe. Pedro Magalhães Guimarães. Jesuítas na Ciência. Disponível em: http://www.fplf.org.br/pedro_varios/Meus%20textos%20teol%C3%B3gicos%20e%20filos%C3%B3ficos/2012-05,%20Jesu%C3%ADtas%20na%20Ci%C3%AAncia.pdf. Acesso em: 23/08/2015).

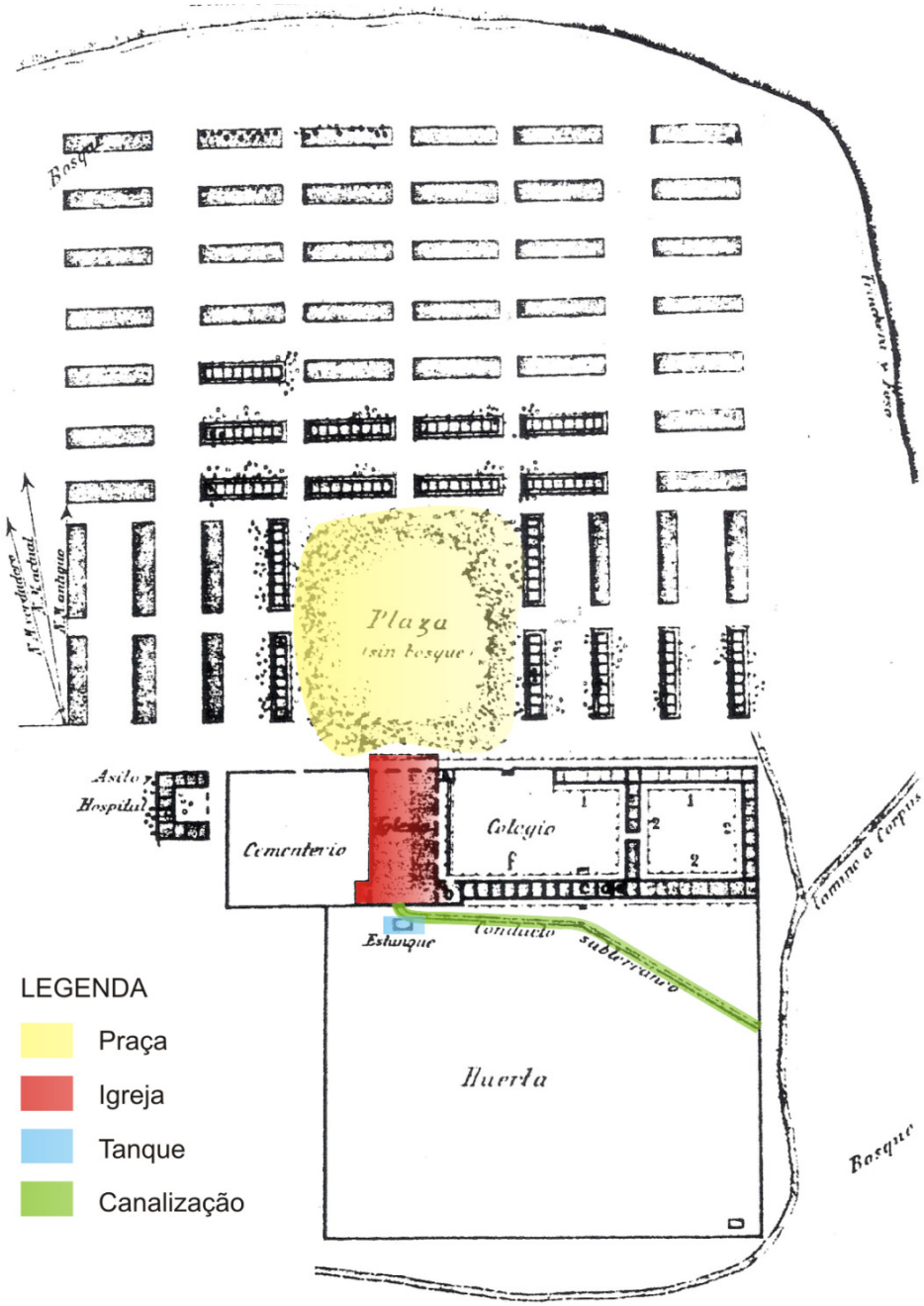


Figura 65. Plano de Juan Queirel de 1899. Fonte: MAEDER, 2009.
Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

Em outras reduções também é possível encontrar elementos do sistema de captação e abastecimento de água, como na Redução de La Santísima Trinidad del Paraná, no Paraguai, onde ainda existem os vestígios de um possível sistema de drenagem, localizado no pátio dos padres e da igreja:



Figura 66. Sistema de drenagem-pátio dos padres com canalização em direção à quinta.
Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: 2015.



Figura 67. Sistema de drenagem direcionado ao espaço da quinta.
Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: 2015.

A nova etapa de expansão das reduções possibilitou uma especialização na construção do sistema de captação e abastecimento de água nas reduções, tendo levado a um alto grau de desenvolvimento na urbanização do povoado, com a instalação de várias fontes e tanques de reserva de água, bicas, poços, açudes, tubulações, sistemas de drenagem e coleta de água a partir de telhados e, também, de um sistema cloacal (latrinas coletivas, fossos, mictórios). A dinâmica da vida na redução era inerente ao abastecimento de água para a população que vivia nelas, sendo que cada estrutura do sistema possuía uma função definida.

Instaladas no entorno do núcleo urbano, as fontes de água representavam estruturas de grande importância para a redução, pois possibilitavam a manutenção necessária da vida diária de indígenas e padres e, segundo Custódio (2002:107), "[...] espalhou-se por todos os povoados e seus arredores, uma dezena de fontes, muitas delas em pedras adornadas por motivos missionais e inseridas num complexo sistema hídrico.". As fontes também representavam um lugar de grande importância para as práticas dos Guarani, pois eram o lugares para onde as mulheres e crianças se dirigiam para o banho e lazer, além de coletarem água em jarros. Por determinação dos padres jesuítas, em cada fonte havia um indígena como vigia para evitar qualquer tipo de desvio comportamental.[177] A retórica disciplinadora dos missionários está presente nos documentos pesquisados e, talvez os espaços de fontes tenham

[177] BAPTISTA, Jean. O Temporal: sociedades e espaços missionais. Dossiê Missões: Vol. 1. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009: 174-175.

sido os lugares de maior destaque da visão misógina dos padres, em que o recato feminino se tornou uma preocupação constante.

Em relação à estrutura física do sistema de captação e abastecimento de água, as fontes históricas pesquisadas indicam a existência de uma série de equipamentos criados para o abastecimento da população. Segundo o padre jesuíta Pablo Hernández (1913) ao escrever sobre o tema "Artes" nas reduções faz referência a essas estruturas:

> **Saben** [...] hacer casas, fabricar iglesias com piedra, ladrillo e teja, [...] **abrir pozos, armar norias, encaminhar por acequias el agua de los ríos á los campos, huertas y pueblos, em que también hacen fuentes públicas de agua de pie, com estanque y pillas para lavar ropa.**
>
> (HERNÁNDEZ, 1913:297, grifo nosso)

O Padre José Cardiel[178] também faz referência a um conjunto de tanques do sistema de captação e abastecimento de água da Redução de San Javier e explica como a água era canalizada e aproveitada para diversas finalidades, situação bastante semelhante ao sistema hídrico evidenciado na fonte sul da Redução de São Miguel:

> [...] más abajo había otros dos estanques [...] los tres a diferentes niveles, el agua pasaba de la primera a la segunda y de esta a la tercera por conductos subterráneos. Deduje de todo que la primera debió suministrar agua beber, la segunda para los baños y la tercera para el lavabo de ropas.
>
> (CARDIEL, 1747:150-156)

As imagens a seguir se referem a peças depositadas no Museu das Missões, no Brasil. São pedras esculpidas, indicando serem bicas d'água de nascentes existentes no entorno de alguma redução.

[178] Segundo Maria Cristina B. Martins (2010), o padre jesuíta José Cardiel, nasceu na Espanha, em 1704, destacando-se como naturalista e geógrafo e dedicando-se a cartografia. Cardiel relacionou a flora, fauna e etnografia do Rio da Prata e produziu mapas de várias zonas do atual Paraguai. Chegou à Buenos Aires em 1729 e, dois anos depois, foi encaminhado para trabalhar nas reduções dos *Guarani*. O padre Cardiel viveu aproximadamente 38 anos entre os índios *Guarani*. Após a "Guerra Guaranítica" foi designado para restaurar a redução de São Miguel destruída pelo conflito.



Figura 68. Peça depositada junto ao Museu das Missões. Foto: Ingrid Arandt.



Figura 69. Pedra esculpida indicando ser uma bica d'água de uma fonte. Peça depositada junto ao Museu das Missões. Foto: Ingrid Arandt.

A fonte abaixo se encontra exposta no Museu Jesuítico de San Ignacio Mini, junto ao complexo das Ruínas de San Ignacio e pertence ao acervo do Museu Histórico Nacional da Argentina. Segundo informações do museu, originalmente esta peça constitui uma das fontes de água esculpida em pedra de arenito, revestida com lajes de arenito e cerâmica. A peça é proveniente da Redução dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo e tinha a função de abastecimento de água e de lavatório para o povoado. Podemos observar que é uma peça rica em detalhes esculpidos na pedra e possui três pontos de saída de água, como ocorre na maioria das bicas de água das fontes apresentadas nesse estudo.



Figura 70. Fonte de água da Redução de Santos Apóstolos. Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: 2015.

A iconografia produzida por alguns jesuítas, em especial o trabalho do naturalista Florian Paucke (1719-1780) que viveu na redução de San Francisco Javier, na região do Chaco argentino[179], entre índios mocovis, chama atenção pela qualidade dos registros. Paucke produziu uma série de ilustrações registrando as atividades e hábitos dos indígenas, sendo considerado um dos primeiros cronistas gráficos do Rio da Prata. Na sua iconografia encontramos o registro da vida indígena e a presença da água, como a hora do banho e a travessia de um rio na região do Chaco argentino[180].



Figura 71. Florian Paucke: crianças indígenas mocovíes, século XVIII. Fonte: Universidade do Museu Social Argentino. Original: Biblioteca do Mosteiro de Zwettl (Áustria).

[179] O Chaco argentino é a região geográfica da Argentina que se localiza entre os rio Pilcomayo ao norte e os rios Paraguai e Paraná à leste.

[180] Informações da exposição "Florian Paucke (1719-1780): La memoria maravillosa", realizada no ano de 2013 pela Faculdade de Artes da Universidade do Museu Social Argentino. Disponível em: http://umsa.edu.ar/Blog/Post?eid=240&fid=9. Acesso em: 21/07/2014. Iconografias disponíveis em: http://www.pinterest.com/tapykuere/florian-paucke/. Acesso em: 23/07/2014.

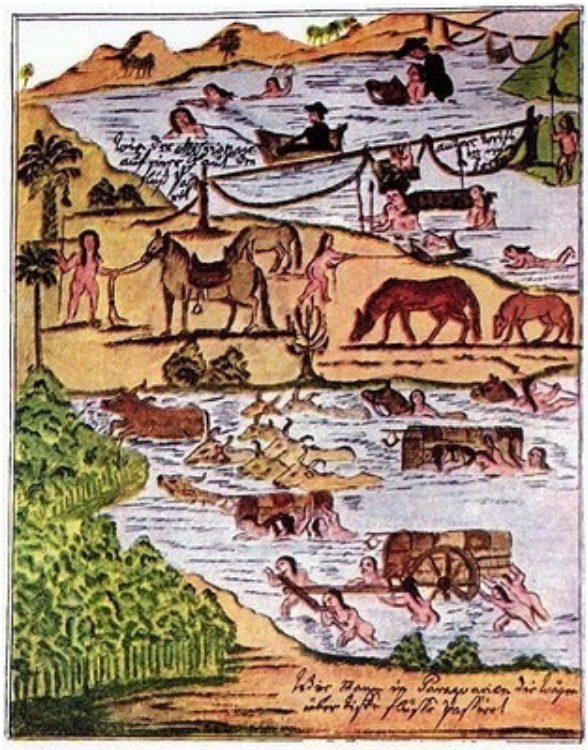


Figura 72. Florian Paucke: índios e missionários atravessando um rio na região do Chaco, século XVIII.
Fonte: Universidade do Museu Social Argentino. Original: Biblioteca do Mosteiro de Zwettl (Áustria).

Do mesmo autor, abaixo a iconografia mostrando a Redução de San Javier em um exercício da cavalaria (século XVIII) e a relação próxima de arroios e lagunas com o núcleo urbano da redução.

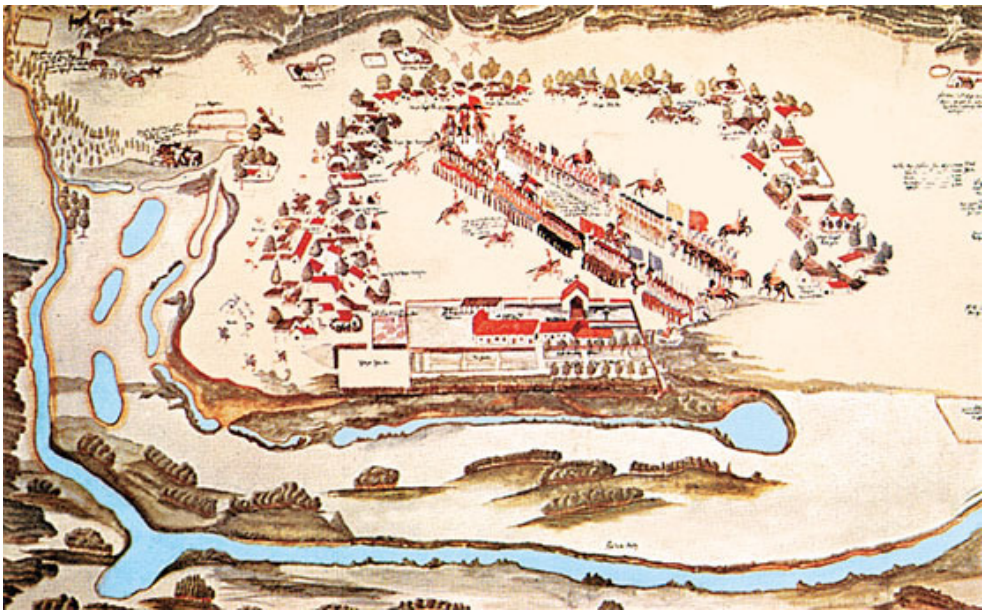


Figura 73. Florian Paucke, Misión San Javier, século XVIII.
Fonte: Universidade do Museu Social Argentino. Original: Biblioteca do Mosteiro de Zwettl (Áustria).

No que se refere à iconografia pesquisada, o nosso estudo encontrou poucos registros das estruturas do sistema de captação e abastecimento de água nas reduções, contudo, o que foi identificado corrobora para a existência de um sofisticado sistema de captação e abastecimento de água. Segundo MAEDER (2009), o croqui da figura 74 refere-se a um desenho de um açude.

> O primeiro (...), é simplesmente uma identificação sem maiores precisões de ruínas localizadas com um exótico "convento" e para o norte a localização da "piscina". O desenho do açude resgatou, como havia feito o Padre Gambón dois anos antes, a evidência de sofisticados sistemas de abastecimento de água para o consumo e irrigação que os jesuítas haviam instalados em suas missões.
>
> (MAEDER, 2009:87)

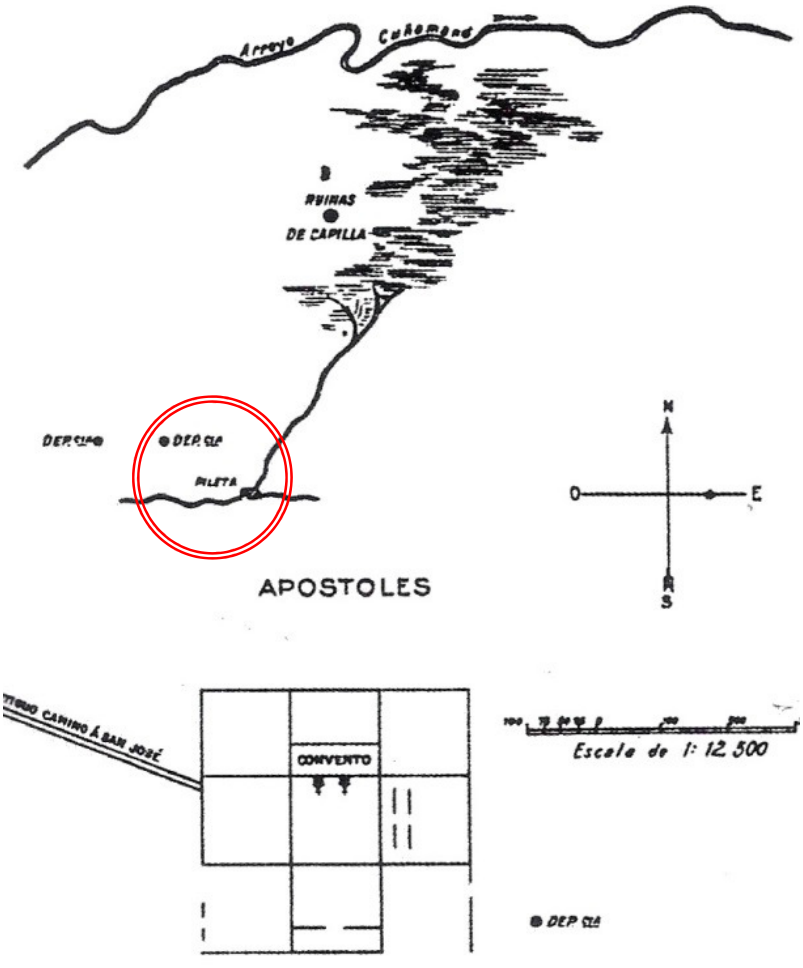


Figura 74. Croqui de Leopoldo Lugones de 1906. Fonte: MAEDER, 2009.
Imagem original em preto e branco. Em vermelho: localização do tanque.

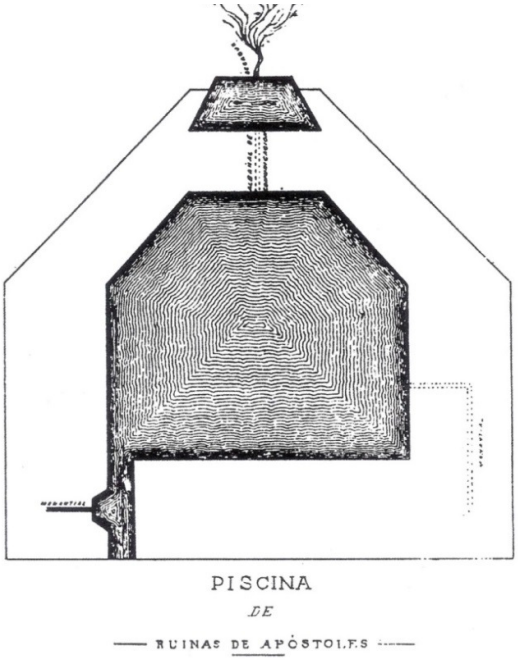


Figura 75. Croqui do Tanque (Leopoldo Lugones de 1906). Fonte: MAEDER, 2009.

Outro croqui, figura 76, também da Redução de Santos Apóstolos registra a posição de fonte e tanque junto ao centro urbano da redução:

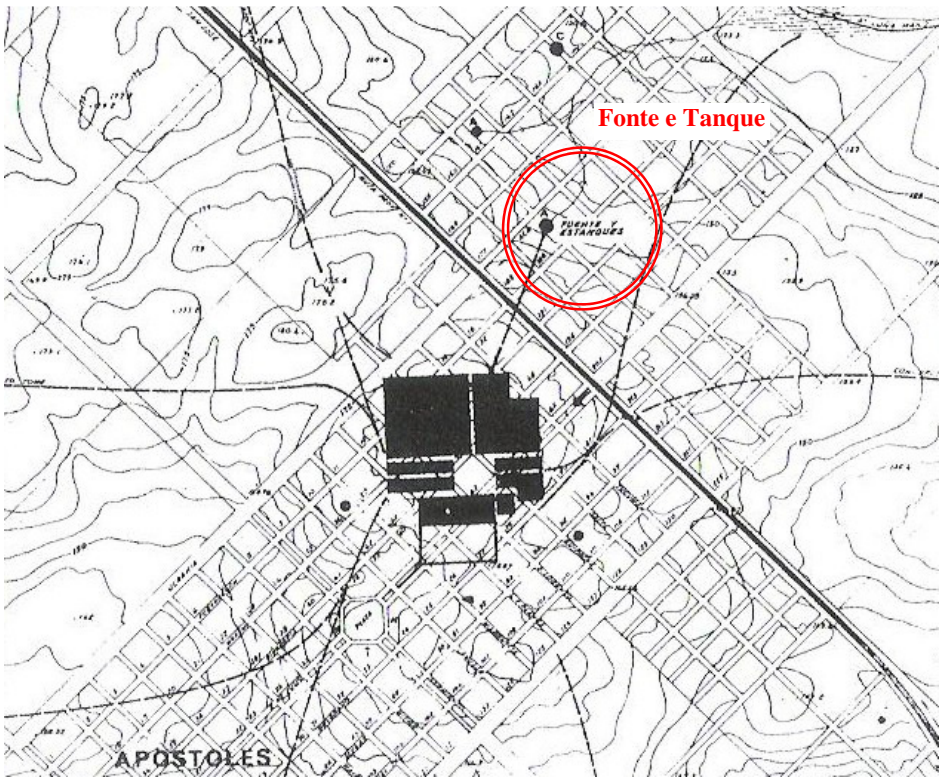


Figura 76. Croqui da Redução de Santos Apóstolos com indicação do tanque e fonte. Fonte: MAEDER (2009). Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cor: Ingrid Arandt.

Como na Redução dos Santos Apóstolos, o mapa abaixo (figura 77) mostra a localização dos remanescentes da Redução de São José, com indicação da posição de um tanque de água:

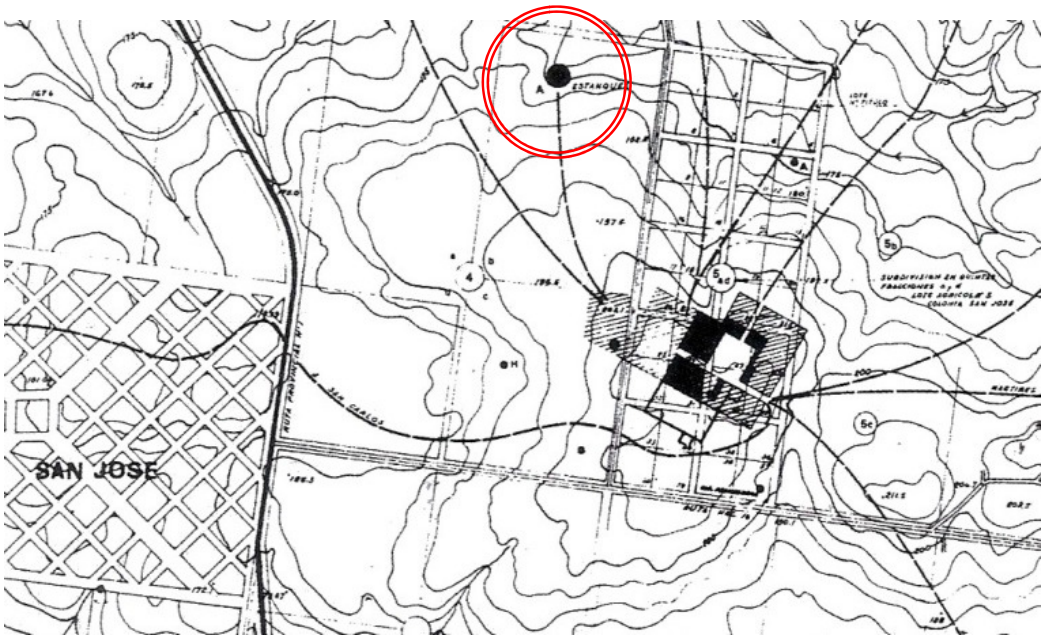


Figura 77. Localização do tanque de água (em vermelho). Fonte: MAEDER, 2009.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cor: Ingrid Arandt.

Ainda, segundo MAEDER (2009), o mapa a seguir (figura 78) se refere a um croqui feito por Leopoldo Lugones em 1906, indicando a existência de uma vala entre o Arroio São Carlos e seu afluente, o que pode indicar um sistema de drenagem da redução.

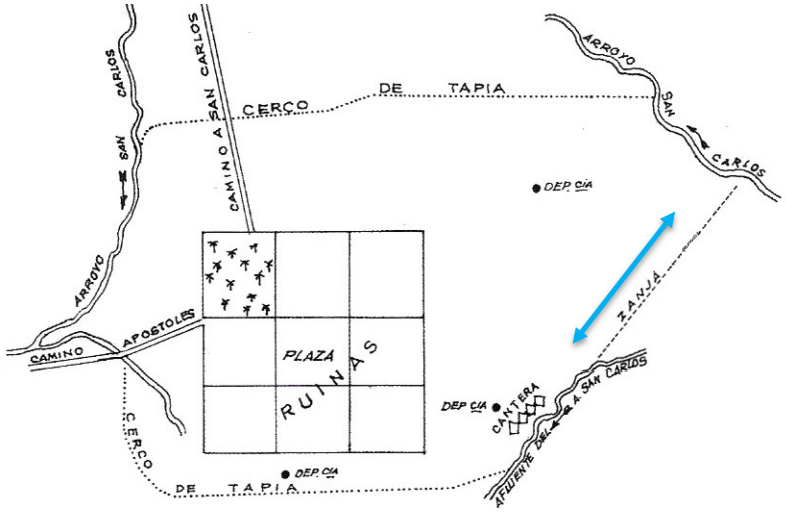


Figura 78. Croqui de Lugones de 1906. Fonte: MAEDER, 2009. Em azul, possível sistema de drenagem.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cor: Ingrid Arandt.

O padre jesuíta Antônio Sepp (1951:115) ao narrar sua passagem pela Redução de *Japeyu*, descreveu detalhadamente as espécies existentes na horta, cujo espaço qualificou como "jardim extraordinariamente grande". Para a manutenção desse "jardim", Clovis Lugon (1968:122) afirma existirem canais de irrigação, todos com o seu leito pavimentado, levando água aos campos e prolongando-se até as hortas. O sistema de abastecimento de água para a manutenção das hortas e pomares constituía estrutura fundamental para a conservação desses espaços, por meio de tanques, poços e dutos de água subterrâneos. O padre Hemeterio José Velloso da Silveira (1909:201), em seu relato de 1855-1886, descrevendo a situação da Redução de São Lourenço Mártir, refere-se a um lavatório de pedra com torneira, no espaço da antiga sala do refeitório: "era disposto em três partes, ficando na superior uma águia dupla, coroada, entre duas pilastras; sustentando nas garras um cano de metal (já sem torneiras)", demonstrando o alto nível construtivo de instalações existentes nas dependências da cozinha e refeitório dos padres. Na mesma redução, acredita-se que as estruturas arquitetônicas encontradas junto ao refeitório dos padres, após escavações realizadas pelo IPHAN na década de 1990, possam compor o sistema de drenagem e de esgoto da antiga Redução. [181]



Figura 79. Sistema de esgoto (latrinas). Sítio de São Lourenço Mártir. Foto: Ingrid Arandt.



Figura 80. Sistema de esgoto (latrinas).Sítio de São Lourenço Mártir. Foto: Ingrid Arandt.

[181] Graciela María Viñuales, ao se referir à estrutura da quinta, afirma que na Redução de San Ignacio Guazú, existem, atrás da sacristia, canalizações que serviam de sistema de drenagem direcionados para a fertilização natural da horta, afirmando: "[...] igual que lo que se está encontrando em las escavaciones actuales de San Lorenzo. En el caso de San Cosme aún está em funcionamento la acequia." (KERN, Arno Alvarez. Comunicación sobre excavaciones realizadas em San Lorenzo durante 1986, *apud* VIÑUALES, 1990:349). Na Redução de São Nicolau, como veremos no Capítulo III da presente pesquisa, a partir de escavações realizadas por Fernando La Salvia, também são evidenciadas estruturas de drenagem atrás da Igreja (ver figura 85 da página 143).

Como já mencionado, nessa segunda fase de aperfeiçoamento das estruturas missionais, todos os espaços foram contemplados e, como não podia deixar de ser, o claustro dos padres, possivelmente possuíam cozinhas e banheiros, provavelmente com canalização de água e alguns com sistema de calefação, como na Redução de Trinidad, no atual Paraguai. Segundo Baptista (2009:35):

> O claustro chega ao século XVIII respondendo a todas as expectativas de conforto e segurança [...] No interior do quadrado murado em que se constitui o claustro encontra-se uma ampla praça central, onde marcadores solares indicam as horas. [...] Um conjunto de cinco ou seis aposentos garante a existência de espaços específicos: além dos quartos [...], despensa, uma adega subterrânea, um guarda roupa [...], biblioteca, sala de armas [...], **prováveis banheiros e cozinhas (chamadas de "anterrefeitório"), geralmente abastecidos por canalização d'água.**
>
> (grifo nosso)



Figura 81. Possível sistema de calefação. Ruínas de La Santíssima Trinidad del Paraná.
Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: 2015.

Segundo Bruxel (1984) podemos admitir que a água não seria um problema para as Reduções, uma vez que a presença dela era condição imprescindível para a fundação de um novo povoado. O mesmo autor se refere a estruturas de tanques existentes nas reduções:

> Ciertamente que el sistema de norias movidas por animales era usado em España y Portugal e por supuesto conocido por los padres. Sin embargo, un silencio absoluto de los documentos em torno de este tema no nos permite assegurar así, sin más, su existencia. **En las ruinas de algunos pueblos fueron encontrados tanques a diferentes niveles y ligados entre sí por canales.**
>
> (BRUXEL, 1984:61, grifo nosso)

No final da segunda fase de instalação das reduções suas estruturas apresentavam autonomia econômica consolidada, divisão de trabalho bastante definida, organização do espaço missional mais especializada e controle demográfico de cada Redução. Como aponta Custódio (2002), a tipologia urbana missioneira indica uma série de estruturas que compunham a Redução. O traçado urbano era bastante definido, somando as necessidades e realidades indígenas às demandas do trabalho de evangelização e inserção dos indígenas no mundo colonial. Segundo Barcelos (2000), o modelo reducional nessa fase se repetiu, mas apesar da similaridade dos traçados, cada povoado tinha as suas particularidades. Gutiérrez (1987) tem o mesmo entendimento quando aponta que as Reduções possuíam um modelo referencial adaptado a soluções locais. Assim, as soluções de traçado urbano e de organização do povoado incorporavam a diversidade de grupos indígenas, as condições topográficas e os recursos encontrados (BARCELOS, 2000). Isso se reproduz no sistema de captação e abastecimento de água das reduções, que dependia da configuração geográfica de cada território e da disposição de arroios e nascentes de água[182].

Todo o processo de formação do território dos 30 Povos foi marcado por períodos de instabilidade social e econômica, somente superados ao final do século XVIII. Entretanto, a estabilidade alcançada acabou sendo ameaçada pela disputa por territórios entre as coroas espanhola e portuguesa. A partir do Tratado de Madrid[183], em 1750, teve início um processo de declínio das Reduções, quando a expulsão dos jesuítas e a resistência dos indígenas à transferência para o novo território espanhol acabou por deflagrar a Guerra Guaranítica[184].

Após a expulsão dos jesuítas, as reduções passaram a ser gerenciadas por administrações civis, mas a fragilidade da relação entre estas e os indígenas provocou o paulatino esvaziamento dos povoados. Os colonos europeus, chegados em fins do século XIX, em condições paupérrimas, acabaram utilizando as estruturas das reduções para novas

[182] Nesse sentido, o presente estudo propôs uma análise comparativa entre as estruturas físicas de três Reduções: São Nicolau e São João Batista (Brasil) e Santa Ana (Argentina), conforme apresentado no Capítulo III.

[183] O avanço da colonização portuguesa e espanhola ao sul das Américas provocou o desrespeito ao Tratado de Tordesilhas ocorrendo uma série de conflitos políticos entre as duas coroas. O Tratado de Madrid estabelecido entre as coroas de Portugal e Espanha vinha resolver tal situação geopolítica. Os territórios dos 7 Povos (Reino Espanhol) foram trocados pela Colônia do Sacramento (Reino Português), ocasionando uma série de consequências aos povoados das missões. A partir do Tratado de Madrid ficou estabelecida aproximadamente a fronteira que existe atualmente (SEVERAL, 1997).

[184] A Guerra Guaranítica representou a resistência indígena frente as coroas portuguesa e espanhola. Os índios guaranis da região dos Sete Povos das Missões recusam-se a deixar suas terras no território do Rio Grande do Sul e a se transferir para o outro lado do rio Uruguai, conforme ficara acertado no acordo de limites entre Portugal e Espanha e, em 1754, se rebelaram e iniciaram o conflito que duraram dois anos de disputas. O conflito resultou em um grande massacre dos índios, pois os portugueses e espanhóis organizaram um forte exército, abastecido com armas de fogo e canhões. O principal líder guarani, Sepé Tiaraju, justifica a resistência ao tratado em nome de direito legítimo dos índios em permanecer nas suas terras. Comanda milhares de nativos até ser assassinado na Batalha de Caiboaté, em fevereiro de 1756 (SEVERAL, 1997).

construções. Os caçadores de tesouro, na ilusão da fortuna de ouro e prata deixada pelos jesuítas também contribuíram para a ruína das reduções (CUSTÓDIO, 2000). A partir desse cenário é que se forma a Vila de São Miguel e, posteriormente, a cidade de São Miguel das Missões, como já vimos no capítulo anterior.

3. *O sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções de São Nicolau e São João Baptista no Brasil e de Santa Ana na Argentina: bases para uma análise comparativa*

O propósito do estudo comparativo dessas três reduções é verificar se as estruturas de captação e abastecimento de água seguiam um mesmo modelo de engenharia hidráulica ou se tinham desenho particular em cada um dos povoados. Acreditamos, ainda, que a análise comparativa das estruturas existentes nessas três reduções poderá nos auxiliar na identificação das estruturas hidráulicas na Redução de São Miguel. Esta análise irá considerar os conjuntos com distintas finalidades: de abastecimento de água, através da captação em nascentes e da drenagem pluvial; de armazenamento de água e sistemas subterrâneos de distribuição; de drenagem pluvial para esgotamento sanitário.

As reduções, como já apontado anteriormente, passaram por um longo período de abandono e muitas delas hoje se encontram em meio a novas cidades, com perda parcial ou total das estruturas arquitetônicas e/ou dos seus vestígios arqueológicos. A escolha das reduções de São Nicolau, São João Baptista e Santa Ana para um estudo comparativo foi condicionada à existência de material documental relativo ao sistema de captação e abastecimento de água nas três reduções, produzido recentemente por pesquisadores de diversas áreas de conhecimento[185].

Como já visto, as reduções não se restringiam aos centros urbanos dos povoados, mas a partir deles é que eram projetadas as demais estruturas, essenciais à vida e ao pleno funcionamento de todo o sistema. Para Viñuales (1990:325), o todo e as partes se unem de tal forma que seria impossível dissociá-los, pois assim tudo perderia sentido. Por isso, para o estudo das Reduções de São Nicolau, São João Baptista e Santa Ana partiu-se da ideia de entendê-las como um *complexo* sistema composto de distintas estruturas que formavam os povoados missioneiros. Nesse sentido, para identificar e entender a estrutura de captação e abastecimento de água das reduções deve-se ampliar o olhar com o objetivo de alargar o

[185] Em São Nicolau a grande escavação arqueológica de La Salvia resultou no relatório publicado em 1992, já citado. Na Redução de São João Batista, além de pesquisas realizadas por historiadores, várias escavações já foram realizadas, inclusive com parcerias entre o IPHAN e Universidades como a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), entre outras. Em 2000 foi publicada a dissertação de mestrado do arqueólogo Arthur Barcelos, que estudou a Redução de São João Batista, a partir de escavações realizadas na década de 1990. Na Redução de Santa Ana, na Argentina, a arqueóloga Ruth Poujade e equipe produziram vários estudos, com publicações em 1995, atualizadas em 2007.

conhecimento sobre as mesmas. Barcelos (2000:31) nos apresenta um esquema com diferentes estruturas ligadas ao núcleo urbano, sugerindo a dinâmica de apoio à redução (figura 82) e afirma: “A ampliação dos estudos para estas unidades interligadas existentes na periferia imediata aos núcleos ou em áreas mais distantes poderá esclarecer melhor a dinâmica da organização espacial promovida pelos jesuítas na Antiga Província Jesuítica do Paraguai.”.



Figura 82. Esquema das distintas estruturas que compunham o espaço missional. Fonte: BARCELOS, 2000.

Na figura 83 propomos o mesmo esquema, destacando e acrescentando as estruturas de captação e abastecimento de água presentes nas reduções em análise. Compreender que esse complexo é constituído de estruturas interdependentes é que nos possibilitará avançar em nossa análise.

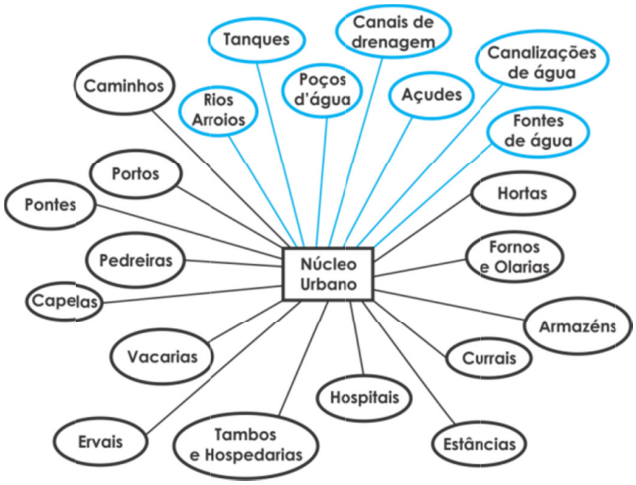


Figura 83. Esquema proposto baseado em BARCELOS, 2000. Em azul, elementos da estrutura de captação e abastecimento de água. Edição da imagem: Ingrid Arandt.

3.1 A Redução de São Nicolau

A Redução de São Nicolau[186] recebeu, entre 1979 e 1981, a primeira escavação em grande escala[187], coordenada pelo arqueólogo Fernando La Salvia, que atingiu uma área de aproximadamente 4.500m². Essa escavação permitiu que La Salvia realizasse uma série de interpretações do espaço missional. A escavação, considerada extensiva, expôs uma grande área dos pisos e colunas, atingindo estruturas da Igreja, colégio, adega, casas de índios, hospital, cabildo e sistema de esgotos, situado nos fundos da Igreja[188] (MORAES, 2014:77).

Em relação ao sistema de abastecimento de água, La Salvia apresenta como hipótese que a captação nas fontes localizadas em cotas superiores às do sítio urbano possibilitaria água límpida e intermitente, sugerindo a existência de canalizações a partir dessas vertentes. Entretanto, isso não foi comprovado com as escavações, pois possivelmente tais estruturas foram destruídas com o crescimento da cidade (SALVIA, 1992:13). A marcação em azul na figura 84 indica os poços de água, localizados em três pontos, entre as casas dos índios, junto ao jardim e no hospital, demostrando a necessidade de acesso à água em pontos estratégicos da Redução. Segundo o mesmo autor, no total foram encontrados seis poços.

> [...] temos um poço de seção quadrada desde o bocal até os 16m de profundidade e daí até os 25m é circular, aberto na rocha. Todos os poços descritos na maioria estão entulhados; se, entretanto, seguirem as características deste, possuirão escada de acesso e pontos para descanso localizados nas paredes.
>
> (SALVIA, 1992:21)

O mapa a seguir (figura 84) refere-se a interpretações de Fernando La Salvia. Nela são apontadas as referências estruturais da redução a partir das prospecções arqueológicas realizadas em São Nicolau, conforme observamos na legenda.

---

[186] As antigas reduções de São Nicolau e de São Miguel Arcanjo, hoje, encontram-se inseridas nos centros urbanos das cidades de São Nicolau e São Miguel das Missões, respectivamente, compreendendo as únicas reduções no Brasil cujos entornos urbanos foram criados a partir da formação das atuais cidades. As reduções de São João Batista e São Lourenço Mártir encontram-se nas áreas rurais de seus atuais municípios, Entre-Ijuís e São Luiz Gonzaga, respectivamente.

[187] Segundo Tobias Vilhena Moraes essa escavação é considerada um marco para a arqueologia histórica brasileira. O trabalho de escavação foi desenvolvido a partir de convênio realizado entre o IPHAN e a Subsecretaria de Cultura, Desportos e Turismo do Governo do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Na época, o arqueólogo La Salvia trabalhava no Museu Antropológico do RS, tendo sido cedido ao IPHAN para a realização do trabalho (MORAES, 2014:77).

[188] A partir desse trabalho, La Salvia considerou que sem a consolidação e a estabilização dos remanescentes expostos às intempéries e ação humana, seria impossível realizar uma escavação dessa dimensão, análise que possibilitou uma mudança de perspectiva das futuras escavações (MORAES, 2014:83).

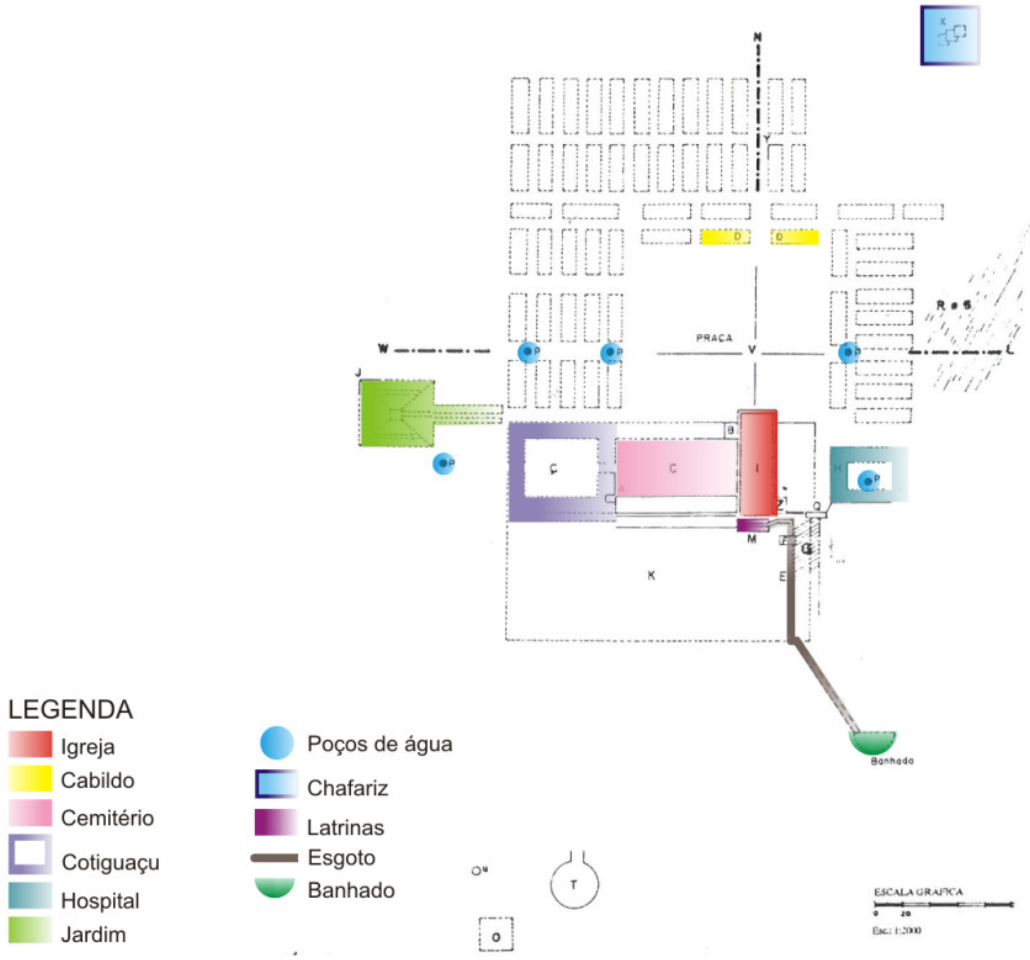


Figura 84. Interpretações sobre o povo de São Nicolau (Fernando La Salvia). Desenho: Alda M. F. Gonçalves.
Fonte: WEIMER, 1992. Imagem original em preto e branco.
Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

A pesquisa dos remanescentes também identificou a existência de um chafariz[189], associado a um conjunto de três tanques de água a céu aberto, colocados em níveis diferentes e com comunicação por meio de uma canalização que levava a água de um tanque para outro[190]. La Salvia aponta que o chafariz já estava destruído e que parte dos tanques foi incorporada ao sistema da Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN). Ainda,

[189] Segundo La Salvia (1990:24), o termo "chafariz" era empregado pela população local. O mesmo termo foi empregado na primeira prospecção arqueológica realizada pela arqueóloga Cristina Costa e Sá, na Redução de São Miguel Arcanjo, onde hoje é o *Parque da Fonte Missioneira*, como já vimos no Capítulo I.

[190] Este sistema pode ser explicado pelo *Princípio de Vasos Comunicantes*: os vasos (tubulações) são interligados e preenchidos com um mesmo líquido, de mesma densidade, suportando a mesma pressão e mantendo a mesma altura. Ou seja, o armazenamento de água nos tanques funciona a partir deste princípio, que devido à tendência de nivelamento de suas alturas, sempre estarão abastecidos a partir de uma vertente de água, localizada num ponto mais alto.

segundo o mesmo autor, a água que abastecia esse chafariz provinha de três vertentes em pontos mais elevados e próximos aos tanques e,

> [...] era composto de três níveis, um, o mais elevado, recebia a água diretamente das fontes e era utilizado para o abastecimento da população; o segundo, um pouco mais abaixo, era abastecido pelo excesso do primeiro que escorria pela boca de serpentes, e serviria para o abastecimento dos animais; o terceiro, recebendo as aguas eliminadas pelos anteriores, seria para o uso comum da população e, daí, era esgotado para um local que não pudemos identificar [...]. Até o chafariz a água chegava por gravidade e, daí, era recolhida pela população.
>
> (SALVIA, 1992:24)

Ainda, em relação ao saneamento hidráulico, o mesmo autor supõe a existência de um sistema mais complexo, onde as águas pluviais seriam aproveitadas para a higienização das latrinas, demonstrando o conhecimento alcançado por esses povoados na implantação de sua infraestrutura. Observando o sistema de esgoto e drenagem atrás da igreja, durante forte chuva, La Salvia apontou o pleno funcionamento do mesmo. O autor supõe que a limpeza das latrinas se dava a partir do recolhimento de águas pluviais do telhado da igreja por calhas, para o descarregamento dos detritos na quinta. Entretanto, não fica claro como esse sistema funcionaria na ausência de chuvas.

> A higienização desta cloaca e a eliminação dos dejetos se fariam pela ação das águas pluviais oriunda dos telhados dos prédios e era dirigida para a latrina, fazendo a limpeza respectiva O ângulo de 45º próximo a latrina serviria para diminuir a velocidade das águas e possibilitar uma limpeza mais efetiva.
>
> (SALVIA, 1992:27)



Figura 85. Estrutura do sistema de esgoto expostas em São Nicolau, localizadas atrás da igreja. Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: 2014.

O mapa abaixo (figura 86) localiza do Sítio Histórico de São Nicolau e as nascentes de água em seu entorno, algumas ainda com vestígios arqueológicos.



Figura 86. Imagem com localização da fonte próxima aos remanescentes e registro das nascentes no entorno do Sítio Histórico de São Nicolau. Fonte: Produto I, Projeto: 914BRZ4011- Preservação Urbana e Desenvolvimento. Consultoria IPHAN/UNESCO/2015. Edição da imagem: Ingrid Arandt.

3.2 A Redução de São João Batista

A Redução de São João Baptista[191] recebeu escavações desde a década de 1970, organizadas por José Saia[192], com o objetivo de compreender a extensão dos seus remanescentes arqueológicos (MORAES, 2014:75). Essas escavações antecederam, portanto,

[191] A redução de São João Batista foi tombada pelo IPHAN em 1970, juntamente com as Reduções de São Nicolau e São Lourenço Mártir, de acordo com o Processo de Tombamento de Nº 813-T-69, tendo sido inscritas no Livro do Tombo Histórico.

[192] José Saia Neto foi técnico do IPHAN/SP e filho de Luiz Saia. O arquiteto José Saia veio às Missões com estudantes de arquitetura, onde desenvolveram trabalhos de registro das estruturas nas Reduções de São Miguel, São Lourenço e São João, no Rio Grande do Sul. O arquiteto Luiz Saia ocupou o cargo de chefia do 4º Distrito do IPHAN, durante os anos de 1938 a 1975, ano de seu falecimento. O 4º Distrito (São Paulo) manteve jurisdição sobre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina entre os anos de 1978 e 1996, quando os dois estados passaram a contar com representações separadas. Desde então, o IPHAN/RS constituiu sede própria na cidade de Porto Alegre. O Escritório Técnico I, atual ET de São Miguel das Missões-IPHAN/RS, sediado na cidade de São Miguel das Missões, foi criado em 1982. (Fonte: Portal do IPHAN: http://portal.iphan.gov.br. Acesso em: 20/07/2015).

em mais de uma década o projeto Arqueologia Histórica Missioneira[193], entre os anos de 1985 e 1995, cujo programa previa escavações nos diferentes sítios arqueológicos missioneiros no Rio Grande do Sul e atendia a interesses de pesquisa e preservação dos mesmos.

Recentemente, os pesquisadores e arqueólogos Arno Kern e Artur Barcelos realizaram uma série de interpretações sobre o espaço da Redução de São João Baptista, a partir de um desenho cartográfico representando a Redução (figura 87). Para tanto, realizaram levantamentos de campo relacionando esse desenho ao espaço atual da antiga Redução de São João Batista. O mapa mostra um conjunto de seis fontes, das quais foram identificadas três, a partir do conhecimento dos vestígios arqueológicos e da geografia do terreno próximo às vertentes, estas associadas ao Arroio Lajeado do Moinho. Os autores propõem que a construção de fontes serviria para a canalização e represamento da água, pois dessa forma a água não entraria em contato com o lodo das vertentes. As fontes de pedra esculpida têm diversas formas e tamanhos (BARCELOS, 2000:248).

A figura 87, estudada pelo arqueólogo Artur Barcelos, se refere a um desenho cartográfico do período jesuítico, o Plano da Redução de São João Batista, realizado durante a ocupação de tropas espanholas em 1756. Maeder (2009), ao se referir ao mesmo plano, afirma ser um exemplar rico em informações sobre o urbanismo das reduções e seus modos de vida:

> A localização das construções da periferia, a identificação dos caminhos, hortas e currais de gado, indica a inserção do povoado em um entorno cuidadosamente trabalhado. **Poços, lagoas e reservatórios, postos e capelas assinalam o feliz equilíbrio funcional e simbólico que as missões conseguiam em seu ambiente.**
>
> (MAEDER, 2009:50, grifo nosso)

A fonte nº 1 [194] foi indicada pelo Sr. Elói, zelador do sítio na época, ao arqueólogo Artur Barcelos que em reconhecimento de campo verificou que essa vertente estava localizada a mil metros a sudoeste das ruínas e praticamente seca. O arqueólogo não identificou qualquer outro vestígio arqueológico no local, não sendo possível determinar se essa vertente era utilizada como fonte de água no período jesuítico.

---

[193] O projeto Arqueologia Histórica Missioneira foi constituído a partir da parceria entre o IPHAN, UFRGS, PUC/RS, URI, FAPERGS e CNPq. Para maiores informações sobre o projeto ver KERN, Arno Alvarez. Arqueologia Histórica Missioneira. Org. Arno Alvarez Kern. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 206p.

[194] O autor Artur Barcelos utiliza a denominação fonte d'água para indicar uma vertente ou olho d'água, não sendo necessariamente uma fonte de água construída em pedra. Tanto a fonte 2 como a fonte 3, identificadas em levantamento de campo, constituem-se em vertentes associadas a construções de represamento de água, formando pontos de captação/coleta e represamento de água.

A fonte nº 2 (ver indicação na iconografia – figura 87) foi indicada[195] pelo arqueólogo a 500m das ruínas da antiga Redução, a partir da existência de uma vertente associada a pequenos córregos que deságuam no Arroio Lajeado do Moinho.

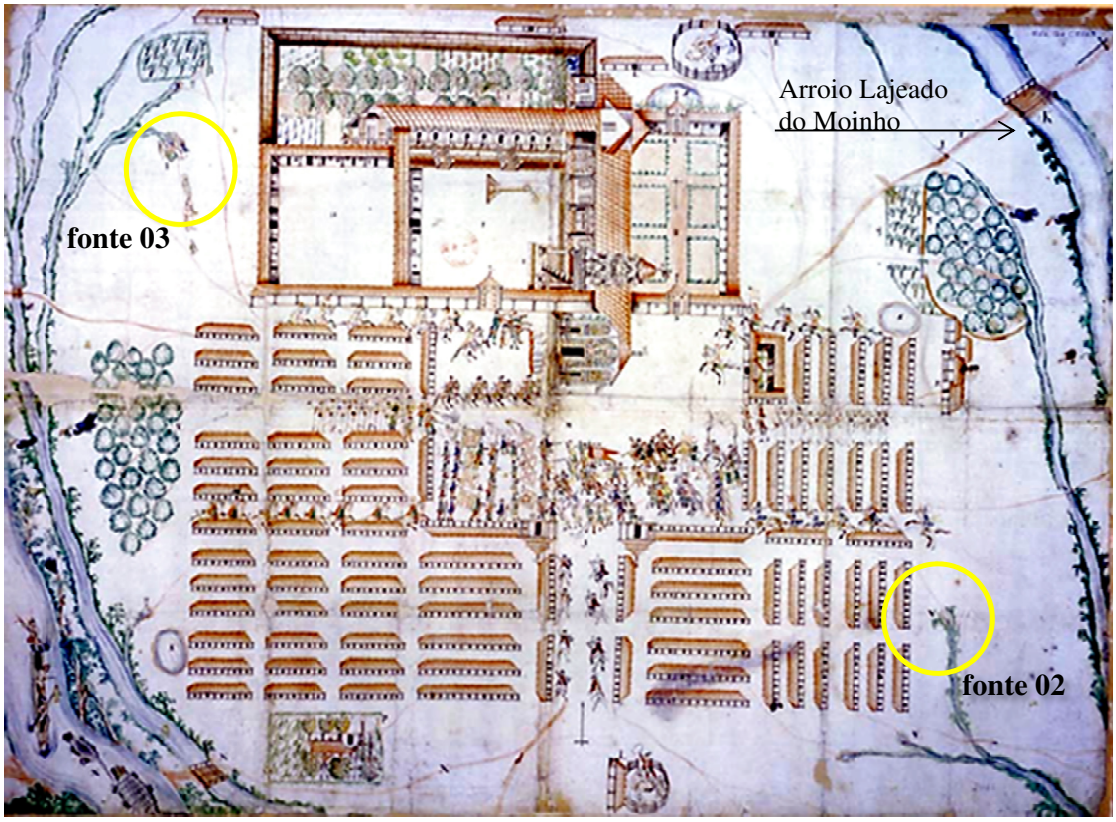


Figura 87. Plano da Redução de São João Batista, realizado durante a ocupação de tropas espanholas em 1756. Fonte: BARCELOS, 1997. O mapa original encontra-se no arquivo de Simancas, na Espanha, e a cópia encontra-se na Biblioteca Nacional de Paris.

[195] Segundo Antônio Bolcato Custódio, em entrevista concedida a autora via correio eletrônico, a fonte nº 02 da figura 87, já havia sido identificada, em reconhecimentos de campo, pelos arqueólogos José Otávio Catafesto de Souza e Cláudio Carle. No entanto, durante nossa pesquisa nos arquivos do IPHAN-RS e arquivos do Escritório Técnico de São Miguel das Missões não foram encontrados registros indicando a localização dessa fonte. É possível que este registro esteja associado ao reconhecimento de um sítio arqueológico.

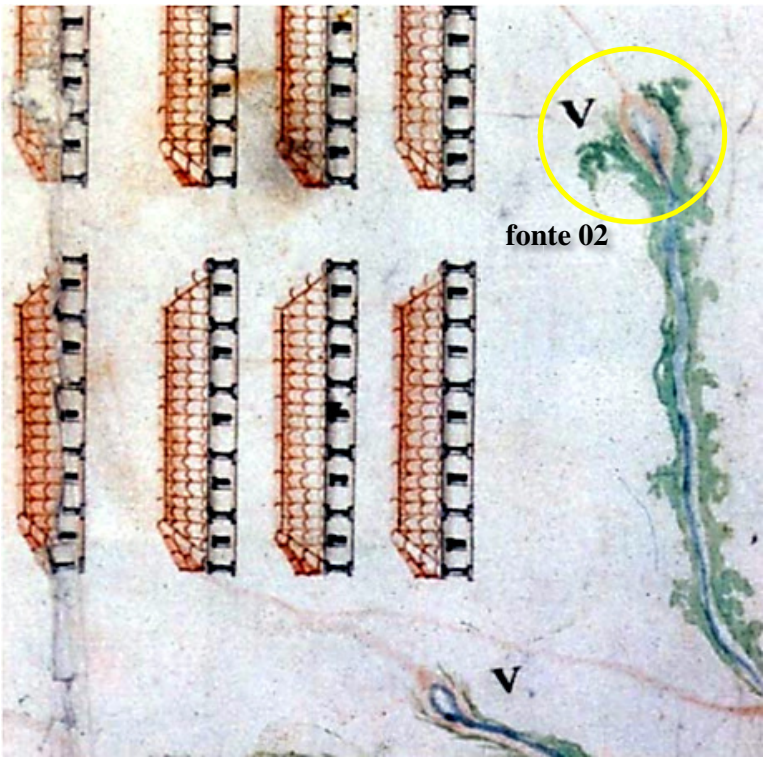


Figura 88. Ampliação de área da figura 78, indicando a fonte nº 2, identificada no levantamento de campo realizado pelo arqueólogo Artur Barcelos.

Na margem oeste de um pequeno córrego associado à vertente da fonte nº 2 foi identificada uma "estrutura artificial de represamento de água". É uma área de 600m², retangular, formada por barreiras de terra com largura de 1,5 metros e altura de aproximadamente 70 centímetros. Localiza-se em propriedade particular e está coberta por vegetação de bosque, dificultando o seu registro fotográfico (BARCELOS, 2000:249). A partir do levantamento *in loco* o arqueólogo produziu um croqui em que indica o funcionamento desse represamento de água.

> A estrutura apresenta-se claramente como uma área de retenção de água do córrego da vertente. A abertura localizada na extremidade oposta à do córrego denota uma canalização aberta de água, dando vazão para um canal de escoamento por onde a água era levada para áreas mais baixas. Não se verifica nenhum vestígio de construções em pedra no local. Toda estrutura é feita de terra acumulada.
>
> (BARCELOS, 2000:250)

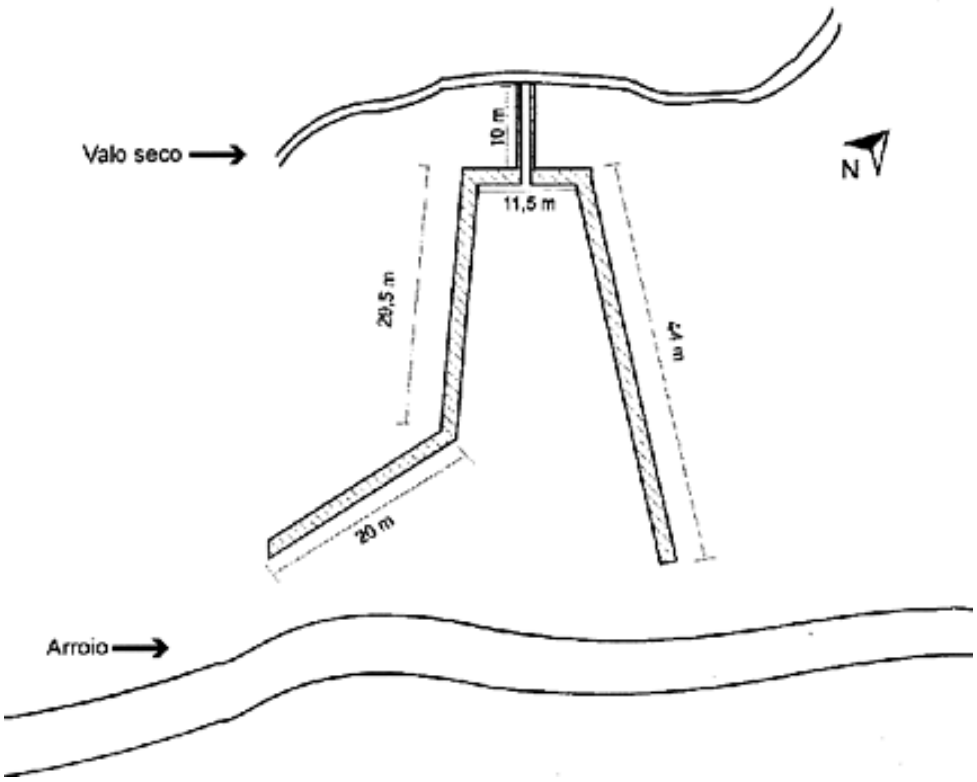


Figura 89. Croqui representando o represamento de água da fonte nº 2, identificada no levantamento de campo realizado pelo arqueólogo Artur Barcelos. Fonte: BARCELOS, 1997.

Outra fonte (olho d'água), também associada a uma vertente e identificada como sendo a fonte 3 (figura 87 e 90), foi localizada a 1000 metros das ruínas, na direção leste. Próximo ao local, a aproximadamente 20m, foi identificada uma estrutura de represamento de água semelhante à encontrada na fonte 2. Na área da vertente e da estrutura de represamento foram registrados vários vestígios arqueológicos, como um bloco de arenito entalhado, blocos quadrados e retangulares de basalto e um bloco cilíndrico oco de 40 centímetros de diâmetro, possivelmente para a canalização de água (BARCELOS, 2000:251).

A fonte representada na iconografia abaixo corresponderia à fonte nº 3 que, segundo o mesmo autor, seria a fonte identificada como "um grupo de mulheres lavando roupa e duas outras que retornam ao núcleo urbano por um caminho marcado na ilustração" (BARCELOS, 2000:252). Esta fonte se localiza muito próxima à quinta e também ao claustro, podendo ser o ponto de abastecimento de água para as duas estruturas.

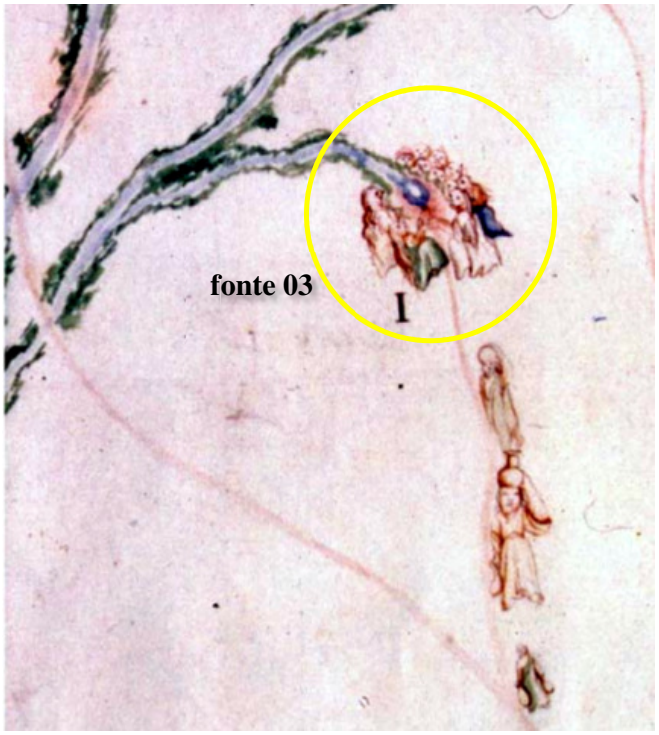


Figura 90. Ampliação de parte da figura 87, indicando a fonte nº 3, identificada no levantamento de campo realizado pelo arqueólogo Artur Barcelos. Fonte: BARCELOS, 2000.

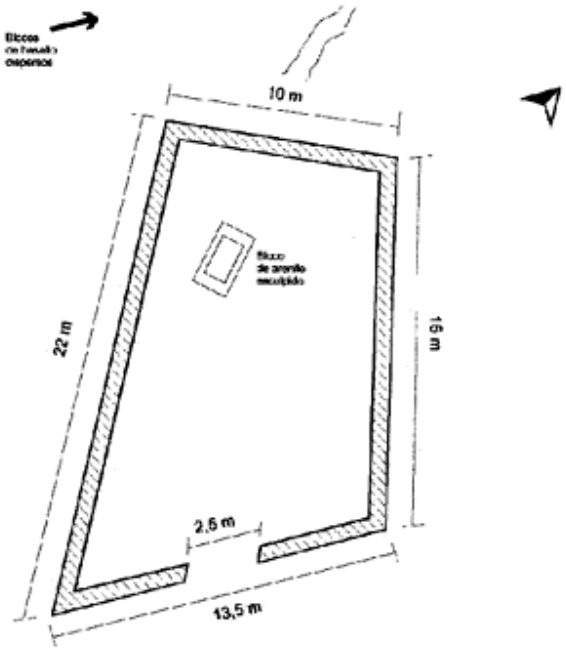


Figura 91. Estrutura de represamento de água da fonte nº 3, identificada pelo arqueólogo Artur Barcelos. No centro, o bloco de arenito esculpido. Fonte: BARCELOS, 2000.



Figura 92. Blocos de basalto encontrados no local da fonte nº 3. Fonte: BARCELOS, 1997.



Figura 93. Bloco de arenito encontrado no local de represamento da fonte nº 3. Fonte: BARCELOS, 1997.



Figura 94. Peça encontrada nos arredores das fontes identificadas no entorno da ruína de São João Batista. Fonte: BARCELOS, 1997.

A partir desse desenho cartográfico da Redução de São João Batista, Barcelos (2000) indica três açudes, um atrás do cemitério, outro próximo a uma horta e o terceiro junto às casas dos índios. O autor sugere a partir de uma imagem aérea (figura 95), a localização do açude próximo ao cemitério e ao curral, segundo ele pela necessidade de contenção de água para os animais que eram abatidos para o consumo diário da população. Parece ter havido a preocupação em armazenar água da chuva por meio desses açudes, mas, provavelmente, o gradativo abandono das reduções impossibilitou a manutenção de seus taludes, o que pode ter gerado o seu desaparecimento (BARCELOS, 2000:255-256).



Figura 95. Possível local do açude, atrás do cemitério da redução de São João Batista. Fonte: BARCELOS, 1997.

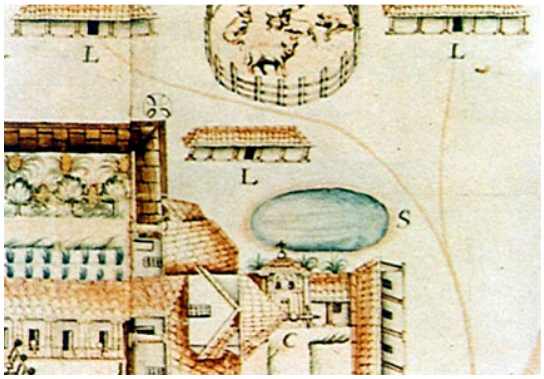


Figura 96. Açude localizado atrás do cemitério de São João Batista. Detalhe da iconografia. Fonte: BARCELOS, 2000.

3.3 A Redução de Santa Ana (Argentina)

As Ruínas da antiga Redução Jesuítica de Santa Ana[196] têm sido estudadas desde a década de 1980. De 1992 a 1995, os estudos realizados possibilitaram a identificação do núcleo urbano e a definição de seu território, a localização dos sistemas hidráulico e viário, a identificação dos padrões de assentamento (tupi-guarani imediatamente anterior ao assentamento jesuítico guarani e etnográfico atual), o recolhimento de dados sobre o sistema construtivo utilizado na área pública e a localização de estruturas arquitetônicas associadas às fachadas de igreja e colégio e a uma das áreas da oficina (POUJADE, 2007:19).

As pesquisas realizadas na Redução de Santa Ana, a partir da documentação histórica e do estudo arqueológico do sítio apontam para um plano urbano muito semelhante aos de outros povoados missioneiros e indicam uma matriz produtiva baseada na agropecuária, com criação do gado e plantação de erva mate, além de uma provável mineração de cobre. Esses estudos indicam ainda uma provável especialização dessa Redução, compatível com o bom emprego da produção (auto-sustento da Redução, troca de produtos entre reduções e comercialização de excedentes no mercado local), necessária à estratégia econômica determinada pela ação da Companhia de Jesus (POUJADE, 2007:58-59).

[196] As ruínas da Redução de Santa Ana são consideradas Monumento Histórico Provincial da Argentina pela Lei Nº 510 de 1969; Monumento Histórico Nacional da Argentina pelo Decreto Nº 2210 de 1983 e foi declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO em 1984.

Os estudos arqueológicos no entorno da Redução possibilitaram o conhecimento de estruturas compatíveis com tal desenvolvimento econômico, como currais, plantações e pedreiras. Também permitiram estabelecer uma relação entre o resultado demográfico positivo da Redução com a avançada estrutura hidráulica construída. Na impossibilidade da existência de assistência médica à população das reduções, a presença de uma estrutura hidrossanitária definida proporcionava maior higiene e maior qualidade da água ao povoado (POUJADE, 2007:58-59).

No ano de 2005, a partir dos estudos realizados na Redução e compilados no trabalho *Aproximaciones a la Reducción de Santa Ana y su contexto*, as autoras sustentaram que os vestígios do sistema hidráulico vinculados ao núcleo urbano encontravam-se dispersos até cerca de cinco a seis quilômetros de distância. As imagens a seguir são fotos do tanque (figura 97) e da fonte (figura 98), também indicadas no croqui (figura 99), que mostra a área da Redução, seu entorno e as estruturas existentes.



Figura 97. Tanque (1992). Fonte: POUJADE, 2007.



Figura 98. Fonte (1992) – vista frontal. Fonte: POUJADE, 2007.

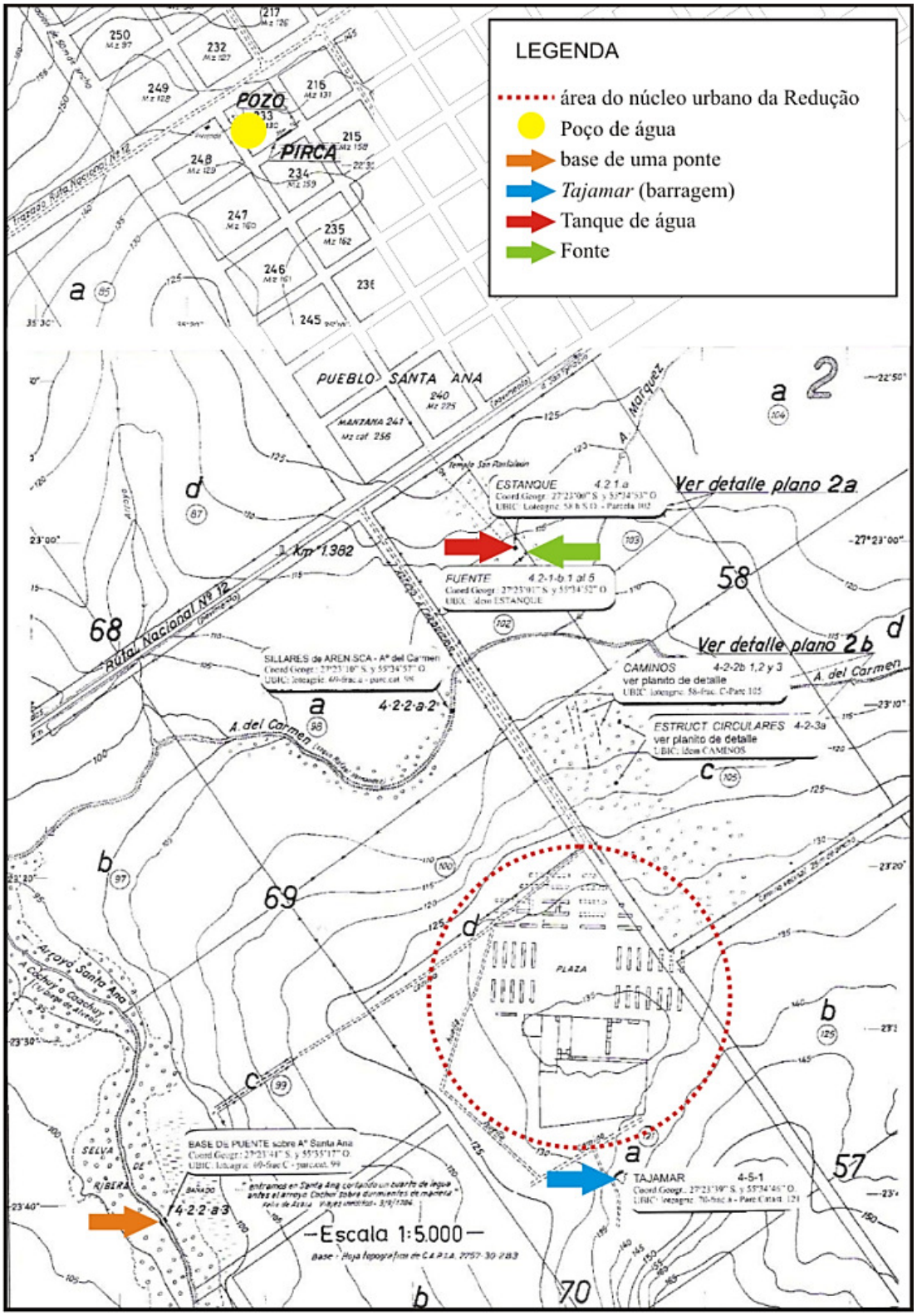


Figura 99. Conjunto da Redução de Santa Ana, com localização geral das estruturas encontradas.
Fonte: POUJADE, 2007:225. Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

Note-se que a implantação da Redução de Santa Ana também se dá sobre a chapada de uma colina, como podemos observar na topografia e, segundo Poujade (2005:107), essa planificação urbanística segue as instruções do Padre Provincial Diego de Torres que estabelecia a: "[...] ocupação de lugares altos (Cerro Santa Ana) próximos a boas águas (arroio Santa Ana, Márquez, Del Carmen, nascentes) [...]".

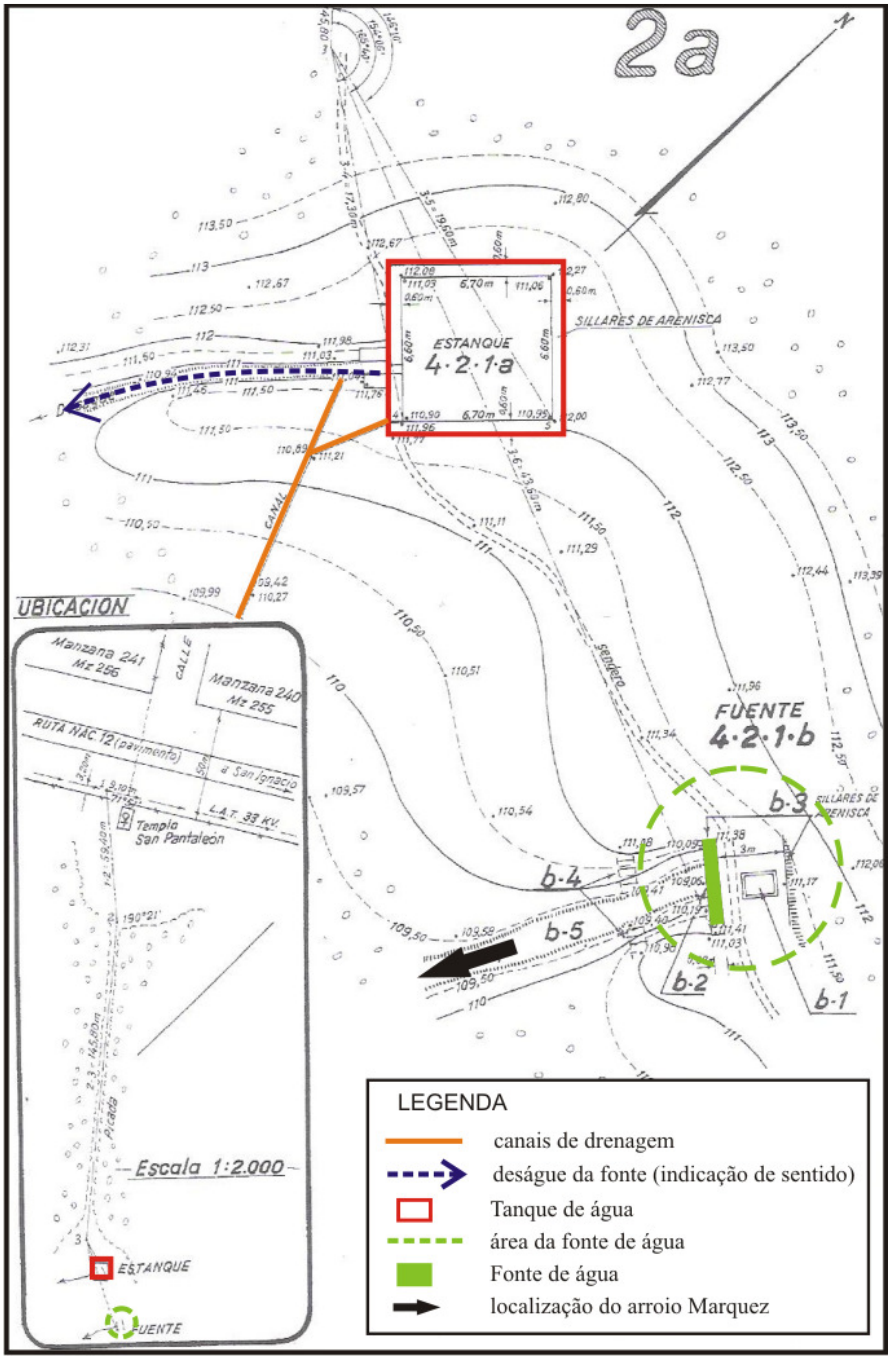


Figura 100. Detalhe das estruturas da fonte e tanque. Fonte: POUJADE, 2007:226.
Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

A figura 100 mostra em detalhe as estruturas do tanque e da fonte que também estariam conectadas ao núcleo urbano, localizadas nas proximidades do arroio Márquez. A fonte era abastecida por água proveniente de uma nascente pavimentada com laje de arenito (POUJADE, 2007:70-74). Em relação ao espaço da quinta o sistema coletor de águas está conectado à drenagem pluvial da igreja e das oficinas a sudeste do pátio, conforme verificado em escavações realizadas pela arqueóloga Ruth Poujade, na década de 1990.

> A água armazenada em tanques da quinta, recolhida através do sistema de drenagem do telhado da igreja, colégio e oficinas, foi utilizada para a irrigação. [...] Os ramais do sistema coletor de água recuperados na quinta, estão interligados com os ramais das oficinas. [...] O caminho que atravessa a quinta, construído pelos colonos (séculos XIX - XX), conectava o ramal da canaleta que drenava o prédio.
>
> (POUJADE, 1995 *apud* BARCELOS, 2000:205, tradução nossa)

Este mesmo tanque de pedra está localizado próximo a uma nascente de água e conectado com outro tanque circular sem revestimento. Ao primeiro tanque chega uma canaleta secundária do sistema pluvial.

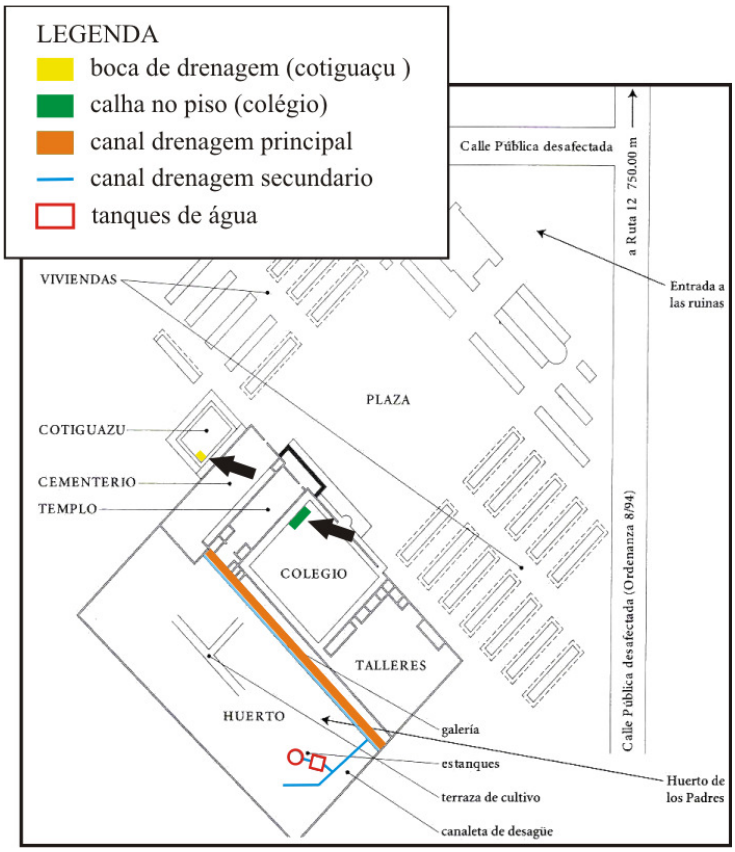


Figura 101. Ruínas de Santa Ana, planta de localização da quinta. Fonte: POUJADE, 2007:289. Imagem original em preto e branco. Edição da imagem com adição de cores e legenda: Ingrid Arandt.

A canaleta principal (figura 102) do sistema de drenagem, que recebia as águas pluviais das coberturas da igreja e das oficinas, corria em todo o perímetro da galeria (em laranja na figura 101) e dela seguia para a drenagem secundária que deságua fora do prédio (figura 103).



Figura 102. Drenagem pluvial – canal principal.
Foto: Ingrid Arandt. Data: 2014.



Figura 103. Drenagem pluvial – canais secundários.
Foto: Ingrid Arandt. Data: 2014.

Antes de chegar ao tanque a drenagem secundária se bifurca (figura 105), uma linha se dirige para o tanque e a outra à área sul da quinta. Nessa área não foi realizada nenhuma prospecção, entretanto acredita-se que ali existam outras estruturas de armazenamento de água. [197]



Figura 104. Tanque da quinta.
Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: 2014.



Figura 105. Drenagem pluvial – canais secundários.
Foto: Ingrid Arandt. Data da foto: 2014.

[197] Durante a nossa visita de estudos à Redução Santa Ana, na Argentina, fomos acompanhados pelo guia local, Evelio Vera. O mesmo nos afirmou que as escavações na área da quinta, realizadas pela arqueóloga Ruth Poujade e equipe, se limitaram às estruturas ali existentes, mas que a equipe demonstrou interesse em escavar além dessa área, pois se acredita que o duto que se prolonga leve a outras estruturas de armazenamento de água. Durante nossa viagem à Argentina buscamos contato com a arqueóloga Ruth Poujade para maiores esclarecimentos, contudo não obtivemos êxito.

Desde a evidenciação dessas estruturas, na década de 1990, até o ano de 2005, observou-se que as mesmas sofreram um rápido processo de deterioração e, em alguns casos, até mesmo colapso. Isso apontou a necessidade de novos estudos arqueológicos com a finalidade de registrar adequadamente todas as estruturas deterioradas, determinando-se suas causas, e de realizar um projeto de recuperação com técnicas apropriadas para sua conservação e reabilitação (POUJADE, 2007:74). Em intervenções arqueológicas realizadas entre os anos de 2003 e 2005 foi escavada parte da galeria do colégio com evidenciação do seu piso, da escada e da canaleta pluvial, a qual possui as mesmas lajes de arenito da galeria.

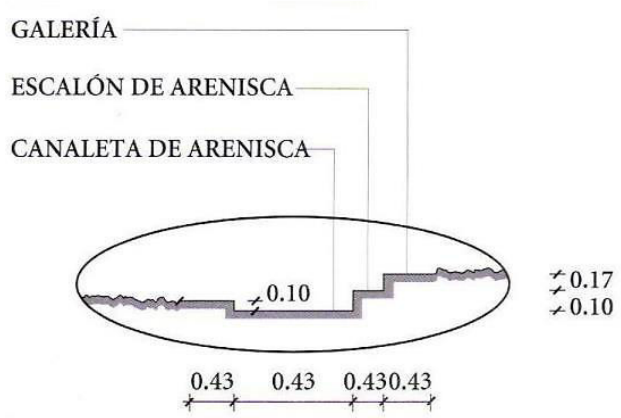


Figura 106. Perfil da canaleta pluvial. Fonte: POUJADE, 2007:239.

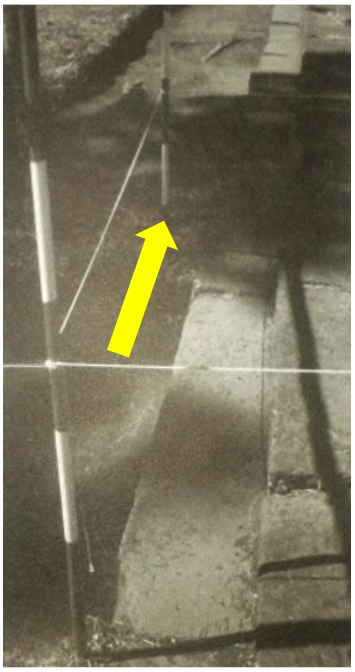


Figura 107. Escavação da galeria do colégio com evidenciação parcial da canaleta pluvial (seta amarela). Fonte: POUJADE, 2007:241.

3.4 Uma análise comparativa: identificando semelhanças e diferenças

A partir dos casos estudados anteriormente, consideradas as semelhanças e diferenças nas estruturas respectivas, buscaremos verificar a existência de uma *tipologia*[198] das estruturas que compõem o *Sistema de captação e abastecimento de água* nas reduções. Organizando as informações coletadas em croqui[199] procuraremos entender a *forma* e a *função* dessas estruturas.

Na página seguinte, em formato de prancha, ilustramos o croqui das três reduções em análise, onde está representado o núcleo urbano de cada redução e a sua relação com as estruturas de captação e abastecimento de água existente no seu interior e entorno imediato. Os centros urbanos das reduções estudadas são representados aproximadamente na mesma escala, a fim de facilitar a comparação entre as estruturas. Nessa mesma prancha, o quarto croqui apresenta a área de ocupação da antiga Redução de São Miguel Arcanjo na atual cidade de São Miguel das Missões, com a localização do Sítio Histórico, do *Parque da Fonte Missioneira* e das nascentes de água.

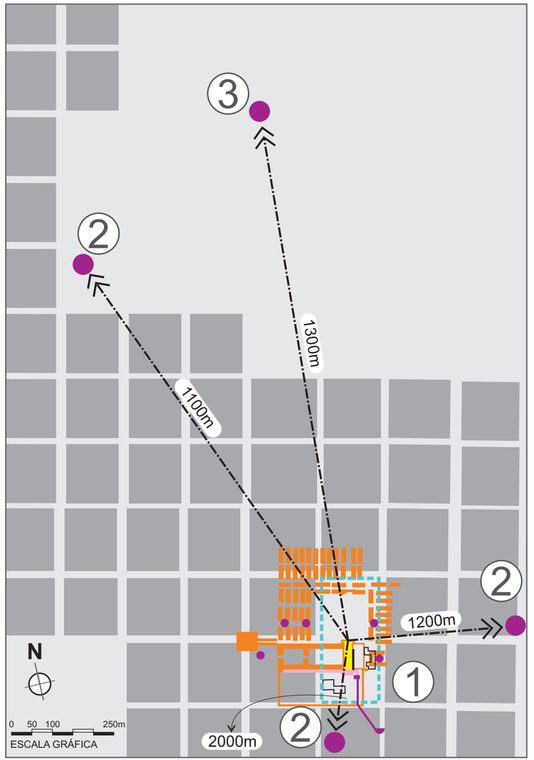
[198] Segundo Custódio (2011:215), "o *tipo* se refere à configuração de *forma* e *função* de elementos arquitetônicos ou urbanos, em que as características que se repetem estão presentes na maior parte dos componentes de um *universo* definido que é o objeto de pesquisa, permitem a organização de conjuntos reconhecíveis e identificáveis, definindo *tipologias*, como pertencentes a um mesmo grupo ou matriz." (CUSTÒDIO, Luiz Antônio Bolcato. **Arquitetura e Urbanismo Jesuítico-Guarani: regras e resultados.** Porto Alegre: Ed. da UnRitter, 2011, 298p. Coleção Novos Conhecimentos, v.15).

[199] O croqui servirá como ferramenta base para a análise da existência ou não de uma *tipologia* das estruturas de captação e abastecimento de água nas reduções. Não foi possível a representação espacial dessas estruturas, na medida em que para fazê-lo dependeríamos de pesquisas ampliadas em todos os sítios missioneiros. Essa tarefa, por si só, seria alvo de outra pesquisa, envolvendo profissionais de diversas áreas de conhecimento, como arquitetos, historiadores, geógrafos e arqueólogos.

CROQUIS DE ANÁLISE COMPARATIVA

Reduções de São Nicolau, São João Batista, Santa Ana e São Miguel Arcanjo

Redução de São Nicolau (Brasil)

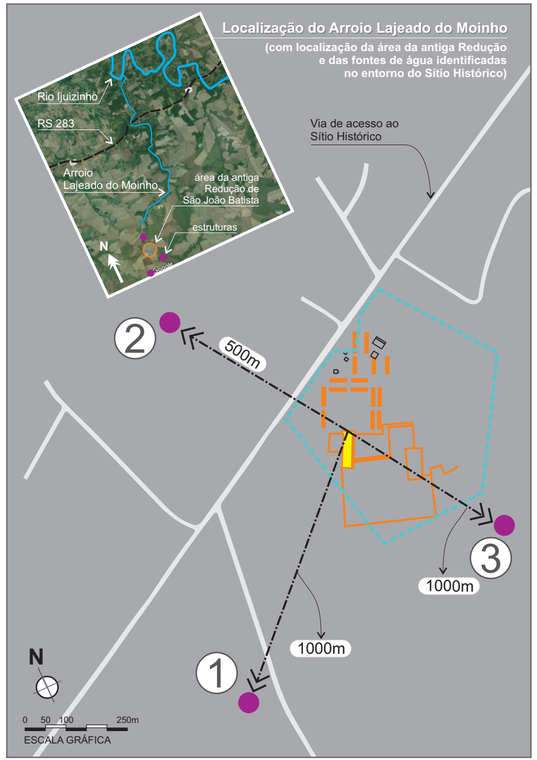


Igreja
Centro urbano da Redução de São Nicolau.
Dreno evidenciado por La Salvia.
Sítio Histórico São Nicolau
Quadras da cidade de São Nicolau
Estruturas de captação e armazenamento de água
Distâncias aproximadas das nascentes, fontes e tanques.

1-Poços de água/Drenagem: captação e armazenamento de água e sistema de esgotamento sanitário.
2-Nascentes d'água no entorno da redução de São Nicolau.
3-Nascente d'água: vestígios materiais (telhas e pedras de arenito).

Baseado em: Fernando La Salvia (1992).

Redução de São João Batista (Brasil)

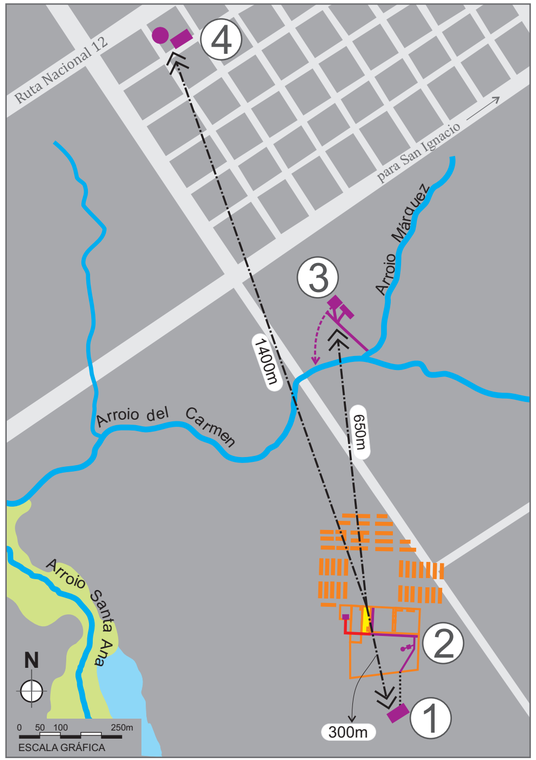


Igreja
Centro urbano da Redução de São João Batista
Sítio Histórico de São João Batista
Quadras da cidade de Entre-ijuís, localidade de São joão Velho.
Edificações existentes dentro da área do Sítio Histórico
Estruturas de captação e armazenamento de água
Distâncias aproximadas das nascentes, fontes e tanques

1-Nascente de água: possível existência de uma fonte do período jesuítico.
2-Nascente de água com "estruturas de represamento de água" no entorno.
3-Nascente de água com "estruturas de represamento de água" no entorno e existência de blocos de arenito esculpidos e tubo cilíndrico oco de arenito.

Baseado em: Artur H. Barcelos (2000).

Redução de Santa Ana (Argentina)

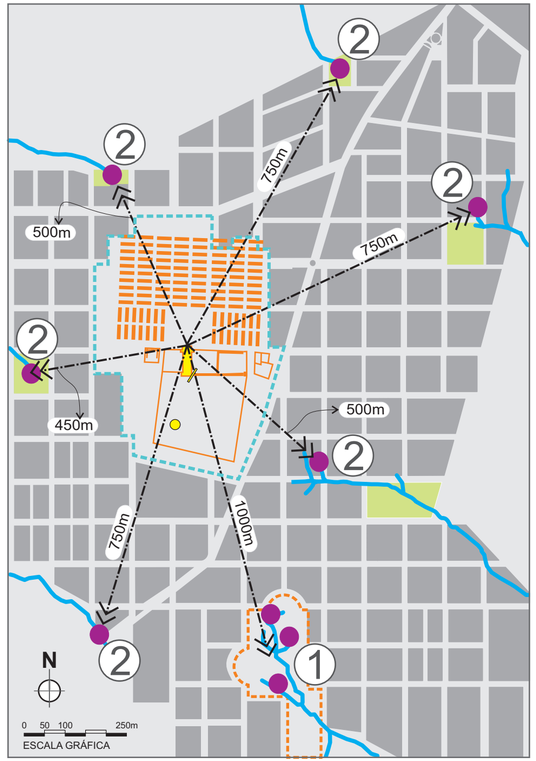


Igreja
Centro urbano da Redução de Santa Ana
Arroios
Drenos existentes
Hipótese de existência de drenos
Quadras da cidade de Santa Ana
Estruturas de captação e armazenamento de água
Distâncias aproximadas das nascentes, fontes e tanques

1-Tarramar: captação e distribuição de água
2-Drenos/Tanques: captação e armazenamento de água para a Quinta
3-Fonte/Tanque/Drenos: captação e armazenamento de água
4-Poço/Taipa de Pedra: captação e armazenamento de água

Baseado em: Ruth Poujade (2005).

Redução de São Miguel Arcanjo (Brasil)



Igreja
Arroios
Centro urbano da Redução de São Miguel Arcanjo
Limites do Parque da Fonte Missioneira
Sítio Histórico São Miguel Arcanjo
Hipótese de existência de drenos
Hipótese de poço na Quinta
Quadras da cidade de São Miguel das Missões
Estruturas de captação e armazenamento de água
Distâncias aproximadas das nascentes, fontes e tanques

1- Parque da Fonte Missioneira: fonte de água, açude e tanque.
2-Fonte/Tanque: captação e armazenamento de água para a Redução.
3-Fonte/Tanque: captação e armazenamento de água para a Redução.

Baseado em: (Mayerhoffer, 1969; Catafesto,1993; Zanettini, 2009).

Figura 108. Croquis das Reduções de São Nicolau, São João Batista, Santa Ana e São Miguel Arcanjo. Desenho: Ingrid Arandt.

Ao mapear a localização das fontes de água e demais estruturas de captação e abastecimento percebemos que a distância[200] em relação ao núcleo urbano varia entre 300 e 2000 metros. Apenas na Redução de São Miguel Arcanjo, correspondente ao quarto croqui da prancha de análise comparativa, constatamos distâncias mais uniformes, com a repetição de aproximadamente 750 metros em três situações. A inconstância das distâncias entre núcleo urbano e estruturas de captação e abastecimento de água não implica na inexistência de uma *tipologia*[201], mas indica, sobretudo, que a escolha do sítio de implantação da redução empregou critérios estabelecidos nas *Ordenanzas* espanholas, cujas diretrizes apontavam a preocupação com o abastecimento da população na fundação de um novo povoado, indicando a necessidade de água próxima, de preferência com a possibilidade de conduzi-la até o núcleo urbano e às fazendas, a fim de um melhor aproveitamento desse recurso natural. São também indicações das *Ordenanzas*, a necessidade do sítio apresentar materiais para construção das edificações (pedreiras e bosques próximos com abundância em madeira); boas terras para o plantio de diferentes culturas. Apontavam, ainda, o tipo ideal de clima e a localização do sítio, indicando a instalação do núcleo urbano em terrenos mais elevados, a fim de um melhor aproveitamento dos ventos, evitando-se assim a umidade excessiva. Entretanto, respeitadas as *Ordenanzas*, considerando que os jesuítas estavam lidando com territórios de geografias diversas conjugadamente com a experiência dos índios, pode-se pensar que a decisão sobre onde implantar cada uma das estruturas de captação e abastecimento de água, tendo sempre como foco o núcleo urbano da redução, tenha sido de fato uma decisão de ordem prática.[202]

Acreditamos, assim, que a implantação das fontes em torno do núcleo urbano fosse determinada pela necessidade de abastecimento do povoado, devido ao maior ou menor

---

[200] Na representação do croqui estabelecemos a fachada principal da igreja como ponto de referência para medir a distância até as estruturas de captação e abastecimento de água de cada redução. Todas as distâncias representadas são aproximadas, já que não foi realizado levantamento planialtimétrico de todas as estruturas.

[201] Neste estudo estamos propondo a existência de uma *tipologia*, buscando encontrar os elementos e características recorrentes na comparação entre as três reduções estudadas e a Redução de São Miguel. Para estabelecer esta *tipologia*, escolhemos um número finito de elementos constituidores do plano urbano das reduções, representados em croqui. Esta simplificação, no entanto, não desconsidera que o sistema de captação e abastecimento de água possui maior complexidade.

[202] Para podermos realizar uma análise comparativa mais precisa da geografia entre os sítios escolhidos teríamos que dispor de levantamento topográfico com padrão de qualidade similar em todas as reduções, o que não foi possível realizar ao longo desta pesquisa. O único levantamento topográfico atualizado, com curvas de nível de 50 em 50 centímetros, que pudemos contar foi o de São Miguel das Missões, realizado para a elaboração do projeto de requalificação do PHNM e contratado pelo IPHAN em 2014. Os levantamentos topográficos dos demais sítios não têm a mesma precisão (curvas de nível de 50 em 50 cm) e as áreas de abrangência dos mesmos não englobam as áreas de nascentes.

número de indígenas. Ao relacionarmos o número[203] de fontes e a posição de cada uma delas no entorno da Redução de São Miguel com o número de índios que chegou o ter o povoado no seu período de apogeu (em 1749 eram 6.695 habitantes), concluímos que cada fonte, num total de sete, abastecia em média cerca de 1.600 indígenas. Em relação à *forma* das estruturas de captação e abastecimento de água verificamos a existência de uma *tipologia* para as estruturas utilizadas: *bacias esculpidas em pedra para compor as fontes de água, canalizações de água, tanques de pedra para a reserva de água, açudes e estruturas de represamento de água*. Desse modo, ao estabelecermos a *tipologia* das estruturas do *sistema de captação e abastecimento de água* das reduções, destacamos os seguintes elementos:

1) Bacias esculpidas em pedra para compor as fontes:

- As fontes contam com bacias esculpidas em pedra, muitas vezes formando um conjunto de bacias (Redução de São Miguel e Redução de São Nicolau), algumas vezes bacias únicas (Redução de Santa Ana). A forma de cada bacia pode variar de retangular a oval e na sua altura, o que sugere a necessidade de o *padrão* se adaptar à função (maior ou menor volume de armazenamento de água). Algumas bacias esculpidas em pedra (Redução de Santos Apóstolos) revelam verdadeiros trabalhos artísticos em cantaria, com altos relevos e desenhos em diversas formas.

2) Canalização de água:

- As canalizações são constituídas de lajes de pedra, que formam as paredes dos dutos, na maioria das vezes em secção quadrada ou retangular (Redução de São Nicolau e São Miguel). Algumas vezes essas lajes de pedra também formam a base e o topo da canalização (Redução de San Ignácio Mini). Uma diferença que foi possível identificar na forma dessas canalizações é a dimensão das respectivas seções, que resulta da necessidade de adaptação da estrutura à sua função e ao local de instalação. Outro tipo, que possivelmente constituía uma canalização de

[203] O fato de as demais reduções representadas no croqui apresentarem um número menor de fontes de água no entorno de seus centros urbanos não significa a inexistência delas. Representamos as estruturas indicadas pelas pesquisas já realizadas, contudo entendemos que outras pesquisas sobre o tema, especialmente as que venham a se dedicar ao levantamento de campo, poderão contribuir para um maior conhecimento sobre o sistema de captação e abastecimento de água das reduções.

água encontrada em reconhecimentos de campo na área da Antiga Redução de São João Batista, seria formado por manilhas de pedra encaixadas.

3) Tanque de pedra:

- Os tanques de água têm pedras sobrepostas e encaixadas, formando as suas paredes. Na maioria das vezes têm planta retangular ou quadrada e proporções semelhantes. Sua instalação se dá abaixo do nível do solo e a sua *função* está relacionada a armazenamento de água e controle de vazão da água, normalmente interligados às nascentes de água ou sistemas de drenagem pluvial.

4) Estruturas de represamento:

- As estruturas de represamento (açudes e barragens[204]) variam na sua *forma* (desenho e dimensões). Na Redução de São Miguel há indicação da existência de um açude junto à fonte sul da redução e na Redução de São João Batista, além do açude identificado a partir do estudo da iconografia conhecida, foram registradas duas barragens a partir de levantamento de campo. No estudo da Redução de Santa Ana, na Argentina, a estrutura de represamento (*tarramar*) é indicada em mapa, não sendo detalhada com levantamentos (fotográficos ou arquitetônicos) como as demais estruturas, portanto, não foi possível mencioná-la na análise comparativa.

Conclui-se que, além das semelhanças, as estruturas apresentam diferenças nas suas *formas* como resultado das características dos usos e dos locais de instalação. As *funções* de algumas das estruturas apresentadas também se inter-relacionavam, isto é uma determinada

[204] No estudo da Redução de Santa Ana, na Argentina, a estrutura de represamento (tarramar) é indicada em mapa, não sendo detalhada com levantamentos (fotográficos ou arquitetônicos) como as demais estruturas, portanto, não foi possível mencioná-la na análise comparativa. Algumas estruturas de represamento ainda são encontradas na estância missioneira de Alta Gracia, localizadas em Córdoba, na Argentina. Segundo María Alejandra Rega (2015), o sistema de irrigação implantado na estância de Alta Gracia compõe uma estrutura bastante especializada do ponto de vista da engenharia hidráulica, com um *tarramar* de 80 metros de largura e que forma parte de um sistema hidráulico de represas que regulam o ingresso das águas; e ainda, um moinho, movido à água, para a fabricação de farinha. Segundo a mesma autora o *tarramar* (1659) teria sido o primeiro dique de Córdoba.

estrutura opera para o funcionamento da outra, formando um complexo *sistema de captação e abastecimento de água* em cada redução. A análise comparativa apresentada nos possibilitou a identificação de uma ***tipologia*** das estruturas do *sistema de captação e abastecimento de* água. Assim, como nos ordenamentos urbanos e na arquitetura, a existência de uma *tipologia* das estruturas do *sistema de captação e abastecimento de água* das reduções consolidou uma "linguagem própria" a partir de uma "prática construtiva" que possivelmente se estabeleceu para todas as reduções dos 30 Povos, "atingindo uma difusão controlada e planejada" (CUSTÓDIO, 2011:215).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciamos esta pesquisa tínhamos duas questões em mente e os caminhos que percorremos para respondê-las nos parecem terem sido acertados. Essa busca de respostas para entender como ocorreu e se ampliou o conhecimento sobre o sistema de captação e abastecimento de água na antiga Redução de São Miguel, que incluiu uma investigação sobre os significados atribuídos a esse sistema pela população que viveu os primeiros momentos de formação da Vila de São Miguel e que hoje ainda habita a cidade, o conhecimento disponível na historiografia sobre o ideário das reduções jesuíticas dos *Guarani*, bem como o conhecimento técnico existente sobre os vestígios materiais do *Parque da Fonte Missioneira* e das Reduções de São Nicolau, São João Batista e Santa Ana nos possibilitou a descoberta de valores que desconhecíamos.

As informações coletadas sobre a antiga Redução de São Miguel no capítulo inaugural apontaram a existência de estruturas de captação e abastecimento de água - dutos de água - semelhante às já conhecidas no *Parque da Fonte Missioneira*, além de indicarem a existência de outras estruturas como as calhas de água junto à torre, o muro da quinta, o poço de água da quinta e drenos pluviais atrás da igreja, as duas últimas ainda não confirmadas por trabalho de arqueologia. São informações que consideramos de extrema relevância, pois indicam a necessidade de continuidade da pesquisa arqueológica no Sítio Histórico e nos vestígios arqueológicos das demais fontes de água.

O estudo sobre as modificações dos planos urbanos da Vila de São Miguel e da cidade de São Miguel das Missões nos permite afirmar que, hoje, já ocorre a valoração das nascentes de água, mesmo que neste processo a ideia de preservação esteja muito mais relacionada a sua importância ambiental. O mesmo ocorreu com o *Parque da Fonte Missioneira* que, somente no decorrer dos últimos dois anos, com investigações arqueológicas mais aprofundadas na área e o compartilhamento de seus resultados com os moradores da cidade passou a ser valorizado, também, por sua importância cultural, como parte da memória missioneira jesuítica. Com base nos estudos das intervenções ocorridas nesse Parque, podemos afirmar, dentro da perspectiva desta pesquisa, que se hoje o *Parque da Fonte Missioneira* é individualmente valorizado isto resulta do fato de que essa é a única fonte de água que sofreu intervenções pelo IPHAN e pelo Poder Público Municipal.

A área do Parque, desde 1982, tem sido alvo de prospecções e escavações arqueológicas; recebeu obras de consolidação e restauração; sua estrutura foi evidenciada

como um complexo sistema hídrico (canalizações, fonte, lago, tanque); o desenho urbano de seu entorno foi reestruturado pela necessidade de preservação ambiental e sua área foi cercada, tendo sido reconhecido seu *valor ambiental*. Todas essas ações, em nosso entendimento, contribuíram para que a população local lhe atribua maior relevância. Atualmente o Parque é ponto turístico do município e seu espaço recebe manutenção periódica pelo IPHAN que é também o responsável por sua abertura e fechamento. Portanto, o valor atribuído ao *Parque da Fonte Missioneira*, em nosso entendimento, justificaria uma ação imediata para incluí-lo no perímetro do sítio tombado.

Entretanto, apesar das ações oficiais terem sempre destacado essa fonte por seu valor individual, acreditamos ter demonstrado ao longo desta pesquisa que qualquer ação futura de preservação e valorização das fontes de água no entorno do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo deverá ser pensada de forma a articular todos os sítios de fontes, pois eles formam um sistema integrado, como já indicado por arqueólogos que trabalharam na área do *Parque da Fonte Missioneira* e técnicos do IPHAN. A continuidade de ações isoladas continuarão a comprometer a percepção do sistema missional como um todo e, consequentemente, tornarão as partes não destacadas mais suscetíveis à destruição.

Outro ponto importante e que vai ao encontro de uma das questões apresentadas no início do estudo – *por que os relatos orais sobre as fontes de água de São Miguel, embora contribuam para a compreensão do sistema de captação e abastecimento na cidade não mereceram registro ou verificação* - foi a possibilidade de nos apropriarmos das fontes orais para melhor compreendermos o significado das fontes de água para moradores e profissionais que trabalham ou já trabalharam na cidade de São Miguel, e que até este momento haviam sido pouco exploradas.

As fontes orais foram chave fundamental para o conhecimento das demais nascentes de água e dos locais onde ainda poderiam ser encontrados seus vestígios arqueológicos. Essa fonte de pesquisa, que operou em paralelo aos documentos, bibliografia e iconografia, favorece a valorização oficial dos vestígios materiais ainda existentes nas fontes e, por consequência, a valorização de todo o sistema de captação e abastecimento de água das reduções, como estrutura fundamental para a manutenção da vida diária dos assentamentos Jesuítico *Guarani* nos séculos XVII e XVIII, e da Vila de São Miguel. Ainda que o nosso recorte de dez depoimentos possa parecer restrito, nos possibilitou perceber que, hoje, já ocorre um processo de valorização das nascentes em nível local. Isso pode ser afirmado com base na relação que os depoentes estabelecem com os espaços e estruturas de fontes. Os depoimentos colhidos evidenciaram um *sentimento de pertencimento*; cada entrevistado, ao

seu modo, narrou como se sente parte daquele lugar – São Miguel, como os espaços das fontes lhes pertencem e, como cada um deles acredita poder interferir naqueles espaços, valorizando-os. É importante reivindicar que o registro dos relatos orais dessa pesquisa tenha continuidade. Entendemos ser de extrema importância a ampliação e aprofundamento desse estudo por historiadores, sociólogos e antropólogos, com a finalidade de verificar as relações entre os habitantes de São Miguel e a experiência das Missões e em que medida as fontes de água são elos entre eles e a história das Missões Jesuíticas dos *Guarani*.

Cabe destacar que, o discurso formal, do Estado, no processo de patrimonialização, difere do discurso informal dos depoimentos dos habitantes de São Miguel, de cunho afetivo. Nesse sentido, o processo local e coletivo de patrimonialização pode ajudar na atualização das leituras preservacionistas oficiais.

As informações coletadas nos depoimentos também nos fizeram refletir sobre a similaridade de uso das fontes em dois momentos históricos distintos (Redução e Vila de São Miguel), destacando-se alguns, como: lavar roupa, tomar banho, seja para higiene ou lazer, buscar água para consumo humano e também como bebedouro para os animais. Como já salientamos, a similaridade de usos corroborou para as nossas conclusões no capítulo inicial da pesquisa: as fontes de água significaram a própria vida da comunidade de São Miguel e também da Redução de São Miguel Arcanjo.

No que se refere à representatividade dos espaços de fontes para os *Guarani*, consideramos de extrema importância que sejam realizados estudos mais aprofundados por antropólogos e sociólogos, relativos ao sítio da Fonte Missioneira, local de ocupação tradicional para os *Guarani*, com vistas a preservação e valorização desse sítio, também, em sua dimensão imaterial. Estudos mais aprofundados possibilitarão o reconhecimento da dimensão simbólica das fontes de água para os *Guarani-Mbyà*, especialmente da comunidade *Tekoá Koenju*, pois a área do *Parque da Fonte Missioneira* foi o primeiro local destinado a esse grupo quando retornaram a São Miguel das Missões, na década de 1990.

Ao refletirmos sobre os registros documental e iconográfico do *sistema de captação e abastecimento de água* e sobre a importância da água na formação das reduções dos 30 Povos, duas informações, em especial, parece-nos importante destacar: 1ª) a complexidade do sistema na Redução de San Javier, que conforme registro iconográfico apresenta um sistema de lagos, possivelmente artificiais, no entorno do núcleo urbano e que serviam para abastecer a população que ali se concentrava; 2ª) as fontes esculpidas em pedra, hoje em museus missioneiros, que comprovam a importância para jesuítas e índios da

composição artística dos espaços de fontes, como é o caso da Fonte de água da Redução de Santos Apóstolos.

Na análise comparativa entre as Reduções de São Nicolau e São João Baptista no Brasil e de Santa Ana na Argentina, as informações relacionadas nos trouxeram base suficiente para afirmar o grande empenho de padres jesuítas e índios na implantação e composição desses sistemas, onde cada estrutura, adaptada ao seu local de instalação, desempenhava sua função em inter-relação com as demais estruturas, compondo um complexo sistema de captação e abastecimento de água nas Reduções dos 30 povos da Província Jesuítica do Paraguai. Essa análise comparativa também nos possibilitou a identificação de uma ***tipologia*** das estruturas do *sistema de captação e abastecimento de água*, assim como ocorre com a arquitetura e os ordenamentos urbanos. A ***tipificação*** apresentada neste estudo, com descrições, graficações e exemplificações, corrobora com a ideia de uma ***rede de povoados missioneiros*** que obedecia a diretrizes pré-determinadas de implantação e onde a água era um condicionante mandatório.

Com o presente estudo, também ficou evidente como a ampliação do conhecimento sobre o sistema, ao longo dos anos, levou a uma correspondente ampliação da área de proteção do Sítio Histórico. Se por um lado, no processo de ampliação da área tombada do Sítio Histórico as estruturas de captação e abastecimento de água não foram englobadas, o paulatino entendimento sobre a dinâmica espacial das reduções que, inclusive, levou a valorização e consolidação do *Parque da Fonte Missioneira*, abre espaço para a valorização futura de outras fontes. Acreditamos que a comprovação pelos órgãos competentes de que os vestígios arqueológicos das antigas fontes são parte do sistema do período missioneiro possibilitará a respectiva preservação.

A patrimonialização do sistema de captação e abastecimento de água da Redução de São Miguel ainda teria outras implicações, entre as quais destacamos: 1º) a qualificação do entorno do bem tombado estaria diretamente relacionada com a valorização do bem, integrando-o às políticas de desenvolvimento local e, principalmente, territorial; 2º) a importância tanto para a cultura *Mbyà-Guarani* como para a população não indígena ligada à trajetória de formação da cidade de São Miguel das Missões; 3º) a valorização das fontes criaria espaços de sensibilização e de natureza educativa sobre o bem tombado, promovendo a identidade local e, dessa forma, estimulando a participação cidadã na gestão do bem; 4º) a articulação entre investigações histórica, sociocultural, arquitetônica, arqueológica, ambiental e artística, assim como a identificação e salvaguarda de seus valores imateriais promoveria uma mais ampla valorização do bem .

Cabe destacar que o IPHAN, no papel de gestor da preservação dos bens culturais em âmbito federal, no caso específico das Reduções Jesuíticas dos *Guarani*, regulamentadas a partir do Decreto-lei 25/37 e da Lei 3.924/61, vem optando por diferentes estratégias de salvaguarda e valorização desse bem cultural *transfronteiriço*, procurando trabalhar a temática em nível local, regional e principalmente territorial.

Por fim, consideramos também importante ressaltar que, ao trabalharmos com a hipótese de existência de estruturas arqueológicas do período missioneiro nos espaços das fontes, compreendemos as especificidades da área de conhecimento da Arqueologia Histórica, que conta com metodologia própria e se utiliza dos objetos arqueológicos como referências de estudo. Nesse sentido, cabe reafirmar que este estudo nunca pretendeu comprovar a existência de estruturas arqueológicas das fontes de água em São Miguel, mas, sim, valorizar as nascentes de água como parte de um sistema integrado ao conjunto de edificações que compunham as reduções jesuíticas, tendo como base as diferentes fontes documentais existentes e fontes orais, recolhidas, estudadas e ouvidas ao longo da pesquisa. Especificamente no *Parque da Fonte Missioneira* a importância do conjunto é facilmente percebida pelo visitante que, além de ter contato direto com uma evidência tangível do passado, nota que ela é parte de um sistema ainda em funcionamento. Do mesmo modo, a evidenciação e valorização das demais fontes de água dará concretude ao que ainda é uma suposição, ampliando o conhecimento sobre a complexidade da empreitada missioneira. Deve-se levar em conta que a evidenciação e destaque desse patrimônio arqueológico implicarão na criação de vários "sítios" (um em cada fonte), possibilitando a vinculação entre eles e com outros sítios semelhantes já evidenciados, muitas vezes distantes, como é o caso da Redução de Santa Ana. A evidenciação dos sítios das fontes também pode ser justificada como um dos potenciais fatores para a afirmação de uma identidade territorial, ideia central da declaração das *Missões Jesuíticas Guaranis, Moxos e Chiquitos* à Patrimônio do MERCOSUL, e entendida como tal desde a década de 1990.

Apesar de esse aspecto ser muito positivo, a evidenciação das fontes pode trazer desvantagens, pois uma escavação, por definição, é também um processo destrutivo. Para minimizar esse risco, será indispensável estabelecer, a partir do conhecimento de historiadores, arquitetos e, principalmente, arqueólogos, quais vestígios deverão e poderão ser expostos, antecipando-se as implicações da preservação arqueológica após as escavações. Assim, será possibilitado o seu conhecimento, mas com um mínimo de impacto para a sua preservação. Há que se avaliar, inclusive, se, após investigação e registro documental, devem ser mantidas como se encontram hoje – soterradas, como o melhor meio de preservá-las.

Finalmente, consideramos importante destacar que o fato desta pesquisa ter sido realizada no âmbito de um Mestrado Profissional nos possibilitou intensa reflexão, aproximando prática e teoria, permitindo a troca de ideias com técnicos federais e municipais e com a população local. Certamente, a tarefa de aliar a ação de preservação do patrimônio cultural a partir das atividades rotineiras do IPHAN à vida local forneceu-nos pistas importantes para a compreensão de como seria possível trabalhar em favor da valorização das fontes de água da antiga Redução de São Miguel Arcanjo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2005. 234p.

_____. **Narrativas na História Oral**. ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História. João Pessoa: 2003. Disponível em: http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.681.pdf. Acesso em: 15/06/2015.

AVÉ-LALLEMANT, Robert - 1812-1884. **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

ARNAUT, Jurema Kopke Eis. **Relatório de Viagem às Missões Jesuíticas - 19 a 23-11-1984**. Setor de Preservação de Conjuntos Urbanos e Sítios Históricos. Arquivo do Iphan-RS. Arquivo do PHNM, São Miguel das Missões/RS.

ASSUNÇÃO, Paulo. **Negócios Jesuíticos: O cotidiano da administração dos bens divinos.** São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 2004. p. 13-26; p. 225-288.

BAPTISTA, Jean. **O Eterno: crenças a práticas missionais.** Dossiê Missões: Vol. 2. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009. 264p.

_____. **O Temporal: sociedades e espaços missionais.** Dossiê Missões: Vol. 1. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009. 226p.

_____. BAUER, Letícia. PRESA, Alejandra. **As Ruínas e seus personagens no século XIX.** Disponível em: http://www.seer.furg.br/biblos/article/view/728. Acesso em: 30 de março de 2015.

_____. SANTOS, Maria Cristina dos. **As Ruínas: a crise entre o temporal e o eterno.** Dossiê Missões: Vol. 3. São Miguel das Missões: Museu das Missões, 2009. 140p.

BARCELOS, Artur H. F. **Espaço e Arqueologia Nas Missões Jesuíticas: o Caso de São João Batista**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

_____. **Espaço e Arqueologia Nas Missões Jesuíticas: o Caso de São João Batista**. CPGH-PUCRS, Dissertação de Mestrado, 2 Vol., 1997.

BARRA, Sérgio. Patrimônio cultural Jesuítico: *(Re)Definição e (Re)Valorização*. In: **Assentamentos jesuíticos: territórios e significados**. Cadernos de Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2008. p. 57-78.

BAUER, Letícia. **O arquiteto e o Zelador: Patrimônio Cultural, História e Memória – São Miguel das Missões (1937-1950)**. Porto Alegre: UFRGS, 2006. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BRUXEL, Arnaldo. **Los Treinta pueblos Guaranies**. Argentina: Ediciones Montoya, 1984.

BUSANICHE, Hermán. **La arquitectura em las missiones jesuíticas guaranies**. Editorial Santa Fé: Santa Fé, 1955. p.21-22.

CARDIEL, José (S.J.). **"Costumbres de los Guaraníes e carta de 1674"**. In: DUVIOLS, Jean-Paul. Tentacion de la utopia : las misiones jesuíticas del Paraguay. Barcelona: Tusquets, [1747]1991, p. 150-156.

CARLE, Cláudio Batista. **O conhecimento e o uso dos metais nas Missões, RS-Brasil**. p. 123-150. In: KERN, Arno Alvarez (org.). Arqueologia Histórica Missioneira. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

CHUVA, Márcia (org). MENEZES, Aline Bezerra de; TEIXEIRA, Luciano dos Santos; BARRA, Sérgio. **Assentamentos jesuíticos: territórios e significados**. Cadernos de Pesquisa e Documentação. Rio de Janeiro: IPHAN/Copedoc, 2008.

COSTA, Lúcio. **Relatório sobre os Sete Povos das Missões/RS**. Rio de Janeiro, Arquivo Noronha Santos, 1937.

_____. 1937: Igreja de São Miguel (ruínas) – São Miguel das Missões – RS. In: PESSÔA, José (Organizador). **Lucio Costa: Documentos de Trabalho**. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Iphan, 2004. p.21-42.

_____. **A arquitetura jesuítica no Brasil.** Revista do IPHAN nº 05. Rio de Janeiro, 1941.

CURY, Isabelle (org.). **Cartas Patrimoniais**. 3ª Edição - Rio de Janeiro: IPHAN, 2004. 408p.

CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **São Miguel das Missões, Diretrizes para o Desenvolvimento Físico.** Porto Alegre: CEDRO-SURBAM, 1979.

_____. **A Redução de São Miguel Arcanjo: contribuição ao estudo da Tipologia Missioneira**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS - Faculdade de Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. Porto Alegre, 2002.

_____. **Missões Jesuíticas: arquitetura e urbanismo**. Memorial do Rio grande do Sul. Caderno de História nº21. Apresentação. Disponível em: http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/05/As-Miss%C3%B5es-Jesu%C3%ADticas-Arquitetura-e-Urbanismo.pdf Acesso em: 21/08/2014.

_____. **Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, p. 65-79, 2007.

_____. STELLO, Vladimir Fernando. **Preservación de las missiones: trayectoria de Brasil.** APUNTES, vol. 20, núm. 01. Bogotá: Javeriana, 2008, p. 142-153.

_____. **Arquitetura e Urbanismo Jesuítico-Guarani: regras e resultados.** Porto Alegre: Ed. da UnRitter, 2011, 298p. Coleção Novos Conhecimentos, v.15.

DAMIANI, N.; RAMOS, A.; SILVA, A. L. **São Miguel das Missões no contexto Missioneiro,** informe no publicado, São Miguel das Missões, Prefeitura de São Miguel das missões, 2007.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. **Jesuítas portugueses e espanhóis no sul do Brasil e paraguai coloniais:** novos estudos. São Leopoldo: UNISINOS, 2003. 125 p.

_____. **Jesuítas no Brasil e Paraguai coloniais: aldeamentos e reduções.** História UNISINOS**,** São Leopoldo, v. 6, n. 5, p. 123-134, 2002.

FURLONG, Guillermo. **Cartografía jesuítica del Río de la Plata**. Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1936.

FURLONG, Guillermo. **Misiones y sus Pueblos de Guaranies**. Buenos Aires: 1962.

GUTIÉRREZ, Ramón. **As Missões Jesuíticas dos Guaranis.** UNESCO, 1983.

_____. **Reflexões sobre as Missões Jesuíticas.** In: Boletim de SPHAN nº 27, p.7-8. Brasília, Novembro-Dezembro de 1983. Disponível em: http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/WebIndex/WIBib/BOL_SPHAN. Acesso em: 23/08/2014.

_____. NEGRO, Sandra (col.); MAEDER, J. A. Ernesto (col.); GUTIÉRREZ, Rodrigo Viñuales (col.); ROSSO, Giovanna del Brena (col.). **Historia urbana de las reducciones Jesuíticas sudamericanas: Continuidad, rupturas y câmbios (siglos XVIII-XX).** Fundación Ignacio Larramendi, 2005. p. 27-34; p. 294-331. Disponível em: http://www.larramendi.es/i18n/catalogo_imagenes/grupo.cmd?path=1000225. Acesso em: 12/03/2014.

HERNÁNDEZ, Pablo. **Organización social de las doctrinas guaraníes de la Compañía de Jesús**. Ed. Gustavo Gili, Barcelona: 1913. Disponível em: https://archive.org/stream/organizacinsocia01hern/organizacinsocia01hern_djvu.txt. Acesso em: 10/09/2014.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre. Ed. da Universidade/UFRGS, 1994. (Síntese Rio-Grandense; 16-17).

_____. **Arqueologia Histórica Missioneira**. Org. Arno Alvarez Kern. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. 206p.

_____. **Um dia em uma missão a partir de seu plano urbano.** Porto Alegre: 2014. Consultoria prestada à *Brasil arquitetura* (Projeto Complexo Cultural).

LA SALVIA, Fernando. **O Sitio Urbano de São Nicolau.** In: WEIMER, Guinter. Urbanismo no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDUFRGS, 1992.

LEAL, Fernando Machado. **São Miguel das Missões – estudo de estabilização e conservação das ruínas da igreja**. Revista do IPHAN, nº19, Rio de Janeiro, 1984. p.71-96.

LUGON, Clovis. **A República Comunista Cristã dos Guaranis, 1610-1768**. Paz e Terra, Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1968.

LYRA, Cyro de Oliveira. **Casa vazia, ruína anuncia: a questão do uso na preservação de monumentos**. Tese (Doutorado em artes visuais). Escola de Belas Artes. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005, 333p.

MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIÉRREZ, Ramón. **Atlas Histórico y urbano del nordeste argentino**. Resistência: IIGH, 1994.

_____. **Atlas Territorial e urbano das missões jesuíticas dos guaranis. Argentina, Paraguay e Brasil**. Coorden. Edição: Instituto Andaluz de Patrimônio Histórico. Colaboração: IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e artístico Nacional. Sevilha: Conselho de Cultura, 2009.

MAYERHOFER, Lucas. **A Igreja de São Miguel das Missões**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros nº06, 1969. Disponível em: http://200.144.255.123/Imagens/Revista/REV006/Media/REV06-01.pdf. Acesso em 23/02/2015.

Manuscritos da Coleção De Angelis. Coleção microfilmada. Centro de Pesquisas Históricas da Pontíficia Universidade Católica do rio Grande Do Sul – PUC/RS. Cx.17. Doc 1-385.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Jose Cardiel: uma viagem e um diário**. X Encontro Nacional de História. Santa Maria: ANPUH-RS, 2010. Disponível em: http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br/resources/anais/9/1279720582_ARQUIVO_CArdielumdiarioeumaviagem.pdf. Acesso em: 16/03/2015.

MATZEMBACKER, Marcos Vinícius. **O imaginário dos visitantes dos remanescentes arquitetônicos de São Miguel das Missões.** Santo Ângelo/RS, 2004. Monografia (Graduação em História). Departamento de Ciências Humanas, URI.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. **O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul no século XX: atribuição de valores e critérios de intervenção.** Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, Faculdade de Arquitetura, 2008.

_____. **Fronteiras do mundo ibérico: patrimônio, território e memória das Missões**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, p. 81-87, 2007.

MELIÀ, Bartomeu. **El Guarani Conquistado y Reducido**: ensayos de etnohistória. Biblioteca Paraguaya de Antropologia. Vol. 5. Assunción, CEPAG, Univ. Católica, 1986.

MORAES, Tobias Vilhena. **Preservação arqueológica e ação educativa nas Missões**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Porto Alegre, 2014.

MOURA, Gabriele Rodrigues de. **A representação em conquista espiritual sobre a invasão e a destruição da província do Tape**. Revista Historiador, nº02, Ano 02, Dezembro de 2009. Disponível em: http://www.historialivre.com/revistahistoriador/dois/gabriele.pdf. Acesso em: 20/11/2014.

Obras Hidráulicas en América Colonial. Ministerio de Obras Públicas, Transportes y Medio Ambiente. Secretaía General Técnica – Centro de Publicaciones. Madrid: CEHOPU, Centro de Estudios Históricos de Obras y Urbanismo, 1993. Acervo do Museu da UFRGS, Catálogo de Exposições.

Patrimônio Mundial. **Manual de Referência. Preparação de candidaturas para o Patrimônio Mundial.** – Brasília: UNESCO Brasil, Iphan, 2013, 136p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Manual%20de%20Referencia%20-%20Preparacao%20de%20Candidaturas%20para%20o%20Patrimonio%20Mundial.pdf. Acesso em: 12/02/2016.

PEREIRA, Ione Aparecida Martins Castilho. **Em tudo semelhante, em nada parecido: Uma análise comparativa dos planos urbanos das missões jesuíticas de Mojos Chiquitos, Guarani e Maynas (1607 – 1767)**. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas / Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 7ª Edição. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1994.

PESSÔA, José (Organizador). **Lucio Costa: Documentos de Trabalho**. 2ª Edição – Rio de Janeiro: Iphan, 2004. p.21-42.

POUJADE, Ruth Adela; e equipe. **Aproximaciones a la reducción de Santa Ana y su contexto.** A.R.S.A. 1ª Edição. Posadas: EDUNAM – Editorial Universitaria de la Universidad Nacional de Misiones, 2007. 244p.

RABELLO, Sonia. **O Estado na Preservação de Bens Culturais: o tombamento**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2009. 156p.

_____. **Relatório de Viagem – Avaliação – Missões – Rio Grande do Sul - 19 a 22-11-1984**. Arquivo do PHNM, São Miguel das Missões/RS.

REGA, María Alejandra. **La elección del sitio en las Estancias Jesuíticas: Un modelo de estructura territorial.** Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño. Universidad Nacional de Córdoba, Argentina. Disponível em: http://www.todopatrimonio.com/pdf/cicop2010/44_Actas_Cicop2010.pdf Acesso em: 15/01/2016.

Retrospective Statement of Outstanding Universal Value Jesuit Missions of the Guaranis: San Ignacio Mini, Santa Ana, Nuestra Señora de Loreto and Santa Maria Mayor (Argentina, 291), Ruins of Sao Miguel das Missoes (Brazil, 275). Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declara%C3%A7%C3%A3o%20Retrospectiva%20Argentina%20Brazil%20-%20Miss%C3%B5es%20Jesu%C3%ADtas.pdf. Acesso em: 10/01/2015.

SÁ, Cristina C. da Costa e. **Relatório de Prospecção Arqueológica realizada em São Miguel-RS, de 9 a 12 de março de 1982**. Rio de Janeiro: S.C.E., 1982. Relatório Técnico. Arquivo do IPHAN: Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821.** São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1974. p.145-158.

SÃO LEOPOLDO, José Feliciano Fernandes Pinheiro, Visconde de. **Anais da Província de São Pedro.** 5ª ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1982. p. 84-85.

SCHMIDT, Marcus V. Chamon. **Laudo Ambiental e Estudos Arqueológicos referentes à área destinada a implantação do "Parque da Fonte Missioneira", São Miguel das Missões-RS**. Com: Luis Claudio da Silva, Paulo Fernando dos Santos Machado e Claudio Baptista Carle. Arquivo do Escritório do PHNM – IPHAN/RS, São Miguel das Missões: 1995.

SCHMITZ, Pedro I. **O Guarani no Rio Grande do Sul: a colonização do mato e as frentes de expansão**. Anais do III Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros. Santa Rosa, Fac. Dom Bosco, 1979.

SEPP, Antônio Padre. S.J. **Viagem as Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos.** São Paulo: Livraria Martins Editora S.A. 1951, 2ª Edição, 256p.

SEVERAL, Rejane da Silveira. **Jesuítas e Guaranis face aos impérios coloniais ibéricos no rio da Prata**. BIBLOS - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação, v. 9, 1997, p.69-83. Disponível em: http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000006446&dd1=30241. Acesso em: 20/06/2015.

SILVA, Fabrício Rocha da. **Estudos de Percepção Espacial no entorno do Sítio Arqueológico de São Miguel das Missões com vistas à valorização do monumento.** Trabalho de Conclusão de Curso de Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural – IPHAN, Rio de Janeiro, 2012.

SILVEIRA, Hemeterio José Velloso da. **As Missões Orientais e seus Antigos Domínios**. Porto Alegre : Carlos Echenique, 1909.

STELLO, Vladimir Fernando. **Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo: Avaliação Conceitual das Intervenções 1925 – 1927 e 1938 - 1940**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. **O Planejamento Urbano: Entre a Cidade e o Sitio Arqueológico O Exemplo de São Miguel das Missões.** In: Anais - Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 11, n. 3, 2010, Brasíia. Disponível em: http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1363
Acesso em: 11 de fevereiro de 2014.

Tava Miri São Miguel Arcanjo, Sagrada Aldeia de Pedra: os Mbyà-Guarani nas Missões. Publicação do IPHAN, 2007.

VIÑUALES, Graciela M. **Las Missiones Jesuíticas del Área Guaraní: Un Urbanismo Alternativo**. In: GUTTIÉRREZ, Ramón (Compilador). **Estudios sobre Urbanismo Iberoamericano – siglos XVI al XVII.** Sevilha: Junta de Andalucía, 1990.

WEIMER, Günter. **Origem e evolução das cidades rio-grandenses**. 1ª Edição. Porto Alegre: Livraria do Arquiteto, 2004.

WUCHERER, Pedro M.O. Svriz. **Jesuitas, guaraníes y armas. Milicias Guaraníes frente a los indios del Gran Chaco**. Revista Unisinos, vol. 15 Nº 2 - maio/agosto de 2011. p. 281-284. Disponível em: http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2011.152.13. Acesso em: 20/07/2015.

ZANETTINI Arqueologia. **Relatório Final do Programa de Prospecções Arqueológicas do Parque da Fonte Missioneira**. Porto Alegre: 2009. Arquivo do Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN/RS.

Arquivo do IPHAN/RS – Porto Alegre:

- Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia. Processo 01512.000491/2008-47, assunto **"Programa Arqueológico: Fonte Missioneira – São Miguel das Missões /** RS. Caixa 2008/20.

- Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa CX SMA 1. **Laudo Ambiental e Estudos Arqueológicos referentes à área destinada à implantação do "Parque Arqueológico da Fonte Missioneira". São Miguel das Missões: dezembro de 1995.**

- Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa CX SMA 1. **Projeto Sítio-escola Internacional, Porto Alegre: 1990.**

- Documentação técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa CX SMA 1. **Relatório de Demarcação**. Arquivo do IPHAN/RS: São Miguel das Missões: dezembro de 2000.

- Documentação Técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico Arqueologia, Caixa J4.3. **Caderno de campo 1993 (Outubro) / 1994 / 1995 (Junho)** - José Otávio Catafesto de Souza - São Miguel das Missões - IBPC / 12ª CR - Núcleo de Arqueologia.

- Documentação Técnica: Arquivo do IPHAN-RS, Acervo Técnico, Caixa J4.3 de Arqueologia. **Caderno de campo 1993 (Fevereiro)** - José Otávio Catafesto de Souza - São Miguel das Missões - IBPC / 12ª CR - Núcleo de Arqueologia.

- Acervo Fotográfico, imagens 110.001.C601; 110.001.C592; 110.001.C593.

Arquivo do Escritório Técnico de São Miguel das Missões-IPHAN/RS:

- Documentação técnica: Arquivo do Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN-RS, Acervo Técnico, caixa E2P6C1. **Relatórios das obras de Estabilização das Ruínas e Valorização do sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo - Março a Outubro de 1993.** (Fotos anexas ao relatório).

- Documentação técnica: Arquivo Digital do Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN-RS. Relatório de Visita Técnica 008/2012. **Assunto: Visita técnica às fontes missioneiras não registradas.**

Arquivo Central do IPHAN - Rio de Janeiro:

- ACI/RJ. Série Inventário. Caixa 0576. Pasta 01. Envelope 02. **São Miguel das Missões, RS. Chafariz. [Memorando nº252/85 – DTC/SPHAN].** De Cristina Sá para Regina Pinheiro. Rio de Janeiro: 29 de abril de 1985.

- ACI/RJ. Série Inventário. Caixa 0576. Pasta 01. Envelope 02**. São Miguel das Missões, RS. Chafariz. [Comunicado Interno nº291/85 – DTC/SPHAN].** De Fernando Machado Leal para Arq. Cyro Lyra. Rio de Janeiro: 21 de maio de 1985.

GLOSSÁRIO

Anastilose: definição da Carta de Atenas (1931) – em se tratando de ruínas, é a recolocação em seus lugares dos elementos originais encontrados, cada vez que o caso permita; os materiais novos necessários a esse trabalho deverão ser sempre reconhecíveis.

Atahona: (Atafota/Tafona) Moinho de farinha, cuja roda se move com cavalos. Padaria (lugar onde se faz pão). Dicionário da Língua espanhola/Real Academia Espanhola. Disponível em: http://lema.rae.es/drae/. Acesso em: 13/08/2015.

Bolicho: Casa de negócio de pequeno sortimento e de pouca importância. Bodega. Taberninha.

Cabildo: também chamados de cabildos missioneiros, constituía a estrutura da redução que abrigava as funções do conselho (modalidade de "conselho municipal"). Foi adotado para a administração das reduções e, segundo Eduardo Santos Neumann (2007), é nessa estrutura que os *Guarani* ocuparam cargos com utilidade da escrita, indicando "que a necessidade social da escrita atingiu uma dimensão pronunciada no cotidiano das reduções, determinando que a capacidade alfabética desfrutasse de prestígio e conferisse distinção aos índios letrados." (NEUMANN, Eduardo Santos. A lança e as cartas: escrita indígena e conflito nas reduções do Paraguai – século XVIII. História Unisinos, Maio/Agosto 2007).

Campereada: Excursão pelo campo para verificar a situação do gado, ou para recolher determinadas reses. Ato de camperear. O mesmo que campear.

Carta Ânua: relatório anual escrito pelos jesuítas aos seus superiores em Roma, contendo informações detalhadas sobre a vida nas reduções jesuíticas na América.

Cisma: preocupação, desconfiança, divisão (numa religião, partido etc).

Cotiguaçu: As primeiras instalações do Cotiguaçu acontecem no final do século XVII, com registro em documentação jesuítica: "Em 1699, no povoado de São Cosme e Damião e de sua vizinha Candelária, 'puseram-se as *muchachas* órfãs em casa separada vivendo em comunidade'. E (ali) estão as mulheres cujos maridos fugiram, tendo-se especial cuidado delas, para evitar ocasiões de ofensas ao Nosso Senhor' (MCA-CPH. Cx. 30. Doc. 12). (BAPTISTA, Jean. O Temporal. Dossiê missões – Vol. 1. São Miguel das Misssões: Museu das Missões, 2009:82).

Curandeiro: Pessoa que trata de doenças sem título legal.

Gárgula: desaguadouro, parte saliente das calhas de telhados que se destina a escoar águas pluviais a certa distância da parede.

Guaiaca: cinto largo de couro macio, às vezes de couro de lontra ou camurça, ordinariamente enfeitado com bordados ou com moedas de prata ou ouro, que serve o porte de armas ou para guardar dinheiro e pequenos objetos. (Etim.: Vem do *quichua*, huayaca, que significa bolsa).

Ginete: Pessoa que monta bem, com firmeza e com garbo. Bom cavaleiro, domador. O vulto de um homem a cavalo.

Guri: Criança, menino, piazinho, piazito, serviçal para trabalhos leves nas estâncias.

Nora: é aparelho para tirar água de poços ou cisternas constituído por uma roda com pequenos reservatórios. Com uma haste horizontal acoplada a um eixo vertical que por sua vez está ligado a um sistema de rodas dentadas que faz circular um conjunto de reservatórios entre o fundo do poço e a superfície exterior. Os reservatórios descem vazios até o fundo do poço, regressando cheios de água e quando atingem a posição mais elevada começam a verter água numa calha que a conduz ao seu destino. Tradicionalmente as noras são engenhos de tração animal.

Pampa: também chamado de Pradarias, Campos do Sul, Campos Sulinos ou Campanha Gaúcha são termos que se referem à região pastoril de planícies com coxilhas localizada no sul da América do Sul. Abrange a metade meridional do estado brasileiro do Rio Grande do Sul (ocupando cerca de 60% do território do estado), o Uruguai e as províncias argentinas de Buenos Aires, LaPampa, Santa Fé, Córdoba, Entre Ríos e Corrientes.

Patrão: Designação dada ao presidente de Centro de Tradições Gaúchas (CTG) ou ao dono da estância ou fazenda.

Petiço: Cavalo pequeno, curto, baixo. Por extensão, pessoa de pequena estatura.

Piá: Menino, guri, caboclinho. Designação dada a menor descendente de índio, que nas estâncias, presta pequenos serviços, como dar recados, pastorear ovelhas, recolher vacas de leite, cavar mate, e outros.

Quinta: também chamado de quinta dos padres, esta estrutura se localizava atrás do primeiro conjunto principal da redução (igreja, casa dos padres, oficinas e colégio, cemitério). Possuía cercamento com um muro de pedras, com poucos e definidos acessos. No seu interior encontravam-se pomares, horta e jardim.

Sanga: Pequeno curso d'água menor que um regato ou arroio.

Sondagem: também chamada de prospecção intrusiva a sondagem consiste na confirmação da existência de vestígios arqueológicos, através de aberturas de cortes no solo. As sondagens em um sítio arqueológico podem ocorrer pelo método da tradagem, realizada com o trado (boca de lobo), quando ocorre a abertura do solo com furos de 20cm de diâmetro. A segunda técnica de sondagem é a chamada de sondagem por corte teste, quando são abertos cortes com medidas de 1x1 ou 2x2 metros ou em formato de trincheiras para observar a estratigrafia, profundidade do sítio e camadas ocupacionais.

Tabatinga: Terra esbranquiçada impermeável, imprópria para culturas.

Tambo: local da redução jesuítico-guarani utilizado para hospedar forasteiros e comerciantes que passavam pela região, normalmente construída em local mais afastado da praça e das casas dos índios, a fim de impedir o contato direto desses viajantes com a população da redução, em especial os indígenas.

ANEXO I

Metodologia das entrevistas

Metodologia das entrevistas

A escolha dos entrevistados foi guiada pelo objetivo da pesquisa: compreender e valorizar o sistema de captação e abastecimento de água da Redução de São Miguel Arcanjo. A partir de relatos de pessoas que trabalham no Parque Histórico Nacional das Missões - PHNM, na Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões e de algumas pessoas da comunidade, foi possível elencar uma lista indicativa de entrevistados que usavam as fontes de água. Essa lista de entrevistados foi dividida em dois grupos:

- *Grupo 1 - indicadores:* pessoas que designaram possíveis entrevistados que usavam as fontes de água de São Miguel das Missões. Para a seleção dos depoentes deste grupo selecionou-se inicialmente as pessoas que em algum momento da prática profissional do mestrado relataram a existência de pessoas que usavam as fontes de água de São Miguel. De fato, a própria prática profissional do mestrado permitiu uma aproximação com os integrantes do *Grupo 1*, pois muitos trabalham no PHNM ou na Prefeitura, como já mencionado. O roteiro de entrevista do *Grupo 1* foi elaborado em caráter curto e exploratório, o que ofereceu informações proveitosas ao processo de escolha dos integrantes do *Grupo 2*.

- *Grupo 2 - usuários*: pessoas que utilizaram os espaços de nascentes de água localizadas no entrono do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo. Este grupo constitui a relação dos entrevistados. Outro aspecto importante para a seleção dos integrantes deste grupo provém do fato de São Miguel das Missões ser uma cidade de pequeno porte, facilitando o contato com os mesmos. [205]

[205] Além dos entrevistados registrados na presente pesquisa através da Ficha Técnica (Anexos II e III), também foi realizada entrevista com o Sr. Carlos Machado, filho de Hugo Machado, ambos antigos zeladores do Sítio Histórico. O áudio da entrevista com o Sr. Carlos Machado encontra-se nos arquivos do ET São Miguel das Missões-IPHAN/RS e, apesar de ser profundo conhecedor da História das Missões, tendo sido já entrevistado por outros pesquisadores, no depoimento prestado especificamente para esta pesquisa o depoente menciona que não conhece as fontes e que não se lembra de sua mãe falar que lavava roupa em alguma fonte com estruturas de pedras. Comenta apenas que sua mãe costumava lavar a roupa na sanga localizada abaixo da Praça Guarani, fonte de água não mencionada pelos demais depoentes.

Para a sistematização das informações coletadas[206] nos depoimentos do *Grupo 1* e do *Grupo 2* foi criado um infográfico constante do Anexo 4. A criação deste tipo de gráfico tem como objetivos: 1º) apresentar, de forma visual, as indicações de entrevistados, demonstrando a rede de inter-relações, seja ela familiar, social ou de trabalho; 2º) apresentar os indicados mais recorrentes para entrevista evidenciando maior confiança na fonte de informação; 3º) fomentar pesquisas no campo das Ciências Sociais, no que se refere à memória oral da comunidade de São Miguel, ainda pouco explorada.

Em relação ao número de entrevistados do *Grupo 2*, estes foram determinados conforme indicações do *Grupo 1*. Os próprios integrantes do *Grupo 2* indicaram novos nomes para possíveis entrevistas e isso foi considerado. Entretanto, as entrevistas dessa pesquisa não têm por objetivo principal construir um acervo de depoimentos[207]. Portanto, o número de entrevistados foi balizado pelo número de horas apropriadas ao cronograma da pesquisa. O grau de informação contido em cada depoimento definiu a necessidade de uma nova entrevista em alguns casos.

A escolha do tipo de entrevista foi *temática* e tratou prioritariamente da participação e vivência do entrevistado como usuário das fontes d'água. A biografia dos entrevistados tem relevância para a nossa pesquisa na medida em que cada um deles, de alguma forma, vivenciou ou testemunhou o uso das fontes d'água, objetos de nosso estudo.

---

[206] Para a escolha do método de entrevistas e dos resultados este estudo foi baseado no Manual de História Oral de Verena Alberti. Este Manual de História Oral permitiu, especialmente para uma pesquisadora sem formação na área de História, Antropologia ou Ciências Sociais, embasamento teórico-metodológico para a aplicação das entrevistas, desde a própria escolha do método de entrevistas, passando pela metodologia de escolha dos depoentes, do número de entrevistados, do tipo de entrevista a ser aplicada, da elaboração do roteiro de entrevista, da importância do caderno de campo, da transcrição até o momento de estudo das narrativas presentes nos depoimentos, sempre buscando compreender como os entrevistados viam ou veem o tema em questão e o que a narrativa dessas entrevistas pode informar sobre o lugar que o tema em estudo ocupava. Da mesma autora também foram estudados os textos: História oral - desafios para o século XXI. Riode Janeiro: Editora Fiocruz, 2000; Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005; De "versão" a "narrativa" no Manual de história oral. Revista História Oral - v. 15, n. 2, 2012 - Associação Brasileira de História Oral (ABHO).

[207] O uso de entrevistas como fonte de pesquisa é parte da investigação do objeto de estudo sem necessariamente, de acordo com Alberti (2013) criar um acervo de depoimentos.

ANEXO II

Fichas Técnicas das entrevistas do *Grupo 1*

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 01	
Nome	Jorge Luis Lima da Silva
Idade	59 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 03/06/2015
Local	Escritório Técnico São Miguel das Missões – IPHAN/RS
Razões da entrevista	Jorge nasceu em São Miguel e morou a vida toda na cidade. Além da atividade profissional que exerce no IPHAN, sempre no ET de São Miguel das Missões-IPHAN/RS, participou ativamente das atividades do CTN[208], sendo seu cofundador. Também é poeta e letrista de músicas nativistas, com livro publicado e já participou de vários festivais nativistas no Rio Grande do Sul.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	***Falando da Fonte nº 1- Parque da Fonte Missioneira (figura 56):*** • Então, eu posso dizer que conheci na época que era tudo mato. Estava tapado de mato, e depois que foi feito o serviço arqueológico e o serviço de técnicos do IPHAN. Começou com a Prefeitura, na época! Que foram descobertas muitas coisas, os tanques, a fonte, que tem aquelas carinhas de anjos, por onde a água corre. *E, todo* aquele complexo que aflora ali! *E*, pelo que a gente sabe também tem mais coisas. *Falam* que teria um *grande açude*, que ele seria todo de pedra de arenito, o fundo, seria assim, um *reservatório*, um grande reservatório. • Eu ouvia o meu pai falar a respeito da fonte. Não me recordo a idade, mas nos meus 14 ou 15 anos, que a mãe dele, no caso a minha avó, lavava roupa, ela e outras mulheres, elas lavavam roupa *ali na fonte*! E que ela teria uma cobertura assim, parecida com a que nós temos, hoje, no Museu das Missões. Quando foi feita uma escavação foi encontrado bastantes vestígios de telha, da época, foi encontrado bastante coisa ali que seria a cobertura daquilo ali, daqueles tanques. ***Falando da Fonte nº2 (figura 56):*** • Tem outra que eu conheci também. Hoje está em uma área protegida pela FEPAM, que também tem os vestígios, tem uma bica num canto, que eu conheci. Tinha uma senhora que também lavava roupa nessa fonte. E eu mesmo descobri ao lado da fonte tem alguns vestígios de um tanque. O fundo dele seria de pedra de arenito! Na época que eu residia bem próximo da fonte[209], há uns 25 anos atrás. Essa fonte se localiza no final da Rua São João. A área que eu estou lhe falando que é cercada, hoje, que é protegida

[208] Centro de Tradições Nativistas Sinos de São Miguel.

[209] Aqui o depoente se refere à fonte de nº 2 (figura 56).

	pela FEPAM. Tem um matagal ali, tem umas vertentes, um banhado. Seria uma das vertentes, que abastecia o povoado da época. • Quando eu residia, na época, eu trabalhava na antiga COTRISA[210], aqui em São Miguel, eu fazia o trajeto a pé, e para ficar mais perto, eu atalhava, eu passava ao *ladinho* da fonte[211] e muitas vezes ela estava lavando roupa! Não recordo do nome dela, agora! Mas eu sei o nome do esposo dela, que é o seu *Omiro*! Eles residiam também perto da fonte, no máximo uns 100 metros da fonte. Então, ela lavava a roupa fora e na época não tinha água encanada e ela vinha com a bacia para lavar essa roupa! ***Falando da Fonte nº4 (figura 56):*** • Tem outra fonte que eu conheço também, que fica localizado atrás de um matagal, atrás do restaurante O Guarani. ***Falando da Fonte nº7 (figura 56):*** • Conversando com o Daniel Macarim, tem outra fonte[212] que fica atrás do Bairro Alegria, se eu não me engano. Eu não sei te precisar o local porque eu não conheço. Eu conheço essas três fontes que apresentam bastantes vestígios, e que têm água, canalizada... Vamos dizer assim!
CADERNO DE CAMPO	***Fala do entrevistado sem gravação em áudio:*** Nesse momento ele solicitou que não se gravasse, pois ele não tinha certeza das informações. O depoente lembra que quando os *Guarani* chegaram a São Miguel, se instalaram na área do atual Parque da Fonte, em barracas de lona. Ele conta que alguém (não sabe dizer exatamente quem) disse a ele que certa vez, quando foi levar algo para os *Guarani* viu as mulheres e crianças tomando banho no açude, que hoje se encontra soterrado e coberto de mato. O entrevistado também tentou lembrar-se do nome da mãe da Janete (cabelereira), indicada durante a gravação, mas não conseguiu recordar. Também indicou o Sr. Carlos Machado, filho de seu Hugo Machado, para entrevistar. Disse que ele sabia de muitas histórias, pois trabalhou muito tempo no IPHAN. O entrevistado também indicou o Sr. Paulo, atual funcionário do IPHAN e disse que ele poderia dizer muitas coisas, pois trabalha no IPHAN desde a Rescon [213].

[210] COTRISA – Cooperativa Tritícola Regional de Santo Ângelo.

[211] Aqui o depoente se refere à fonte de nº 2 (figura 56).

[212] Aqui o depoente se refere à fonte de nº 7 (figura 56).

[213] Restauração e Construção LTDA (RESCON) foi a empresa que realizou um estudo completo sobre as condições de conservação das ruínas de São Miguel, iniciados em 1980 e finalizados em 1982. A convite de Augusto C. da Silva Telles, o arquiteto Roberto di Stefano, conselheiro da UNESCO, prestou assistência técnica nesse momento. (Fonte: Dossiê MISSÕES São Miguel – janeiro de 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie%20MISSOES%20Sao%20Miguel%20rev%20js%20janeiro%202014_pt.pdf. Acesso em: 01/10/2015).

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 02	
Nome	Daniel Rech Mascarin
Idade	51 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 05/06/2015
Local	No escritório particular de Daniel.
Razões da entrevista	Daniel nasceu em São Luiz Gonzaga e mora em São Miguel há 27 anos. É topógrafo na Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões e em seu escritório de topografia é patrão do CTN Sinos de São Miguel, participa das entidades do Hospital e AFUSAM[214].
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	***Falando da importância do Parque da Fonte Missioneira (fonte nº 1 da figura 56):*** • Eu acho que ele tem uma importância muito grande para São Miguel. No meu ponto de vista, está abandonado. Ele deveria receber maior atenção dos órgãos públicos e dos órgãos que mantém e preservam-no. Eu acho que deveriam ser expostas as estruturas existentes lá para transformá-lo num ponto turístico de maior importância. Que seja dada a importância a ele, que ele tem! ***Falando da Fonte nº 4 (figura 56):*** • Esta aqui ao norte, próxima à entrada de São Miguel das Missões, algumas informações do pessoal que se criou aqui em São Miguel. Que eles iam tomar banho dentro desta fonte. Com o assoreamento dessa fonte, ela ficou enterrada, mas ainda existe uma parte visível dela que é essa parte circular, onde tem água cristalina, *limpíssima*! ***Falando das outras Fontes de água:*** • Sim, já ouvi falar. E eu conheço praticamente todas! Em função da minha atividade no poder público municipal. • E as outras fontes, tem uma aqui, a leste da cidade, próxima à sede da Associação dos Funcionários, a AFUSAM. Essa foi já do meu período de trabalho na Prefeitura que eu as conheci pessoalmente, todas elas! Em função da demarcação dos alinhamentos das ruas e das quadras da cidade[215] a gente passou por todas elas. Tem uma lá próxima à Pousada das Missões, abaixo. Aqui, em frente ao sítio, próximo à secretaria de obras também tem outra. E ali próximo ao seu Luís Vieira, atrás do escritório do IPHAN, também tem outra. Então, na realidade, elas são sete nascentes, e todas elas têm algum *vestígio* de fonte.

[214] AFUSAM - Associação dos Funcionários Públicos Municipais de São Miguel das Missões/RS.

[215] Segundo o depoente esse serviço de demarcação aconteceu no ano de 1989.

	Falando das pessoas que usavam as fontes: • Aquela do Parque da Fonte tem um senhor Nery Bedates, que ele foi um dos primeiros a usarem esse lago! Ele contava que usava aquele lago para lavar os cavalos. Porque naquela época existia muita carreira de cancha reta[216]. E eles preparavam esses animais e usavam para exercitar o animal lá dentro e lavá-los. Então, esse senhor, ele dizia que no fundo dele era todo calçado com um tipo de rocha, de pedra. Têm o seu Meco! É João Américo Moraes! De apelido *Meco*! É filho do proprietário que é lindeiro dessa fonte aqui atrás do Guarani[217]. E essas pessoas se criaram ali, usando aquele espaço! Então esse senhor é alguém que pode lhe passar algumas informações também. Este João Américo Moraes é irmão da esposa desse senhor que me contou que tomava banho ali! É o seu Armim Melchor!
CADERNO DE CAMPO	***Fala do entrevistado sem gravação em áudio:*** Após o término de gravação do áudio o entrevistado continuou a conversa de forma mais informal e recomendou a conversa com o Sr. Neri (indicado também durante a entrevista gravada), pois disse que ele tinha muitas histórias para contar sobre a área onde hoje é o *Parque da Fonte Missioneira*, onde o Sr. Neri, juntamente com outros membros da comunidade organizava a área para receber turistas.

[216] Carreira de cancha reta consiste numa corrida de cavalos em linha reta, onde a velocidade do animal tem grande importância e onde a distância pode variar entre 260 a 400 metros. Há algum tempo era considerado um jogo, atualmente um esporte, que remonta à história de formação do povo gaúcho, especificamente o homem do pampa do século XVIII. Era uma espécie de jogo que envolvia, além da brincadeira, negócios com grandes somas de dinheiro. Muitas vezes ocorriam no retorno das campeiradas, quando os ginetes tiravam cismas de quem possuía o cavalo mais rápido. (GOLIN, Tau. O povo do pampa. Passo Fundo: UPF Editora, 2004).

[217] Aqui o depoente se refere ao restaurante O Guarani, localizado na entrada da cidade de São Miguel das Missões.

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 03	
Nome	Herculano de Medeiros Neto
Idade	43 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 05/06/2015
Local	Sindicato dos Trabalhadores Municipais.
Razões da entrevista	Herculano é nascido em Giruá e mora em São Miguel há 17 anos. Além da atividade profissional que exerce na Prefeitura de São Miguel (Técnico Florestal), participa da ONG *Tekoá*, responsável pelo Projeto *Igapira* – Valorização dos Remanescentes Missioneiros.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	***Falando do Parque da Fonte Missioneira (fonte nº 1 da figura 56):*** • Eu acho que é um parque que poderia ter mais investimentos, mais atrativos. Inclusive acho que ele poderia *ser* um conjunto maior. Inclusive, esse *Projeto Igapira* partiu disso. A ideia era tentar juntar essas sete fontes missioneiras, tendo como atrativo principal aquela estrutura que tem lá. E tu fazeres um circuito turístico! Nessas sete fontes. Seria um parque municipal! Pelo que a gente vê ele é razoavelmente bem visitado. ***Falando do Projeto Igapira:*** • Como a gente começou a ver que era um projeto muito grande, que faltava estrutura para conduzirmos esses projetos, resolvemos então tirar pequenas partes. Na época, então nós tiramos duas nascentes, nos inscrevemos num projeto do Ministério da Justiça, no fundo dos Direitos Difusos. E ai, ganhamos então cem mil reais, na época. Esses cem mil reais previa a proteção, o trabalho paisagístico de duas dessas nascentes. O projeto também previa um trabalho com grupos escolares e grupos de terceira idade[218]. Tentamos, no primeiro ano, o pessoal do grupo escolar, não tivemos um grande retorno. No segundo ano, fomos para o pessoal da terceira idade e aí que o projeto realmente fluiu! Então tivemos a participação de todo o pessoal de dois grupos de terceira idade, que nos ajudaram a desenvolver o projeto paisagístico dessas fontes. • O IPHAN entrou como parceiro. Nós procuramos até para desenvolver o projeto, porque nós não queríamos fazer uma intervenção onde poderia ter algum vestígio evidente. Então, por isso que a gente tentou colocar esses plantios em áreas mais abertas. Não tentamos fechar mais! A gente tentou proteger o que estava mais degradado.

[218] O entrevistado, após o término da gravação, não soube nomear possíveis usuários das fontes de São Miguel, mas afirmou que uma pesquisa junto aos grupos de terceira idade de São Miguel das Missões certamente indicaria possíveis entrevistados para a presente pesquisa, pois durante as atividades desenvolvidas com esses grupos ocorreram vários relatos de pessoas que usavam as fontes de água para alguma atividade.

	• Outra coisa importante do projeto, eu já ia me esquecer, ele previu o cercamento dessas áreas. Como forma de a gente evitar a pressão urbana em cima disso aí! Até hoje, nós estamos brigando ainda, com alguns lotes que têm dentro dessas áreas e estão em conflito com os nossos interesses! Até hoje tem gente reclamando ainda que tem lotes aqui! Então, o que nós conseguimos através do meio ambiente: o compromisso da prefeitura de que essas áreas não seriam mais loteadas. Alguns terrenos ela permutou, outros foram ficando e o pessoal está reclamando, ainda hoje! Mas assim, para nós é questão encerrada! O que nós cercamos é o que nós vamos proteger! ***Falando das outras Fontes de água:*** • Exatamente *isso aí*! E algumas eu vi que tem! Eu conheço[219]... Três delas que eu vi que tem resquícios arqueológicos, acho que é a palavra certa! *Vestígios* arqueológicos! São essas *pedras* aí! E está bem evidente lá! • Esse grupo de terceira idade tinha alguns senhores ali, que agora eu não me lembro do nome deles. Tem senhores e senhoras que falavam que *os avós* recolhiam, tomavam água daquelas fontes. Recolhiam água para suas casas! Enfim, faziam *uso* disso!
CADERNO DE CAMPO	***Fala do entrevistado sem gravação em áudio:*** Herculano fez considerações quanto à situação ambiental de São Miguel. Fala em uma das áreas de nascente cercada pelo projeto IGAPIRA, na qual fizeram o plantio de mudas, mas a própria prefeitura aprovou projeto de construções sem nenhuma previsão quanto ao esgotamento sanitário, que é jogado no arroio existente na área e comenta que por conta disso o projeto IGAPIRA foi por "água abaixo". Menciona que em outra área cercada a ONG da qual participa realizou atividades de educação ambiental com o grupo da Terceira Idade da cidade de São Miguel. Na época, quando iniciaram o Projeto IGAPIRA, a ONG foi auxiliada pelo Eng. Arq. Carlos Delphin[220]. Observa que a municipalidade não dá a devida atenção à questão ambiental e que não se pensa o patrimônio natural e cultural de forma conjunta. Ainda menciona que existem áreas de APP na entrada da cidade que ainda são ricas em diversidade de fauna e flora e que em uma delas, a maior, sugeriu se instalar um Jardim Botânico, mas a ideia não foi levada adiante.

[219] Nesse momento entrevistado conta, em voz mais baixa, o número de fontes que conhece.

[220] Carlos Fernando de Moura Delphin possui formação em Engenharia e Arquitetura e sempre trabalhou na defesa de Jardins Históricos no Brasil. Em 1977 fez a restauração do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Criou o Programa Jardins Históricos na Fundação Nacional Pró-Memória (1985-1990), atual IPHAN, e é autor do primeiro manual de intervenções em jardins históricos no Brasil. Trabalhou na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e no Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). Realizou projetos e planejamento para manejo e preservação de sítios de valor paisagístico, histórico, natural, paleontológico e arqueológico em diversas cidades brasileiras desde 1977. Foi encarregado de elaborar parecer sobre a inscrição do Rio de Janeiro na lista de Patrimônio Mundial da UNESCO, na qualidade de paisagem cultural.

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 04	
Nome	Paulo Amauri Oliveira Souza
Idade	51 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 08/06/2015
Local	Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN/RS
Razões da entrevista	Paulo é um dos mais experientes funcionários de manutenção do IPHAN, com atuação de mais de 30 anos. Trabalhou nas obras de consolidação das ruínas na década de 1980 com o Arq. Fernando Machado Leal. Participa das atividades do CTN Sinos de São Miguel.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	***Falando do Parque da Fonte Missioneira (fonte nº 1 da figura 56):*** • Eu até tive o privilégio de, no segundo dia, quando descobriram... Foi um tio meu que era subprefeito na época, o Neri Castanha. Desceram ali para fazer uma limpeza e dai começou a aparecer os tanques, o começo da estrutura. Na época eu era guri e desci lá para olhar! Todo mundo ia olhar. Então eu posso dizer que eu vi o tanque desde quando foi descoberto! ***Percepção do depoente quanto à importância do Parque da Fonte Missioneira:*** • Eu acho que é muito interessante para a cidade, porque o turista que vem aqui é difícil não descer lá para conhecer também. E depois eu sempre ia lá, porque teve uma época que um senhor aqui da cidade tinha um bar lá! Colocou um bar para vender coisas para os turistas que iam lá... Porque na época era novidade, tinha bastante movimento. • E depois que eu vim trabalhar no IPHAN toda a semana a gente vai lá! Então aquilo ali é um valor *histórico* quase como o templo aqui, a igreja! Porque era ocupado por eles também. Então, na minha maneira de *ver*, é muito bonito e além de ser bonito é histórico. ***Falando sobre as pessoas que contavam histórias das fontes:*** • Naquela ali atrás da pousada tinha um senhor que... Acho que ele morreu com noventa e poucos anos, Seu Medina. Ele *contava* umas *histórias* de antigamente, porque ele foi um dos primeiros moradores que morou para aquele lado! Ele dizia que aquela ali, porque ele conhecia todas, aquela era uma das mais bonitas! Eu já conheci quando ela estava tomada pela terra. Servia só de lavatório para as pessoas, de lavar roupa. ***Falando sobre as outras fontes (figura 56):*** • Do Guarani! É a mesma ali. Tu podes descer ali e podes descer por lá! Daí tem aquela atrás da Secretaria de Obras e dizem que lá era uma das fontes que nunca foi explorada, nunca foi aberto nada! Mas tá lá visível para quem quiser ver!

	• Depois tem essa aqui para baixo da Pousada. As pessoas ali usavam para lavar roupa. Há alguns anos atrás, quando não tinha água encanada para o lado lá, lavavam roupa. *Até piquenique* tinha gente que fazia ali! • E tem essa outra aqui, atrás do escritório. Que também não foi explorada, não foi feito nenhum trabalho para tentar descobrir mais coisas. ***Indicando as pessoas que usavam as fontes:*** • Nessa aqui também, atrás, aqui embaixo também tinha um morador. O seu Omiro morava para o lado de cima. A mulher dele ocupava para lavar roupa, a dona Edite[221]. Ela é filha desse senhor que eu estou lhe falando, o seu Medina! Morreu com noventa e poucos anos. Ela mora ali, para o lado de cima da fonte[222]. Ela é *bem velhinha*, mas é bem lúcida. Daquela lá[223] ela deve ter bastante história também. Ela se criou ali! E dessa aqui também ela morou depois aqui no costado dessa aqui!
CADERNO DE CAMPO	***Fala do entrevistado sem gravação em áudio:*** Após o término de gravação do áudio o entrevistado continuou a conversa de forma mais informal, relatando que conhece a "Edite"! Ele costuma jogar carta com ela, por isso tem uma boa relação. Menciona que ela tem "80 e poucos anos" e que é uma pessoa bem lúcida. Diz que a senhora Edite conhece bem algumas fontes, onde ela lavava roupa. Comentou que ele conhece a filha dela, Janete, e que possui um salão de beleza na cidade. Então perguntei: "Paulo, o nome dela não é Judite?", e ele respondeu: "*Isso!* Judith, dona Judith. Ela lavava roupa na fonte aqui atrás do IPHAN.".

[221] O nome correto dessa pessoa é Judith Garcia dos Santos, mas é chamada por conhecidos de Edite. Ela foi entrevistada no dia 12/06/2015 e os dados de seu depoimento estão na Ficha Técnica da Entrevista 07.

[222] Aqui o depoente está se referindo à Fonte de nº 6, conforme mapa da figura 56.

[223] Aqui o depoente está se referindo à Fonte de nº 2, conforme mapa da figura 56.

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 05	
Nome	Antônio Camargo da Silva
Idade	65 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 10/06/2015
Local	Na agência de turismo de seu Antônio.
Razões da entrevista	Antônio é bastante conhecido na comunidade e mora em São Miguel há quase 40 anos. Sempre participou das atividades do CTN. Também fez parte dos núcleos comunitários do movimento de emancipação.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	***Falando das outras fontes de São Miguel e se referindo à fonte de nº 04 (figura 56):*** • Sim, por outras pessoas sim! Uma delas eu fui até o local, que é junto ao Teonondé Parque Hotel. As outras, comentários! Dos lugares que têm outras fontes. Mas não conheço ainda. ***Falando do momento da descoberta do atual Parque da Fonte Missioneira (fonte de nº 01da figura 56):*** • Na época eu não trabalhava com turismo! Mas eu tinha uma boa relação com as pessoas na cidade, e uma delas era o *subprefeito* que é o Neri Castanho[224]. Como a gente estava seguidamente juntos, eu o ouvi falando que sabia, pelos antigos moradores que contaram para ele, que tinha *um grande açude calçado* próximo de onde está essa fonte, a atual fonte[225]. Então ele iria fazer uma limpeza, para que se fizesse realmente um açude, para que os turistas pudessem ir lá tomar um banho. E foi aí que ele começou a limpeza do local e nessa limpeza logo que apareceu aonde que o IPHAN tomou conhecimento e parou com a obra da forma como estava sendo feita. Para que fosse feito um trabalho, lógico, com arqueólogos. Então aí que se tomou o jeito da fonte, que tem hoje! Baseado nesse trabalho dos arqueólogos. E com isso a imprensa de todo o estado fez uma *ampla* divulgação, dessa descoberta, e *muitas* pessoas, *muitas* mesmo vieram para visitar! ***Falando da sua percepção quanto ao turismo e as fontes de água:*** • Olha, seria assim um grande *passo*! *Grande mesmo!* Nós temos essa dificuldade, atualmente, que os atrativos que nós temos hoje, às vezes, não se consegue segurar muito tempo, a permanência do turista. Mas as fontes seriam mais um *grande* atrativo. Que poderia ser feito, que tem muitas formas de fazer esse conhecimento. Pode ser feito como *caminhada*, como *bicicleta,* quem sabe... [riso]. Outras formas de passeios e com isso ter uma permanência bem maior do turista no lugar! Então acho que seria *muito bom*, para todos.

[224] O senhor Neri Castanho foi mencionado no relato de alguns depoentes e também faz parte da seleção de entrevistados do *Grupo 2*, entretanto, após algumas tentativas de contato, não obtivemos êxito para realizar a entrevista.

[225] Aqui o entrevistado, quando fala *atual*, se refere ao *Parque da Fonte Missioneira*.

CADERNO DE CAMPO	***Fala do entrevistado sem gravação em áudio:*** Antes do inicio da gravação seu Antônio falou muito de como era a situação de São Miguel quando, na década de 1970, ele chega à vila. Ele comenta que existiam poucas casas e que no início de sua vida na vila havia se impressionado com alguns hábitos de alguns moradores. Ele fala: *"Aqui em São Miguel não era um revólver na guaiaca[226], eram dois!"*. Fala das fontes e diz que, na época, elas eram muito usadas, pois os moradores levavam seu petiço para beber água e buscar água para consumo próprio. Ele fala muito das reduções da Argentina e Paraguai, mencionando as estruturas de abastecimento de água que ele conhece. Dá o exemplo da Redução de São Cosme, que possui um lavatório. Cita a Redução de Trinidad, a qual possui sistema de sauna e calefação. Após o término da gravação o entrevistado continuou a conversa e lembrou uma série de pessoas que talvez pudessem saber algo sobre as fontes. Fala do pai de Jairo Kruel[227], o seu Miltão, e diz que eles moravam perto de uma fonte. Fala de algumas mulheres que podem ter usado as fontes para lavar roupa, a Dona Zoé[228], mãe da Ana que é casada com o Serginho Kruel, irmão de Jairo Kruel, citado anteriormente. Lembra-se da Dona Tuca, de nome Arminda Ribas, casada com o seu Nei, já falecido. Diz que o seu Nei é irmão do Chico Ribas[229], que é vizinho de Dona Judith. O entrevistado também indica a Dona Judith, pois sabe que ela lavava roupa nas fontes. Ele se lembra do seu Meco, filho de Dona Hironda[230], que também lhe contou histórias de como a mãe lavava roupa nas fontes. Fala que eu poderia falar com a filha dela primeiro, pois diz que Dona Hironda já esta bastante *"velhinha"*. Então ele indica a Marilaine, que trabalha na Cermissões. Ele também recorda da Dona Alzira[231] e diz: *"Eu posso ir lá me benzer e te levar junto... aí você também se deixa benzer!"*. Informa que ela mora muito próxima a uma das fontes. Fala do senhor Mauro Costa[232] da livraria, na esquina da rótula, que é cunhado do seu Neri Castanho. Ele enfatiza que eu poderia falar com o seu Milico, filho de seu Hugo Machado[233], e irmão de Flávio e Carlos.

[226] Cinto largo de couro macio, às vezes de couro de lontra ou de camurça, ordinariamente enfeitado com bordados ou moedas de prata ou de ouro, que serve para o porte de armas e para guardar dinheiro e pequenos objetos. (Fonte: NUNES, Zeno Cardoso. Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul. Ed. Martins Livreiro, 8ª Edição. Porto Alegre, 1997:234).

[227] A partir dessa indicação, Jairo Kruel foi entrevistado no dia 12/06/2015 (Ficha Técnica 06 – Anexo II).

[228] A Dona Zoé também é indicada pela Dona Judith, entrevistada no dia 12 de junho de 2015.

[229] Seu Chico Ribas também é mencionado por Dona Judith, entrevistada no dia 12 de junho de 2015.

[230] Seu Antônio, na época de sua chegada à São Miguel das Missões, morou próxima a casa de Dona Hironda e sempre manteve uma boa relação com ela e seu esposo.

[231] Dona Alzira é benzedeira e por conta disso é muito conhecida na cidade.

[232] O senhor Mauro Costa é irmão do senhor Ione. Eles são tios do senhor Paulo Amauri Oliveira Souza, entrevistado no dia 8 de Junho de 2015.

[233] Segundo Letícia Bauer (2006), João Hugo Machado foi o zelador do Sítio Histórico e mudou-se, em 1938, para a casa construída junto ao Museu das Missões para fins de zeladoria, coordenando os trabalhos de campo durante as obras de consolidação das Ruínas, chefiadas pelo engenheiro Lucas Mayerhoffer.

ANEXO III

Fichas Técnicas das entrevistas do *Grupo 2*

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 06	
Nome	Jairo Cesar de Almeida Kruel
Idade	55 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 10/06/2015
Local	Escritório Técnico São Miguel das Missões-IPHAN/RS
Razões da entrevista	Jairo nasceu em São Miguel e morou a vida toda nessa cidade. Além da atividade profissional que exerce na Prefeitura Municipal de São Miguel das Missões participa das atividades do CTN, da AFUSAM e da Associação SER São Miguel. A escolha se deu pela indicação do Sr. Antônio, entrevistado no dia 10/06/2015.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	***Explicando o uso das fontes:*** • Naquela época não existia tanque, essas coisas na casa, então o pessoal lavava em fontes, lavava roupas. • E daí tinha mais o outro pessoal que ocupava aqui da cidade, porque naquela época, em setenta, setenta e um era mínimo de moradores aqui. Isso aqui dava pra você contar as casas que existiam. • Ele tinha o gado, andava a cavalo. Daí a gente buscava lá a água para eles usarem ali na casa, no dia a dia. • Eu estive olhando lá, mas não focalizei. Eu acho que se um dia fosse fazer uma escavação, uma coisa lá iria encontrar, com certeza. Porque ali tinha tudo com pedra cercada, tudo era pedra e uma fonte bem forte de água ali [...] só que está tudo soterrado [...] • Sim! Todos os dias, todo o dia tínhamos que estar lá. E tinha duas ou três casas para cima que usavam essa água, que iam buscar essa água, que não existia, naquele tempo, nada! ***Se referindo à Fonte de nº 4 (figura 56):*** • Tinha o meu avô que morava aqui nesse lugar que tem essa fonte. Então eu conheci aquilo ali eu tinha em torno de nove ou dez anos, tinha a fonte ali que o pessoal buscava uma água, que não existia. • [...] Não existia saneamento, água encanada, nada. Então existia essa fonte ali que era perto onde meu avô morava. [...] a gente buscava água lá em balde. • Porque não tinha poços, era pouca gente que tinha poços, não existia. Então ali que eu conheci aquela fonte. Porque ela era um tipo de um poço com uma vertente de água corrente, então o pessoal tudo ali pegava água dali para usar, para alimentação, tudo era dali! • Tem a vertente tudo, mas esse *"pocinho"* que tinha que a gente tirava água, hoje eu não localizei. Tinha mais uma parte que o pessoal usava para lavar roupa... • A fonte era mais para cima, daí aquela água corria para baixo e daí

	tinha essa parte que era um *"açudezinho"*. Não era na fonte, a fonte era livre de tudo aquilo. Essa fonte era tipo de um poço, então ele corria aquela água. Essa parte da roupa era mais para baixo, não era junto ali. Isso dava uns vinte metros... ***Se referindo ao Parque da Fonte Missioneira - Fonte de nº1 (figura 56):*** • Ah, a gente sabe que tinha essas outras. Como aquela que foi descoberta depois. No tempo de guri a gente passava por ali, não existia aquela escavação, foi feita bem depois. Tinha um tipo também de um açude com água, a gente usava para tomar banho. ***Se referindo a outras Fontes de água:*** • E daí tem, não sei se se considera fonte, para baixo da Praça, tem uma vertente forte! Que o pessoal usava ali. Naquela época, também para pegar água. Mas daí já era mais o pessoal desse lado aqui![234]
CADERNO DE CAMPO	***Fala do entrevistado sem gravação em áudio:*** Jairo lembra que seu tio, irmão de sua mãe, também ia à fonte buscar água, na mesma que Jairo ia para seu avô. Perguntei o nome de seu tio e ele respondeu: "Nilson Rodrigues de Almeida", indicando onde ele morava: "Na Rua Rodrigues, 2ª quadra, na esquina, em uma casa grande". O depoente fala da senhora Judith e que ela morava perto da fonte atrás do IPHAN, onde lavava roupa. Menciona o Sr. Sílvio Luiz Teixeira Brasil, um dos primeiros moradores de São Miguel e que reside na Rua São João.

[234] Aqui o depoente se refere a mata existente abaixo da praça Guarani, na zona norte da cidade. Essa fonte também é indicada pelo seu Carlos Machado.

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 07	
Nome	Judith Garcia dos Santos
Idade	79 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 12/06/2015
Local	Residência de Judith Garcia dos Santos
Razões da entrevista	Dona Judith nasceu em São Miguel e morou a vida toda nessa cidade. Escolhemos a entrevistada por indicação do Sr. Paulo e do Sr. Jorge, funcionários do IPHAN. O Sr. Antônio também faz referência a ela.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	Foi realizado um primeiro contato, no qual não foi realizada a gravação, a fim de poder conhecer melhor a entrevistada. As perguntas realizadas a D. Judith seguiram o Roteiro do Grupo 2. Após algum tempo de conversa percebeu-se que ela possuía um bom conhecimento de duas fontes, onde lavava roupa. ***Se referindo à Fonte de nº 2 (figura 56):*** • Dona Judith relata que uma das fontes seria próxima a Rua São João, onde ela morava. Ela conta que se lembra de uma taipa com tijolos grandes e o fundo do lago era em "ladrilho". D. Judith lembra que nessa fonte, próxima a Rua São João, havia caído uma árvore e que com ela caíram os tijolos que eram grandes. Conta que ela ia com bastante frequência às fontes e que muitas vezes levava seus filhos. Menciona que o lago dessa fonte era fundo, pois um dia o filho dela caiu no lago e a água ficou quase nos ombros. Perguntei que idade ele tinha nessa época e ela acha que ele tinha uns 7 ou 8 anos. • Conta que a vertente era mais em cima e que ela e a mãe lavavam a roupa um pouco mais abaixo. ***Se referindo à Fonte de nº 6 (figura 56):*** • Fala da outra fonte, indicando ficar mais abaixo de onde hoje está a pousada. • Conta que nessa fonte seu irmão abriu uma vala para drenar a água e que com isso apareceu uma taipa de pedra. • Ela falava para a mãe dela que acreditava que isso tinha sido feito pelos índios, mas a mãe afirmava ser *coisa de homem branco* e que tinham feito aquilo para a lavoura. ***Se referindo à ideia de explorar mais esses lugares:*** • D. Judith fala: "Eu gostaria de ter *explorado* mais esse lugares! Se eu fosse guri teria corrido mais a essas fontes e explorado outros lugares também.".

	Indicando outras pessoas que sabem sobre as fontes e que lavavam roupa: • Judith fala da Dona Zoé Trindade que também lavava roupa nas fontes. Diz que ela mora no apartamento onde embaixo tem uma farmácia. • Menciona seu Pedro da Silva Meyer e diz que ele sabe muitas coisas. Diz que eu poderia falar com o seu Nicanor, sobrinho de seu Pedro. • Menciona que eu poderia conversar com o seu Chico[235], vizinho que mora logo na esquina. ***Falando da família:*** • Dona Judith fala muito de seu pai e que ele fazia muitos "*carretos"* e que *"levava coisas para lá e para cá"*. Pergunto o nome de seu pai e ela responde: *"Meu pai era o seu Medina!"*. ***Percepção/visão do entrevistado em relação às fontes:*** • D. Judith fala muito em se fazer alguma coisa com isso (referindo-se às fontes) para que as pessoas possam conhecer, demonstrando certa ansiedade em relação a essa situação. Ela deixa transparecer que as pessoas realmente deveriam conhecer esses lugares.

[235] O seu Chico também é mencionado pelo depoente Antônio Camargo da Silva, entrevistado no dia 10 de junho de 2015.

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 08	
Nome	Giovanino Ribas da Silva
Idade	85 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 16/06/2015
Local	Residência do Sr. Giovanino em São Miguel das Missões.
Razões da entrevista	O Sr. Giovanino foi indicado pelo depoente Sr. Jorge, seu filho. Jorge sempre relatou, durante a convivência que se teve na pratica profissional do mestrado, que seu pai lhe contava histórias sobre as fontes de São Miguel, especialmente a fonte onde hoje é o *Parque da Fonte Missioneira*. Jorge é funcionário do IPHAN em São Miguel das Missões.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão 1	***Se referindo ao açude e ao tanque do Parque da Fonte Missioneira - Fonte de nº1 (figura 56):*** • Quando eu morei ali, que vim em setenta e nove para ali, eu cavei um buraco pra fazer um bebedouro para as éguas, para as vacas que eu tinha, uma, duas vacas de leite, então tinham que beber água. Eu cavouquei lá, tinha um banhadinho e fui fazer um bebedouro. E eu cavouquei, e tinha aquela laje lá embaixo, não era barro! Cavouquei até aquela laje e ficou ali. Depois saí dali e de certo atulhou de novo, mas deve ter lá ainda. • Cavoucaram lá, limparam, tem *"piscinas"* que eu digo. Lugar dos *brugres* tomarem banho, com escadinha que subia, uma menor e outra maior e isso tá tudo atulhado lá. E isso eu vi, deve ter lá, se ninguém tirou, como diz o outro, as pedras devem ter lá! • Depois da piscina que usava a laje em cima pra secar era um açude *grande*, lugar de beber água, era um potreiro isso aí, eu me lembro de que depois virou num banhado e hoje está tudo atulhado. Tipo de lagoa assim, bem grande para baixo das fontes. ***Se referindo ao uso e às estruturas do Parque - Fonte de nº1 (figura 56):*** • Só usavam isso quando eu era pequeno. Quem morava ali ia lá pra ver também. Tinha uma casa em cima, e eu mesmo carregava trouxa de roupa e ia levar lá. Eu era guri, sempre estava aí na cidade, ajudava a levar a roupa ali embaixo. Eles lavavam roupa ali, mas aquilo ali era uma casa em cima, com telha. • Era em cima daquele, aquilo lá tem um... Era uma coisa, meia-água coisa aqui... Lá tem a laje embaixo, na fonte essa cobertura era por cima assim, com telha de barro, por que depois caiu e eu me lembro de que a coberta estava caindo as telhas lá e quebrou tudo e eles limparam. • Eu digo que já deviam ter coberta aquela água, uma coberta lá e reservar ela pra ficar bem limpa por que sempre que eu vou lá tem folha dentro e os turistas vão lá e aparam.

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 09	
Nome	Nery Soares Bedates
Idade	86 anos
Datas da entrevista	Sessão 1: 17/06/2015 Sessão 2: 23/07/2015
Local	Residência do Sr. Nery em São Miguel das Missões.
Razões da entrevista	O Sr. Nery nasceu em São Miguel e morou a vida toda nessa cidade. O entrevistado foi indicado por Daniel Mascarin que na sua entrevista o menciona como sendo uma das primeiras pessoas a usar o lago do atual *Parque da Fonte Missioneira*, hoje soterrado.
Suporte	Sessão 1: foram realizadas anotações do depoimento. Sessão 2: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	• Quando eu pergunto ao Sr. Nery sobre o *Parque da Fonte Missioneira* ele inicia a fala dizendo: *"Eu posso dizer que fui eu que descobri"*. • Na descoberta dessa fonte, o Prefeito de Santo Ângelo queria um lugar para comemorar os 350 anos de São Miguel, pedindo ajuda ao Sr. Nery. O prefeito abriu mapa da Vila de São Miguel e o seu Nery apontou para o lago do seu Schmitt, mencionando ser um lago grande e de forma oval. • Fala que ao fundo tinha uma taipa que fazia uma volta em um dos lados e que o lago era todo lajeado com ladrilhos. Lamenta que hoje o lugar esteja meio abandonado. Diz que agora esse lago está cheio de mato e terra, mas que podia estar funcionando com uns "barquinhos para andar". • Na época da descoberta da fonte tinha turista visitando. Conta que montou uma tenda próximo à fonte, onde vendia bebidas e lanches. • Certa vez, o subprefeito de São Miguel das Missões, o senhor Neri Castanha, então distrito de Santo Ângelo, solicitou buscar um funcionário do IPHAN em Santo Ângelo, que veio de São Paulo para ver a fonte. Diz que durante a viagem esse senhor ficava lhe perguntando muitas coisas sobre a fonte, mas que ele, o Sr. Nery, não falou muito. O Sr. Nery conta que quando chegou à São Miguel esse homem mandou parar o que se estava fazendo na fonte. • O Sr. Nery menciona a pessoa de seu João Américo Moraes, de apelido Meco. E menciona a Dona Nair que também lavava roupa em uma fonte. Ela mora em frente às Ruínas, no beco, perto de seu Ataídes.
Principais Informações da Sessão nº2	***Se referindo ao Parque da Fonte Missioneira - Fonte de nº1 (figura 56):*** • Eu conhecia *não a fonte!* Eu conhecia uma barragem, *um açude...* • Mas por eu conhecer aquele açude, foi que me levou à ideia de verificar, de olhar aquilo ali... Fiquei sabendo que não era o açude do Schmitt, era *a fonte* dos jesuítas! • A gente foi reconhecer o que era aquilo ali, era coisa mais antiga, era coisa do tempo dos jesuítas! E os sinais que deixavam ali eram de uma barragem *forrada*, *toda* ela ladrilhada. Eu fiz *cavalo nadar* lá naquele *lago*, quando eu era novo. Em lidas de campo nós lavámos os cavalos lá naquele lago. Ele estava só uma parte que tinha água, ainda. O resto já estava enterrado. Já não estava *o tamanho* dele.

	• Naquela época não tinha aquela saída d'água da fonte ali. Estava tapado e não estava saindo água corrente. A água passava por cima, e pegava aquele mesmo córrego ali, porque era um canal. • Aquela água da fonte, ela apareceu depois que foi *feita a escavação!* Que foi destampado, aí que ela saiu! É canalizada aquela água, que sai ali nos anjinhos! • Que um trator afundou a terra, ai que eles acharam aquela... Era *um gramado* por cima! Não dava para dizer que tinha. [236] ***Se referindo à fala de algumas pessoas que dizem que existia uma canalização que ligava a Fonte nº1(figura 56) à Fonte nº2 (figura 56):*** • Se for aqui é longe para levar aquela água! Mas pelo que tem ai eles tinham condições de fazer! [237] ***Se referindo a outras pessoas que usavam o açude do Parque da Fonte Missioneira:*** • Mas o *pai do Meco*, aqueles iam conosco! Eram meus primos e nós trabalhávamos juntos, nós campereavamos juntos, e nas campereadas que nós lavávamos os cavalos ali. ***Se referindo aos tanques do Parque da Fonte Missioneira:*** • Tem os tanques de pedra ali, que hoje está tudo coberto. Ficou abandonado, ficou... só fecharam, mas não zelaram mais por aquilo ali. Se não tivessem descoberto estava mais reservada, a fonte. Foi descoberto e foi estragada alguma coisa ali! ***Se referindo à comemoração de 350 anos de São Miguel:*** • A nossa função ali era achar um lugar para fazer uma festa de aniversário de 350 anos *São Miguel!* • Então a gente levou para ele a informação e ele veio ali reconhecer, trouxe os engenheiros dele, fizeram a pesquisa e com aquilo eles descobriram *os anjinhos!* ***Se referindo ao seu Carlos Machado, ex-zelador do Sítio Histórico e filho de seu Hugo Machado:*** • Ele veio, eu acho, para esse fim mesmo. Para zelar por essas coisas. Eu não sei se ele tinha descoberto. Se ele viu alguma coisa lá, talvez pensando que era particular. Eu nunca ouvi falar que alguém pensasse que fosse uma fonte dos jesuítas. [238] ***Se referindo à Fonte de nº4 (figura 56):*** • Aquela fonte lá que era do pai do Meco. *Diziam* que eles conheciam aquela fonte ali. Eu até estive um dia lá, ele tinha feito uma criação de porco ali e tinha aquela água, aquela fonte lá. Ali deve ter mais algumas fontes.[239]

[236] Aqui o depoente está se referindo ao momento de descoberta da fonte, em 1982, no atual *Parque da Fonte Missioneira*, pela Prefeitura Municipal de Santo Ângelo.

[237] Resposta dada pelo depoente ao ser questionado sobre uma suposta canalização que viria da fonte nº 2 em direção à fonte de nº 1 (figura 56), como é mencionado em alguns relatos orais.

[238] Aqui o senhor Nery faz referência à pessoa de seu Hugo Machado, pai do Carlos Machado.

[239] Aqui o depoente está se referindo à fonte de nº 4 (figura 56).

FICHA TÉCNICA DA ENTREVISTA 10	
Nome	Hirondina de Almeira Moraes
Idade	84 anos
Data da entrevista	Sessão 1: 23/07/2015
Local	Residência de Marielene, filha de Dona Hirondina.
Razões da entrevista	A Dona Hironda, como também é chamada, nasceu em Santa Bárbara, mas chegou a são Miguel em 1940, quando o povoado era muito pequeno ainda. A escolha da entrevistada se deu por indicação de seu Antônio Camargo, entrevistado no dia 10/06/2015, que se referiu à entrevistada como uma das mulheres de São Miguel que lavava roupa nas fontes.
Suporte	Sessão 1: iPhone formato mp3.
Entrevistador	Ingrid Arandt
Principais Informações da Sessão nº1	***Falando de seu pai, Constâncio Rodrigues de Almeida – indicado no depoimento do Jairo Kruel (sobrinho de Dona Hironda e neto de Constâncio):*** • Meu pai era... Dava remédio! Minha mãe era... também, do lar! Mas o meu pai era, com é que eu vou dizer?! Era um... um *"curandor"!* Mas curandor *bem* adiantado! [risos]. Fazia de tudo e... tinha muita sorte que nunca... assim nunca morreu ninguém nas mãos dele! Era parteiro, era tudo! Era o que tinha aqui em São Miguel! ***Se referindo à Fonte de nº 4 (figura 56):*** • Pois era lá para baixo, mesmo! Pra baixo do... dessa *"pipinha"* que eles diziam, não era! Eles chamavam de *pipinha*! Parecia um tubo daqueles que colocam nas estradas... Era parecido, mas *era pedra!* Então aquela pipinha e... E no costado dela tinha um tanque, no chão assim! Um alturinha assim mais ou menos[240]! E ali que nós lavávamos a roupa! E aquela água vinha da *pipinha*, caia ali naquele tanque! Sempre correndo, a água suja ia saindo, quando lavávamos a roupa! *Descia* água abaixo e *se ia!* • O tanque era pequeno, era quadrado! Mais ou menos um *metro e meio*, nem isso de quadrado... Mas saia campo a fora, meio campo a fora, tinha um banhado lá... E *essa pipinha* aqui, houve um tempo que sumiu no meio dos caetés, não aparecia nada! Só quem sabia mesmo que... *Conseguia* ver... ir lá e ver bem! • É! Para baixo do Guarani tinha uma lagoa ali, *enorme* de grande! Tinha a lagoa e depois tinha um... Mas tinha assim coisas, um terraço, vamos dizer! E no outro lado que tinha a pipinha, como nós chamávamos, era só pipinha! [riso]. Era igual uma pipa mesmo! Mas... Tem muita gente, mas já morreram! As que iam lá lavar roupa! As que eram donas... diziam que eram donos daquela terra ali... Depois que foi mudando tudo!

[240] Nesse momento a depoente faz um gesto com as duas mãos tentando mostrar a altura que era o tanque, que pareceu ser em torno de 20 centímetros.

	• Agora está tudo tapado lá de mato! E nem sei que jeito está essa *tal de pipinha*, se aparece ou não, se está no meio dos... • Mas então é a tal de *pipinha!* Porque a outra... *o tanque* que nós chamávamos era *quadrado*! E daí levava as tábuas, do tempo que lavavam roupa de joelho! Naquele tempo era assim! Não existia muito... Essa parte redonda é a tal de *pipinha*! Então daquela pipinha ali que vinha água para o tanque! Sempre estava correndo aquela água *bem limpinha* ali! E do tanque, quando enchia, tinha uma "canaletazinha" [241] assim que saía aquela água suja e ia saindo para lá... ***Se referindo a outras estruturas da Fonte de nº 4 (figura 56):*** • E ali tinha um... tipo de uma casinha... mais para lá... da pipinha, assim meio dizer! Ali *deveria ser um tanque também! Era um tanque!* Coberto de... só não era fechado! Mas pertencia para aqueles mesmos, eu acho ali! IA – Então tinha mais um tanque, além desse que caia água da pipinha? HN – Tinha lá, mas eu não cheguei a ver a água ali! Mas tinha, feito de pedra também! Tinha uma "cobertinha"![242] • É mais para baixo... Acho que uns 20 ou 30 metros de distância da... E aquela... de certo eles ocupavam também! Os índios! Sei eu lá! Era uma cobertinha, de certo por causa do sol! Tinha que ser... Mas eu nunca fiquei sabendo por que era aquilo ali! E ali para baixo tinha uma cachoeira que se vai embora! Eu acho que sai da vertente ali! *Ali é uma vertente que tem!* ***Indicando outras pessoas que lavavam roupa nas fontes:*** • Tem a... uma irmã minha, mora em Santo Ângelo, a *Aracy!* Ela era mais velha do que eu. Ela que puxava a *fiera*, como nós dizíamos! • Aquela já morava aqui quando nós viemos para cá! Eles já estavam aqui! A mãe dela... é... depois elas... a Judith é... Edith... nós chamávamos de Edith... Aquela lavava roupa, mas acho que era pra cá já! Mas tinha outro tanque lá atrás... Mais perto da casa dela lá! Também era assim, mas aquele era *fundo, grande!* Lá que elas lavavam roupa! Para lá, naquele lado[243]! Nós éramos pra cá! As duas eram para lá! • Sempre ouvi, mas não lembro! Mas devia ter mais! Não eram só essas, eu acho. Acho que tem umas... tinham umas quantas! • Alguém de fora?! Não, ninguém me perguntou, mas aqui em São Miguel todo mundo quase... Esses mais velhos sabiam tudo também! Lavavam roupa lá também alguns! Não éramos somente nós ali!

[241] Aqui a depoente se refere a um canal pequeno, uma canaleta.

[242] Aqui a depoente se refere a existência de uma cobertura.

[243] Nesse momento a depoente aponta para a direção sudoeste.

	Se referindo à Fonte de nº 6 (figura 56): • Nós íamos lá, caminhava, ia comendo pitanga por esses matinhos! [risos]. Quando nós éramos gurias! Depois que eu casei fui embora lá para fora. ***Se referindo à Fonte de nº 3 (figura 56):*** • Tem! Agora lembrei mesmo! Tinha um... Pois era de onde nós puxávamos água. Parece que foi em 1942, 1943, por aí, que deu uma seca de seis meses. Secou tudo que era posso que tinha por aí! Tudo secou e não tinha água mais! Então tinha um poço ali que nunca secou! Nós puxávamos um pouco dali e outro pouco de lá dessa... Agora eu me lembrei do... *Lavam roupa* lá também... É um tipo de um tanque também assim, tipo uma cachoeira, uma coisa! Mas tinha um negócio assim, parecia um tanque de pedra também. *Mas é um enorme de grande!* Não sei se ainda está daquele jeito! Ah, era fundo! Eu lembro também! Lavavam roupa, era para lá do compadre Nilson um pouco... Dali, nós morávamos ali onde é a... O Guarani, por ali! Nós puxávamos água lá do... Para o gasto, assim! Quando secaram os poços aí nós trazíamos de lá![244] A água! Era uma água limpa, tipo a da *pipinha* mesmo! Dava... Tinha uma cachoeirinha! Agora eu não sei! Faz muitos anos!
CADERNO DE CAMPO	**Fala do entrevistado após a entrevista sem gravação em áudio:** Antes e depois da gravação a depoente repetiu várias vezes: "Eu não sei muitas coisas, não é! Eu não lembro muito, já faz muito tempo! E muitas pessoas que sabiam já morreram!". Falou que ela e sua filha continuavam a fazer os remédios de ervas que seu pai fazia. Nesse momento a filha de Dona Hironda, Marilene, contou que ontem mesmo havia enviado um remédio para São Paulo e disse: "Acho que eu já mandei remédio para todo o mundo! Nós fazemos um remédio para asma! Não tem ninguém que tomou esse remédio e não se curou! Nós também fazemos um remédio para quem quer engravidar! É um tipo depurativo, assim!". Marilene comentou que agora estava muito difícil fazer esses remédios, pois seus irmãos, que buscam as ervas no mato, não encontram mais algumas dessas plantas. Marilene disse que a Dona Eva, empregada da Dona Aracy[245], que hoje mora no Campestre[246], também lavava roupa na mesma fonte que Dona

[244] Aqui a depoente se refere à Fonte de nº3 (figura 56).

[245] Dona Aracy é irmã de Dona Hironda. As outras irmãs de Dona Hironda são a Doralina e a Josefina. Dona Josefina é mãe do Serginho Kruel e do Jairo Kruel, entrevistado no dia 06/07/2015 que faz referência a seu avô, pai de Dona Hironda.

[246] Campestre é um distrito de São Miguel das Missões, localizado na região sul do município.

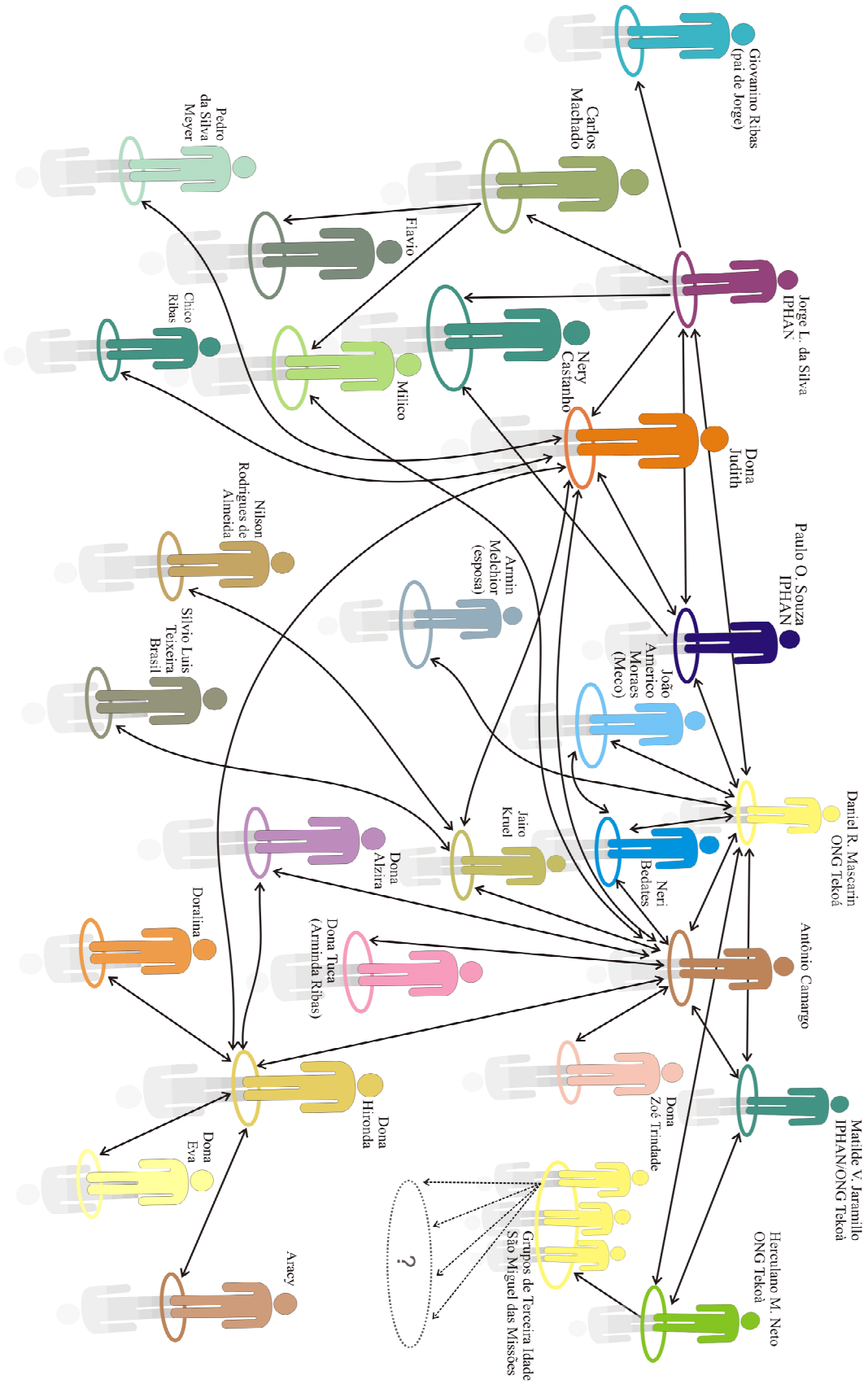
	Hironda e que, certa vez, ao se encaminhar para a fonte, parou na casa de Dona Hironda e disse: "Hoje o mundo vai acabar às duas horas! Eu vou esperar aqui com vocês até as duas e depois, se não acabar, eu vou ir lavar roupa!". Dona Hironda comentou que sua irmã, a Aracy, também lavava roupa na mesma fonte, mas que hoje mora em Santo Ângelo. No final da conversa a entrevistadora menciona as sete fontes de São Miguel, mostrando o mapa correspondente à figura 56, começando pelo *Parque da Fonte Missioneira* (fonte nº1 da figura 56), que elas já conhecem, e em seguida outra fonte (fonte nº2 da figura 56), perto da Rua São João, onde a D. Judith também lavava roupa. Nesse momento D. Hironda diz: "Ah, sim! A Judith lavava roupa para fora, fazia aquelas '*trouxadas*'[247], como a gente dizia! [risos]. Sim eu me lembro dessa fonte... era um tanque fundo!". Continuo falando das fontes, citando que depois da fonte da AFUSAM (fonte nº3 da figura 56) existia a fonte do Guarani[248] (fonte nº4 da figura 56), onde elas lavavam roupa e que depois tinha outra pra frente das Ruínas e do CTN, numa baixada (fonte nº5 da figura 56). Em seguida vinha outra para trás da Pousada (fonte nº6 da figura 56), onde a Dona Judith também lavava a roupa e a última fonte seria numa baixada para trás do bairro Alegria (fonte nº7 da figura 56). A entrevistadora comenta que, segundo o senhor Antônio Camargo, a Dona Alzira, a benzedeira, também lavava roupa nessa fonte do bairro Alegria. Nesse momento D. Hironda comenta: "Ah se tinha uma fonte lá provavelmente a Alzira lavava sim... ela mora lá perto!".

[247] Aqui a depoente se refere a uma trouxa de roupas.

[248] Restaurante O Guarani, localizado na entrada da cidade, próximo a uma das fontes de São Miguel, hoje área da Prefeitura.

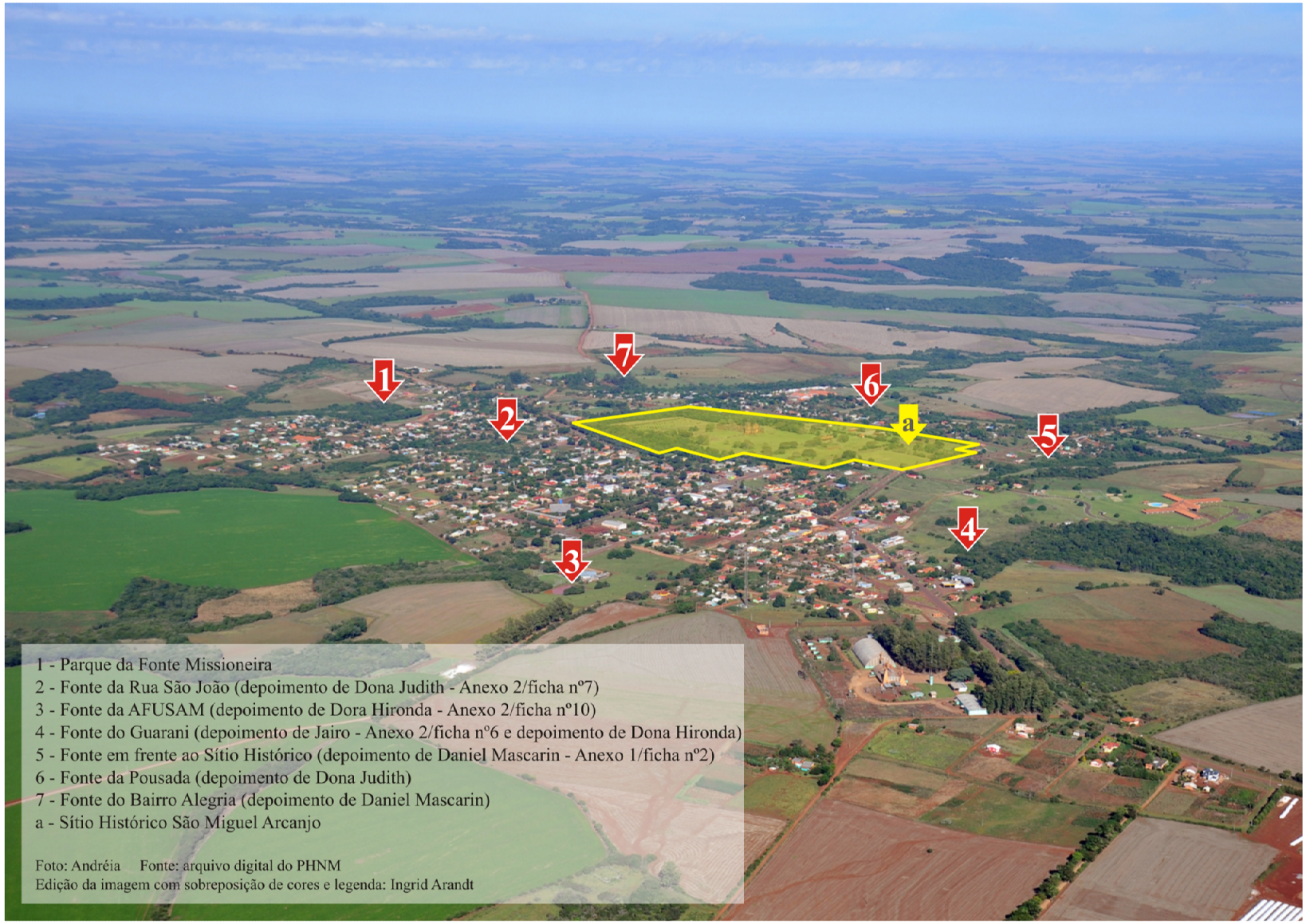
ANEXO IV

Infográfico das entrevistas


Giovanino Ribas (pai de Jorge)
Carlos Machado
Pedro da Silva Meyer
Flavio
Jorge L. da Silva IPHAN
Chico Ribas
Milico
Nery Castanho
Dona Judith
Nilson Rodrigues de Almeida
Armin Melchior (esposa)
Paulo O. Souza IPHAN
Silvio Luis Teixeira Brasil
João Americo Moraes (Meco)
Daniel R. Mascarin ONG Tekoá
Jairo Kruel
Neri Bedates
Dona Alzira
Antônio Camargo
Doralina
Dona Tuca (Arminda Ribas)
Matilde V. Jaramillo IPHAN/ONG Tekoà
Dona Zoé Trindade
Dona Hironda
Herculano M. Neto ONG Tekoà
Dona Eva
?
Grupos de Terceira Idade São Miguel das Missões
Aracy

ANEXO V

Foto aérea de São Miguel das Missões - localização das fontes de água



1 - Parque da Fonte Missioneira
2 - Fonte da Rua São João (depoimento de Dona Judith - Anexo 2/ficha nº7)
3 - Fonte da AFUSAM (depoimento de Dora Hironda - Anexo 2/ficha nº10)
4 - Fonte do Guarani (depoimento de Jairo - Anexo 2/ficha nº6 e depoimento de Dona Hironda)
5 - Fonte em frente ao Sítio Histórico (depoimento de Daniel Mascarin - Anexo 1/ficha nº2)
6 - Fonte da Pousada (depoimento de Dona Judith)
7 - Fonte do Bairro Alegria (depoimento de Daniel Mascarin)
a - Sítio Histórico São Miguel Arcanjo

Foto: Andréia Fonte: arquivo digital do PHNM
Edição da imagem com sobreposição de cores e legenda: Ingrid Arandt